

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – UCS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO – UNIRITTER
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA
UCS/UniRitter**

ODAIR JOSÉ SILVA DOS SANTOS

**DESIGNAÇÕES ESPACIAIS EM LETRAS DE CANÇÕES GAUCHESCAS:
CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO PROCESSO DE LEITURA**

CAXIAS DO SUL – RS

2017

ODAIR JOSÉ SILVA DOS SANTOS

**DESIGNAÇÕES ESPACIAIS EM LETRAS DE CANÇÕES GAUCHESCAS:
CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NO PROCESSO DE LEITURA**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter – como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

CAXIAS DO SUL – RS

2017

S237d Santos, Odair José Silva dos

Designações espaciais em letras de canções gauchescas: construção de sentido no processo de leitura / Odair José Silva dos Santos. – 2017. 256 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2017.

Orientação: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

1. Canções gauchescas; Designadores Espaciais; Metonímia; Modelos Cognitivos; Leitura.. I. Feltes, Heloísa Pedroso de Moraes, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UCS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

***Designações espaciais em letras de canções gauchescas:
construções de sentido no processo de leitura***

Odair José Silva dos Santos

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Leitura e Processos de Linguagem

Caxias do Sul, 20 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Parecer emitido à distância

Dra. Rove Luiza de Oliveira Chishman
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dra. Sabrina Pereira de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Valéria Silveira Brisolará
Centro Universitário Ritter dos Reis

Esta tese é dedicada a

Anna Flavia Freitas,
Anderson Graciano,
Bruna Wendt,
Daniel Bruno,
Deni Soares,
Fernanda Antunes,
Jenny Yoshioka,
Júlia dos Santos,
Laisla Elsenbach,
Larisse Marques,
Luciana Cavalcante,
Milena Hepp,
Milena Luqueti,
Nataly Valdez,
Patrícia Gonçalves,
Stefany do Nascimento,
Thiago Fernando Ozorio,
Wesley Macedo,
[...]

e a todos os alunos que fizeram da minha trajetória múltiplos espaços de aprendizado e amor.

Para Fernando, que me mostrou os espaços do amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a benção de conhecer e amar minha família e amigos.

Aos meus pais, pelo exemplo e dedicação para que me tornasse um ser humano que fizesse a diferença no mundo. Aos meus avós Ramão, Lenir, Ernesto (*in memoriam*) e Inocência, por terem feito de seus “colos” um lugar de repouso seguro, com amor, cuidado e zelo. Aos familiares que estiveram junto sempre e incondicionalmente.

À professora Heloísa Pedroso de Moraes Feltes pela confiança, competência e brilhantismo em orientar, sugerir e ensinar. Nesses três anos de parceria, aprendi com você a “ocupar outros espaços”.

Aos amigos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais... nas presenças, ausências, torcidas e orações... As fronteiras e os espaços tornam-se íntimos quando há amor.

Aos professores do programa de Doutorado em Letras, que me fizeram evoluir (pessoal e intelectualmente) durante esses três anos.

“O homem é, assim, *o espaço da palavra*, e esta torna-se física apenas pelo Homem” (TEIXEIRA, 2001, p. 162).

RESUMO

A cultura gauchesca tem vínculos estreitos com a formação geográfica do Estado do Rio Grande do Sul (RS) e isso é representado, por exemplo, em canções gauchescas, quando as formas geotopológicas (relevo, vegetação e hidrografia) são mencionadas para referir ao estado como um todo. Da mesma forma, os recortes geopolíticos são referidos pela menção a cidades, ao próprio RS ou à sua posição cardeal em relação ao Brasil. Nesse âmbito, o objetivo geral desta tese é examinar as construções de sentidos e interpretações de designadores espaciais (DE) de letras de canções gauchescas, a partir da leitura por parte de duas categorias de leitores: os vinculados a movimentos tradicionalistas e os não vinculados a esses movimentos. O problema que guia esta pesquisa é: que construções de sentidos e interpretações são revelados nas designações espaciais relativas ao RS nas letras de canções gaúchas, verificadas por meio da leitura de certas categorias de público receptor? Trabalhamos, então, com a ideia de leitura como interpretação, buscando subsídios na Linguística Cognitiva para refletir sobre como indivíduos interpretam vocábulos diferentes em canções regionais, quando dispostos em enunciados diferentes, com base nas pesquisas de Barcelona (2003), Evans (2009), Fillmore (2009), Geeraerts (2009), Panther e Thornburg (2007), Panther (2006), Silva (2010), Taylor (2009; 2010) e Teixeira (2001). Para a consecução de nosso objetivo geral, esta investigação é construída por uma pesquisa sobre a história da musicografia gauchesca (para contextualizar, selecionar e justificar o conjunto de canções utilizadas), pesquisa lexicográfica (para verificar como os sentidos dos designadores são registrados nos dicionários), pesquisa de campo (por meio de questionário e entrevistas, para levantar como os informantes-leitores interpretam os vocábulos), análise introspectiva (na perspectiva do pesquisador) e análise das respostas do questionário e das entrevistas. A partir desse conjunto de pesquisas e análises, constatamos que os DEs são interpretados, em grande parte, como processos metonímicos em que as PARTES do RS representam o TODO. Respondendo à questão de pesquisa, a categoria de sujeitos ligados a movimentos tradicionalistas demonstrou maior sensibilidade em suas interpretações, conferindo aos DEs pormenores e traços de afetividade, enquanto a categoria não vinculada a esses movimentos apresentou uma tendência a construir sentidos mais genéricos.

Palavras-chave: Canções gauchescas; Designadores Espaciais; Metonímia; Modelos Cognitivos; Leitura.

ABSTRACT

Gauchesque (or gaúcho) culture has close links with the geographic formation of the state of Rio Grande do Sul (RS) and this is represented, for example, in gauchesque songs, when geotopological forms (such as relief, vegetation and hydrography) are mentioned to refer to the state as a whole. Likewise, geopolitical contours are referred to as cities, as the state itself or its cardinal position in Brazil. The general aim of this thesis is to examine the construction of meanings and interpretations of spatial designators (DE) of lyrics of gaúcho songs, as evidenced from the reading of two categories of readers: those related to traditionalist movements and those not related to them. The problem that guides this investigation is: what constructions of meanings and interpretations are revealed in spatial designators related to RS in gaúcho song lyrics, as observed in certain categories of readers? This thesis deals with the idea of reading as interpretation, based on Cognitive Linguistics to reflect on how individuals interpret different words in regional songs, when arranged in different statements, using data from researches by Barcelona (2003), Evans (2009), Fillmore (2009), Geeraerts (2009), Panther and Thornburg (2007), Panther (2006), Silva (2010), Taylor (2009) and Teixeira (2001). In order to achieve its main goal, the investigation includes research on the history of gaúcho musicography (in order to contextualize, select and justify the set of songs used), lexicographic research (in order to check how the meanings of designators are registered in dictionaries), field research (by means of a questionnaire and interviews, in order to analyze how the informants-readers interpret the words), introspective analysis (from the perspective of the researcher) and analysis of the answers to the questionnaire and interviews. This set of researches and analyses has evidenced that DEs are seen, mostly, as metonymic processes in which the PARTS of the state of RS represent the WHOLE. In addition, as an answer to the question of this investigation, the individuals related to traditionalist movements have shown greater sensitivity in their interpretations, assigning DEs more details and traces of affection, while those in the category not related to traditionalist movements tended to construct broader generic meanings.

Keywords: Gaúcho songs; Spatial Designators; Metonymy; Cognitive Models.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Faturamento da indústria fonográfica (1999 – 2012) (US\$ Bi).....	20
Figura 02 – Músicas regionais mais tocadas	32
Figura 03 – Mapa de origem do Tradicionalismo	40
Figura 04 – Locais de origem de grupos musicais regionalistas	44
Figura 05 – Esquema da música regional no RS	46
Figura 06 – Representação das coordenadas espaciais	72
Figura 07 – Visão geral do literalismo	75
Figura 08 – Processo de construção de sentidos na CLMC	79
Figura 09 – Estágios no processo de construção de sentidos	83
Figura 10 – Tipos de Modelos Cognitivos	89
Figura 11 – Construção de sentidos na CLMC	101
Figura 12 – Designadores espaciais da canção <i>Querência amada</i>	108
Figura 13 – Designadores espaciais da canção <i>Eu sou do sul</i>	112
Figura 14 – Designadores espaciais da canção <i>Canto alegretense</i>	116
Figura 15 – Relações de sentido de “berço”	131
Figura 16 – Relações de sentido de “Rio Grande”	135
Figura 17 – Esquema geral da pesquisa	217
Figura 18 – Pesquisa lexicográfica	218
Figura 19 – Análise introspectiva e análise dos questionários	219
Figura 20 – Análise das entrevistas	222
Figura 21 – Processo de interpretação entre os DEs	224

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Convenções de transição.....	36
Quadro 02 – Estilos de música gaúcha	39
Quadro 03 – Danças gaúchas	40
Quadro 04 – Canções do estilo xote	44
Quadro 05 – Canções do estilo chamamé	48
Quadro 06 – Canções do estilo vanera.....	48
Quadro 07 – Canção do estilo chamarra	49
Quadro 08 – Canções do estilo milonga	49
Quadro 09 – Ficha lexicográfica de ‘berço’	51
Quadro 10 – Ficha lexicográfica de ‘campanha’	52
Quadro 11 – Ficha lexicográfica de ‘capital’	53
Quadro 12 – Ficha lexicográfica de ‘fronteira’	54
Quadro 13 – Ficha lexicográfica de ‘lugar’.....	55
Quadro 14 – Ficha lexicográfica de ‘estado’.....	56
Quadro 15 – Ficha lexicográfica de ‘litoral’	57
Quadro 16 – Ficha lexicográfica de ‘pago’	58
Quadro 17 – Ficha lexicográfica de ‘província’	59
Quadro 18 – Ficha lexicográfica de ‘quebrada’	60
Quadro 19 – Ficha lexicográfica de ‘querência’	61
Quadro 20 – Ficha lexicográfica de ‘Rio Grande’.....	61
Quadro 21 – Ficha lexicográfica de ‘serra’	62
Quadro 22 – Ficha lexicográfica de ‘sul’	63
Quadro 23 – Ficha lexicográfica de ‘terra’	64
Quadro 24 – Ficha lexicográfica de ‘torrão’	65
Quadro 25 – Contribuições das teorias semânticas	74
Quadro 26 – Leituras de “querência amada” (1a)	118
Quadro 27 – Leituras de “Rio Grande do Sul” (1b)	120
Quadro 28 – Leituras de “províncias de São Pedro” (1c)	122
Quadro 29 – Leituras “querência” (1d)	124
Quadro 30 – Leituras de “Rio Grande” (1e).....	125
Quadro 31 – Leituras de “querência amada dos parreirais” (1f).....	127
Quadro 32 – Leitura de “berço de Flores da Cunha” (1g1)	129

Quadro 33 – Leituras de “de Borges de Medeiros” (1g2).....	130
Quadro 34 – Leituras de “terra de Getúlio Vargas” (1h)	132
Quadro 35 – Leituras de “Rio Grande” (1i)	134
Quadro 36 – Leituras de “torrão gaúcho” (1j).....	136
Quadro 37 – Leituras de “querência amada, planície e serra” (1k).....	137
Quadro 38 – Leituras de “minha terra” (1l)	139
Quadro 39 – Leituras de “Rio Grande” (1m)	141
Quadro 40 – Leituras de “querência amada” (1n)	142
Quadro 41 – Leituras de “Rio Grande” (1o)	144
Quadro 42 – Leituras de “sul” (2a).....	146
Quadro 43 – Leituras de “terra” (2b)	147
Quadro 44 – Leituras de “terra” (2c)	149
Quadro 45 – Leituras de “estado” (2d)	151
Quadro 46 – Leituras de “neste lugar” (2e).....	152
Quadro 47 – Leituras de “serra” (2f)	153
Quadro 48 – Leituras de “litoral” (2g).....	155
Quadro 49 – Leituras de “Guaíba” (2h).....	156
Quadro 50 – Leituras de “capital” (2i).....	158
Quadro 51 – Leituras de “fronteira” (2j).....	159
Quadro 52 – Leituras de “campanha” (2k).....	161
Quadro 53 – Leituras de “rio Uruguai” (2l)	163
Quadro 54 – Conceitos de topônimos de <i>Canto alegretense</i>	164
Quadro 55 – Leituras de “rio Ibirapuitã” (3d).....	166
Quadro 56 – Leituras de “terra” (3e)	167
Quadro 57 – Leituras de “quebradas do Inhanduí” (3f).....	168
Quadro 58 – Leituras de “pagos” (3g)	170
Quadro 59 – Leituras de “terra” (3h)	171
Quadro 60 – Trecho 01 – L2G1N.....	173
Quadro 61 – Trecho 02 – L2G1N.....	174
Quadro 62 – Trecho 03 – L2G1N.....	175
Quadro 63 – Trecho 04 – L2G1N.....	176
Quadro 64 – Trecho 05 – L2G1N.....	177
Quadro 65 – Trecho 06 – L2G1N.....	178
Quadro 66 – Trecho 07 – L2G1N	179

Quadro 67 – Trecho 08 – L2G1N.....	180
Quadro 68 – Trecho 09 – L2G1N.....	181
Quadro 69 – Trecho 10 – L2G1N.....	182
Quadro 70 – Trecho 11 – L2G1N.....	183
Quadro 71 – Trecho 12 – L2G1N.....	184
Quadro 72 – Trecho 13 – L2G1N.....	185
Quadro 73 – Trecho 01 – L7G1N.....	186
Quadro 74 – Trecho 02 – L7G1N.....	187
Quadro 75 – Trecho 03 – L7G1N.....	188
Quadro 76 – Trecho 04 – L7G1N.....	189
Quadro 77 – Trecho 05 – L7G1N.....	190
Quadro 78 – Trecho 06 – L7G1N.....	191
Quadro 79 – Trecho 07 – L7G1N.....	192
Quadro 80 – Trecho 08 – L7G1N.....	193
Quadro 81 – Trecho 09 – L7G1N.....	194
Quadro 82 – Trecho 10 – L7G1N.....	194
Quadro 83 – Trecho 11 – L7G1N.....	195
Quadro 84 – Trecho 01 – L1G2T	196
Quadro 85 – Trecho 02 – L1G2T	197
Quadro 86 – Trecho 03 – L1G2T	198
Quadro 87 – Trecho 04 – L1G2T	199
Quadro 88 – Trecho 05 – L1G2T	201
Quadro 89 – Trecho 06 – L1G2T	203
Quadro 90 – Trecho 07 – L1G2T	204
Quadro 91 – Trecho 08 – L1G2T	205
Quadro 92 – Trecho 09 – L1G2T	206
Quadro 93 – Trecho 10 – L1G2T	207
Quadro 94 – Trecho 11 – L1G2T	208
Quadro 95 – Trecho 01 – L10G2T	209
Quadro 96 – Trecho 02 – L10G2T	210
Quadro 97 – Trecho 03 – L10G2T	211
Quadro 98 – Trecho 04 – L10G2T	212
Quadro 99 – Trecho 05 – L10G2T	213
Quadro 100 – Trecho 06 – L10G2T	214

Quadro 101 – Trecho 07 – L10G2T	215
Quadro 102 – Trecho 08 – L10G2T	215
Quadro 103 – Trecho 09 – L10G2T	217
Quadro 104 – Trecho 10 – L10G2T	220

LISTA DE ABREVIACÕES

CLCM	Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos
CTG	Centro de Tradioes Gaúchas
DE	Designador Espacial
LC	Linguística Cognitiva
MPG	Música Popular Gaúcha
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
RS	Rio Grande do Sul
SC	Semântica Cognitiva
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 PRIMEIRO ESPAÇO: INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO	16
2 SEGUNDO ESPAÇO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
2.1 Método, técnicas e procedimentos	29
2.1.1 Análise dos designadores espaciais na perspectiva do pesquisador.....	32
2.1.2 Pesquisa de campo: questionário e entrevista semiestruturada	33
2.1.3 Tabulação e análise dos dados da pesquisa de campo	35
2.2 Historiografia da música gauchesca	37
2.3 A espacialidade na música gauchesca e na lexicografia	49
3 TERCEIRO ESPAÇO: LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS	67
3.1 As noções de espacialidade: a corporeidade	68
3.2 Língua, Semântica e Cognição	73
3.2.1 A Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC)	77
3.2.2 A polissemia conceitual.....	84
3.2.3 <i>Frames</i> e Modelos Cognitivos	87
3.2.4 Processos metonímicos.....	91
3.3 Análise dos designadores espaciais na perspectiva do pesquisador	102
3.3.1 A canção <i>Querência amada</i>	102
3.3.2 A canção <i>Eu sou do sul</i>	108
3.3.3 A canção <i>Canto alegretense</i>	113
4 QUARTO ESPAÇO: ANÁLISE EXPLANATÓRIA DA PESQUISA DE CAMPO..	117
4.1 Análise das respostas dadas no questionário	117
4.1.1 Leituras de designadores espaciais em <i>Querência amada</i>	117
4.1.2 Leituras de designadores espaciais em <i>Eu sou do sul</i>	145
4.1.3 Leituras de designadores espaciais em <i>Canto alegretense</i>	164
4.2 Análise das entrevistas	172
4.2.1 Entrevistas com os leitores do G1N.....	172
4.2.2 Entrevistas com os leitores do G2T	221
4.3 Discussão dos resultados	230
ÚLTIMOS ESPAÇOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	230
REFERÊNCIAS	235
ANEXO A – Parecer do CEP	241
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	247
APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista	251
APÊNDICE C – Questionário	253

1 PRIMEIRO ESPAÇO: INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

O tema desta tese é o estudo da construção de sentidos de Designadores Espaciais (DEs)¹ em canções gauchescas², verificadas a partir da leitura e interpretação de indivíduos pertencentes a dois grupos: um vinculado a movimentos tradicionalistas e outro sem vínculos. Assim, o objetivo da pesquisa aqui proposta é examinar como se dá a construção de sentidos de designadores espaciais em letras de canções gaúchas a partir da interpretação por parte de duas categorias de leitores (com e sem vínculo a movimentos tradicionalistas). Para tanto, esta investigação parte da ideia de leitura como interpretação, ocupando-se dos estudos da Linguística Cognitiva (LC) para formulação dessa ideia.

Estudar a espacialidade em canções gauchescas pode justificar-se por duas grandes razões. Primeiramente, a cultura gauchesca tem vínculos necessários com o espaço, pois é do e no espaço (físico) que se ligam todos os valores disseminados por diferentes movimentos como, por exemplo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que trata com afetividade o homem com seu cavalo, as atividades econômicas (ligadas às diferentes agriculturas produzidas no estado), a vestimenta e a culinária. Em segundo lugar, a espacialidade (na forma de terra, chão, querência, pago, torrão, etc.) é representada em larga escala nas canções gauchescas, onde os “gaúchos” cantam e declaram todo o amor que sentem pela sua “pátria” (o Rio Grande do Sul).

A motivação para esta pesquisa é dar seguimento aos estudos iniciados no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, quando investigamos sobre a música regionalista gaúcha. Ainda, ter nascido e vivido no pampa gaúcho, onde as tradições e produtos culturais como música são fortemente consumidas, incitou a pesquisar como indivíduos de diferentes grupos leem e interpretam essas canções, bem como o impacto no processo de produção e recepção.

No contexto de produção e recepção musical, as canções caracterizam-se com estilos de “sofisticação tanto poética quanto musical”, alcançando, no contexto nacional, o *status* de “veículo estético mais eficaz de toda a história brasileira e um dos mais felizes do século XX, ao lado do cinema” (FISCHER; SIMÕES, 2009, p. 244). No âmbito do gênero musical, a canção é definida “por elementos textuais, sociológicos e ideológicos, sendo uma espiral que vai dos aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos” (JANOTTI JR., 2006, p. 8). É a partir disso que as estruturas das canções populares podem configurar-se em três diferentes perspectivas:

¹ Nesta tese, utilizamos Designador Espacial (DE) como o item lexical que designa ou se refere a algum espaço.

² Nesta tese, compreendemos ‘gaúcho’ como tudo aquilo que é produzido no Rio Grande do Sul e ‘gauchesco’ como as produções culturais na esfera dos Movimentos Tradicionalista e Nativista gaúchos.

- 1) a tematização, caracterizada por uma regularidade rítmica centrada nas estruturas dos refrões e de temas recorrentes, como, por exemplo, as canções da Jovem Guarda e da música axé;
- 2) a passionalização, caracterizada por uma ampliação melódica centrada na extensão das notas musicais, exemplificada pelo samba-canção, sertanejo e “baladas” em geral; e
- 3) figurativização, em que há uma valorização na entoação lingüística da canção, valorizando os aspectos da fala presentes nessas peças musicais, tal como acontece no rap e no samba de breque (JANOTTI JR., 2006, p. 5).³

Esses são alguns dos aspectos que podem envolver a configuração das canções, já que as produções musicais podem ainda variar quanto à diferenciação na poética e a suas performances.⁴ Nesse mesmo ângulo, Janotti Jr. (2006, p. 8) explica que “o sentido e o valor da música popular massiva são configurados através do encontro entre a canção e o ouvinte, uma interação que está relacionada aos aspectos históricos e contextuais do processo de recepção, bem como aos seus elementos semióticos” (JANOTTI JR., 2006, p. 8).

Faz-se necessário também refletir sobre alguns aspectos históricos. O cenário configurado a partir da década de 60, na França, caracteriza-se pela queda de um aparelho analítico e a ascensão de outro, o político em detrimento do cultural. Os pressupostos investigados por Adorno e Horkheimer ganham avanços de modo particular com os trabalhos de Edgar Morin e vêm à tona um debate em torno da indústria cultural e a cultura de massa (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 88). Sobre esses aspectos, Martin-Barbero explica:

Referindo seu sentido, Morin desenvolve a análise da cultura de massa em duas direções: a estrutura semântica – campo de operações de significação e significações arquetípicas – e os modos de inscrição no cotidiano. O avanço primordial no primeiro aspecto reside na descrição da operação de sentido que constitui o dispositivo básico de funcionamento da indústria cultural: a fusão dos dois espaços que a ideologia diz manter separados, isto é, o da informação e o do imaginário ficcional... (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 89-90).

Mais que um mero produto para entretenimento, as canções assumem um papel cultural, se pensarmos no processo de produção e recepção. De um lado notamos o ato de “fabricar” a letra, o que se relaciona, no mínimo, a dois pontos: os construtos socioculturais de quem a produz e a intenção, tendo em vista quem recebe. Por outro lado, existe o impacto a partir da recepção, pensando-se nos sentidos e interpretações atribuídas às canções e o consumo. Para além disso, outros fatores ainda podem ser levados em consideração, como

³ Nesta e nas demais citações presentes nesta tese, manteve-se a ortografia original do texto, anterior ao Novo Acordo Ortográfico.

⁴ A performance envolve “não só a configuração dos gêneros musicais, bem como as características individuais dos diversos intérpretes em relação à música e à circulação de sua imagem nos dispositivos de divulgação dos produtos da Indústria Fonográfica. A performance musical é um ato de comunicação que pressupõe não só uma relação entre intérprete e ouvinte, bem como entre produto e consumidor” (JANOTTI JR., 2006, p. 10).

A padronização da forma da música gravada como música-mercadoria é fator determinante nas características assumidas por seus conteúdos. Ou seja, existem condicionantes sociais para a forma como a música é produzida na sociedade que vão além de questões como o “gosto individual” do consumidor e dizem respeito à objetividade como as mercadorias são apresentadas pela indústria fonográfica, tanto no que diz respeito a seus suportes (como discos), quanto a formatos específicos como *hits*, discos de sucesso, discos de coletânea, entre outros, que precisam ser apreendidos também considerando aspectos materiais da sociedade capitalista. Nesse sentido, o crucial do caráter de indústria cultural é que ele organiza esquemas de recepção de seus produtos submetidos à lógica da mercadoria, criando necessidades, estabelecendo pautas e temas em torno dos quais a lógica cultural nessas condições se realiza (MARTINS, 2013, p. 33).

É dessa forma que muitas vezes as canções se consagram e contribuem para a formação da “tradição inventada” de determinado grupo social, principalmente quando se constituem como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas”, e essas práticas geralmente estão no plano simbólico e visam a “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM; RANGER; 1997, p. 09). A música, principalmente de característica regionalista⁵, pode ser vista como uma prática cultural ou como um costume vigente em sociedades que elencam elementos históricos (forjados ou reais) que se tornam formas fixas ou, em outras palavras, construtos de uma tradição.

Conforme Hobsbawm e Ranger (1997), as tradições inventadas, após a Revolução Industrial, são classificadas em três categorias superpostas:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBSBAWM; RANGER; 1997, p. 17).

Embora as categorias possibilitem intersecções entre si, a que mais prevaleceu foi a do tipo (a) e teve, ao longo dos anos, outras ações implícitas ou derivadas, sempre com a finalidade de reunir traços que identificassem determinadas comunidades ou, inclusive, simbolizando uma região ou nação. As canções adentram esse processo, visto que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

No Brasil, a música existia desde antes do descobrimento e, após a chegada de europeus e africanos, recebeu novos moldes a partir do contato entre os diferentes povos. A

⁵ Não nos debruçaremos aqui sobre os conceitos de região, regional, regionalidade e regionalismo. Apenas temos esse último, conforme Bourdieu (2003), como a rede de práticas que exaltam, atribuem características valorativas ou pejorativas a um determinado espaço, seja ele físico ou cultural.

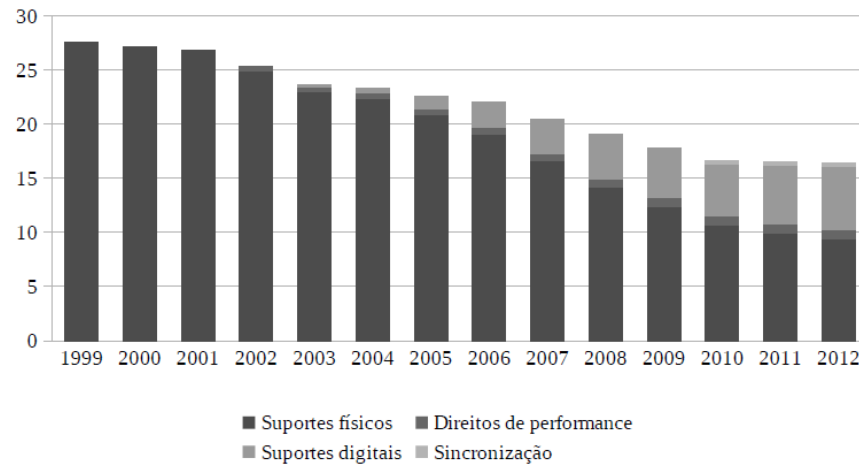
invenção da tradição de uma “música brasileira” conecta-se à ideia de construção de uma identidade nacional, como exemplo podemos citar o samba carioca que se inclui em um sistema onde se articulou “um conjunto de produtores musicais, um público, divulgadores, jornalistas, relações com a indústria e o mercado e um pensamento histórico-sociológico, que podemos pensar como *sistema* que envolvia autores, obras, público, intérpretes, mercado e divulgadores (BAIA, 2011, p. 40).

Igualmente importantes, outros estilos se inserem na cultura musical como patrimônio, como o MPB, a Bossa Nova e as canções regionais. Impulsionadas por contextos histórico-sociais específicos, essas últimas desenvolveram, principalmente, temas ligados às culturas locais, exaltando costumes e elementos típicos das regiões onde se inserem, como foi o caso da música sertaneja de raiz em locais como interior de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás e a música gaúcha no Rio Grande do Sul.

A relação entre produção e consumo perpassa por fatores que envolvem questões socioeconômicas e histórico-sociais, à medida que há certas “intenções” no processo de “criação” que se confirmarão ou não no processo de recepção. Nesse contexto, são formadas indústrias de consumo, como Martins (2013) explica:

Indústria, entretanto, carrega consigo os atributos da sociedade capitalista: a heteronomia das relações de produção e divisão do trabalho, a exploração dos seres entre si, a destruição infatigável de tudo que é sólido em nome do lucro contínuo, a abstração objetiva de todas as atividades humanas na forma de valor e, isto é o essencial na presente exposição, o esquematismo, estandardização, serialização e padronização da produção (MARTINS, 2013, p. 30).

Constata-se, então, a intrínseca relação entre produção e consumo e as diferentes facetas que condicionam a repercussão e a manutenção musical ao longo da história. Por exemplo, a Figura 01 apresenta o faturamento da indústria fonográfica entre 1999 e 2012.

Figura01: Faturamento da indústria fonográfica (1999-2012) (US\$ bi)

Fonte: IFPI (2013, p. 7).

Notoriamente a evolução da tecnologia propiciou, paulatinamente, a queda dos suportes físicos e proporcionou a inserção de suportes digitais. Nesse processo, os produtores começaram a ter outras preocupações em atender ao mercado, já que a confecção e a divulgação das canções passaram a ter um novo caminho, o que predisponha uma nova organização: oferecer a um novo tipo público que se configurava novos meios de consumo. Em outras palavras, a era tecnológica fez com que o consumo de música também se modernizasse, o que implicaria uma certa onipresença de canções à disposição dos consumidores virtualmente.

Assim, a indústria cultural pode significar “o conjunto de mecanismos e operações através dos quais a criação cultural transforma-se em produção” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 89). Além disso, a mídia tem um papel importante junto à indústria cultural, pois pode ser vista como um mecanismo de promoção de algumas culturas em detrimento de outras, ou seja, produtos culturais podem ser propagados e, dessa forma, disseminados e vendidos por meio da promoção através de veículos diversos (jornais, revistas, rádio, televisão, internet). Então, tanto a indústria cultural como a mídiatêm papéis importantes “na disseminação de uma cultura que serve de referência para a construção de identidades” (RONSINI, 2004, p. 91). Refletindo sobre a produção e o consumo de música, Martins (2013) explica:

[...] o estudo da indústria fonográfica oferece elementos concretos para a crítica da indústria cultural hoje. É preciso, portanto, considerar que a práxis social que fundamentou o conceito de indústria cultural atravessou profundas transformações, tanto no que diz respeito ao aparato técnico para audição de música gravada como a seus processos produtivos. No cerne dessas transformações, no entanto, seus

elementos formadores e sua lógica de funcionamento se preservam e se renovam (MARTINS, 2013, p. 33).

A mediação, por exemplo, pode significar “a comunicação do real com o imaginário” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 91). Recortes de realidade, como situações do cotidiano, podem servir como temas das canções e, ao mesmo tempo, representar visões mitológicas, tais como algumas canções gauchescas quando apresentam a figura do gaúcho como um indivíduo do campo, que vive da pecuária e que é, muitas vezes, um herói.

No plano linguístico, aspectos como o léxico empregado nas canções podem gerar diversificados efeitos de sentidos, bem como suas representações podem variar, conforme o contexto sócio-político-cultural da comunidade que as produz e as recebe. Dessa forma, há relações entre os aspectos de linguagem e os efeitos nas compreensões leitoras.

No Rio Grande do Sul, as canções regionais se caracterizam como um produto cultural que mantêm um processo de produção e recepção tendo como um dos fortes motivadores o espaço físico do estado com contexto histórico-social, como, por exemplo, as diferentes guerras e tratados entre espanhóis e portugueses⁶ pela delimitação das fronteiras e a chegada dos imigrantes vindos de diferentes lugares.

É possível identificar no Rio Grande do Sul três principais vertentes no âmbito da música: a Música Tradicionalista Gaúcha, a Nativista e a Música Popular Gaúcha (MPG). As duas primeiras abordam o mito do gaúcho-herói, tendo como matriz inspiradora a vida no campo, a relação do homem com o cavalo, com a mulher e com a natureza; o nativismo diferencia-se ao propor questionamentos quanto ao caráter injusto entre patrão-peão e as relações econômicas de interesse existentes. Por outro viés, a MPG aborda assuntos e costumes gauchescos, surge em contemplação aos fatos e situações do cotidiano urbano, procurando desenvolver temáticas mais “universais” (AGOSTINI, 2005).

Se refletirmos sobre a música gauchesca, observamos que há uma forte presença de regionalidades (especificidades) nas produções musicais. Em um estudo, Santos (2014) apresenta algumas características do léxico regional empregado nas letras das canções gauchescas, “ítems como *bombacha, cavalhaço, cincerro, cincha, galpão, mangueira, peão poncho, repontar, retovo, tentos e tropilha* representam as lidas diárias nas estâncias de criação de gado, as atividades campeiras, tendo o cavalo como principal “companheiro”, ou ainda, “a vida boêmia (nos bailes) e os momentos de descontração estão representados em ítems como *bochincho, chamarra, entreverar, milonga e percanta*” (SANTOS, 2014, p. 108).

⁶ Ao longo de séculos o território sul-rio-grandense manteve-se com uma fronteira móvel, tendo em vista os constantes acordos e descumprimentos entre as coroas portuguesa e espanhola.

Em certa medida, esses itens lexicais estão ligados a atividades que se ligam ao espaço, ao “solo gaúcho”.

Assim, a utilização da língua legitima determinado grupo e auxilia na sustentabilidade da cultura e da identidade, como explica Bourdieu:

Para que um modo de expressão entre outros (uma língua, no caso do bilinguismo, uma utilização da língua, no caso de uma sociedade dividida em classes) se imponha como único legítimo, é preciso que o mercado linguístico seja unificado e que os diferentes dialetos (classicistas, regionais e étnicos) estejam praticamente referidos à língua ou ao uso legítimo (BOURDIEU, 2003, p. 32).

Portanto, os itens lexicais, como elementos linguísticos, contribuem para legitimar um grupo e também são utilizados como um mecanismo para ocupar um espaço social e diferenciar-se de outros grupos. Além disso, se observam traços de identidade e identificação por meio do vocabulário utilizado, assim como se torna marcante em produtos culturais como as canções gauchescas.

Academicamente, em especial no campo dos estudos da linguagem, presenciamos uma ausência de trabalhos que tenham como objeto de estudo produções musicais, assim como as condições de produção e reconhecimento, ou ainda, “que levem em consideração a formatação desse importante fenômeno comunicacional a partir da análise das estratégias midiáticas inscritas nas condições de produção e reconhecimento presentes nas canções” (JANOTTI JR., 2006, p. 2).

Sobre a produção musical no Rio Grande do Sul, pontuamos algumas investigações relevantes: na área de Letras, há pesquisas como as de Agostini (2005), Branco (2010), Chagas (2011), Petri (2012) e Santos (2013); na área de História, Cougo Junior (2010); na área de Comunicação, Dias (2008); na área de Geografia, Barbosa (2014).

Agostini (2005) realiza estudos sobre a MPG como fenômeno característico da década de 1980, analisando em trinta letras diferentes a presença do Tradicionalismo e do Nativismo e como esses se apresentam nas canções. A partir desse estudo, o pesquisador conclui que a MPG, apesar de não ter tido vida longa, procurou desenvolver temas relativos à vida urbana e constituiu-se como uma nova proposta ao procurar atingir outro público não contemplado pelos movimentos, assim teve o intuito de aproximar culturalmente o RS do restante do país; em contrapartida, o Tradicionalismo e o Nativismo, mantiveram e mantêm suas produções ligadas à ideologia do gaúcho, atrelados principalmente a fatos históricos.

Relacionando o léxico e as concepções de sujeito da Análise do Discurso, Branco (2010) pesquisa sobre a produção e a circulação de sentidos em dicionários regionalistas, com

ênfase nos prefácios e no verbete gaúcho, investigando a representação do sujeito gaúcho numa perspectiva lexicográfica. Os resultados dessa pesquisa permitem refletir no sentido de olhar o dicionário como objeto discursivo, que possibilita efeitos de sentidos diferentes sobre o mesmo verbete e, ainda, perceber que “a representação do gaúcho foi se alterando, tomando diferentes concepções e isso é institucionalizado nos dicionários” (BRANCO, 2010, s/p).

Chagas (2011), em sua pesquisa, faz uma análise sobre o discurso do gaúcho. Tendo como base teórica os estudos enunciativos, a pesquisadora reflete sobre as canções Nativistas e os discursos que contribuem para a construção do gaúcho como um tipo social. Nesse trabalho foi constatado que as composições nativistas retomam os discursos que contribuíram para a construção do gaúcho como um tipo social, apresentando traços e marcas inerentes a uma identidade regional.

Com intenções semelhantes, Petri (2012) faz investigações, no âmbito discursivo, sobre a especificidade dos dicionários regionalistas, refletindo sobre a constituição e o funcionamento do dicionário regionalista gaúcho no início do século XXI, que, em certa medida, registram seus itens lexicais a partir de ocorrências destacadas em canções e textos literários regionalistas. Após esse estudo, foi constatada a presença da imagem de um sujeito herói no imaginário coletivo sul-rio-grandense e, nesse contexto, o dicionário configura-se como um acervo ou depósito “da linguagem e da cultura gaúcha, por extensão da língua e da cultura brasileira, ilusão esta que remete o leitor à possibilidade de completude da língua e da possibilidade de domínio do sujeito sobre ela e sobre os sentidos que pode/deve produzir” (PETRI, 2012, p. 34).

Santos (2013), ao estudar aspectos do léxico na música gaúcha, levanta vocábulos da língua espanhola presentes nas composições gauchescas e analisa a contribuição destes na construção de uma identidade de fronteira. Nessa pesquisa, constata-se a importância do léxico no processo de significação e ressignificação de hábitos, costumes e discursos na sociedade na qual está envolvido. Estudos no âmbito da Lexicologia contribuem, nesse sentido, para revelar marcas de identidade na linguagem empregada tanto na fala quanto na escrita.

Cougo Junior (2010) propõe um estudo, sob a perspectiva da historiografia, sobre a produção musical de um dos maiores intérpretes da música produzida no Rio Grande do Sul: Teixeira. Essa investigação traça as características inerentes aos 26 anos da atuação do cantor no mercado fonográfico, subdividida em quatro fases: coração de luto, língua de trapo, verde e amarelo e gaúcho andante. A partir disso, o trabalho é concluído com muitos achados sobre a historiografia da música gaúcha, principalmente sobre Teixeira, e ainda defendendo

a necessidade de outros estudos como o proposto, já que constam poucos registros e poucas análises exploradas em um cenário rico e diverso de produções musicais.

Dias (2008) tem como objetivo compreender como se constitui a identidade do Rio Grande do Sul a partir do consumo de dois produtos de música regional, a campeira e o *tchêmusic*. A proposta teve como princípio teórico e metodológico os estudos de García Canclini, explorando os aspectos culturais latino-americanos, por meio de uma perspectiva do consumo cultural. Essa pesquisa demonstrou que o consumo permite que diferentes grupos sociais tanto se confrontem ou permitam hibridações, como é o caso entre o culto e o popular, o moderno e o tradicional.

Na área da Geografia, Barbosa (2014), em sua pesquisa, pretende caracterizar a identidade territorial missioneira e um estilo musical missioneiro a partir da obra dos *Quatro Troncos*, representada pelos intérpretes Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, Pedro Ortaça e Cenair Maicá. Ao selecionar e analisar sete discos, foi constatada a coexistência de diferentes representações identitárias na música, com ênfase na missioneira e gaúcha, que se revelam interligadas a outras como a costeira, a fronteira, a guarani, a latino-americana.

Em linhas gerais, as pesquisas já realizadas se debruçam sobre a análise das canções regionalistas numa perspectiva literária (AGOSTINI, 2005), a partir das teorias da enunciação (CHAGAS, 2011) e com ênfase nos empréstimos do espanhol para o português (SANTOS, 2013); ou procuram investigar o discurso na Lexicografia regional (BRANCO, 2010; PETRI, 2012). Ainda, transcendendo a área de Letras, destacamos as pesquisas de Cougo Junior (2010), Dias (2008) e Barbosa (2014). Todavia, ainda não foram contemplados estudos sobre os processos de compreensão leitora na interface entre léxico, música regionalista e produção e efeitos de sentidos no que tange às designações espaciais relativas ao Rio Grande do Sul, abrindo espaço para a investigação aqui proposta.

Nesse contexto, emerge o seguinte problema: que construções de sentidos e interpretações são revelados nas designações espaciais relativas ao RS nas letras de canções gaúchas, verificadas por meio da leitura de certas categorias de público receptor? Para responder a essa questão, temos como objetivo geral examinar como se dá a construção de sentidos de designadores espaciais em letras de canções gaúchas a partir da interpretação por parte de duas categorias de leitores. Com a finalidade de atender esse objetivo, são delineados quatro objetivos específicos:

a) analisar a ocorrência de designações espaciais em letras de canções gaúchas prestigiadas na produção musical do Rio Grande do Sul;

b) analisar a construção de sentidos apresentados por meio das interpretações de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos ligados a CTGs e movimentos tradicionalistas;

c) analisar a construção de sentidos apresentados por meio das interpretações de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos considerados “público geral”;

d) verificar, por meio de análise comparativa, as semelhanças e as diferenças na construção de sentidos em designadores espaciais por parte das duas categorias de leitores;

e) discutir aspectos da compreensão leitora de letras de canções gaúchas a partir das construções de sentido verificadas nas canções como um todo.

A tese aqui apresentada, ligada à linha de pesquisa “Leitura e Processos de linguagem”, caracteriza-se como qualitativa exploratória de campo, associada a uma análise das expressões espaciais relativas ao RS presentes nas canções pelo viés da LC.

Nesta tese, trabalhamos com a leitura como interpretação, ou seja, entendemos que cada indivíduo, ao acessar seus Modelos Cognitivos, constrói sentidos no processo de leitura. Por essa razão, as investigações propostas pela LC tornam-se relevantes de serem aqui estudadas e aplicadas, já que tratam com grande detalhamento o processo de construção de sentidos, essencial para o processo interpretativo.

Dessa forma, acreditamos que o processo cognitivo para interpretar torna-se complexo por apresentar múltiplos fatores que o envolvem. Defendemos que a rede conceitual e os Modelos Cognitivos dos indivíduos atuantes na comunicação podem colaborar decisoriamente para a construção de sentidos, fazendo uso ainda de outros recursos como a metáfora, a metonímia e o sistema de *frames*.

Nessa esfera, o processo cognitivo de ler-compreender-interpretar envolve atividades complexas, tais como o acesso ao conhecimento de mundo(enciclopédico), que é acionado a partir de *frames*, tornando-se importante para que o leitor consiga estabelecer inferências e julgar o que é ou não relevante para o ato comunicativo em que está engajado. No caso específico desta investigação, da leitura dos designadores espaciais nas canções, verificamos que a ativação dos *frames* é necessária para dar sentido ao vocábulo e, então, interpretar, de que modos um item como ‘querência amada’⁷ pode designar tanto “fração geográfico-territorial”, como “local de vínculo afetivo”, ou ainda, “Rio Grande do Sul”.

⁷ Em Linguística Cognitiva, utilizamos expressões em versalete para referir conceitos ou estruturas de natureza conceitual, aspas simples para mencionar itens lexicais e aspas duplas para mencionar vocábulos (retirados de contextos de uso).

Para esta pesquisa, torna-se também importante discutir processos metonímicos, a fim de confrontá-los com as ocorrências apresentadas nas canções selecionadas e os dados gerados na pesquisa de campo.

Portanto, os estudos da LC contribuem para pesquisas na interface entre leitura e construção de sentidos, considerando-se que:

Três características fundamentais da Linguística Cognitiva podem ser auferidas: a primazia da semântica em análise linguística, a natureza enciclopédica do sentido linguístico, e a natureza perspectivística do sentido linguístico. A primeira característica meramente declara que a função básica da linguagem envolve sentido; as outras duas características especificam a natureza dos fenômenos semânticos em questão. *A primazia da semântica* em análise linguística decorre, de forma direta, da perspectiva cognitiva em si: se a função primária da linguagem é a categorização, então o sentido deve ser o fenômeno linguístico primário. *A natureza enciclopédica do sentido linguístico* decorre da função categorial da linguagem: se a linguagem é um sistema para a categorização do mundo, não há necessidade de postular um nível sistêmico ou estrutural do sentido linguístico que seja diferente do nível no qual conhecimento de mundo é associado com formas linguísticas. *A natureza perspectivística do sentido linguístico* implica que o mundo não é refletido de forma objetiva na linguagem: a função de categorização da linguagem impõe uma estrutura ao mundo em vez de simplesmente refletir a realidade objetiva. Especificamente, a linguagem é uma forma de organizar conhecimento que reflete as necessidades, os interesses e as experiências de indivíduos e culturas⁸ (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 5).

Quanto à metodologia, a pesquisa segue os seguintes passos: pesquisa da discografia gauchesca, levantamento do *corpus* de canções, leitura dos materiais bibliográficos e teóricos, pesquisa lexicográfica e análises introspectivas dos DEs nas canções selecionadas, aplicação do questionário de questões abertas de interpretação e entrevistas e, por fim, análise e discussão dos dados coletados.

Dessa forma, a tese é desenvolvida em quatro capítulos. O presente texto é o capítulo 01, onde se delineiam tema, justificativa, objetivos e, sucintamente, os aspectos teóricos e

⁸ Esta e as demais traduções são livres do autor. No original: “three fundamental characteristics of Cognitive Linguistics can be derived: the primacy of semantics in linguistic analysis, the encyclopedic nature of linguistic meaning, and the perspectival nature of linguistic meaning. The first characteristic merely states that the basic function of language involves meaning; the other two characteristics specify the nature of the semantic phenomena in question. The *primacy of semantics* in linguistic analysis follows in a straightforward fashion from the cognitive perspective itself: if the primary function of language is categorization, then meaning must be the primary linguistic phenomenon. The *encyclopedic nature of linguistic meaning* follows from the categorial function of language: if language is a system for the categorization of the world, there is no need to postulate a systemic or structural level of linguistic meaning that is different from the level where world knowledge is associated with linguistic forms. The *perspectival nature of linguistic meaning* implies that the world is not objectively reflected in the language: the categorization function of the language imposes a structure on the world rather than just mirroring objective reality. Specifically, language is a way of organizing knowledge that reflects the needs, interests, and experiences of individuals and cultures”.

metodológicos utilizados, que possibilitam compreender, em linhas gerais, como se configura a tese.

O capítulo 02, desenvolvido em três seções, descreve o percurso da pesquisa, além de contextualizá-la. A primeira seção do capítulo explica como a pesquisa se configura, apresentando as etapas, desde o levantamento do *corpus* de canções utilizado no instrumento à elucidação de como se constituem a aplicação dos questionários e das entrevistas, bem como a descrição do processo percorrido nas análises. A segunda seção, contextualiza e apresenta a pesquisa sobre a historiografia da música gauchesca realizada, a partir dos estudos de Agostini (2005), Bagel (1989), Barbosa (2014), Dias (2008), Lessa e Cortes (1975) e Mann (2002). Por fim, a terceira seção traz uma pesquisa lexicográfica, constando da apresentação e breve discussão do registro lexicográfico dos vocábulos que designam espacialidade destacados das canções selecionadas e verificados em quatro diferentes obras: *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003); *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (OLIVEIRA, 2010); *Dicionário Aulete*, versão online (AULETE); o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2009).

O capítulo 03 desdobra-se em três seções, as duas primeiras expõem o referencial teórico proposto para a pesquisa e a terceira apresenta uma análise introspectiva (na perspectiva do pesquisador). Na primeira seção são descritas as noções de espacialidade, conforme os estudos de Fortis (1996), Lakoff e Johnson (2002) e Teixeira (2001). A segunda seção apresenta as relações entre língua, semântica e cognição, onde são discutidas sobre a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (subseção 3.2.1), a polissemia conceitual (subseção 3.2.2), *frames* e Modelos Cognitivos (subseção 3.2.3) e processos metonímicos (subseção 3.2.4).

Para elaborar o quadro teórico que sustenta esta tese, utilizamos as contribuições de Evans (2009) para abordar a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC) e as relações entre *frames*, Conceitos Lexicais e metonímia na construção dos processos interpretativos. A onipresença dos estudos de Evans (2009), ao longo das seções do referencial teórico, justifica-se por acreditarmos que a proposta do estudioso consegue tratar, a partir de diferentes perspectivas da Linguística Cognitiva, das relações entre léxico, semântica, cognição e interpretação, as quais são nossos alvos de interesse. Além disso, utilizamos Blank (1999), Croft e Cruse (2004), Geeraerts (2009), Silva (2010) e Taylor (2009), para tratar da polissemia conceitual, Fillmore (2009) e Geeraerts (2009) para explicar sobre *frames* e Barcelona (2003), Lakoff e Johnson (2002), Panther e Thornburg (2007), Panther (2006) e Taylor (2009), nas discussões sobre metonímia.

O capítulo 4 também está dividido em três seções. A primeira seção descreve e analisa os dados gerados na primeira fase da pesquisa de campo, ou seja, trabalha com as respostas dos questionários sobre os sentidos dos DEs no contexto das três canções selecionadas para esta tese. A segunda seção apresenta e analisa os trechos das entrevistas realizadas com dois integrantes de cada grupo participante da pesquisa (tradicionalista e não-tradicionalista). Finalmente, na terceira seção, são discutidos os resultados de todas as etapas de análise.

Em linhas gerais, a partir dos dados contextualizados, apresentados e analisados, espera-se que a presente tese venha a contribuir para reflexões sobre as noções de espacialidade no contexto de produção e recepção de canções gaúchas no Rio Grande do Sul, assim como levantar subsídios relevantes na área de leitura nas interfaces com os estudos da Linguística Cognitiva.

2 SEGUNDOESPAÇO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem a finalidade de contextualizar e descrever a metodologia utilizada na pesquisa. A primeira seção (2.1) descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa: seleção e justificativa do *corpus* de canções, análise introspectiva que resulta nas análises sob a perspectiva do pesquisador, análise lexicográfica, pesquisa de campo (suas características e dinâmica de realização por meio de questionário e entrevista semiestruturada), tabulação e análise dos dados gerados na pesquisa de campo.

A segunda seção (2.2) contextualiza e descreve a pesquisa: traz uma breve história da música regional no Rio Grande do Sul, delineando os aspectos relevantes que fizeram consolidar alguns estilos e canções, não apenas no cenário estadual, mas também nacional. Essa seção baseia-se nas investigações de autores como Agostini (2005), Bagel (1989), Barbosa (2014), Dias (2008), Lessa e Cortes (1975) e Mann (2002). Esse inventário sobre a historiografia da música gauchescaserve como base para a definição das letras das canções que serão objeto de análise nesta tese.

Por fim, a segunda seção (2.3) descreve e discute a pesquisa lexicográfica: há a apresentação das fichas lexicográficas e uma sucinta discussão do registro lexicográfico dos vocábulos destacados das canções, os quais designam espacialidade. Para tal foram utilizadas quatro diferentes obras lexicográficas. Essa pesquisa tem a função de orientar, comparativamente, tanto a análise realizada pelo pesquisador como a aplicação dos questionários e a realização de entrevistas, conforme seção (2.1).

2.1 Método, técnicas e procedimentos

A investigação aqui proposta caracteriza-se como qualitativa, pois “é altamente contextual, sendo coletada em um contexto natural, da ‘vida real’” (GRAY, 2012, p. 136-137). Com a finalidade de atender o objetivo geral, esta pesquisa pretende percorrer um caminho que “pressupõe a análise de poucas fontes ou dados, num procedimento exploratório ou de elaboração de hipóteses” (FREITAS, JANISSEK, 2000, p. 22). Nesse viés, Gray defende que uma pesquisa qualitativa,

Vai além de um simples instantâneo ou uma seção transversal de eventos, e pode mostrar como e por que as coisas acontecem – incorporando, também, as próprias motivações e preceitos das pessoas, bem como incidentes de cooperação e conflito interpessoal (GRAY, 2012, p. 137).

Para Fowler (2011), existem três características básicas da estrutura da amostra a serem levados em conta: a abrangência, construindo-se uma estrutura representativa; a probabilidade de seleção, edificando-se a partir da seleção dos dados; e a eficiência, no que tange ao cuidado de selecionar dados significativos e que consigam revelar plena ou parcialmente os resultados buscados.

Assim, esta pesquisa se centra a análise das construções de sentidos dos DEs em três canções gauchescas: *Querência amada*, *Eu sou do sul* e *Canto alegretense*, selecionadas conforme seção (2.2) deste capítulo. Essa análise é resultado do trabalho com microanálises: na esfera da Lexicografia, na perspectiva do pesquisador e das respostas elaboradas pelos leitores selecionados, pertencentes a dois grupos (tradicionalistas e não-tradicionalistas).

Nessa perspectiva, na execução desta pesquisa, seguimos os procedimentos:

a) Pesquisa sobre a historiografia da música gauchesca (seção 2.2 deste capítulo): foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a história da produção e recepção de canções gauchescas, bem como um breve inventário sobre os estilos de canções e ritmos mais consumidos no contexto do MTG.

b) Pesquisa lexicográfica (seção 2.3 deste capítulo): foi realizado um levantamento de todas as ocorrências de DE e, a partir disso, investiga-se e analisa-se o tratamento dado pela Lexicografia (regional e de língua geral) a esses itens lexicais.

c) Análise introspectiva na perspectiva do pesquisador (seção 3.3 do capítulo 03): nessa etapa, analisamos os sentidos e as interpretações possíveis dos DE nas três letras de canções como forma de mapear hipóteses de percursos cognitivos para construção de sentidos e, dessa forma, elaborar o instrumento aplicado na pesquisa de campo.

d) Pesquisa de campo: aqui foram aplicados os questionários e realizadas as entrevistas. Os questionários são compostos das três letras de canções selecionadas para esta pesquisa, e o espaço para que cada indivíduo leitor possa preencher com o sentido correspondente a cada DE. As entrevistas foram realizadas com quatro dos indivíduos que participaram da primeira fase – respondendo o questionário – e são compostas de questões semiestruturadas.

e) Análise dos dados gerados na pesquisa de campo (capítulo 04): analisaram-se os dados oferecidos pelas respostas dos questionários e pelas respostas das entrevistas, em diálogo com a pesquisa lexicográfica e com a análise na perspectiva do pesquisador.

Com base na pesquisa da historiografia da música gauchesca e da apresentação das vinte canções levantadas (seção 2.2 deste capítulo), selecionamos três canções para comporem os instrumentos aplicados na pesquisa de campo (questionário e entrevista). Ponderamos que

três canções é um número considerável de letras a fim de construir um instrumento que não se torne cansativo para o informante e, ao mesmo tempo, que possibilite levantar os subsídios necessários para a análise proposta. Para escolha das três letras, adotamos os seguintes critérios:

- a) Selecionar a partir dos estilos mais consumidos atualmente (cf. MANN, 2002; DIAS, 2008; BARBOSA, 2014), sendo o xote, a vanera e a chamamé. Cabendo, assim, uma canção para cada estilo.
- b) Selecionar as canções conforme o consumo.
- c) Selecionar as canções destacadas pela crítica, conforme os estudos de Mann (2002), Dias (2008) e Barbosa (2014), que fazem investigações importantes sobre a música gaúcha.
- d) Selecionar as canções que tenham um número igual ou superior a cinco regravações com intérpretes diferentes, dentre as vinte pré-selecionadas.

Unanimidade entre os estudos de música gaúcha, a vanera *Eu sou do sul* tornou-se um ícone dos movimentos tradicionalistas por ser considerada “um hino do estado”, ecoado em muitos CTGs. Pertencente ao ritmo chamamé, *Canto alegretense* chegou a ser interpretado por grandes ícones da música nacional e internacional, como Alcione e a banda britânica Deep Purple. Já o xote *Querência amada* ganhou regravações e interpretações ilimitadas, impossíveis de serem catalogadas.

No que tange ao consumo virtual de canções regionalistas, o site www.letras.mus.br, a partir do número de acessos, delimita as dez letras mais consumidas virtualmente, ou seja, as mais escutadas online⁹:

- 1) Hino Riograndense
- 2) Pezinho
- 3) Querência amada
- 4) Cem anos de glórias
- 5) Criado em galpão
- 6) A primeira vez
- 7) Cavalgadas no Rio Grande
- 8) Céu, sol, sul, terra e cor
- 9) Domingo é bem melhor
- 10) Boi barroso

Ainda, refletindo sobre o consumo desse gênero de canções, o periódico online G1 fez uma investigação sobre as cem músicas regionais mais executadas em shows. Apresentamos, na Figura 2, as principais posições ocupadas por canções gauchecas dentre as demais

⁹ Dados disponíveis em <https://www.letras.mus.br/tradicionalismo-gaucho>.

regionais, o que permite uma reflexão sobre o impacto dessa música no cenário da produção infográfica regional em âmbito nacional.

Figura 2 – Músicas regionais mais tocadas

7	Canto alegreense	Antonio Augusto Fagundes/Bagre Fagundes
19	Merceditas	Ramon Sixto Rios
23	Querência amada	Teixeirinha
24	Eu sou do Sul	Elton Saldanha
31	Batendo água	Luiz Marengo/Gujo Teixeira
37	Cevando o amargo	Lupicínio Rodrigues/Piratini
54	Tordilho negro	Teixeirinha
56	Cantador de campanha	Luiz Marengo/Sergio Carvalho Pereira
61	Vento negro	José Fogaça
65	Nossa vanera	Capim
78	Castelhana	Elton Saldanha/Rui Biriva
83	Pra bailar de cola atada	Anomar Danúbio Vieira/Juliano Gomes
85	Milonga para as missões	Gilberto Monteiro
86	Do fundo da grotta	Baitaca
100	Não vá	Fabio Vargas/Lê

Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/segmento-regional-tem-quinze-entre-100-musicas-mais-rodadas.html>.

Dessa lista de canções regionais mais tocadas em shows, ponderamos que as letras (7) *Canto alegreense*, (23) *Querência amada* e (24) *Eu sou do sul* configuram-se como as três primeiras desse *ranking* que abordam diretamente a espacialidade, mais especificamente fazem referência a traços geográficos do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, seguindo os critérios estabelecidos, justifica-se a seleção de *Querência amada*, *Eu sou do sul* e *Canto alegreense* para comporem o *corpus* referente ao instrumento de pesquisa de campo. A seção seguinte apresenta a pesquisa lexicográfica realizada e faz uma leitura de como os DEs estão registrados em dicionários, confrontando com trechos das canções.

Nas próximas subseções detalhamos esses passos da pesquisa.

2.1.1 Análise dos designadores espaciais na perspectiva do pesquisador

A análise de caráter introspectivo, a partir das intuições do pesquisador, contribui para o levantamento de hipóteses e diálogos possíveis com os dados gerados a partir dos informantes. Para Gibbs (2006), as pesquisas introspectivas podem gerar bons produtos, já

que o pesquisador, enquanto indivíduo, pode fazer “leituras” das realidades e assim levantar hipóteses relevantes sobre grupos de falantes, uma vez que se assume uma intuição que se torna “representativa de todos os falantes de uma língua, porque cada pessoa dentro de uma comunidade linguística presumidamente divide a mesma competência linguística subjacente”¹⁰ (GIBBS, 2006, p. 03).

Investigações dessa natureza podem, em certa medida, dar certo, de modo que são fortemente baseadas “em introspecções individuais sobre assuntos de comportamento e estrutura linguística”¹¹. Entretanto, em alguns casos, há questionamentos sobre a credibilidade de algumas pesquisas em LC, ao abordar a validade da introspecção no processo de análise dos dados.

Apesar disso, segundo Gibbs (2006), as intuições treinadas dos linguistas cognitivos “têm provido *insights* detalhados sobre a possível interação entre linguagem-mente-corpo que servem como fonte de hipóteses experimentais sobre o funcionamento do inconsciente cognitivo”¹² (GIBBS, 2006, p. 03). Portanto, a análise introspectiva, apresentada no capítulo 3 (seção 3.3), traz simulações de possíveis interpretações que o leitor poderia realizar ao ler os DEsnas letras de canções gauchescas. Essa análise estabelece, ainda, relações com o referencial teórico descrito no mesmo capítulo.

2.1.2 Pesquisa de campo: questionário e entrevista semiestruturada

A realização da pesquisa de campo conta com a aplicação de questionário e com a realização de pesquisa semiestruturada. O processo de construção do questionário seguiu os seguintes passos:

a) Realização de uma pesquisa que resgatasse a história da música gauchesca (seção 2.2), a fim de levantar letras de canções e intérpretes consagrados no processo de produção e recepção infográfica; essa pesquisa possibilitou selecionar as canções de maior repercussão nesse contexto.

b) A partir da pesquisa sobre a história da música gauchesca, foram selecionadas inicialmente vinte canções que trazem a espacialidade como tema primário ou secundário e que se mostram representativas, tanto pela crítica quanto pelo consumo.

¹⁰ “[...] representative of all speakers of a language, because each person within a linguistic community presumably shares the same underlying linguistic competence”.

¹¹ “[...] individual introspections about matters of linguistic structure and behavior”.

¹² “[...] have provided detailed insights into possible language-mind-body interactions that serve as the source of experimental hypotheses on the workings of the cognitive unconscious”.

c) No conjunto das vinte canções destacadas, selecionamos as três consideradas as mais representativas (conforme critérios expostos na seção 2.2 deste capítulo) para a pesquisa de campo, visto que esse número pode ser ponderado como suficiente para levantar subsídios para a construção da análise aqui proposta.

O questionário aplicado (Anexo D) foi proposto a partir dessas três letras de canções selecionadas (*Querência amada*, *Eu sou do sul* e *Canto alegretense*). Em cada letra de canção foram identificados todos os DEs e cada leitor-informante deveria assinalar se conhecia ou não o vocábulo e qual sentido daria a ele, considerando o contexto global da música.

A aplicação do questionário (Anexo D) conta com vinte leitores-informantes, categorizados em dois grupos de dez indivíduos. O primeiro grupo é constituído por leitores-informantes não ligados a qualquer grupo regionalista, designado como G1N (Grupo 1, não-tradicionalista). O segundo grupo é constituído por leitores-informantes ligados ao MTG, designado como G2T (Grupo 2, tradicionalistas). Os grupos de indivíduos são compostos de voluntários com idade entre 18 e 30 anos, em formação universitária, selecionados pelo pesquisador. A seleção dos voluntários pertencentes ao G1N é dada inicialmente por meio de um sorteio de turma e curso de ensino superior da Universidade de Caxias do Sul e, na sequência, por convites a alunos integrantes da turma sorteada, de modo que são selecionados os dez primeiros voluntários. Por outro lado, os leitores-informantes do G2T são voluntários selecionados da seguinte forma: é sorteado um dos CTGs da cidade de Caxias do Sul e, após o contato, também são sorteados indivíduos (dentre todos os membros que atendem os critérios para esta pesquisa) e assim é feito o convite para que participem da pesquisa; caso algum dos sorteados não aceite, procede-se a um novo sorteio. Após o aceite formal, os leitores-informantes leem e assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B).

Cada indivíduo é identificado como L1 e L2, seguindo-se o grupo do qual faz parte, G1N ou G2T, criando-se uma notação do tipo: L1G1N, L2GIN, L1G2T, L2G2T.

O instrumento é aplicado a cada sujeito individualmente. Cada leitor-informante deve escrever se conhece ou não os itens (que designam espacialidade) destacados nas canções, qual o sentido a que atribui e o que auxiliou a chegar na resposta. Para a aplicação, é utilizado o espaço físico da Universidade de Caxias do Sul. No fim da aplicação de cada questionário, foi perguntado se o informante se voluntariaria para a entrevista, de modo que, havendo mais de dois indivíduos por grupo, há o sorteio de apenas dois.

A pesquisa se completa com entrevistas semiestruturadas (Anexo C), protocolos verbais, gravadas e transcritas. O objetivo da entrevista é averiguar os processos que

auxiliaram os informantes a optarem pelo sentido escolhido, bem como entender o raciocínio utilizado na interpretação dos DEs destacados nas letras das canções. Para Cohen (1987), os protocolos são muito eficazes para pesquisas no âmbito da leitura, por conseguirem gerar dados que possibilitem verificar o processo de compreensão e construção de sentidos. Conforme o autor, existem três tipos de protocolos: autorrevelação (realizado concomitante ao ato de leitura), autorrelatório e auto-observação (ambos realizados após a leitura).

Para a pesquisa aqui encetada, utilizamos o protocolo auto-observação, uma vez que se trata de uma descrição feita pelo leitor-informante sobre o texto específico que leu em um contexto específico. O objetivo é investigar, neste caso, como se desenvolveu o processo de construção de sentidos dos vocábulos que designam espacialidade. Seguindo os parâmetros de Cohen (1987), a entrevista consiste em perguntas diretas e curtas, a fim de manter o entrevistado atento e também para não tornar o processo cansativo.

Essa fase conta com dois leitores-informantes de cada grupo, sendo esses selecionados também de modo voluntário. Essa etapa também faz uso das dependências da Universidade de Caxias do Sul. Nas entrevistas, o informante responde, de forma livre e quando souber, sobre como construiu as respostas ao longo do questionário: quais sentidos atribuiu aos itens lexicais, sobre o conhecimento utilizado ao longo da execução da tarefa, bem como as reflexões que possam surgir no momento da entrevista sobre a construção de sentidos. Dessa forma, as perguntas da entrevista são sobre os vocábulos e os sentidos dados a eles ao longo do questionário.

2.1.3 Tabulação e análise dos dados da pesquisa de campo

Após a aplicação do questionário e da realização das entrevistas, passa-se a transcrevê-las e a tabular os dados dos questionários, produzindo-se quadros e esquemas para assim proceder-se à análise final. Seguindo as ideias de Olsen (2015), existem diferentes formas de transcrição das entrevistas; para esta pesquisa selecionou-se o modo manual: procede-se à audição das gravações e à transcrição usando a digitação de texto na ferramenta Word. O Quadro 1, a seguir, apresenta as convenções de transcrição¹³ utilizadas nas entrevistas, conforme a proposta de Jefferson (2004).

¹³ O modelo utilizado nesta pesquisa é baseado nas propostas jeffersonianas de transcrição e adaptado pelo grupo de pesquisa **Fala-em-interação em Contextos Institucionais e Não-Institucionais** (com marcações sugeridas pelo GAT2), coordenado pela professora Dra Ana Cristina Ostermann na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Quadro 1 - Convenções de transcrição

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
>>Texto<<	Fala muito acelerada
<Texto>	Fala mais lenta
<<Texto>>	Fala muito mais lenta
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume muito baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas da transcritora
Xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
<i>Hhhh</i>	Riso expirado
<i>Hahahehehihi</i>	Risada com som de vogal
{{ <i>rindo</i> } texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Jefferson (2004).

As respostas oferecidas, tanto nos questionários quanto nas entrevistas, são analisadas e discutidas em interface com a pesquisa lexicográfica e a análise introspectiva, tendo como base teórica os estudos de Linguística Cognitiva sobre metonímia (BARCELONA, 2003; EVANS, 2009; IBÁÑEZ, 2003; PANTHER; THORNBURG, 2007; TAYLOR, 2009), Modelos Cognitivos (EVANS, 2009; FILLMORE, 2009; GEERAERTS, 2009), Conceitos Lexicais (EVANS, 2009), em interfaces com questões de leitura enquanto interpretação.

Portanto, o conjunto de respostas dos questionários aplicados, acrescido das informações obtidas nas entrevistas, fornecem subsídios a partir de cujas respostas visa-se a analisar os sentidos atribuídos aos itens lexicais relativos à espacialidade, utilizados em canções regionalistas gaúchas.

De acordo com os dados apresentados, esta pesquisa se caracteriza tanto como levantamento bibliográfico tanto como campo. Os dados gerados nas diferentes pesquisas realizadas são armazenados em um banco particular para uso nesta e em pesquisas futuras.

Delineamos até aqui a metodologia utilizada e os procedimentos utilizados. A seção seguinte traz a pesquisa da historiografia da música gauchesca, que contextualiza e justifica a seleção das três canções utilizadas no instrumento de entrevista.

2.2 Historiografia da música gauchesca

Para a construção do instrumento de pesquisa de campo (questionário e entrevista), realizou-se uma pesquisa sobre a historiografia da música gauchesca a fim de formar um *corpus* de canções, selecionadas a partir de álbuns dos grupos e/ou intérpretes de canções regionais gaúchas. Para a realização dessa seleção, foram adotados alguns critérios: ter como tema (direto ou indireto) a espacialidade; ser citada em trabalhos de historiografia da música gaúcha; ter no *corpus* canções de autores e intérpretes diferentes; ter um escopo de regravações por intérpretes distintos. Assim, selecionamos vinte canções, pois é um número considerável para se levantar os itens lexicais que indicam espacialidade, com o intuito de se aplicar em um instrumento de leitura para a pesquisa de campo.

Historicamente, até o início do século XVII, o atual território do Rio Grande do Sul era povoado por povos guaranis (em maior número), Ibiraiaras (que viviam nas matas próximas ao rio Uruguai), Arachanes, Guenoas, Charruas e Minuanos. No entanto, com as condições muito favoráveis à pecuária, os padres espanhóis cruzaram o rio Uruguai na tentativa de demarcar território, acomodando-os nos pastos próximos ao rio Jacuí. Em meio a isso, o padre Cristóvão de Mendonza caiu como prisioneiro dos Ibiraiaras em um lugar onde havia um feiticeiro que “com suas danças e cantos preconizava a guerra contra os espanhóis” e, segundo Lessa e Côrtes (1975), em controvertida lenda, o item ‘gaúcho’ significaria “gente que dança triste” e esse bailarino mágico teria sido o primeiro gaúcho (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 16).

Ao avançar do século, muitos outros espanhóis ocuparam parte do oeste do atual território do estado do Rio Grande do Sul, fundando os Sete Povos das Missões. Atraídos pela caça de gado abundante na região e por questões políticas de demarcação de terras, muitos portugueses também circulavam por esse local. Desse processo surgem os primeiros contatos entre os povos, cada um carregando sua cultura, língua, crenças e danças que, no caso dos

européus, tratava-se do legado deixado da Antiga Grécia para os povos do Ocidente (LESSA; CÔRTEZ, 1975).

Com a chegada de açorianos, alemães, africanos, italianos, espanhóis, franceses, poloneses e vários outros povos ao Brasil, houve a miscigenação entre as culturas, o que possibilitou uma produção e recepção musical resultantes desse processo. No Rio Grande do Sul, a música tem várias facetas e diferentes produções. Sobre a origem da música no estado, Mann (2002) explica:

Em Porto Alegre, desde 1870, bandas como “União Brasileira”, “Firmesa (*sic*) e Esperança”, “Euterpe”, “7 de setembro”, “Corporação Musical” e vários ranchos carnavalescos estabeleceram tradição. No interior do estado, havia bandas no início do século, como em São Leopoldo (do Maestro Oswaldo Cornélius) ou a de Caxias (liderada pelo Maestro Nico Pires) (MANN, 2002, p. 9).

Nesse contexto, a gaita foi introduzida por volta de 1851 entre as colônias alemãs do Rio Grande do Sul; com a chegada dos imigrantes italianos popularizou-se, influenciando a fundação da primeira fábrica de gaitas da América do Sul (em 1906), instalada em Garibaldi (RS) pelos imigrantes Luigi Zopas e Luigi Somenzi. No espaço entre São Francisco de Paula e Vacaria, a família Bertussi passa a comercializar o instrumento, o que mais tarde consagra à região o título de “capital dos gaiteiros” (MANN, 2002).

Por outro lado, os grupos de etnia africana firmaram suas tradições carnavalescas no litoral, um pouco distintas das de Porto Alegre, “mais ligadas às congadas, mas com a mesma base percussiva dos batuques” (MANN, 2002, p. 09).

Ao longo das primeiras décadas do século XIX, os tipos musicais xote, trova e polca foram adaptados ao cenário e temas locais, passando a ser difundidos pelo estado. As canções regionais produzidas ganham impulso de produção e consumo com a fundação das rádios Gaúcha (1927) e Farroupilha (1935), onde, principalmente no programa “Campereadas”, as produções regionais têm alta divulgação (COUGO JUNIOR, 2010).

Em um estudo, Bangel (1989) identifica e lista a presença de dez estilos de música gaúcha, como destacamos no Quadro 2.

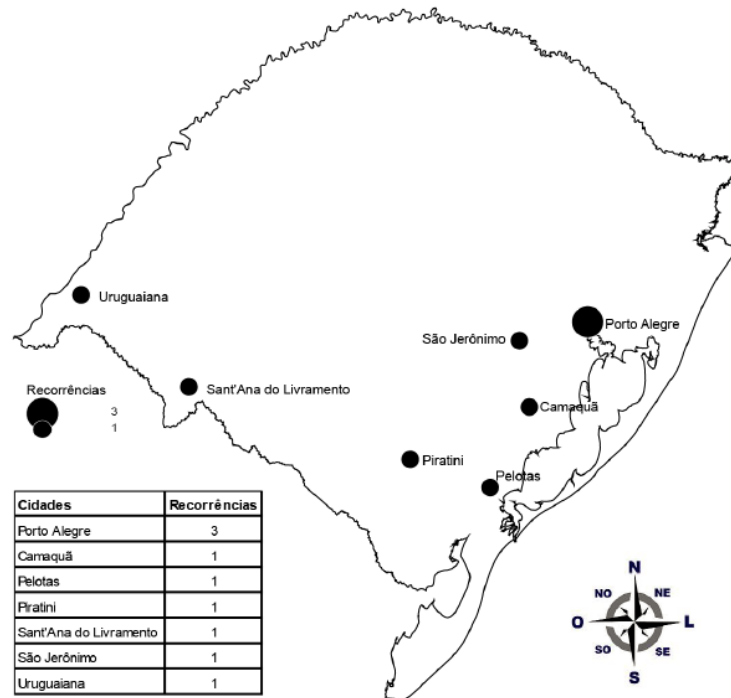
Quadro 2 - Estilos de música gaúcha

Estilo	Descrição
Trova	Forma melódica, inspirada nos cantos medievais.
Bugio	Som que tenta imitar o ronco de um bugio (macaco) a partir da harmonia de gaitas e acordeões.
Rancheira	Descendente da mazurca, não se encontra geralmente nos outros estados, por isso é considerado um gênero mais gaúcho.
Toada	Representada pelo andar lento das carretas, da solidão do campeiro, da imensa planície pampeana, da solidão do campeiro, da saudade da querência. Trata-se de um som que preserva o sistema modal maior/menor da Idade Média.
Chotes ¹⁴	Descendente do “schottisch”, é considerado o estilo mais tocado, caracteriza-se como binário, tanto no compasso como na forma.
Milonga	Descendente da habanera/lundu, caracteriza-se pelo som no baixo ou nos bordões do violão, que soam como baixo-obstinado em tonalidades menor.
Valsa campeira	É descendente do “ländler” austríaco/alemão.
Polca limpa-banco	Com origem do checo/alemão, caracteriza-se pelos acentos nos tempos fracos, sendo muito similar (e confundida) com a marcha (que é mais lenta). Popularizou-se nos kerbs e festas juninas.
Vanerão	Descende da habanera cubana, seu movimento rítmico está no baixo.
Rasqueado	É da família do chamamê e da polca paraguaia, com os modos maior e menor bem definidos.

Fonte: Elaborado pelo autor, conforme Bangel (1989).

Em 1947 é criado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o 35CTG, o que impulsionou a disseminação das canções, danças e cultura regionais. Barbosa Lessa, Paixão Côrtes e Glaucus Saraiva são os expoentes mais citados no contexto do tradicionalismo, sendo que os dois primeiros são considerados os “fundadores” do MTG (BARBOSA, 2014). O mapa a seguir (Figura 3) apresenta os locais onde se iniciou a trajetória do Tradicionalismo.

¹⁴ Conforme as obras lexicográficas de Bossle (2003) e de Oliveira (2010), ‘chote’ e ‘xote’ são itens lexicais intercambiáveis, sendo utilizadas as duas formas para denominar o ritmo.

Figura 3 - Mapa da origem do Tradicionalismo

Fonte: Barbosa (2014).

O mapa mostra as cidades onde iniciou a trajetória do Tradicionalismo e, nas palavras de Barbosa (2014), as recorrências, ou seja, o número de entidades ali instaladas. A propagação das tradições então inventadas ganhou um especial impulso nas publicações da coluna *Tradição* no *Diário de Notícias* (a partir de 1954) e, também, por meio do programa de rádio *Grande Rodeio Coringa*.

O segundo grande marco do movimento foi o primeiro livro publicado: o *Manual das danças gaúchas*, em 1956. Paixão Côrtes e Barbosa Lessa apresentam nessa obra os dados de dez anos de pesquisa sobre a historiografia dos ritmos populares no Rio Grande do Sul, constituindo uma coletânea de vinte e duas danças (COUGO JUNIOR, 2010). O Quadro 3 apresenta essas danças.

Quadro 3 – Danças gaúchas

DANÇAS GAÚCHAS
Chimarrita – Pezinho – Chote – Chote de Duas Damas – Rancheira – Rancheira de carreirinha – Pau-de-fita – Tirana do Lenço – Anu – Tatu – Caranguejo – Cana-Verde – Maçanico – Quero-Mana – Rilo – Meia Canha – Polca de Relação – Polquinha – Pericón – Chimarrita Balão – A Chula – Balaio – Tatu com Volta-no-Meio

Fonte: Lessa; Côrtes (1975).

Essas vinte e duas danças foram consideradas por Lessa e Côrtes como “suficientes para caracterizar o baile gaúcho” (LESSA; CÔRTEES, 1975, p. 129). Os estudiosos defendem que, apesar do constante contato entre Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai, os países mantiveram-se fiéis às suas línguas e culturas, atentos às mudanças e influências vindas de suas capitais e ainda explicam:

As antigas danças sapateadas, de pares independentes, dos platinos e dos sul-brasileiros, realmente apresentam pontos em comum. Mas a parecença se explica principalmente pela origem comum na península ibérica, ao influxo da 1ª geração coreográfica. Uma mesma família de danças que chegou ao Brasil trazida pelos portugueses, ou ao Rio Grande do Sul trazida por açoriano-portugueses e luso-brasileiros, também chegou, por outros caminhos, ao Prata, levada por espanhóis, e às estâncias do Prata, cultivadas por “criollos” hispano-americanos (LESSA; CÔRTEES, 1975, p. 139).

Contemporaneamente, as danças mais populares em bailes gaúchos são a vanera, a milonga, o chamamé, a valsa clássica e campeira, a rancheira, o xote, a marcha e a polonesa e o bugio (NUNES, s/d).

A vanera, conhecida também como vaneira, caracteriza-se como o ritmo mais popular, já que é o mais apreciado e tocado nos bailes de danças gaúchas. Chegado ao Brasil por volta de 1866, influenciou não só ritmos gaúchos como também o samba-canção dos cariocas. Supostamente esse ritmo teria origem no afro-cubano habanera, que “influenciou vários ritmos dos países hispano-americanos sendo difundida na Espanha”. Também é conhecida como havanera e acredita-se que “seu nome tenha sido uma homenagem à capital de Cuba, Havana ou também como é conhecida La Habana” (NUNES, s/d).

Considerado o ritmo mais romântico entre os gaúchos, a milonga carrega, muitas vezes, a finalidade de o *eu lírico* declarar-se à amada. Conforme Nunes (s/d, p. 04), a dança “popular no subúrbio de Montevideo e de Buenos Aires ao final do século XIX é canto e dança do tipo da habaneira e do Tango Andaluz” e, no estado do Rio Grande do Sul, foi “introduzida ao som da viola que acompanhava os pajadores, logo em seguida outros instrumentos musicais foram sendo adaptados a este ritmo”.

De acordo com Lessa e Côrtes (1975, p. 165), o chamamé “foi muito difundido pelas gravadoras de Buenos Aires, a partir dos anos 40, especificamente para o público de corrientes e Paraguai”. Sobre a história do ritmo no RS, Lessa e Côrtes explicam:

Quando os colonos açorianos, na segunda metade do século XVIII, trouxeram ao Rio Grande do Sul a chimarrita, esta dança era então popular no Arquipélago do Açores e na Ilha da Madeira. Desde sua chegada ao Rio Grande do Sul, a chimarrita foi se amoldando às subsequentes gerações coreográficas, e chegou mesmo a adotar, em princípios de nosso século a forma de dança de pares enlaçados como um misto

de valsa e chotes. Do Rio Grande do Sul (e de Santa Catarina), a dança passou ao Paraná, ao estado de São Paulo, bem como às províncias argentinas de Corrientes e Entre-Rios, onde ainda hoje são populares variantes chamarrita e chamamê (LESSA; CÔRTEZ, 1956, p. 49).

A valsa clássica e campeira está ligada ao ritmo surgido a partir das danças rústicas alpinas da Áustria. No Rio Grande do Sul, “a Valsa foi trazida pelos imigrantes alemães e assim como outros ritmos ganhou características regionais tanto na música quanto na dança” (NUNES, s/d, p. 06).

A rancheira é um ritmo variante da Mazurca, ritmo que teve influência na música erudita, relaciona-se à dança nacional polaca e torna-se popular no pampa argentino, uruguaio e brasileiro. Conforme Lessa e Côrtes (1956), “na fronteira, dança-se a rancheira com passos bem marcados, isto é, acentua-se com forte batida de toda-planta o tempo forte de cada compasso e isso faz com que o corpo gingue para um lado e outro” (LESSA; CÔRTEZ, 1956, p. 25). Curiosamente, “em vasta região do Rio Grande do Sul – todo litoral norte, planalto do nordeste e depressão central – pouco se conhece, no meio rural, dança com essa denominação; o que, nas outras regiões é conhecido como rancheira, aqui se denomina ‘terol’” (LESSA; CÔRTEZ, 1956, p. 25).

O xote, assim como a valsa e a polca, tem raízes a partir de 1840 após a revolução das danças de pares enlaçados. No estado gaúcho, o aparecimento desse ritmo “coincidiu com a difusão da gaita como instrumento musical” e, além disso, “dançado ao som da gaita, se tornou a dança de pares enlaçados preferida dos gaúchos” (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 169). Intérpretes regionais como Teixerinha fizeram do xote um ícone de consumo no mercado da música regional do estado.

No Rio Grande do Sul, a marchaea polonesa são mais populares entre os imigrantes alemães. Sobre o primeiro ritmo,

A marcha que marcou época em nosso País foi a Marcha “O Abre Alas” composta por Chiquinha Gonzaga para o Rancho Carnavalesco Rosa de Ouro em 1899, inspirada pelo ritmo marchado utilizado pelos negros quando desfilavam se requebrando pelas ruas. Um dos ritmos colaboradores para as danças de pares enlaçados foi o One Step, criado nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, que logo a seguir veio influenciar as danças de salão brasileiras (NUNES, s/d, p. 09).

O bugio é considerado o único ritmo autenticamente gaúcho, nasceu ao som da popular gaita de voz tocada, “que ao abrir e fechar o fole tirava-se sons que pareciam ser o do ronco do Bugio, e é assim que surge o ritmo essencialmente gaúcho que tem como sua principal característica o jogo de fole” (NUNES, s/d, p. 10). Somado ao som, os passos da dança

sugerem uma imitação da forma de caminhar dos primatas, que dá pequenos saltos, para um lado e para outro.

Dentre essas danças e canções, três linhas de produção desenvolveram-se e fizeram sucesso inicialmente: o estilo *Conjunto Farroupilha*, o dos *Irmãos Bertussi* e o do *Teixeirinha*. O primeiro estilo se iniciou na década de 40 e teve vários adeptos à linha, como *Os Sinuelos*, *Os Gaudérios* e *Os Araganos*. Originado na década de 50, com os considerados exímios gaiteiros Oneyde e Adelar Bertussi, o estilo do conjunto dos irmãos Bertussi introduziu traços da cultura italiana na música que fazem sucesso até hoje. Já o terceiro estilo, o do *Teixeirinha*, tem origem na década de 60 e desenvolve temas que circundam o homem do campo, conquistando não apenas o público rural gaúcho, mas o paulista, o goiano e o mineiro (LESSA; CÔRTEZ, 1975).

As danças e sons inicialmente difundidos no Rio Grande do Sul ganham força com o MTG. Criado na década de 40, o movimento constitui-se como um dos principais movimentos influenciadores na consolidação e a disseminação da cultura e da música regional gaúcha, com uma força de atuação que vai desde sua criação e perdura na contemporaneidade (JACKS, 1998). Discutindo questões histórico-sociais, Golin (1983) explica:

No fim da década de 40, do século XX, a realidade objetiva favoreceu novo impulso ideológico da classe dominante. Dele resultou a atual versão organizacional dos Centros de Tradições Gaúchas. A entrada do capital monopolista no pós-guerra, provocando modificações em hábitos, costumes, cultura, etc., abriu um vácuo entre as formulações culturais ideológicas centenárias e o “novo mundo”. Subjugados, dentro do estado, os imigrantes também passaram a ser atores importantes. E a sua fração rica – já totalmente diferenciada do colonato – que era poder econômico e industrial urbano, com a queda de Getúlio Vargas participa do poder político. Essa burguesia industrial formou a “elite” juntamente com os latifundiários. Esses dois componentes que se enxergam frente a frente e, de braços dados, uniram-se na criação e fomento do mundo mítico e hipotético do tradicionalismo (GOLIN, 1983, p. 13).

Na discografia, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes assessoraram a produção do álbum *Danças Gaúchas*, lançado em 1961, sendo interpretado por Inezita Barroso, paulista que se tornou consagrada no cenário nacional pelo trabalho com música brasileira, com ênfase em ritmos regionais, como a moda caipira. Esse disco é composto por ritmos recolhidos em festas e bailes pelo interior do estado, em especial dando destaque à rancheira e à chimarrita (COUGO JUNIOR, 2010).

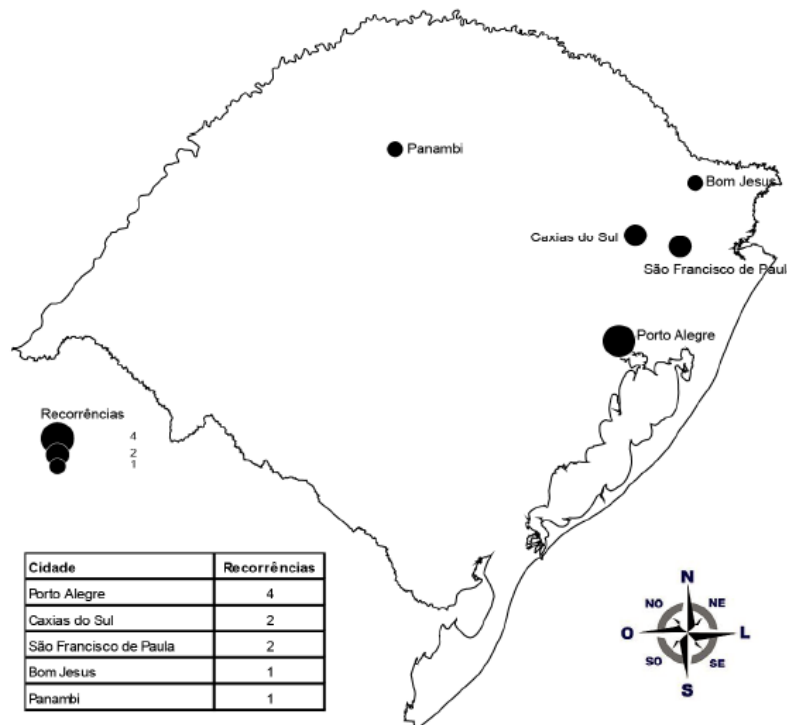
Ao longo da década de 60, mais duas obras da historiografia da dança são lançadas com vínculo ao MTG: *Folclore musical do pampa - Música e letras* e *Cancioneiro do Rio*

Grande, letra e música, ambas organizadas por Barbosa Lessa e Paixão Côrtes (COUGO JUNIOR, 2010).

Paralelamente a essas produções, surgiram muitos grupos musicais, compondo e interpretando canções gauchescas. Os primeiros grupos surgem distribuídos em diferentes regiões do RS, destacando-se: *Quarteto dos Tauras* (Porto Alegre); *Os Minuanos* (Caxias do Sul); *Os Araganos* (Porto Alegre); *Os Mirins* (São Francisco de Paula); *Os Serranos* (Bom Jesus; Porto Alegre); *Os Bertussi* (Criúva); *Os Três Xirus* (Panambi; Porto Alegre) (BARBOSA, 2014).

O mapa na Figura 4 destaca os locais onde surgiram os primeiros grupos de canções regionalistas.

Figura 4 - Locais de origem de grupos musicais regionalistas



Fonte: Barbosa (2014).

Além dos grupos, merece destaque Vitor Mateus Teixeira, reconhecido como Teixeira, que se tornou um ícone das produções de música gaúcha, já que seu quarto disco “um 78rpm contendo o xote *Gaúcho de Passo Fundo* e a toada-milonga *Coração de luto* – tornou-se um marco na fonografia brasileira” e, além disso, chegou a vender dois milhões de cópias em curto tempo, consagrando-se como “um dos artistas mais bem pagos do Brasil e passou a figurar como o grande representante da música sulina – imagem consolidada durante

25 anos de carreira, sobretudo depois da parceria com a acordeonista Mary Terezinha” (COUGO JUNIOR, 2010, p. 8).

Na década de 70, a música gauchesca ascendeu como sucesso no Rio Grande do Sul e no Brasil, onde praticamente todas as companhias e gravadoras contavam com esse estilo em seu repertório. E, assim como Teixeira, Gildo de Freitas e José Mendes também se tornaram sucesso de venda de seus discos não só no estado, mas também no cenário nacional; entretanto, “os tradicionalistas mais ortodoxos, zelosos da cartilha dos CTGs, diziam que Teixeira, Gildo de Freitas, José Mendes e seus congêneres de menor sucesso padeciam do “estigma da grossura” e difundiam uma imagem distorcida da cultura gaudéria” (COUGO JUNIOR, 2010, p. 8). Apesar disso, Côrtes (1984, p. 141) declara sobre Teixeira ser “um homem simples, bela voz, inteligente, repentista expressivo”.

O Nativismo surge a partir da década de 70 questionando aspectos não contemplados pelo Tradicionalismo, tais como “o caráter injusto patrão-peão” e “a exploração desmedida dos recursos naturais pelo interesse econômico” (AGOSTINI, 2005, p. 16).

Na década de 80, a música desenvolvida em Porto Alegre era diversificada, seguindo as mais variadas tendências. O Tradicionalismo foi revigorado desde o fim da Segunda Guerra e gozou de prestígio incontestável, alavancando principalmente pelos inúmeros festivais de música, que contavam com o apoio dos Centros de Tradições Gaúchas, os CTGs, em várias cidades do estado. O MTG foi fundado na capital do Rio Grande do Sul, mas se espalhou rapidamente por todo o interior do Estado e logo ultrapassou suas fronteiras. O Nativismo, por sua vez, “diferenciou-se em parte dos padrões ideológicos e estéticos da música tradicionalista [...] compositores de ambos os movimentos se inspiraram no mesmo tema comum aos tradicionalistas: o mito do gaúcho-herói” (AGOSTINI, 2005, p. 12).

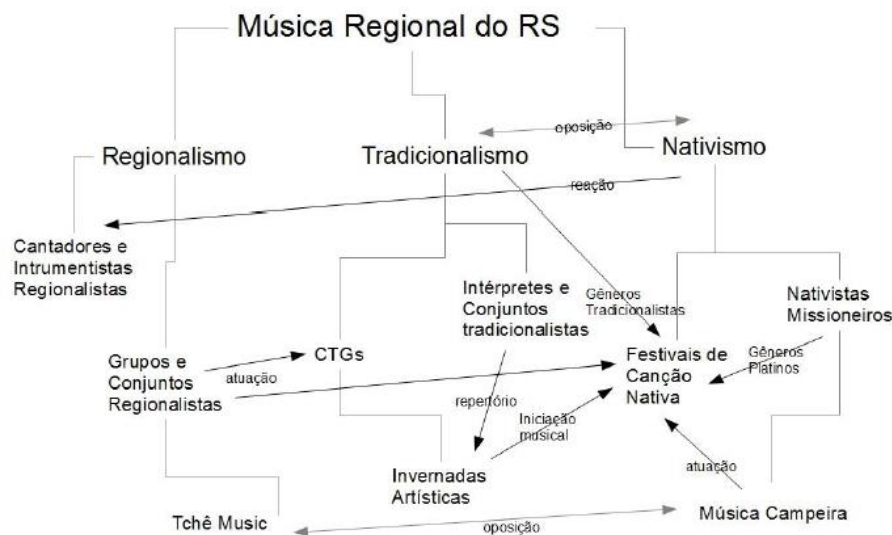
O Tradicionalismo, portanto, tem uma matriz mais antiga que o Nativismo. Com tema central do mito do gaúcho como herói, o Tradicionalismo é, muitas vezes, caracterizado como conservador e hermético, já que o movimento se mantém praticamente incólume e com várias resistências a mudanças (AGOSTINI, 2005).

Conforme Dias (2008), nos anos 90, há o surgimento da tchê music, inspirada no axé, com gravações de grupos como *Tchê Barbaridade*, *Tchê Guri* e *Tchê Garotos*, que acabam por fazer sucesso não apenas no Rio Grande do Sul, mas no país todo também, principalmente após a gravação do CD intitulado *Tchê Music* (DIAS, 2008, p. 63). Sobre esse novo estilo, Dias e Ronsini (2008) explicam:

Enquanto a música campeira retrata a valorização dos costumes e as cenas de um universo rural tradicional, um imaginário socialmente ratificado, a tchê music se propaga a partir da cidade, das festas e romances, do desapego a essa tradição baseada em valores rurais e tem como característica a mixórdia de ritmos regionais (vanerão, chamamé) com ritmos nacionais (axé, pagode, funk) (DIAS; RONSINI, 2008, p. 89).

A partir desse contexto de diferentes movimentos e tendências, a música regional no Rio Grande do Sul passa por três vertentes: pelo Regionalismo, pelo Tradicionalismo e pelo Nativismo. A Figura 5 apresenta um esquema que esboça essa dinâmica.

Figura 5 - Esquema da música regional no RS



Fonte: Barbosa (2014, p. 80).

Enquanto o Regionalismo desenvolve canções mais populares a partir de intérpretes e conjuntos regionalistas, o Tradicionalismo tem vínculo direto com o MTG e, conseqüentemente, com os CTGs. Em oposição, tem-se o Nativismo, que abarca as produções de música campeira, principalmente revelados em festivais de canção nativas.

Embora sendo movimentos diferentes e com adversidades entre si, as canções interpretadas, muitas vezes, carregam temas ou tópicos citados em comum: a vida no campo, o cavalo como principal aliado do homem, os valores e o amor à terra.

Com a finalidade de selecionar as canções para a pesquisa de campo, iniciamos por uma seleção de vinte letras que trazem como tema, direto ou indireto, a espacialidade. São destacadas aquelas consagradas pelo consumo e conforme as pesquisas de Man (2002), Dias (2008) e Barbosa (2014). Por exemplo, as letras de *Céu, sol, sul, terra e cor*, *Querência amada*, *Regional*, *Canto alegretense* e *Cantiga para meu chão* são citadas pelos autores como

ícones do gênero musical popular no Rio Grande do Sul. Para realização dessa breve apresentação, dividimos as canções em quadros conforme seus respectivos ritmos¹⁵. O Quadro 4 traz as canções do estilo xote.

Quadro 4 – Canções do estilo xote

Canção	Compositor	Gravações
<i>Alma de jagunço</i>	Olívio Aparecido Cardoso	Jorge Moisés; Grupo Fogo no Chão; Lourenço e Lourival.
<i>Brasil de bombacha</i>	Os Monarcas	Os Tiranos; Jardel Borda & Grupo Brasil de Bombacha.
<i>Céu, sol, sul, terra e cor</i>	Jader Moraci Teixeira (conhecido como Leonardo)	Família Lima; Os Araganos; Os Serranos; Leonardo; Oswaldir e Carlos Magrão; João Luiz Correia; Alma de campo.
<i>Gauchinha bem querer</i>	Délcio Tavares	1º Conjunto Farroupilha; 2º Tito Madi; 3º Kleiton e Kledir.
<i>No império das estâncias</i>	Nilton Ferreira	Os Monarcas; Lucas Côrtes.
<i>Querência amada</i>	Vitor Mateus Teixeira	Os Serranos; Oswaldir e Carlos Magrão; Os Fagundes.
<i>Rio Grande, tchê</i>	Elton Saldanha	Os Serranos; Os Monarcas; Tchê Garotos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O sucesso de boa parte dos xotes advém de temas como aspectos da história do Rio Grande do Sul, como é o caso da canção *Alma de jagunço*, inicialmente interpretada pelo grupo regional *Fogo de chão*, que retoma a história e os jagunços da revolução farroupilha e, com o sucesso ganha algumas regravações. Com temática similar, a canção *Brasil de bombacha* traz reflexões sobre a formação geográfica e histórica do estado. Além dessas, falando do gaúcho, das tradições e da rotina dos moradores pampeanos que vivem nas fazendas, há *No império das estâncias*, que recebeu inúmeras regravações e interpretações tornando-se um sucesso.

As letras das canções *Céu, sol, sul, terra e cor*, *Querência amada* e *Rio Grande, tchê* têm como tema central o amor pelo Rio Grande do Sul, chegando a levá-lo ao *status* de “pátria” e atribuindo-lhe uma afetividade, muitas vezes hiperbólica. No caso de *Querência amada*, com letra e música assinada por Teixeira, a canção tornou-se uma referência e, em algumas ocasiões, é evocada como um hino em ambientes que cultuam os costumes tradicionalistas, ganhando a interpretação de inúmeras vozes de dentro e fora do estado.

¹⁵ Apesar de o estilo musical não ser pré-requisito para a seleção do *corpus*, julgamos relevante apresentar as canções categorizadas em seus estilos.

Além disso, com sucesso similar, *Céu, sol, sul, terra e cor* também tem inúmeras regravações, inclusive com interpretações no cenário nacional.

O Quadro 5 apresenta as canções levantadas pertencentes ao estilo chamamé.

Quadro 5 – Canções do estilo chamamé

Canção	Compositor	Gravações
<i>Barranca e fronteira</i>	Antônio Fagundes, Luís Telles	Grupo Querência; Fogo de Chão; Leopoldo Rassier.
<i>Canto alegretense</i>	“Bagre” Fagundes ¹⁶	Os Serranos; Os Fagundes; Joca Martins; Gaúcho da Fronteira; Rock de Galpão; Fresno.
<i>Cantiga para meu chão</i>	César Oliveira e Rogério Melo	
<i>Gritos de liberdade</i>	Pedro Ortaça	Grupo Rodeio; Western Gaudério; Thiago Juraski; Os Monarcas.
<i>Regional</i>	César Oliveira e Rogério Melo	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre os estilos de chamamé, notamos a presença de abordagens comuns: o ser fronteira e a defesa do espaço (geográfico ou cultural) regional. Assim, temos canções como *Barranca e fronteira*, *Regional* e *Canto alegretense*. Essa última acabou por virar uma metonímia na relação Alegrete-fronteira-Rio Grande do Sul (parte-todo), além de falar do ser da fronteira, estabelecer relações afetivas, descrever a fronteira e disseminar o sentido de pertença. Dessa forma, consagrou-se e recebeu diferentes regravações, como *Os Serranos*, Neto Fagundes, Gaúcho da fronteira, *Os Fagundes*, Joca Martins.

O Quadro 6 apresenta as canções do estilo vanera.

Quadro 6 – Canções do estilo vanera

Canção	Compositor	Gravações
<i>Criado em galpão</i>	Walther Moraes	Os Serranos; Alma de Campo.
<i>De chão batido</i>	Pedro Neves	Os Monarcas; Pedro Neves; Banda Nativa; Força Fandangueira; Os Serranos.
<i>Nossa vanera</i>	Os Serranos	Pedrinho & Guga; Garotos de Ouro; Grupo Aroeira; Eco do Pantanal; Grupo Minuano.
<i>Eu sou do sul</i>	Elton Saldanha	Garotos de Ouro; Os Serranos; Dionei Rezende; Rock de Galpão.
<i>Tô voltando pra ficar</i>	Os Monarcas	Tchê Garotos; Os Serranos; Oswaldir e Carlos Magrão; Paulo Sérgio; Tiago Faria.

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁶ A letra foi escrita em forma de poema por Antônio Augusto da Silva Fagundes e seu irmão, “Bagre” Fagundes, compôs a música.

As canções *Eu sou do sul*, *Tô voltando pra ficar*, *De chão batido* e *Criado em galpão* fizeram e fazem sucesso, pois, além do ritmo muito dançante e animado, abordam o gaúcho do pampa e a vida no campo idealizada pelas tradições gaúchas. Já a canção *Nossa vanera* ganha popularidade ao falar de um dos ritmos mais dançados nos bailes regionais.

O Quadro 7 apresenta a canção do estilo chamarra tabulada.

Quadro 7 – Canção do estilo chamarra

Canção	Compositor	Gravações
<i>Tertúlia</i>	Leopoldo Rassier	Os Serranos; Oswaldir e Carlos Magrão; Leonardo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A única canção, dentre as selecionadas para esta pesquisa, pertencente ao estilo chamarra é *Tertúlia*. Provavelmente a canção tornou-se popular, recebendo diversas regravações, por falar das tradições, dos costumes e do cotidiano do gaúcho idealizado: da vida nos bailes à vida nos campos.

O Quadro 8 apresenta as canções selecionadas pertencentes ao ritmo milonga.

Quadro 8 – Canções do estilo milonga

Canção	Compositor	Gravações
<i>Um tal de cruz credo</i>	Os Mateadores	Fantasmão; Ricardo Porto e Elton Saldanha.
<i>Romance de terra e pampa</i>	Berenice Azambuja	Sandro Machado Martins; Juliana Spanevello.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesta seção apresentamos e discutimos sobre a historiografia da música gauchesca, dando ênfase às produções que tratam do tema espacialidade. Na próxima seção abordamos o tratamento dado pela lexicografia aos itens lexicais destacados nas letras selecionadas para esta pesquisa.

2.3 A espacialidade na música gauchesca e na lexicografia

É indiscutível o esforço e a contribuição da Lexicografia na organização e no registro do léxico (comum e especializado) de uma comunidade linguística, bem como as definições possíveis para os itens lexicais em contextos gerais e específicos. No entanto, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas sobre problemas como o tratamento da polissemia. A partir disso, discutimos brevemente, nesta seção, algumas contribuições e problemas da

Lexicografia no processo de construção de sentidos, tendo como base uma pesquisa lexicográfica sobre os DEs destacados para esta pesquisa.

Sobre a prática lexicográfica, Geeraerts (2009) propõe uma discussão na interface entre Lexicografia e Semântica Cognitiva, colocando em evidência três aspectos: “a importância dos efeitos prototípicos para a estrutura lexical, a intratabilidade da polissemia e a natureza estruturada da polissemia” (GEERAERTS, 2009, p. 56). Em primeiro lugar, os efeitos prototípicos podem tornar difusa a distinção entre informação semântica e informação enciclopédica. Em segundo, não há ainda na Lexicografia práticas que definam critérios para o tratamento da polissemia. Em terceiro, a Semântica Cognitiva pode contribuir no âmbito do fazer lexicográfico ao observar as ligações entre os diversos conceitos e um item lexical (GEERAERTS, 2009).

Ainda, os dicionários apresentam, nos conceitos dos itens lexicais, perfis de prototipicidade que estão ligados a esterótipos que “possivelmente coincidirão com os significados mais comuns e centrais dentro de um agrupamento prototípico: o que se supõe que as pessoas saibam em primeiro lugar são as leituras centrais de agrupamento” (GEERAERTS, 2009, p. 67).

Para Villalva e Silvestre (2014):

Os dicionários são documentos prescritivos, que oferecem uma perspectiva subjetiva da língua e, apesar das promessas de exaustividade, estão longe de reunir as palavras em uso num determinado período histórico e desconsideram inúmeras variedades dialetais diafásicas e tecnoletais. Devemos até admitir que a representação do léxico é desproporcionada, na medida em que geralmente não fornece indícios da frequência ou adequação comunicativa das palavras (VILLALVA, SILVESTRE, 2014, p. 187).

Portanto, as práticas lexicográficas podem, em muitos casos, ser insatisfatórias, mas trazem, em seu escopo, registros importantes para discussões como a construção de sentidos de vocábulos em contextos específicos, como a proposta aqui delineada.

Assim, para a pesquisa lexicográfica apresentada nesta seção, são utilizados dois dicionários regionalistas e dois de língua geral, com a finalidade de construir fichas lexicográficas dos itens lexicais selecionados. Na perspectiva regional, foram selecionados o *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (BOSSLE, 2003) e o *Dicionário Gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades* (OLIVEIRA, 2010). Além desses, foram consultados dois dicionários de língua geral, sendo um na versão on-line, o *Dicionário da língua portuguesa* (AULETE), e outro na versão impressa: o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009). Consideramos essas obras como suficientes e que dão conta

de uma pesquisa lexicográfica, a fim de identificar os registros dos vocábulos destacados para essa pesquisa.

A seguir, apresentaremos, descreveremos, por meio de fichas lexicográficas, e analisaremos brevemente a pesquisa lexicográfica realizada a partir dos itens lexicais que designam espacialidade¹⁷, destacados das canções selecionadas para esta pesquisa: ‘berço’, ‘campanha’, ‘capital’, ‘estado’, ‘fronteira’, ‘lugar’, ‘litoral’, ‘pago’, ‘província’, ‘querência’, ‘quebradas’, ‘Rio Grande’, ‘serra’, ‘sul’, ‘terra’ e ‘torrão’.

No Quadro 9, apresentamos os registros para ‘berço’.

Quadro 9– Ficha lexicográfica de ‘berço’

Dicionários	Definições
Aulete	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pequeno leito para recém-nascidos ou bebês, ao qual se pode dar um movimento de balanço. 2. Cama gradeada para bebês e crianças pequenas. 3. A mais tenra infância: Foi criado pelos avós desde o berço. 4. Fig. Lugar onde uma pessoa nasceu. 5. Fig. Lugar onde algo teve origem: Pernambuco é o berço do frevo. 6. Fonte, nascente (de rio): A serra da Estrela é o berço do Mondego. 7. Peça de madeira, metal etc. à qual fica preso o mata-borrão; BUVAR. 8. Almofada com tinta para carimbos. 9. Base de certos aparelhos telefônicos. 10. Dispositivo sobre o qual se põe a câmera fotogramétrica, para que as vibrações durante o voo não a afetem. 11. Arq. Abóboda que forma um semicírculo perfeito. 12. Nos cemitérios, gradeamento de ferro em volta de um coval. 13. Mar. Aparelho sobre o qual corre o navio do estaleiro para a água. 14. Mar. Armação sobre a qual se coloca a embarcação para içá-la para o seco. 15. Mar. Abertura circular na fêmea do leme onde gira o macho. 16. Mar. Local em um porto onde os navios atracam. 17. Mar. Cada um dos suportes presos ao convés, estrado etc. para sustentar uma peça móvel ou embarcação. 18. Espécie de cobertura ou túnel em forma de abóbada, feita de caniços, madeira ou estrutura metálica, guarnecida de folhagens, e que cobre uma aleia. 19. Tip. A rrebitamento nas extremidades do paquê, causado pelo corte defeituoso das navalhas da máquina. 20. Antq. Boca de fogo curta.
Aurélio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pequeno leito para criança de colo, geralmente armado com dispositivo para embalar. 2. Lugar de nascimento de alguém; pátria. 3. A primeira infância. 4. Lugar onde alguma coisa teve origem, donde procede (FERREIRA, 2009, p. 224).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

¹⁷Não fazem parte desta pesquisa lexicográfica os topônimos, por se tratarem de nomes próprios.

Os dicionários de língua geral, quando tratam ‘berço’ como um DE, se aproximam em suas definições, já que convergem para a ideia de “lugar de origem”. Os dicionários regionalistas, por sua vez, não apresentam registros para esse item lexical.

No contexto da letra *Querência amada*, “berço” é utilizado nos versos “**Berço** de Flores da Cunha/ E de Borges de Medeiros”. Nesse caso, há uma consonância com os registros apresentados nas obras lexicográficas, já que pode ser lido e interpretado como o “local de origem de Flores da Cunha e Borges de Medeiros”, o que poderia, especificamente, se referir às cidades onde esses indivíduos nasceram, ou, ainda, em um sentido amplo, o estado do Rio Grande do Sul.

A ficha lexicográfica apresentada na sequência, no Quadro 10, traz os registros de ‘campanha’.

Quadro 10 – Ficha lexicográfica de ‘campanha’

Dicionários	Definições
Aulete	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conjunto de esforços, de ações diversas, continuadas ou coordenadas, para atingir um objetivo (campanha publicitária, campanha eleitoral) [+ a (em) favor de, contra, para, por, pró: campanha em favor de novas escolas; campanha contra o fumo]. 2. Mil. Conjunto de operações militares que visam certo objetivo, numa mesma área geográfica. 3. Campo vasto e plano; PLANÍCIE. 4. RS Região de coxilhas, de vegetação rasteira, em que predomina a pecuária. 5. RS Geog. Região do extremo sul do país formada pela campanha. 6. Bras. O (bom ou mau) desempenho de um indivíduo ou de uma equipe numa disputa ou competição, esp. Esportiva; o conjunto de partidas disputadas num torneio. [Do lat. tardio <i>campania</i>].
Aurélio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Campo de grande extensão, planície. 2. Região ondulada, de vegetação rasteira em que predomina a pecuária. 3. Região geográfica do extremo Sul do Brasil constituída pela campanha. 4. Conjunto de esforços ou meios utilizados para consecução do fim (FERREIRA, 2009, p.378).
Bossle	<ol style="list-style-type: none"> 1. Região de campo apropriada à criação de gado. 2. Interior. 3. Parte baixa do Estado do Rio Grande do Sul (BOSSLE, 2003, p. 112).
Oliveira	<ol style="list-style-type: none"> 1. Região ondulada em coxilhas, coberta por pastagens onde predominam a pecuária, as estâncias de gado. 2. Campo (por oposição a cidade). Região sul-rio-grandense que vai do mar à serra, própria para a indústria pastoril e onde estão as estâncias de criação de gado (OLIVEIRA, 2010, p. 61).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Relativo às designações espaciais, o item ‘campanha’ é registrado tanto no Aulete quanto no Aurélio com definições aproximadas: “campo, planície”. As obras regionalistas, no entanto, trazem acepções mais restritas ao contexto do estado do Rio Grande do Sul: o

dicionário Bossle (2003) acresce à definição a característica de “apropriado à criação de gado”; já Oliveira (2010) restringe o item a uma região do Rio Grande do Sul, “onde predominam a pecuária, as estâncias de gado”.

O verso “Viver lá na **campanha** é bom demais”, destacado da canção *Eu sou do sul*, faz uso do vocábulo “campanha” e, nesse caso, o sentido pode ser interpretado de diferentes formas, inclusive conforme os registros das obras de língua geral; contudo, por tratar-se de uma canção que fala do “sul” enquanto estado sul-rio-grandense, “campanha” pode ser vista como a região gaúcha, com suas características socioeconômicas e topológicas específicas, como destacado pelos dicionários regionalistas.

A seguir, o Quadro 11 traz os registros do vocábulo ‘capital’.

Quadro 11 – Ficha lexicográfica de ‘capital’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Diz-se do que é principal, fundamental [+ a, em, para: Atividades capitais ao /em /para nosso desenvolvimento econômico]. 2. P.us. Ref. a cabeça. 3. Que acarreta morte (pena capital). 4. Cidade onde fica a sede da administração de um país, estado etc. 5. Fig. Lugar que é o ponto de convergência (de uma atividade, religião etc.): Meca é a capital do islamismo. 6. Letra maiúscula; VERSAL. 7. Econ. Conjunto dos bens disponíveis, riqueza; RIQUEZA [Tb. fig.: A saúde é o nosso maior capital]. 8. Econ. O total desses bens aplicáveis à produção e à geração de renda. 9. Econ. Patrimônio de uma empresa, que se constitui de, ou pode ser convertido em dinheiro. [Pl.: -tais]. [Do lat. capitale(m)].
Aurélio	1. De relevo, principal, fundamental. 2. Bens disponíveis, patrimônio. 3. Parte de dívida, excluindo os juros (FERREIRA, 2009, p. 294).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O vocábulo ‘capital’, nas obras lexicográficas pesquisadas, encontra-se apenas registrado nos dicionários de língua geral, com distintos significados. Embora os dicionários regionalistas não registrem o item, a ocorrência em “E o Guaíba te dá um pôr do sol lá na **capital**” (canção *Eu sou do sul*) pode ser interpretada em seu sentido restrito: no contexto específico de tratar-se da capital do estado gaúcho, ou seja, Porto Alegre. Contudo, essa interpretação é possível quando um sujeito receptor da canção associa o hino entoado na letra

enaltecendo o Rio Grande Sul; em uma leitura mais genérica, pode significar apenas a “cidade onde fica a sede da administração de um estado ou país”, como registra o Aulete.

O vocábulo ‘fronteira’, bem como seus registros, estão dispostos no Quadro 12.

Quadro 12 – Ficha lexicográfica de ‘fronteira’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Linha divisória entre territórios ou países; DIVISA; LIMITE. 2. Região próxima a essa divisa. 3. Soc. Separação, divisão ou diferença entre os vários grupos sociais. 4. O ponto máximo a que se pode chegar: A imaginação não tem fronteiras. 5. Fig. Limite entre dois espaços físicos ou conceituais (fronteira da resistência). [Do fr. <i>frontière</i> .]
Aurélio	1. Limite que demarca um país e separa de outro. 2. Área contígua a esse limite. 3. Raia, termo limite. 4. Região de separação entre um sistema físico e a sua região externa. 5. Totalidade de pontos existentes nas linhas fronteiriças de um conjunto, contorno (FERREIRA, 2009, p.932).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Limite do terreno ocupado por um país ou região que confina com outro (OLIVEIRA, 2003, p.134).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verificamos, no caso do item ‘fronteira’, que tanto os dicionários de língua geral como os regionalistas trazem acepções genéricas. Por estar aplicado a um determinado contexto, nas letras das canções, quando esse item é citado, geralmente refere-se a uma fronteira específica: a Brasil/Argentina e Brasil/Uruguai.

Assim, temos o exemplono enunciado: “A **fronteira** los hermanos, É prenda cavalo e canha” (canção *Eu sou do sul*). Nesse caso, a “fronteira” citada tem o sentido registrado nas obras regionalistas, embora assuma também outras possibilidades de interpretação, como uma região cultural que carrega hábitos e crenças particulares, tais como a música, as festas e atividades cotidianas (cavalo e canha podem lembrar a vida campeira que tem uma presença muito forte desses itens).

Os registros de ‘lugar’ constam no Quadro 13.

Quadro 13 – Ficha lexicográfica de ‘lugar’

Dicionários	Definições
Aulete	<ol style="list-style-type: none"> 1. Espaço determinado; SÍTIO: Aguardou o ônibus no lugar habitual. 2. Posição no espaço ocupada ou que pode ocupar alguém ou algo: Há lugar para duas camas no quarto. 3. Assento determinado: Havia oito lugares na mesa. 4. Área própria para ser ocupada por alguém ou alguma coisa: lugar para bicicletas: lugar para descansar: lugar para férias. 5. Posição, colocação numa classificação, escala ou hierarquia: Conseguiu o primeiro lugar no vestibular. 6. Fig. Emprego, cargo: O rapaz procurava um lugar no comércio. 7. País, cidade, região não especificada: Viajou por vários lugares do mundo. 8. Local frequentado por certas pessoas; AMBIENTE: Entrou num lugar enfumaçado e suspeito. 9. Posição, situação adequada a alguém: Estudando muito, chegou ao lugar que queria. 10. Fig. Momento próprio; OCASIÃO; OPORTUNIDADE: Controlou-se para não dar lugar a brigas. 11. Posição, posto: O porteiro não estava em seu lugar. 12. Geom. Conjunto de pontos que se caracterizam por uma ou mais propriedades. 13. Espaço adequado para determinada finalidade: Esse é o lugar ideal para colocar a cama! 14. Categoria a que se pertence; posição que habitualmente se ocupa: Pare de discutir e mantenha-se em seu lugar! 15. Oportunidade, ocasião: Não dava lugar, em seu coração, a sentimentos negativos. 16. Trecho de um livro, narrativa, filme etc.: Parei de ler naquele lugar que você marcou! 17. Direção, caminho, destino: Escolheu um lugar para sair e foi embora. 18. Localidade, circunvizinhança: Quer ia visitar Paris e os lugares próximos. [Do lat. localis, de locus. Hom./Par.: lugar (sm.), lugar (sm.). Ideia de 'lugar': coro -, loc(o)- e top (o)-; -coro, -topia e -topo.]
Aurélio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Parte delimitada de um espaço, local, sítio, região. 2. Lugar onde se está ou deveria estar, posto, posição, ponto. 3. Posição, posto considerado apropriado para alguém ou como lhe sendo devido. 4. Local frequentado por uma certa classe de pessoas, roda, ambiente (FERREIRA, 2009, p. 1200).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O item ‘lugar’ pode ser considerado genérico e utilizado como hiperônimo em diversos casos. Por esse motivo, talvez não apareçam registros nos dicionários regionalistas, apenas nos de língua geral.

Em “Você que não conhece meu estado / Está convidado a ser feliz neste **lugar**” (*Eu sou do sul*), o item “lugar” pode referir-se ao estado do Rio Grande do Sul, ou, ainda, estar relacionado ao local de origem ou onde se vive, já que o contexto da letra pressupõe um espaço específico.

O Quadro 14 apresenta as entradas lexicográficas do item ‘estado’.

Quadro 14 – Ficha lexicográfica de ‘estado’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Condição de uma pessoa ou coisa em determinado momento: A menina ficou em estado de choque; a bicicleta está em bom estado de conservação. 2. Modo de ser ou estar: estado de calamidade pública. 3. Modo de existir na sociedade (estado civil, estado de direito); CONDIÇÃO; SITUAÇÃO. 4. As condições físicas e psicológicas de uma pessoa (estado de saúde, estado mental). 5. Situação de um grupo numa sociedade ou da sociedade em geral: Abolicionistas combatiam o estado de escravidão. 6. Cada uma das divisões político-geográficas de uma nação: O Amazonas é o maior estado brasileiro. 7. Nação com estrutura própria e organização política [Com inicial maiúsc. nesta acp.]. 8. O conjunto das instituições (governo, congresso, forças armadas, poder judiciário etc.) que administram uma nação: A máquina administrativa do Estado. [Com inicial maiúsc. nesta acp.]. 9. Regime político (estado democrático). 10. Luxo, pompa, fausto: Levava a vida em alto estado, quando os pais eram vivos. 11. Fís. Forma de apresentação da matéria, de acordo com a sua estrutura molecular: a água encontra-se na natureza em três estados: sólido, líquido e gasoso. 12. Grav. Cada uma das fases da execução de uma gravura. 13. Mús. Classificação de um acorde a partir da nota que ocupa o baixo. 14. Inventário, rol (de bens, despesas etc.): O estado dos bens da família. [Do lat. status,us].
Aurélio	1. Conjunto de qualidades ou características com que as coisas se apresentam, conjunto de condições em que se encontram em determinado momento. 2. Condição física de uma pessoa ou animal, ou de alguma parte de seu corpo. 3. Divisão territorial de determinados países (FERREIRA, 2009, p.827).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas obras lexicográficas de língua geral em que aparece a entrada ‘estado’, notamos que a definição é genérica e assume o contexto de limites geográficos. No entanto, nas canções selecionadas para esta pesquisa, ‘estado’ pode estar vinculado a um estado específico do país, o RS, como disposto no enunciado: “Você que não conhece meu **estado** / Está convidado a ser feliz neste lugar” (canção *Eu sou do sul*).

Podemos identificar um caso anafórico, em que é estabelecida a relação com o estado gaúcho; no entanto, essa interpretação pode ser mais sensível àqueles indivíduos consumidores de canções desse gênero. Ainda, nos versos podem ser lidas características de afetividade nos trechos, devido ao uso do pronome possessivo “meu”, que de certa forma atribui proximidade.

A ficha lexicográfica correspondente ao vocábulo ‘litoral’ está disposta no Quadro 15.

Quadro 15 – Ficha lexicográfica de ‘litoral’

Dicionários	Definições
Aulete	1. O mesmo que litorâneo. 2. Zona de contato entre a terra e o mar; COSTA. 3. Conjunto de costas de um país (o litoral brasileiro).
Aurélio	1. Relativo ou pertencente à beira-mar. 2. Região banhada pelo mar ou situada à beira-mar; costa. 3. Praia (FERREIRA, 2009, p. 1189).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os registros lexicográficos de ‘litoral’ nas obras de língua geral mantêm-se aproximados ao definir “litoral” como “região à beira-mar”. Já os dicionários regionalistas não o trazem registrado.

Em “A serra te dá o vinho,/ O **litoral** te dá carinho”, na canção *Eu sou do sul*, ‘litoral’ é citado com sentido específico, dado o contexto da letra, significando o litoral gaúcho. Para além disso, esse sentido só pode ser construído a partir do contexto da canção e conta, ainda, com as relações entre texto e conhecimento enciclopédico que o leitor precisa fazer para, então, interpretar dessa forma.

O Quadro 16 traz os registros lexicográficos de ‘pago’.

Quadro 16 – Ficha lexicográfica de ‘pago’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Que se pagou, ou pelo que se pagou a devida quantia (coisa comprada, serviço, imposto, multa etc.). 2. Que é dado ou entregue em pagamento (quantia paga). 3. Que não se dá ou se recebe de graça; pelo qual se deve pagar: Este é um serviço pago. 4. Que recebe ou recebeu pagamento (salário etc.) pelo trabalho; RECOMPENSADO; REMUNERADO. 5. Fig. Que teve ofensa ou injúria reparada; DESFORRADO; VINGADO: Sentiu-se pago com a prisão do ladrão que o roubara. Pago2 (pa.go) sm. 1. RS Localidade em que alguém nasceu; QUERÊNCIA; RINCÃO [Mais us. no pl.]. 2. P.us. Pequeno povoado; ALDEIA. [F.: Do lat. Pagus, i. Ideia de: pagan – e pais -].
Aurélio	1. Pequena povoação, aldeia; 2. Que recebeu pagamento, remunerado; 3. Lugar de nascimento, cidade, município, região natal, rincão, querência (FERREIRA, 2009, p. 1412).
Bossle	Pagos. (Embora <i>pago</i> seja constantemente usado como sinônimo de querência, significa o lugar onde se nasceu ao passo que <i>querência</i> é o lugar onde se vive). Usa-se geralmente no plural (BOSSLE, 2003, p. 366).
Oliveira	O lugar natal; o rincão, a querência, o povoado, o município onde alguém nasceu (OLIVEIRA, 2010, p. 194).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os registros de ‘pago’ trazem similaridades em suas definições, ao passo que todos convergem para o sentido de local de origem. No entanto, o dicionário Bossle (2003) apresenta a diferença de uso entre ‘pago’ e ‘pagos’.

Em “Para os **pagos** no momento de morrer” (canção *Canto alegretense*), o vocábulo “pago” pode ser interpretado, como sugerem os sentidos destacados nas obras lexicográficas, lugar de origem ou espaço onde se estabeleceu vínculos e afetividade. No entanto, mais genericamente, pode ser interpretado como um espaço geográfico qualquer.

O Quadro 17 apresenta os registros lexicográficos do vocábulo ‘província’.

Quadro 17 – Ficha lexicográfica de ‘província’

Dicionários	Definições
Aulete	<ol style="list-style-type: none"> 1. Subdivisão territorial, política e administrativa adotada em alguns países. 2. Cidade ou região afastada da capital. 3. No Brasil, durante o Segundo Reinado, cada uma das grandes divisões administrativas do país, governada por um presidente. 4. O conjunto das regiões do interior de um país, em oposição à capital. 5. O conjunto dos habitantes da província. 6. Ecles. O conjunto dos conventos e conventuais, em um país, de uma ordem religiosa. 7. Ecles. A totalidade da jurisdição de uma metrópole. 8. Hist. Na Roma antiga, termo designativo de país ou extensa região conquistada pelos romanos fora da Itália. 9. Lus. Em Portugal, região caracterizada pela presença de habitantes de origem étnica e tradições diferentes da maioria das regiões. <p>[F.: Do lat. provincia, ae.]</p>
Aurélio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Subdivisão de um país, um império. 2. No Brasil imperial, cada uma das grandes divisões administrativas que era governada por um presidente (FERREIRA, 2009, p. 1569).
Bossle	Nome dado à República Oriental do Uruguai, por ter sido uma antiga província do Brasil (BOSSLE, 2003, p. 417).
Oliveira	Denominação que ainda nos dias de hoje se dá ao Estado Oriental do Uruguai (OLIVEIRA, 2010, p. 218).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos registros das obras lexicográficas, observamos que ‘província’ pode ser vista tanto como uma subdivisão territorial de um país (nas obras de língua geral), assim como se referir especificamente à região que atualmente é o Uruguai (nas obras regionalistas).

No trecho destacado da canção *Querência amada*, “Da **província** de São Pedro”, o item “província” está acompanhado pela locução adjetiva “de São Pedro”, o que possibilita uma referência ao estado do Rio Grande do Sul. Contudo, essa interpretação só será possível quando o indivíduo leitor acessar conhecimento enciclopédico e estabelecer as diversas relações histórico-culturais em que o estado gaúcho esteve envolvido ao longo de séculos.

No Quadro 18, apresentamos os registros de ‘quebrada’ nas obras lexicográficas pesquisadas.

Quadro 18 – Ficha lexicográfica de ‘quebrada’

Dicionários	Definições
Aulete	<ol style="list-style-type: none"> 1. Declive ou aclive em monte ou em terreno ondulado; LADEIRA. 2. Bras. Curva em estrada. 3. Depressão estreita e profunda em terreno, cadeia montanhosa etc., ger. produzida por erosão da água. 4. Lugar afastado.
Aurélio	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cada um dos aclives ou declives de um terreno ondulado. 2. V. vertente (3): "o som medonho, ululante e extenso, desvanecia-se de quebrada em quebrada, como a voz portentosa do trovão." (Texeira de Queirós, Comédia do Campo, I, p. 212). 3. Anfractuosidade do terreno produzida pela água; desbarrancado, esbarrancada, esbarrancado. 4. Bras. Brecha. 5. Bras.S. Curva da estrada. 6. Bras. S. Qualquer curva nos limites externos de um capão. 7. Lugar ermo, afastado. 8. CAbo-verd. Desmoronamento violento de terras e rochedos: "Foi então a quebrada, com o seu fragor de trovão - o desabar de rocha e cascalheira, como se toda a vertente do barranco, do lado da casa do pai, esboroasse." (Manuel Lopes, Os Flagelados do Vento Leste, p. 135.) (FERREIRA, 2009, p. 415).
Bossle	<ol style="list-style-type: none"> 1 Depressão de terreno. 2. Curva do caminho ou da estrada (BOSSLE, 2003, p. 424).
Oliveira	<ol style="list-style-type: none"> 1. Curva da estrada. 2. Qualquer curva nas pontas de um pequeno mato ou capão (OLIVEIRA, 2010, p. 221).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observamos que tanto os dicionários de língua geral quanto os regionalistas trazem um registro em comum para ‘quebrada’: “curva do caminho”. Para além disso, os registros dos dicionários de língua geral trazem outras definições, como “lugar afastado” ou “depressão estreita e profunda em terreno”.

No contexto da letra da canção *Canto alegretense*, “quebradas” é citado em “flor de tuna, camoatim de mel campeiro, Pedra moura das **quebradas** do Inhanduí” e, nesse caso, poderia assumir o sentido registrado pelos dicionários de língua geral como um “lugar afastado”; no entanto, trata-se, no âmbito da letra, especificamente de um espaço (ou localidade) da cidade de Alegrete, já que se liga à locução adjetiva “do Inhanduí”, referente ao rio que está localizado na região.

As definições de ‘querência’ estão dispostas na ficha lexicográfica correspondente ao Quadro 19.

Quadro 19 – Ficha lexicográfica de ‘querência’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Local de criação ao qual os animais se apegam por instinto. 2. Terra natal. [Do plat. <i>querencia</i>].
Aurélio	1. Lugar onde o animal foi criado ou onde se acostumou a pastar, e para o qual volta, por instinto se dali foi afastado. 2. Local onde se nasceu, criou ou se acostumou a viver, pago, pátria, rincão, torrão. 3. Ponto de reunião habitual dos colegas de uma roda social (FERREIRA, 2009, p. 1591).
Bossle	1. Lugar onde nasceu ou se acostumou a viver uma pessoa, ao qual procura voltar quando ele se afasta. 2. Pagos, torrão, rincão; fogão, lar. 3. Lugar onde o gado foi criado e ao qual se afeiçoou (aplica-se também aos demais animais) (BOSSLE, 2003, p. 427).
Oliveira	1. Lugar ou parapeiro onde o gado habitualmente pasta ou come sal, ou onde foi criado. 2. Local de nascimento ou residência de uma pessoa. O mesmo que <i>pago</i> , <i>fogão</i> (OLIVEIRA, 2010, p. 222).

Fonte: Elaborado pelo autor.

As entradas lexicográficas de ‘querência’, nas obras consultadas, trazem características em comum: lugar onde se nasce ou se acostuma a viver. Essa definição pode ser percebida em alguns enunciados da canção *Querência amada*: “Da província de São Pedro, Padroeiro da **querência**” e “**Querência** amada dos parrerais”.

Nos enunciados das canções podemos estabelecer uma referência com o estado do Rio Grande do Sul. No primeiro caso temos uma “querência” onde “São Pedro” é padroeiro e, nesse sentido, historicamente o RS tem o santo como padroeiro, o que permitiu, por longo período, que o estado fosse chamado de “província de São Pedro”. Já no segundo, a locução adjetiva “dos parrerais” remete, metonimicamente, também ao estado gaúcho, pela viticultura.

No Quadro 20, dispomos as entradas lexicográficas de ‘Rio Grande’.

Quadro 20 – Ficha lexicográfica de ‘Rio Grande’

Dicionários	Definições
Aulete	Não consta.
Aurélio	Não consta.
Bossle	1. Antiga denominação do Estado do Rio Grande do Sul. 2. O Rio Grande do Sul, atual (BOSSLE, 2003, p. 447).
Oliveira	Antigo nome do Estado do Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2010, p. 233).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Constando apenas nas obras lexicográficas regionalistas, o item ‘Rio Grande’ faz referência ao estado do Rio Grande do Sul, tal qual é apresentado nas canções, como observamos: “Ó meu **Rio Grande** de encantos mil / Disposto a tudo pelo Brasil” (canção *Querência amada*).

O Quadro 21 corresponde à ficha lexicográfica do vocábulo ‘serra’.

Quadro 21 – Ficha lexicográfica de ‘serra’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Ferramenta cortante provida de lâmina ou disco de aço dentado, com que se corta madeira, metal, plástico etc. 2. A lâmina ou disco dessa ferramenta. 3. Fig. Cadeia de montanhas. 4. Lugar (cidade, sítio, casa) que se situa em região serrana: Passou as férias na serra. 5. Fig. Montão, pilha muito grande. 6. Ict. Nome de vários peixes perciformes da família dos escombrídeos, de espinhos nas nadadeiras que lembram os dentes de uma serra. [Do lat. serra, ae.].
Aurélio	1. Instrumento ou máquina de cortar madeira, metal pedra, etc., por fricção continuada, constituído essencialmente por lâmina fina e chata, ou disco de aço; 2. Longa extensão de montanhas, montes ou penedias com picos e quebradas (FERREIRA, 2009, p.1735).
Bossle	Mato longo e estreito, em terreno acidentado, que segue as duas margens dos rios ou arroios (BOSSLE, 2003, p. 507).
Oliveira	Mato estreito que segue as duas margens dos rios ou arroios (OLIVEIRA, 2010, p. 243).

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do disposto na ficha lexicográfica supramencionada, o item ‘serra’ está registrado tanto nas obras de língua geral quanto nas regionalistas, fazendo menção a características geológicas. No entanto, as leituras e interpretações possíveis do uso na canção *Eu sou do sul*, em “A **serra** te dá o vinho”, podem fazer com que ‘serra’ signifique uma região específica do Rio Grande do Sul, espaço com um acidente geográfico no nordeste do estado, colonizada por imigrantes italianos e alemães, reconhecida também como a terra do vinho.

O Quadro 22 dispõe dos registros lexicográficos de ‘sul’.

Quadro 22 – Ficha lexicográfica de ‘sul’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Astr. Direção, no globo terrestre, da extremidade do eixo de rotação da Terra, no sentido do equador para o hemisfério em que se localiza a América do Sul, a Oceania etc. 2. Região do ponto situado ao sul, em relação ao equador ou a ponto, área etc. tomados como referência: o sul da Europa: o sul do Brasil. 3. Geog. O ponto cardeal que indica a direção sul. 4. Ref. Ao ou que vem do sul (latitude sul). 5. Que se situa ao sul ou na parte mais baixa: na margem sul do rio Nilo [Pl.: suis]. [F.: Do anglo-saxão suth, pelo fr. Sud. Hom./Par.: suis (pl.), sues (fl. De suar).] Sul2 1. Bras. Geog. Uma das cinco regiões em que é dividido o Brasil; compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.: Nevou no Sul. [Ger. Com inicial maiusc.] [F.: Do anglo-saxão suth, pelo fr. Sud.].
Aurélio	1. Direção, na esfera celeste, do polo do eixo da Terra oposto ao norte. 2. O polo Sul. 3. Relativo ao sul. 4. Que ou que se situa ao sul (FERREIRA, 2009, p. 1787).
Bossle	1. Região Sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. 2. Relativo ao Sul (BOSSLE, 2003, p. 516)
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre as definições que o dicionário Aulete traz para ‘sul’, consideramos duas importantes de pontuar: “ponto cardeal” ou “região do Brasil”. Já o Aurélio faz um registro aproximado ao Aulete, relacionando ‘sul’ como ponto cardeal. O dicionário regionalista propõe o sentido apenas como região do Brasil composta por três estados.

Na canção em que é citado, “Eu sou do **sul**, sou do **sul**” (*Eu sou do sul*), “sul” pode ser lido não apenas como ponto cardeal ou hemisfério, mas como o estado do Rio Grande do Sul. Nesse caso, a interpretação só é possível, por meio de um processo metonímico, que o sujeito leitor pode realizar ao acessar seu conhecimento enciclopédico e constatar a relação região sul do país → Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul → Rio Grande do Sul. Dentre os sujeitos leitores, pode-se verificar a forte tendência que tradicionalistas, por exemplo, têm de utilizar o TODO (sul) para representar a PARTE (RS).

O Quadro 23 apresenta os registros lexicográficos de ‘terra’.

Quadro 23– Ficha lexicográfica de ‘terra’

Dicionários	Definições
Aulete	1. Parte sólida da superfície do planeta em que vivemos: terra à vista. 2. Chão, solo (deslizamento de terra). 3. A parte branda do solo que produz os vegetais: lavrar a terra. 4. Lugar em que se nasceu ou em que se vive: O Ceará é a minha terra. 5. Localidade, povoação: Ele sempre viaja para aquelas terras. 6. Terreno, fazenda ou propriedade rústica: Comprou umas terras para lá do rio. 7. Pó, poeira: Quanta terra ele trouxe da rua! 8. Os habitantes de um dado lugar: Toda a terra festejou o dia de seu padroeiro. 9. Campo, terreno, planície. 10. Território, país, região. 11. O mundo; a vida temporal: Os prazeres da terra são efêmeros. 12. Elet. Ponto de contato de um circuito com o solo. 13. Cova, sepultura: dar um corpo à terra. 14. Esc. Argila, barro us. por escultores. 15. Alq. Para os alquimistas, um dos quatro elementos. [F.: Do lat. terra. Ideia de 'terra': ge(o)- (geologia); telur(i/o)- (telúrico); terr- (território)].
Aurélio	1. Planeta do sistema solar, o terceiro quanto à proximidade do Sol. 2. Grande extensão de terreno, plano, planície (FERREIRA, 2009, p. 1834).
Bossle	Não consta.
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O item ‘terra’ encontra-se dicionarizado nas obras de língua geral com definições que vão desde solo (ou chão), a território (ou região), ou até mesmo planeta. Enquanto isso, as obras regionalistas não trazem registros.

Destacamos, a seguir, os enunciados em que o vocábulo ‘terra’ é utilizado nas canções selecionadas para a pesquisa:

(a) “**Terra** de Getúlio Vargas” (*Querência amada*).

(b) “Houve um canto gauchesco e brasileiro / desta **terra** que eu amei desde guri” (*Canto alegretense*).

(c) “A minha **terra** tem um céu azul / É só olhar e ver” (*Eu sou do sul*).

Nas ocorrências (a) e (b) podemos perceber recursos metonímicos para significar Rio Grande do Sul, utilizando a PARTE (municípios gaúchos) para representar o TODO, em um processo complexo: (a) [Terra de Getúlio Vargas → São Borja → RS] e (b) [Terra → Alegrete → RS].

O Quadro 24 apresenta os registros de ‘torrão’.

Quadro 24 – Ficha lexicográfica de ‘torrão’

Dicionário	Definição
Aulete	1. Pedaco de terra endurecida. 2. P.ext. Solo, terreno cultivável; GLEBA: O torrão que produz este vinho é excelente. 3. P.ext. Grande extensão de terra. 4. Fragmento, pedaco. 5. Restr. Pedaco de alguma coisa que se desfaz facilmente (torrão de açúcar). 6. A terra, o lugar de origem (torrão natal); PÁTRIA. 7. O local em que um vegetal se desenvolveu: "A corrente impiedosa a flor enleia, leva-a do seu torrão" (Gonçalves Dias). 8. Amaz. Baixio de argila. [Pl.: -rões.].
Aurélio	1. Pedaco de terra aglutinada, mais ou menos endurecida. 2. Gleba, terreno, solo próprio para cultura. 3. Território, extensão considerável de terra (FERREIRA, 2009, p. 1858).
Bossle	Lugar do nascimento de alguém; pagos, querência, rincão, lar: <i>torrão</i> gaúcho (BOSSLE, 2003, p. 500).
Oliveira	Não consta.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nas obras lexicográficas de língua geral consultadas, ‘torrão’ está registrado como um “pedaco de terra”, referindo o solo. Quanto às obras regionalistas, o item é registrado apenas por Bossle (2003), que define como “lugar de nascimento de alguém”, ou ainda, como possível sinônimo de ‘pago’, ‘querência’, ‘rincão’ ou ‘lar’. Esse registro se aproxima muito da ocorrência do trecho destacado de *Querência amada*: “Te quero tanto **torrão** gaúcho”.

A pesquisa lexicográfica aqui delineada apresentou os registros dos vocábulos destacados nas canções que fazem parte tanto do instrumento de questionário quanto do de entrevista. Além disso, descrevemos brevemente as relações entre os sentidos registrados nos dicionários e as ocorrências nas canções selecionadas. Em certa medida, já notamos que nem sempre os dicionários contemplam os sentidos dos vocábulos, quando esses se encontram em uso, o que predispõe à hipótese da construção de sentidos para além até mesmo de registros lexicográficos.

Desse modo, pensar em questões como metáfora e metonímia conceitual, bem como o tratamento da polissemia, podem auxiliar a sistematizar e ampliar as discussões tanto sobre o fazer lexicográfico quanto o uso de dicionários para diferentes fins. Então, pesquisas na área da Linguística Cognitiva, como a aqui realizada, podem “também sugerir formas de lidar com as relações entre os significados de um item lexical que vão além da prática comum” (GEERAERTS, 2009, p. 72).

Em síntese, este levantamento lexicográfico foi realizado para mapear as acepções destacadas pelos dicionários com relação às quais serão comparadas tanto a análise das canções pelo analista (seção 3.3) como as respostas dos leitores informantes aos questionários e entrevistas (capítulo 4).

No capítulo seguinte discute-se o quadro teórico selecionado para esta pesquisa e, além disso, esses estudos são confrontados com uma análise introspectiva dos DEs destacados nas três canções aqui examinadas.

3 TERCEIRO ESPAÇO: LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS

A construção de sentidos se constitui como um fenômeno ubíquo entre as línguas, o que se torna um campo de múltiplos estudos para pesquisadores das diferentes teorias linguísticas¹⁸. Nesta tese trabalhamos com a ideia de leitura como interpretação, buscando subsídios nos estudos da Linguística Cognitiva para examinar, nas letras de canções gaúchas, as construções de sentido relevantes que afetam a compreensão leitora por parte do público receptor. Particularmente, no caso desta pesquisa, analisamos as ocorrências de polissemia a partir de itens lexicais que designam espacialidade, utilizados em canções gauchescas, para estudar como a construção de sentidos, apresentada por parte de indivíduos de diferentes grupos, implica em questões de interpretação leitora.

Concomitantemente, pensamos também na pesquisa lexicográfica realizada no capítulo anterior, nas características de prototipicidade do dicionário e, por outro lado, em que medida podemos compreender o processo de indeterminância do sentido e seus múltiplos fatores.

Na esteira dessas ideias, este capítulo tem a finalidade de apresentar o aporte teórico utilizado na pesquisa aqui descrita, discutindo alguns aspectos da Linguística Cognitiva e, em seus desdobramentos, da Semântica Cognitiva (SC), em relação ao processo de construção de sentidos e de interpretação. Para tanto, há três discussões desenvolvidas em três seções diferentes.

A primeira seção (3.1) discute as noções de espacialidade em suas interfaces com os estudos de linguagem e cognição guiando-se pelos estudos de Fortis (1996), Lakoff e Johnson (2002) e Teixeira (2001).

A segunda seção (3.2) tem o objetivo de refletir sobre as discussões em torno dos conceitos-chave para as análises dos dados gerados; essa reflexão é feita em quatro subseções. Na primeira (3.2.1), apresentamos e descrevemos a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC), a partir da proposta de Evans (2009). A segunda subseção (3.2.2) aborda os conceitos de polissemia no âmbito da Linguística Cognitiva, a partir dos estudos de Blank (1999), Croft e Cruse (2004) Geeraerts (2009), Evans (2009), Silva (2010) e Taylor (2009). A terceira subseção (3.2.3) trata sobre *frames* e Modelos Cognitivos, com base em Evans (2009), Fillmore (2009) e Geeraerts (2009). Por fim, a quarta subseção (3.2.4) discute os

¹⁸ Dentre os pesquisadores, destacamos as investigações de Bréal (1897), Ullmann (1951), Langacker (1987) e Lakoff e Johnson (1980; 1999), que fizeram contribuições significativas para os estudos de Semântica.

estudos de metonímia entre as investigações da LC e da SC, a partir de autores como Barcelona (2003), Evans (2009), Panther e Thornburg (2007), Panther (2006) e Taylor (2009).

A terceira seção (3.3) apresenta as análises realizadas pelo pesquisador, a partir de sua perspectiva (introspectiva), interpretando os designadores em seus respectivos contextos nas canções, conforme as abordagens teóricas descritas ao longo das seções anteriores (3.1 e 3.2).

3.1 As noções de espacialidade: corporeidade

Discutir o papel do espaço na vida do ser humano torna-se uma tarefa árdua diante dos diferentes atravessamentos de distintas áreas que tentam refletir sobre o tema. No entanto, nesta seção nos dedicamos a apresentar e a discutir alguns conceitos e reflexões em torno da espacialidade, dando ênfase à tese de que, em primeira instância, é nosso corpo que determina as noções de espacialidade e, a partir disso, é que se lê e se interpreta o mundo.

A Linguística Cognitiva tem seu impulso de estudos a partir da publicação de *Metáforas da vida cotidiana*, de Lakoff e Jhonson, em 1980. Nessa obra, os autores defendem a existência de uma mente conceitual, conexcionista e de base corpórea, contrariando os pressupostos defendidos por Noam Chomsky¹⁹. Para Pelosi (2014):

Nesse respeito, basta lembrarmos das dificuldades enfrentadas pela teoria gerativa padrão lançada em meados dos anos 50, por Chomsky. A ênfase na sintaxe como componente central da sua gramática gerativo-transformacional trouxe sérias limitações à proposta gerativista, visto que a evidência reunida a partir de experimentos psicolinguísticos consistentemente indicou que, na compreensão e no processamento de sentenças, as pessoas antes de se limitarem estritamente a aspectos sintáticos, como propunha Chomsky, faziam uso de fatores de ordem semântica, intencionais (crenças, propósitos comunicativos, pressupostos) e pragmático-discursivos (PELOSI, 2014, p. 11).

Partindo do pensamento que a abordagem formal da linguagem apresenta os elementos da nossa vida mental como primitivos, pode-se afirmar que o fundador da Linguística Cognitiva, essa nova proposta, teve início com o norte americano Noam Chomsky, que formou uma escola gerativista, pois verificou a linguagem como um sistema de conhecimento autônomo. No entanto, notou que esse princípio estava restringido apenas em futuras hipóteses sobre a variação na estrutura da língua, que se manifestava como universal e limitava a abordagem em questões biológicas.

¹⁹ Avram Noam Chomsky nasceu na Filadélfia, 7 de dezembro de 1928, é um linguista, filósofo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano, reverenciado em âmbito acadêmico e conhecido como "o pai da linguística moderna". Chomsky é Professor Emérito em Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, e teve seu nome associado à criação da gramática generativa transformacional.

No entanto, um novo grupo de pesquisadores (Langacker, Lakoff, Lakoff e Jhonson e Talmy) se configuram opostamente ao gerativismo e buscaram novos questionamentos acerca da estrutura linguística, o que acarretou a uma nova direção para o fenômeno da linguagem, com base na temática sobre o fenômeno da metáfora e da metonímia (SILVA, 2010). Nesse contexto, Pelosi (2014) explica:

Quanto à relação entre linguagem e pensamento, a LC afirma que a linguagem, longe de ser uma faculdade inata e autônoma em relação aos demais sistemas cognitivos, conforme o posicionamento objetivista, é uma das manifestações cognitivas no homem e como tal se baseia na experiência do indivíduo com o mundo, não tendo existência autônoma, mas estando vinculada a outras capacidades cognitivas voltadas para diversos propósitos. Assim, não se pode estabelecer uma dicotomia entre sintaxe /semântica /sistemas perceptuais/sistemas conceituais (PELOSI, 2014, p. 23).

Assim, o novo grupo apresentou um outro posicionamento devido a análises sobre a “tradição do inatismo quando referente a linguagem”, pois acreditavam que a linguagem não constitui um componente autônomo da mente, mais que a língua está interligada no fenômeno da linguagem, dessa forma, apresenta a ideia da não necessidade de separação dos conhecimentos linguístico de conhecimento não-linguístico, afinal não há métodos de explicar a língua como auto suficiente, pelo contrário viu o quão fundamental deve-se levar os processos de pensamento subjacentes, utilizando estruturas linguísticas e seu contexto real em que se constroem as reais estruturas.

Algumas experiências físicas não são inerentes ao tipo de corpo que temos, por isso que envolvem certos pressupostos culturais. Diante disso, Lakoff e Jhonson (1980) expõem que as metáforas orientacionais estrutura-se de acordo com algumas orientações, pelo modo como os nossos corpos funcionam no nosso ambiente físico, apresentam, então, uma ideia em forma de lista, de como cada conceito metafórico pode ter surgido de nossa experiência física ou cultural:

- a) FELIZ E PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO (p. 60). Base física: postura caída corresponde a tristeza e depressão, postura ereta corresponde a um estado emocional positivo.
- b) SAÚDE E VIDA PARA CIMA; TRISTEZA E MORTE PARA BAIXO (p.61). Base física: doenças graves forçam você a ficar deitado. Ao morrer, ficamos deitados.
- c) MAIS E PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO (p.62). Base física: se acrescentamos uma quantidade de uma substância ou de objetos físicos em um recipiente ou pilha, o nível sobe.

- d) RACIOCÍNIO PARA CIMA; EMOCIONAL PARA BAIXO (p. 64). Base física e cultural: em nossa cultura, as pessoas se veem como tendo o controle sobre os animais, as plantas e seu ambiente físico, e é a capacidade específica humana de raciocínio que coloca os seres humanos acima dos outros animais e lhes proporciona esse controle.

De uma maneira geral, as metáforas orientacionais estão ligadas à espacialidade e fornecem uma base extraordinariamente rica para a compreensão de conceitos em termos orientacionais, auxiliando a compreender que o sistema conceitual do homem emerge da sua experiência em termos de objetos e substâncias em relação ao mundo.

Na Filosofia, Martin Heidegger constrói uma ideia de espacialidade em torno dos verbos *construir* e *habitar*: ser homem significa habitar, o homem é à medida que habita e, ao habitar, constrói, edifica, cuida, cultiva, transformando espaços. Na medida em que estamos em um espaço, habitamos, e ao habitar, construímos, o que permite refletir que também somos no espaço que habitamos e esse espaço é aquilo que construímos. Assim, construir como habitar é “estar na terra, para a experiência cotidiana do ser humano” (HEIDEGGER, p. 142), ou seja, está relacionado intimamente com as experiências de corpo.

Dentre os estudos entre linguagem e cognição, destacamos aqui as contribuições de Fortis (1996), Lakoff e Johnson (2002) e Teixeira (2001), que discutem a espacialidade tendo como base a corporeidade.

Conforme Teixeira (2001), a humanidade tem dois construtos imagéticos supremos: o espaço e a palavra. A ideia de espacialidade está relacionada à ideia veiculada pela ideologia criacionista, de que Deus criou “os céus e a terra” e, diante disso, a ideia de espaço existe. Já a palavra, também ligada a situações bíblicas, já que, conforme a introdução do Evangelho de São João, “o que há de mais sagrado só pode ser representado pelo Verbo (Palavra)” (TEIXEIRA, 2001, p. 162). Desse modo, as sociedades organizam o pensamento em torno do espaço e da palavra, como Teixeira (2001) explica:

O homem para dominar o espaço, mediu-o. Para o medir, projectou-se nele. E como se vê com três dimensões, atribui-as também ao espaço, que, como o homem, tem uma verticalidade/altura (*alto/baixo*), uma frontalidade/comprimento (*frente/trás*) e uma lateralidade/largura (*direita/esquerda*). A sua própria inserção no espaço forneceu a dimensão *dentro/fora*. Finalmente, armazenou nas palavras esta sua projeção-domínio do mesmo espaço (TEIXEIRA, 2001, p. 163).

Teixeira (2001)²⁰ defende que, apesar de a Semântica Cognitiva fazer uso dos aspectos da cognitividade humana, a teoria se constitui como uma teoria linguística. Assim, faz uso das conceptualizações e de como a ‘palavra’ pode suportar uma rede conceptual. De certa forma, em todas as comunidades a organização mental é similar, pois para elas “o corpo humano é um microcosmos simbólico com o qual posteriormente se vai medir e conceptualizar o mundo, organizando este quase como uma extensão daquele” (TEIXEIRA, 2001, p. 180).

No que se refere à espacialidade, Teixeira (2001) problematiza o uso de marcadores espaciais como *aqui-aí-ali-lá*, contrariando o posicionamento de Pontes (1992), que defende que há oposição espacial entre esses designadores que é apenas questão de distância métrica. Em contrapartida, o estudioso conclui:

O problema fica resolvido se atendermos aos aspectos cognitivos das experiências humanas. Estas, constantemente, provam que a posse e o acesso das coisas são dificultados por vários fatores, entre os quais **o mais frequente** é a distância. Mas esta é apenas uma das condicionantes da **acessibilidade**. E é esta última que constitui o verdadeiro factor do qual depende, entre outros, este quadro de marcadores espaciais (TEIXEIRA, 2001, p. 139).

Diante de tais conclusões, Teixeira (2001) explica que o marcador espacial que produz o sentido de acessibilidade é o *lá*, conforme os exemplos apresentados pelo autor:

Vocês sabem **lá** o que custa ser professor!
Sabes quantos carros passaram hoje por esta rua? R: sei **lá**..
Preferes esse? Tu **lá** sabes..
Mas é **lá** possível emagrecer trinta quilos num mês!
O senhor sabe **lá** para quem está a falar..
Podes **lá** com 200 quilos (TEIXEIRA, 2001, p. 139).

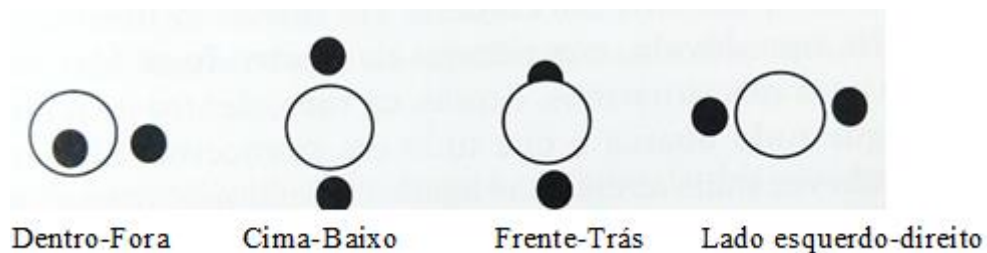
Nesse âmbito, o marcador *lá* revelaria um maior distanciamento em relação aos sujeitos inseridos no ato comunicativo. Outro fator ponderado por Teixeira (2001) é quanto à relação dos sujeitos em relação à construção de sentidos dos designadores espaciais, o que poderia implicar em afetividade, à medida que + ACESSIBILIDADE e + PROXIMIDADE geram + AFETIVIDADE. Nesse processo, em uma comunidade em que o espaço é substrato cultural, quanto maior a imersão nesse meio, maiores serão os níveis de afetividade.

Assim, os estudos em LC e SC defendem a linguagem como parte de uma mente corpórea, ou seja, usamos nossos processos mentais para significar e esses se dão por meio da aquisição de conhecimento tendo o corpo como referência. Lakoff e Johnson (2002), ao tratar sobre os processos metafóricos, defendem o corpo também como base para motivar

²⁰ Apesar de Teixeira (2001) desenvolver um trabalho utilizando como unidade de análise as preposições, sua investigação torna-se relevante nas discussões de espacialidade, como a aqui proposta.

metáforas, principalmente as orientacionais, que têm base em conceitos espaciais como: *para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de, fundo – raso, central – periférico*. O autor explica que “essas orientações espaciais decorrem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59). Na Figura 6, vê-se a representação das coordenadas espaciais.

Figura 6 - Representação das coordenadas espaciais



Fonte: Teixeira (2001, p. 174).

Para Teixeira (2001), a gravidade é que estrutura o modo como os seres humanos veem e interpretam o mundo, visto que, por exemplo, o eixo da verticalidade se apresenta na relação cima-baixo, orientando a ideia: “de baixo para cima”, onde “em baixo fica o negativo, a morte; em cima, o positivo, a vida” (TEIXEIRA, 2001, p. 176). Com base nessas ideias, Teixeira (2001)²¹ explica as relações entre homem, corpo e conhecimento:

A consciência mais profunda que o homem possui de si enquanto ser-no-mundo provém, necessariamente, da auto-consciência da sua fisicidade corpórea. O seu corpo é a visibilidade do seu eu e, por isso, a ponte com os outros elementos com os quais se inter-relaciona. Daí, o corpo humano ter sido, em todas as culturas, o objecto que serviu de padronização da realidade em que o homem vivia. Foi a partir do corpo que o homem sempre configurou a realidade (TEIXEIRA, 2001, p. 169).

É preciso considerar que, para a Semântica Cognitiva, “a dimensionalidade espacial dos objectos não é definitiva e uniforme, mas depende dos modelos mentais que traduzem o objecto” (TEIXEIRA, 2001, p. 142). Dessa forma, a dimensionalidade pode também variar, de modo que um objeto pode apenas ser interpretado em duas dimensões (verticalidade e horizontalidade). Para corroborar essa hipótese, Teixeira (2001) usa como exemplos peças do vestuário, como uma ‘camisola’, que pode ser vista a partir de seu comprimento ou largura.

²¹ Essas conclusões do autor baseiam-se nas investigações de diferentes autores, tais como Merleau-Ponty (1945) e Violi (1991).

Nesse âmbito, o espaço cognitivamente construído não pode ser visto como o espaço físico, estudado por diferentes áreas exatas, mas formula-se a partir de uma dimensão antropomorfizada, ou seja, tendo no homem o ponto de referência. Nesse processo, a língua “é vista como estando profundamente ligada às estruturas cognitivas que nos fornecem uma interpretação e uma “partição” do mundo em modelos mentais com os quais construímos aquilo que designamos por “pensamento”” (TEIXEIRA, 2001, p. 165).

Para Fortis (1996), as conceptualizações de espacialidade estão relacionadas a esquemas de imagens que os indivíduos constroem mentalmente, o que desencadearia noções como CONTÂINER, PARTE-TODO e CENTRO-PERIFERIA. Ainda, a construção de sentidos não pode ser limitada apenas ao ponto de vista linguístico, mas para além disso, tendo como base as relações do contexto, como o conhecimento de mundo que envolvem os sujeitos no ato de interação.

Transpondo para as noções de espacialidade, destacamos que a “corporização do espaço vai levar a que as línguas busquem, obrigatoriamente, na própria dimensionalidade corpórea os marcos referenciadores para as localizações linguísticas” (TEIXEIRA, 2001, p. 181).

Na seção seguinte discutimos as relações entre língua, semântica e cognição, bem como seus papéis no processo de leitura enquanto interpretação.

3.2 Língua, Semântica e Cognição

Não há como pensar em um processo de leitura enquanto interpretação sem refletir em como se dá a construção de sentidos. Interligam-se, dessa forma, leitura e semântica, pois “por mais que se tenha uma facilidade aparente com a construção e a interpretação de enunciados no nosso dia a dia, a natureza da composição semântica é um processo complexo e ilusório”²² (EVANS, 2009, p. 23).

Para Evans (2009), a construção do sentido ocorre na interface língua, comunicação e cognição e só pode ser estudado de modo frutífero em forma interdisciplinar, implicando em múltiplas pesquisas: Linguística Cognitiva, Antropologia Cognitiva, Análise do Discurso e a Sociolinguística (interacional) (para citar algumas).

A questão do significado é essencial nos estudos da linguagem. A Linguística Cognitiva, subárea das ciências cognitivas, teve seus estudos iniciados com base nas investigações sobre o fenômeno da metáfora, na década de 80, a partir das questões

²² No original: “that despite the apparent ease with which we construct and interpret utterances in our everyday lives, the nature of semantic composition is a deceptively complex process”.

levantadas por Fillmore e Fauconnier. Articulada à LC, a Semântica Cognitiva busca focalizar as estruturas lexicais, “prestando atenção, por um lado, a todas as formas de efeitos de prototipicidade no domínio semasiológico e, por outro lado, ao nível básico das hierarquias lexicais e outras formas de encrustamento conceptual no domínio onomasiológico” (SILVA, 2010, p. 31).

O Quadro 25 apresenta as contribuições das teorias semânticas nas investigações dos estudos da significação.

Quadro 25 - Contribuições das teorias semânticas

	Qualidade: entidades e relações	Quantidade: diferenças de saliências
Semasiologia	<p><i>Semântica Histórico-Filosófica:</i> mecanismos de mudança semântica.</p> <p><i>Semântica Neo-Generativa:</i> polissemia regular.</p> <p><i>Semântica Cognitiva:</i> Polissemia.</p>	<p><i>Semântica Cognitiva:</i> teoria do protótipo.</p>
Onomasiologia	<p><i>Semântica Estrutural:</i> campos lexicais, relações lexicais, relações sintagmáticas.</p> <p><i>Semântica Cognitiva:</i> quadros, metáforas e metonímias conceptuais.</p>	<p><i>Semântica Cognitiva:</i> nível básico de encrustamento.</p>

Fonte: Silva (2010, p. 30, adaptado).

Nesse contexto, cabe pensar nas questões propostas por Silva (2010): quando os usos de um vocábulo representam sentidos diferentes? Quantos sentidos possíveis podem ser atribuídos a um único item lexical? Como sentidos e vocábulos são relacionados? Como se configura a polissemia? Quais mecanismos geram novos vocábulos e novos significados? Para refletir sobre essas questões, bem como sobre aspectos de leitura e interpretação, delineamos brevemente as características de duas correntes: do literalismo e da Linguística Cognitiva.

Dominantemente, na tradição anglo americana, a visão do sentido das palavras esteve, ao longo dos anos, associada ao literalismo²³, levando em consideração não só a explicação do sentido das palavras, mas a natureza do sentido no âmbito da semântica linguística. Dessa forma, o “literalismo vê o sentido da sentença como uma consequência de adicionar ou compor unidades menores de significado, junto com as configurações gramaticais nas quais

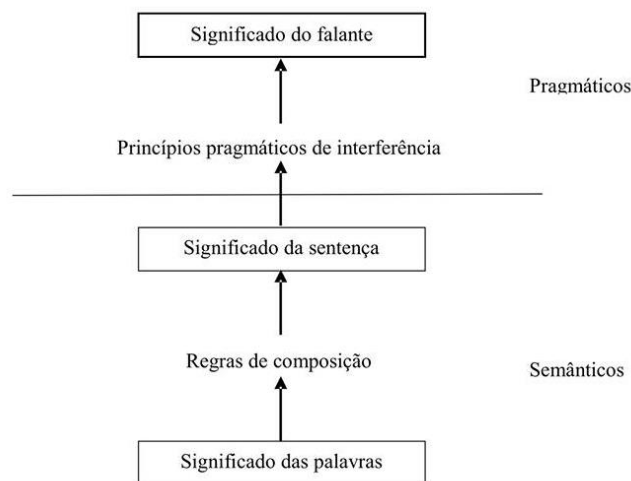
²³ Evans (2009) constrói essa ideia com base em Recanati (2004).

elas aparecem”²⁴ (EVANS, 2009, p. 5). Essa visão constitui uma possível divisão: a semântica se vê independente do contexto, enquanto a pragmática se vê inteiramente associada.

No literalismo, os aspectos gramaticais, bem como as regras pertencentes a uma língua, contribuem para a construção de sentidos. Em outras palavras, a semântica linguística pode explicar os sentidos possíveis de um enunciado a partir de sua organização, pensa-se como os lexemas são representados e o que representam. Exemplo disso são as formas “cantar, cantou, cantando”, que apresentam formas diferentes de um mesmo significado, CANTAR. Nesse processo, os “itens lexicais são normalmente pensados como sendo rotulados com características sintáticas, morfológicas e semânticas”²⁵ (EVANS, 2009, p. 05).

Nesse contexto, no literalismo, o sentido dos vocábulos envolve significações que podem ser vistas relativamente fixas e independentes do contexto. Conforme Evans (2009), essa ideia sofre de um grande problema: a divisão entre o sentido desligado do contexto (sentença) e o interligado ao contexto (fala). Em outros termos, no literalismo, há fronteiras entre semântica e pragmática, já que alguns vocábulos assumiriam um sentido, independente do contexto, como esboçado na Figura 7.

Figura 7 - Visão geral do literalismo



Fonte: Evans (2009, p. 8).

Entretanto, para Evans (2009), a barreira instituída entre semântica e pragmática é ilusória, visto que a produção de sentidos de uma dada sentença passa pelos dois domínios.

²⁴ No original: “Literalism views sentence meaning as a consequence of adding or composing smaller units of meaning, together with the grammatical configurations in which they appear”.

²⁵ No original: “Typically, lexical items are thought of as being tagged with syntactic, morphological, and semantic features”.

Aqui exemplificamos com algumas ocorrências a partir do verbo ‘abrir’: “abrir a porta”, “abrir uma sessão”, “abrir a mão”, “abrir as cortinas”, “abrir um livro”. Os exemplos mostram que “essa versatilidade se relaciona tanto ao uso literal quanto ao uso figurado”²⁶ (EVANS, 2009, p. 12). Pensando na perspectiva do literalismo, a linguagem figurada manter-se-ia no domínio da pragmática, uma vez que recai sobre o uso da língua, ou seja, a partir de um dado contexto. Nesse ponto, torna-se difícil pensar em construções polissêmicas ou metafóricas, uma vez que o literalismo defende que:

[...] o entendimento de uma sentença literal deveria ser mais rápido que o entendimento de uma expressão figurada: primeiro precisamos entender o que a frase significa antes que possamos interpretar o que o falante pretende que infiramos ao usar a frase de uma forma não literal²⁷ (EVANS, 2009, p. 12).

Concordamos com Evans (2009) quando ele critica esse posicionamento, uma vez que qualquer usuário da língua pode ser eficiente tanto em atribuir sentidos às sentenças figuradas e interpretá-las, assim como nas de linguagem não figurada. Ponderamos que uma questão central, ou desafio que se instaura a partir desses estudos, pode ser explicar como se dá a construção de sentidos, indo além de um mero apontamento de sentidos possíveis.

Nesse âmbito, surgem as preocupações, as intervenções e as contribuições da Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC), que se configuram opostos ao defendido pelo literalismo. Estudos no âmbito da CLMC pautam-se a partir de três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, tem a finalidade de resgatar diversos estudos sobre a Semântica Cognitiva Lexical, bem como relaciona as abordagens cognitivas de gramáticas; para isso, recorta teorias distintas e pressupostos relevantes dentro da Linguística Cognitiva para, então, fomentar uma única teoria de semântica linguística. Em segundo lugar, a teoria “devolve à Linguística Cognitiva a importância da língua em processos de construção de sentido”²⁸ (EVANS, 2009, p. 338). Em terceiro lugar, estudos dessa natureza reanalisam e reinterpretam as abordagens enciclopédicas citadas nas semânticas cognitivas (EVANS, 2009).

As seções seguintes pormenorizam alguns dos conceitos centrais na Linguística Cognitiva que norteiam a pesquisa aqui apresentada e auxiliam na discussão da construção de sentidos e o processo de interpretação na leitura: a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos

²⁶ No original: “the protean nature of word meaning relates both to literal and figurative uses”.

²⁷ No original: “This perspective predicts that understanding a literal sentence should be faster than understanding a figurative expression: we must first understand what the sentence means before we can interpret what the speaker intends us to infer by using the sentence in a non-literal way”.

²⁸ No original: “[...] gives back to cognitive linguists the importance of language in meaning-construction processes”.

Cognitivos (CLMC) (subseção 3.2.1); a polissemia conceitual (subseção 3.2.2); os Modelos Cognitivos e *frames* (subseção 3.2.3); e os processos metonímicos (subseção 3.2.4).

3.2.1 A Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos (CLMC)

Enquanto indivíduos, carregamos uma rede de conceitos que é construída com base nos diferentes conhecimentos construídos por meio de informações enciclopédicas conjugadas com as experiências corpóreas. Essa rede de conceitos é estabelecida por meio de Modelos Cognitivos. Em contrapartida, os conceitos podem ser codificados em conceitos lexicais, como conteúdo linguístico. Em outras palavras, observamos uma estrutura bipartite: uma relacionada à rede conceitual e outra ao conteúdo linguístico. Nesta subseção, discutimos as ideias no campo da CLMC que contribuem para refletir sobre a construção de sentidos e a leitura como interpretação.

A obra *Word meaning in Lexical Concepts and Cognitive Models Theory*, de Evans (2009) traz a teoria de que as palavras parecem exibir variação (muitas vezes significativa) em sua construção semântica através dos enunciados. Assim, a chave para o desenvolvimento de uma descrição da natureza semântica dos vocábulos, tal como é exibida na construção do significado, é fornecer um relato descritivamente adequado dos (i) tipos de conhecimento com que as palavras fornecem acesso e (ii) uma descrição de como significados de palavras e as estruturas de conhecimento a que proporcionam acesso são integrados (ou compostos). Nesse âmbito, a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos se arquiteta a partir da abordagem da relação de como as palavras fornecem acesso a representações de conhecimento linguístico e não linguístico.

Para Evans (2009), há a dificuldade de abordagens como essa. Até recentemente, os modelos de representação semântica geralmente não conseguiram observar que o significado de vocábulos está sujeito ao tipo de variação no uso da linguagem. Assim, antes da década de 1980, a semântica léxica geralmente assumia que a contribuição semântica de uma palavra era uma consequência de uma estrutura de conhecimento estável e relativamente rígida (Allwood 2003; Harder 2009). Mais recentemente, os linguistas começaram a tentar fornecer teorias de palavras que são compatíveis com a variação de significado observada. Houve pelo menos três tipos de descrições invocadas por estudiosos que se opõem à visão dos significados das palavras adotada sob o literalismo:

i. A perspectiva sentido-enumerativa. Essa perspectiva envolve a apresentação de uma grande quantidade de sentidos distintos associados a uma determinada forma léxica, que tenta esgotar as possibilidades que realmente ocorrem na linguagem.

ii. A perspectiva abstrata da representação semântica subjacente. Esse tipo de abordagem emprega "dispositivos" cognitivos e linguísticos (incluindo contexto) que operam em entradas semânticas/léxicas relativamente abstratas (no sentido de sub-especificadas), para gerar interpretações superficiais de palavras.

iii. A perspectiva de princípios semânticos e pragmáticos. Esta abordagem pressupõe entradas semânticas/lexicais subjacentes relativamente estáveis (semântica), juntamente com princípios/regras específicas de interpretação (pragmática).

Em termos gerais, existem duas dificuldades comuns a cada uma dessas perspectivas, na medida em que tentam explicar a variação (situada) nos sentidos das palavras. Em primeiro lugar, cada uma das perspectivas pressupõe que os significados das palavras são estruturas de conhecimento estáveis e circunscritas que podem ser identificadas (relativamente) de forma direta - um problema também presente na visão dos significados das palavras sob o literalismo.

A segunda dificuldade é que eles não fazem uma tentativa séria de relacionar suas reivindicações teóricas com a natureza do significado situado e, assim, como as palavras derivam e sancionam os eventos de uso contextualizado. Também não estão preocupados com a forma como as palavras são usadas no contexto para expressar intenções comunicativas localizadas.

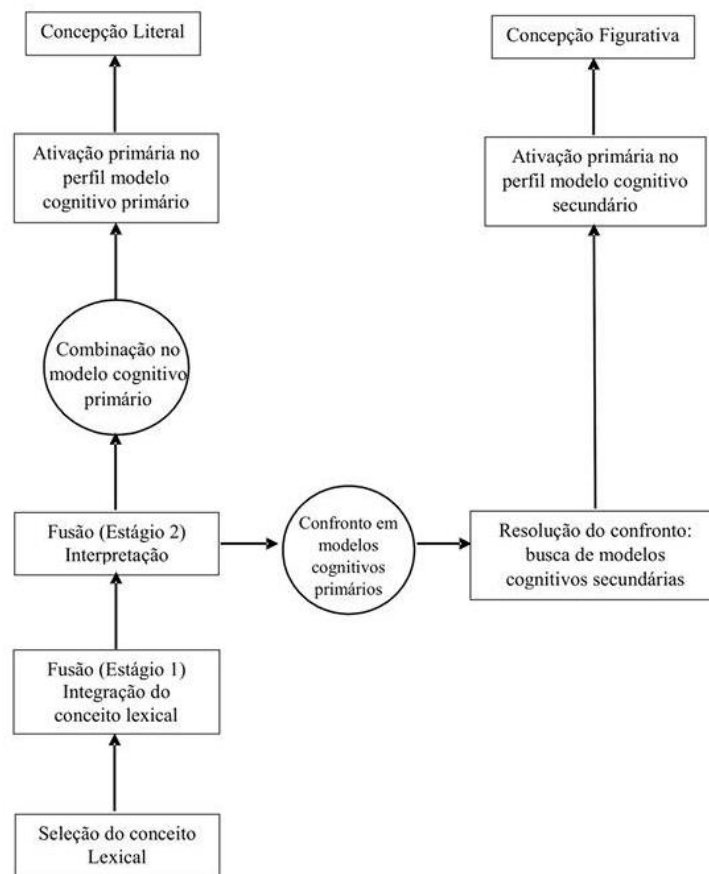
O uso da linguagem é parte integrante do nosso conhecimento da linguagem. A organização do nosso sistema de linguagem está intimamente relacionada - e derivada diretamente de - como a linguagem é realmente usada (Croft, 2000; Langacker, 2000; Tomasello 2003). Através de processos de abstração e esquematização (Langacker, 2000), com base no reconhecimento de padrões e nas habilidades de leitura intencional (Tomasello, 1999; 2003), os usuários de línguas obtêm unidades simbólicas.

No entanto, a gama de unidades simbólicas disponíveis para o usuário da linguagem diminui massivamente o número de situações, eventos, estados, relacionamentos e outras funções interpessoais que o usuário da linguagem pode potencialmente usar a linguagem para expressar e cumprir. Um dos motivos para isso é que os usuários de linguagem vivem em uma matriz sociofísica que está mudando e evoluindo continuamente. Nenhuma situação, sentimento, ou relação, em qualquer momento, são exatamente iguais. Nós estamos o tempo todo utilizando a linguagem para expressar significados únicos, sobre estados únicos de

relações ou relacionamentos, de maneira única. Enquanto a linguagem possui uma variedade de esquemas pré-fabricados ou unidades simbólicas que podem ser combinadas para expressar uma gama representativa dos cenários que talvez desejemos nos referir e descrever, estes necessariamente não determinam a mutabilidade da experiência humana. Portanto, as unidades simbólicas empregadas pelos usuários da linguagem só podem sancionar (nos termos de Langacker) parcialmente a maneira como serão utilizadas.

O processo de construção dos conceitos lexicais se dá, inicialmente, pela seleção do conceito lexical mais “adequado” à situação comunicativa e também por meio do confronto entre os Modelos Cognitivos estabelecidos pelo contexto, o que resultaria, então, na construção de sentidos. O esquema a seguir (Figura 8) sistematiza essas ideias.

Figura 8 - Processo de construção de Sentidos na CLMC



Fonte: Evans (2009, p. 286).

O processo interpretativo resulta, portanto, da tensão entre diferentes Modelos Cognitivos relacionados no contexto comunicativo, assim como dos processos de construção de sentidos dos conceitos lexicais. Antes de pensar que o sentido e a sua construção é atravessada por questões contextuais, precisamos pensar que o próprio sentido de contexto é,

de certa forma, problemático, visto como “um fenômeno complexo e multifacetado crucial para o uso e entendimento da linguagem”²⁹ (EVANS, 2009, p. 13).

Nesse sentido, defendemos que o contexto é, antes de tudo, o próprio enunciado. O termo enunciado se caracteriza, inicialmente, como o conjunto de itens abstraídos de eventos de uso, ou seja, são ocorrências efetivas de comunicação.

A partir disso, é relevante pensar no termo ‘contexto’ e suas implicações na construção semântica, uma vez que pode ser determinante nesse processo. Evans (2009) propõe que o contexto pode determinar a construção de sentidos e, ao mesmo tempo, o estudioso sugere sete eventos contextuais que contribuirão significativamente com esse processo: i) o contexto do enunciado; ii) a maneira de enunciar; iii) o contexto extralinguístico; iv) o conhecimento enciclopédico; v) as normas interacionais como contexto; vi) os objetivos interacionais como contexto; vii) tópico discursivo como contexto.

Em certa medida, os vocábulos dispostos em enunciados, bem como sua configuração e organização (papel morfossintático), permitem o acesso ao conhecimento enciclopédico. Em outras palavras, é também papel do léxico empregado no enunciado delimitar quais partes do conhecimento enciclopédico serão cognitivamente ativadas, otimizando o potencial semântico (EVANS, 2009).

Assim, para Evans (2009), o sentido de uma sentença ou enunciado envolve, com muita frequência, várias unidades linguísticas e cada uma delas exibe ainda outras tantas particularidades e variabilidades, levando-se em conta que há a integração entre o sentido e a construção lexical, abrindo espaço para dois aspectos: um que condiz com os fatos observáveis dos usos da língua e outro pelo que é cognitivamente aceitável.

No âmbito da CLMC, conceitos lexicais são unidades de estrutura semântica inerentes da gramática mental e não surgem estritamente no uso da língua, podendo apresentar onze propriedades no que tange à sua natureza. Na sequência, apresentamos e explicamos sinteticamente essas propriedades, a partir da proposta de Evans (2009).

Conceitos Lexicais são elementos da gramática mental, pois constituem-se a partir de eventos de uso como unidades de conhecimento linguístico. Assim, os itens lexicais podem codificar o conteúdo linguístico e, ainda, facilitar o acesso ao conhecimento conceitual. Dessa forma, também se constituem como parte da gramática mental, ao passo que se derivam do uso de língua.

²⁹ No original: “context is a complex and multifaceted phenomenon crucial for language use and language understanding”.

Conceitos Lexicais sancionam instâncias de uso de língua, já que qualquer uso de um dado vocábulo (veículo) pode constituir-se como uma instância única de um conceito lexical. Esses não funcionam no uso da língua, mas sancionam as instâncias de uso, portanto, mais de um conceito lexical pode sancionar o uso de um mesmo veículo.

Conceitos Lexicais são veículos específicos, ou seja, são convencionalmente associados a veículos linguísticos específicos, à medida que dois itens podem estar associados a um mesmo conceito lexical, mas ligados a construções gramaticais diferentes. A partir desse ponto, podem ser vistas duas formas de conceitos lexicais: o primeiro no plano conceitual (mental), o segundo relacionado à natureza linguística.

Conceitos Lexicais são unidades da gramática mental, construídos como unidades de conhecimento linguístico abstraídos de eventos de uso. Compõe um emaranhado de diferentes tipos de conhecimento, transformados em conteúdo linguístico.

Conceitos Lexicais são específicos da língua, à medida que as estruturas mentais de conhecimento não aparecem em enunciados, mas configuram-se como contribuições semânticas contextualizadas, resultado das instâncias de uso da língua.

Veículos não são específicos aos Conceitos Lexicais: cada língua, a partir de traços culturais e sociais, tem um mosaico de conceitos específicos, que podem estar convencionalmente associados a veículos específicos. No entanto, não há um único veículo associado a um único item, mas conceitos e veículos que podem se associar conforme as condições de uso.

Conceitos Lexicais são associados com diferentes tipos de veículo, ou seja, as condições gramaticais podem não interferir no conceito de um dado item e as configurações de cada item lexical (bem como o registo lexicográfico) com os conteúdos podem ser óbvios e/ou implícitos.

Veículos não são específicos ao Conceito Lexical, o que permite as ocorrências de polissemia, já que os conceitos lexicais são relacionados ou pertencentes a uma rede semântica, podendo exibir, assim, mais de um sentido.

Conceitos Lexicais têm uma estrutura bipartite, ao passo a língua pode envolver os conceitos lexicais em dois tipos: os de classe aberta e os de classe fechada. Enquanto os dois podem codificar o conteúdo linguístico, apenas os de classe aberta facilitam o acesso à estrutura conceitual.

Conceitos Lexicais têm uma função de encapsulamento, especialmente pelos conceitos lexicais de classe aberta, ao passo que podem comportar ideias complexas e difusas. Isso proporciona, no senso comum, a ilusão de que os vocábulos têm uma unidade semântica

e que é “a língua que está codificando diretamente o corpo complexo de conhecimento” (EVANS, 2009, p. 133). Em detrimento desse ponto, Evans (2009) defende a existência de um perfil de Modelo Cognitivo.

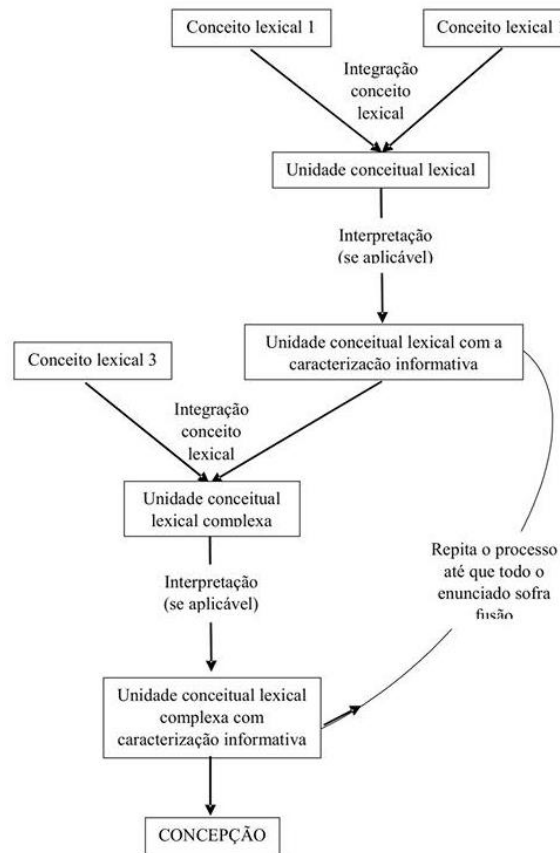
Conceitos Lexicais têm um perfil lexical, constituindo-se a partir de um corpo de traços que são inerentes a um dado item lexical. Esse perfil expressa um conjunto de tendências, padrões de co-ocorrência abstraídos de eventos de uso. No entanto, é exatamente a elasticidade dos eventos de uso que contribuirão para o delineamento desse perfil.

Conceitos Lexicais podem ser combinados. Essa combinação pode ser de várias formas possíveis, de acordo com a funcionalidade em ativar o potencial semântico, facilitando a construção de sentido, o que pode também envolver a integração de conteúdos linguísticos.

Conceitos Lexicais têm consequências relativas para representação não linguística. Como os conceitos lexicais são específicos à língua, essa condição contribui para simulações que podem modificar a estrutura conceitual, cada língua tem conceitos relativos à representação linguística e não linguística.

Diante disso, constatamos a relevância da abordagem realizada por Evans (2009) sobre os conceitos lexicais, principalmente ao argumentar que o perfil deles contribui para a construção de sentidos, o que gera, também, acarretamentos tanto na formação de polissemia como de metáforas e metonímias. Há, desse modo, consequências no processo de interpretação.

Evans (2009) propõe um esquema que sistematiza a concepção de conceitos lexicais complexos, conforme apresentamos na Figura 9.

Figura 9 - Estágios no processo de construção de sentidos

Fonte: Evans (2009, p. 240).

Na realização do processo interpretativo são postos em evidência vários fatores, já que, em uma fase inicial, Conceitos Lexicais sofrem uma integração, validados conforme Modelos Cognitivos. Nos processos de interpretação, Conceitos Lexicais tornam-se “especializados para permitir acesso ao conteúdo conceitual e, portanto, aqueles têm um potencial semântico associado a eles, a saber, conceitos lexicais de classe aberta”³⁰ (EVANS, 2009, p. 254).

Em linhas gerais, as relações entre Conceitos Lexicais, diante de uma situação comunicativa, colaboram decisoriamente na formulação de interpretações (no plural), à medida que há uma sobreposição (ou fusão) de conceitos, acessados e relacionados a distintos Modelos Cognitivos, em uma sucessão de ocorrências comunicativas. Nessa relação entre Conceitos Lexicais e construção de sentidos, destacamos a polissemia conceitual, discutida na próxima seção.

³⁰ No original: “specialized for affording access to conceptual content, and hence, those which have a semantic potential associated with them, namely open-class lexical concepts”.

3.2.2 A polissemia conceitual

As investigações em Semântica vêm, desde Michel Bréal, tentando delinear o espaço da polissemia nos estudos da linguagem. Assim, muitos estudiosos a investigam e a definem em diferentes perspectivas. Nosso interesse aqui é pensar em como os processos de construção de sentidos se dão cognitivamente e, nesse caso, qual é o papel da polissemia diante desse fenômeno.

A maioria dos itens lexicais podem ser polissêmicos, em maior ou menor grau, e um item polissêmico associa uma forma fonológica com um número relativo de significados, dessa forma podemos ter uma mesma forma escrita para diferentes conceitos, que se agrupam por compartilhamento de semelhanças. Um tema importante no estudo da polissemia, portanto, diz respeito aos tipos de ligações que podem existir entre significados, e como é que os significados distintos podem ser associados (TAYLOR, 2009).

Nesse âmbito, as fronteiras entre os conceitos e distinções entre polissemia e homonímia tornam-se difusas. Dentre essas discussões, Blank (1999) registra que a “polissemia resulta da lexicalização de um processo associativo e, portanto, é de natureza semântica, enquanto a homonímia, na grande maioria das situações, resulta de um choque fonético”³¹ (BLANK, 1999, p. 17-18).

Recentemente, o trabalho com Semântica Lexical Cognitiva tem se preocupado com a construção dos sentidos. Em interface, as investigações entre Semântica Cognitiva e Linguística de Corpus revelam que a representação lexical se constitui de forma complexa, o que requer pensar que itens lexicais são interligados a uma série de outros constructos, conhecimentos linguísticos que são associados (morfológicos, sintáticos e semânticos). No âmbito da CLMC, Evans (2009), define a polissemia como:

[...] o fenômeno em que um único veículo fonológico é convencionalmente associado a conceitos lexicais distintos que são semanticamente relacionados. A relação semântica é uma questão de grau e é determinada pela estrutura bipartido de conceitos lexicais. Por exemplo, conceitos lexicais podem estar relacionados em virtude de conteúdo linguístico compartilhado ou sobreposto, por exemplo, em termos de parâmetros compartilhados. A segunda maneira diz respeito à natureza das estruturas conceituais cujas quais conceitos lexicais de classe-aberta dão acesso. Por exemplo, é possível que haja sobreposição significativa entre partes do perfil modelo cognitivo acessado através dos conceitos lexicais de classe-aberta associados ao mesmo veículo (EVANS, 2009, p. 345).

A partir dessa definição, três pontos tornam-se indispensáveis nessa discussão:

³¹ No original: “polysemy results from the lexicalization of an associative process and therefore is semantic in nature, while homonymy, in by far the most cases, arises from phonetic clash”.

a) A polissemia é conceitual por natureza: compreendemos que os itens lexicais se caracterizam como uma classe aberta em relação a um número infinito de sentidos e traços sensoriais possíveis que podem assumir. Estabelece-se uma relação conceitual, já que a construção de sentidos se dá guiada por Modelos Cognitivos e pelo contexto de uso.

b) Palavras são selecionadas com tendências de seleção: os itens lexicais apresentam uma tendência de serem utilizados em situações específicas, à medida que o contexto de uso linguístico, aliado a Modelos Cognitivos, é que direciona essa tendência.

c) Categorias gramaticais têm base semântica: a língua, enquanto sistema, é vista como um *continuum*, pois os diferentes níveis gramaticais se inter-relacionam para construir sentido e, assim, a polissemia também assume características gramaticais.

Portanto, para Evans (2009, p. 30), a polissemia pode ocorrer quando um mesmo item lexical exhibe mais de um sentido, convencionalmente associado a diferentes conceitos, ou ainda, diferentes ou relacionados sentidos se relacionam em contextos de uso que se encontram relacionados e armazenados na mente dos indivíduos falantes, na memória semântica. Na esteira dessas ideias, Silva (2010) define polissemia:

O significado não é estático mas dinâmico, não é dado mas construído no conhecimento *enciclopédico* e configurado em feixes de conhecimento ou *domínios*, não é platônico mas *corporizado* (“embodied”) nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. É a flexibilidade inerente do significado que explica a instabilidade característica da polissemia, que faz com que homonímia, polissemia e monossema/vagueza sejam três regiões sem fronteiras num *continuum* de diferenciação/similaridade de significado associado a uma mesma forma linguística (SILVA, 2010, p. 359).

Para Silva (2010), a prototipicidade (ou a organização em torno dela) é responsável pela versatilidade de construção de sentidos da polissemia e, em contrapartida, “a prototipização e a polissemização são a resposta a três tendências funcionais do sistema cognitivo humano” (SILVA, 2010, p. 360).

Nesse sentido, Corft e Cruse (2004) defendem que o tratamento da polissemia precisa de um cuidado maior que o dado pela lexicografia tradicional, que pense além da visão prototípica e que sejam pensadas em contexto de uso. Entendemos, então, que os itens lexicais assumem propriedades de sentidos para além de unidades sensoriais limitadas, o que a deixa versátil o suficiente para assumir diferentes sentidos diante de situações comunicativas.

Caracterizando a polissemia como conceitual, Geeraerts (2009) explica que há diversas relações entre as informações (conhecimento) enciclopédicas e conceitos; no entanto, o conhecimento enciclopédico não se materializa apenas em conceitos únicos ou a um único

item lexical, o que faz com que essa versatilidade abra espaço para o aspecto conceitual da polissemia (GEERAERTS, 2009, p. 197).

Apesar de a metonímia e a metáfora possuírem conceitos familiares da retórica tradicional, elas têm sido objeto de muitas pesquisas por linguistas cognitivistas, por exemplo, os robustos trabalhos de pesquisa desenvolvidos por George Lakoff e Mark L. Johnson. Blank (1999), ao discutir sobre o papel da polissemia nas relações entre linguagem e cognição, explica as relações entre metáfora e polissemia:

O modelo mais conhecido de polissemia é a **polissemia metafórica**, derivada na maioria das vezes da metáfora através de um processo diacrônico. Ambas são baseadas em uma similaridade mais ou menos saliente entre dois conceitos que pertencem a domínios conceituais diferentes ou distantes. A semelhança dentro de domínios conceituais idênticos ou da taxonomia popular é a base da transferência co-hipônima, criando a **polissemia co-hipônima**³² (BLANK, 1999, p. 12).

Dessa forma, assim como as metáforas, as metonímias se relacionam como uma “categoria extensional” que liga conceitos (novos e criados) a itens lexicais em situações de uso. Nos processos metonímicos, o fenômeno ocorre quando várias contiguidades conceituais permitem relações entre sentidos de um conjunto (ou subconjunto) em outro, ou, em situações práticas, por exemplo, as PARTES referem-se ao TODO (ou o TODO pelas PARTES) a partir de um sistema de relações conceituais, o que permite uma versatilidade de sentidos de dado item lexical.

Nesses termos, metáforas e metonímias tornam-se polissêmicas, à medida que pertencem a uma classe de extensão semântica em que diferentes conceitos e sentidos podem ser relacionados a diferentes veículos linguísticos (BLANK, 1999).

Portanto, consideramos que existem muitos atravessamentos que se interligam às ocorrências de polissemia, como a leitura enquanto interpretação, estudada nesta tese. Visto assim, concordamos que “os sentidos de um determinado item não são dados, mas construídos; são interpretações que surgem de um contexto particular, mas em que alguns (prototípicos) são a perspectiva interpretativa para outros” (SILVA, 2003, p. 95). Em consonância, Croft e Cruse (2004) explicam as relações entre as ocorrências de polissemia e o processo interpretativo:

³² No original: “The best known type of polysemy is **metaphoric polysemy** deriving in most cases from metaphor as a diachronic process. Both are based on a more or less salient similarity between two concepts that belong to different or even distant conceptual domains. Similarity inside of one and the same conceptual domain or folk-taxonomy is the basis of co-hyponymous transfer, giving rise to **co-hyponymous polysemy**”.

Lembremos que uma interpretação pode ser o resultado de uma corrente de processos construtivos: um pré-sentido ainda está sujeito a uma futura construção. Entretanto, ele é mais elaborado do que um sentido “bruto”. Pré-sentidos podem aparecer em diferentes estágios na corrente construtiva, e o resultado é que uma série de pré-sentidos pode ser aninhada em um pré-sentido maior, e vários estágios de aninhamento podem ocorrer³³ (CROFT; CRUSE, 2004, 110).

Assim, por um lado, tem-se a associação entre conceitos e as relações com a situação específica do uso dos itens lexicais. Por outro, há os diferentes fatores que se relacionam com os indivíduos participantes do ato comunicativo. A soma desses fatores é que permite as diferentes construções de sentidos e, conseqüentemente, a possível ocorrência da polissemia. Nesse contexto, torna-se importante discutir os conceitos de *frames* e Modelos Cognitivos, como é feito na seção seguinte.

3.2.3 *Frames* e Modelos Cognitivos

A construção de sentidos de itens lexicais e enunciados está diretamente vinculada a como cada um dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação realiza a interpretação. Nesse viés, é preciso pensar em fatores que condicionam esse processo, tais como o papel de *frames* e dos Modelos Cognitivos.

As principais investigações sobre *frames* pertencem ao legado de investigações de Charles Fillmore, com estudos derivados mais da tradição empírica do que da formal: as pesquisas são desenvolvidas com proximidade à semântica etnográfica, levando em consideração experiências de indivíduos no contexto de suas comunidades.

Para Fillmore (2009), a Semântica de *Frames* “proporciona uma perspectiva diferente para enxergar o sentido das palavras, assim como para caracterizar os princípios usados na criação de novas palavras e sintagmas, acrescentar sentidos novos às palavras e combinar os significados dos elementos de um texto a fim de se chegar ao seu sentido final” (FILLMORE, 2009, p. 25). Assim, Fillmore (2009) define *frame*:

Com o termo ‘*frame*’, tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente (FILLMORE, 2009, p. 25).

A partir da definição de Fillmore (2009), um *frame* pode ser identificado como o mecanismo que relaciona coisas e/ou situações e, além disso, “existem frames que são

³³ No original: “Recall that an interpretation may be the result of a chain of construal processes: a pre-meaning is still subject to further construal. It is, however, more elaborated than “raw” purport. Pre-meanings can appear at different stages in the construal chain, the result being that one set of pre-meanings can be nested inside a larger pre-meaning, and several stages of nesting can occur”.

episódicos, relacionados a tipos específicos de experiências e/ou conhecimento, e frames que são genéricos, relacionados a esquematizações sobre aspectos de experiência e/ou conhecimento amplamente familiares”³⁴ (EVANS, 2009, p. 194).

Para Evans (2009), há dois tipos de *frames*: os associados a coisas e os associados a situações. Os associados a coisas podem ser divididos em individuais e modelos, *individuals* e *types* nos termos de Evans (2009). As relações entre *types* e *individuals* é dada pela representação em eventos, que, por sua vez, são compostos de situações. Já os *frames* associados a situações de evento podem ser episódicos e genéricos.

Um *frame*, ativado na memória de longo prazo, constitui-se a partir de conhecimentos de mundo ou enciclopédicos e torna-se importante para que o ouvinte/interlocutor do processo comunicativo consiga estabelecer inferências e julgar qual informação é relevante ou não, o que torna *frames* essenciais para o processo inferencial, já que “desempenham papel fundamental no estabelecimento das conexões entre as proposições” (SILVEIRA; FELTES, 1999, p. 75). Sobre a teoria de *frames*, Geeraerts (2009) explica:

A teoria de frames está interessada especificamente na maneira em que a língua pode ser usada para perspectivizar uma conceituação subjacente do mundo: não é apenas o fato de que vemos o mundo em termos de modelos conceituais, mas que esses modelos podem ser verbalizados de maneiras diversas. Cada maneira diferente de levar um modelo conceitual à expressão, por assim dizer, adiciona outra camada de sentido: os próprios modelos são maneiras significativas de pensar o mundo, mas a maneira pela qual expressamos os modelos quando falamos, adiciona perspectiva³⁵ (GEERAERTS, 2009, p. 200).

Assim, os *frames* podem ser vistos em uma relação com o conhecimento enciclopédico que cada indivíduo carrega, já que, para Geeraerts (2009), “um conceito enciclopédico de significado linguístico, então, requer uma maneira de representar aquelas partes maiores de conhecimento, assim como um meio de relacionar todos os itens lexicais relevantes à estrutura conceitual mais ampla”³⁶ (GEERAERTS, 2009, p. 197).

Nesse âmbito, Modelos Cognitivos configuram-se como um conjunto coerente de conhecimentos, com diferentes *frames* relacionados, com potencial para produzir simulações

³⁴ No original: “... there are frames which are episodic, relating to specific types of experience and/or knowledge, and frames which are generic, relating to schematizations over broadly similar aspects of experience and/or knowledge”.

³⁵ No original: “Frame theory is specifically interested in the way in which language may be used to perspectivize an underlying conceptualization of the world: it's not just that we see the world in terms of conceptual models, but those models may be verbalized in different ways. Each different way of bringing a conceptual model to expression so to speak adds another layer of meaning: the models themselves are meaningful ways of thinking about the world, but the way we express the models while talking, adds perspective”.

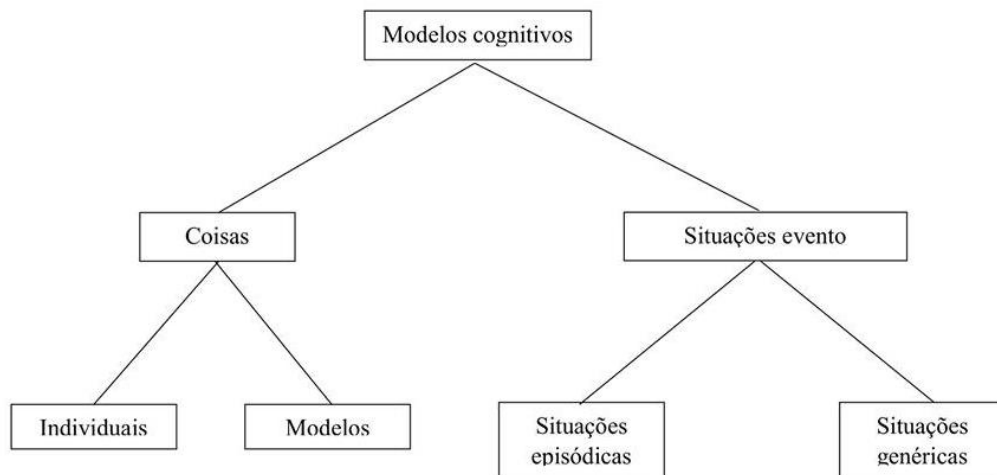
³⁶ No original: “An encyclopaedic conception of linguistic meaning, then, requires a way of representing those larger chunks of knowledge, together with a means of linking all the relevant lexical items to that broader conceptual structure”.

suficientes para a construção de sentidos. A produção de sentidos de qualquer vocábulo ou enunciado está ligada, essencialmente, a esse conjunto de simulações construídos mentalmente.

Para Evans (2009), um Modelo Cognitivo é uma unidade conceitual de estrutura que pode ser composto por diferentes *frames*, que dão impulso para um número ilimitado de simulações. Vistos como um tipo de Modelo Cognitivo, os *frames* têm natureza complexas: há *frames* para coisas e para situações. O subconjunto de conceitos lexicais possibilita o acesso a Modelos Cognitivos, ou seja, o perfil de cada vocábulo em dado evento de uso ativar a rede de conceitos lexicais a ele inerentes, ocasionando também a ativação de *frames*. Caracterizando os Modelos Cognitivos, Geeraerts (2009) destaca que “são chamados de ‘idealizados’ porque são abstrações do mundo real: não capturam toda a complexidade da realidade, mas fornecem um molde conceitual para que se possa lidar flexivelmente com essa complexidade”³⁷ (GEERAERTS, 2009, p. 199).

Compreendemos que a ativação de *frames* se configura como um sistema complexo que relaciona categorias e conceitos que são motivados por contextos específicos. A Figura 10, a seguir, apresenta as categorias de Modelos Cognitivos.

Figura 10 - Tipos de Modelos Cognitivos



Fonte: Evans (2009, p. 200).

Em alguns casos, os aspectos do sistema conceitual encontram-se parcialmente acessíveis ou ainda inacessíveis ao sistema linguístico, por meio de *frames* de diferentes naturezas, que podem ocorrer também de forma concomitante. No entanto, nem tudo que está

³⁷No original: “The models are called ‘idealized’ because they are abstractions from the actual world: they do not capture all the complexity of reality, but provide a conceptual mould for flexibly dealing with that complexity”.

no sistema conceitual pode ser acessado pelo conhecimento linguístico; exemplo disso são algumas sensações: muitas vezes imagens olfativas, gustativas e tácteis podem ser intraduzíveis em palavras, o que significa que se tratam de impressões e conceitos armazenados na memória, mas que não necessariamente cabem em um vocábulo. Sobre esses aspectos, Evans (2009) explica:

Nesse estágio de nosso entendimento não é claro até que ponto unidades de estrutura semântica - conceitos lexicais - facilitam o acesso ao sistema conceitual. Por exemplo: a experiência corriqueira de “não conseguir transpor pensamentos em palavras”, aplicada particularmente a experiências subjetivas, sugere que o sistema linguístico seja menos bem conectado a certos tipos de representações conceituais do que a outras³⁸ (EVANS, 2009, p. 193).

Um perfil de Modelo Cognitivo consiste de modelos cognitivos primários, que sempre estarão interligados a eventos de uso. Visto no âmbito da CLMC, um Modelo Cognitivo configura-se como um sítio de acesso ao conceito lexical. Dessa forma, “Modelos cognitivos são compostos por um ou mais *frames*, e podem ser classificados baseando-se na maneira com que se relacionam com indivíduos, tipos, situações episódicas, ou situações genéricas”³⁹ (EVANS, 2009, p. 345).

Por sua vez, os conceitos lexicais, aliados aos sistemas linguísticos, proporcionam a concretização de simulações, que colaboram para a construção de sentidos de enunciados em eventos de uso. Sobre as relações entre os Modelos Cognitivos e os processos de interpretação, Evans (2009) explica:

Interpretar envolve a ativação de modelos cognitivos pertencentes a perfis de modelos cognitivos distintos que são combinados. O processo de combinação faz surgir uma caracterização informacional. Dessa maneira, os conceitos lexicais submetidos à combinação resultam em uma interpretação “unificada”: uma simulação linguisticamente mediada. Essa simulação linguisticamente mediada (a caracterização informacional) pode ser então combinada com outros conceitos lexicais que facilitam acesso aos seus perfis de modelo cognitivo únicos, até que cada conceito lexical de classe-aberta em um enunciado tenha sofrido interpretação⁴⁰ (EVANS, 2009, p. 253).

³⁸ No original: “... at this stage in our understanding, it is not clear to what extent units of semantic structure – lexical concepts – facilitate access to the conceptual system. For instance, the common experience of “not being able to put thoughts into words,” particularly as applied to subjective experiences, suggests that the linguistic system may be less well connected to certain types of conceptual representations than others”.

³⁹ No original: “Cognitive models are comprised of one or more frames, and can be classified based on the way in which they relate to individuals, types, episodic situations, or generic situations”.

⁴⁰ No original: “Interpretation involves the activation of cognitive models belonging to distinct cognitive model profiles which are matched. The matching process gives rise to an informational characterization. In this way, the lexical concepts subject to matching result in a “unified” interpretation: a linguistically mediated simulation. This linguistically mediated simulation (the informational characterization) can then be matched with other lexical concepts that facilitate access to their unique cognitive profile, until each open-class lexical concept in an utterance has undergone interpretation”.

Nesse contexto, os *frames*, como tipos de Modelos Cognitivos, se caracterizam por colaborar decisoriamente na construção de sentidos e, conseqüentemente, no processo de interpretação.

Em contraste, para a teoria do Sistema Simbólico Perceptual, primeiramente embasada na teoria behaviorista, são agregados conhecimentos e formulados outros tantos por meio de um, além disso esse estudo vê os indivíduos como objetos concretos e que esses teriam ações e reações previsíveis. No entanto, esses pressupostos não se tornam relevantes para a teoria dos Modelos Cognitivos, visto que não levam em consideração as subjetividades e as experiências introspectivas que conjugam o conhecimento perceptual e que nem sempre são perceptíveis ou traduzidas em conhecimento linguístico. Em toda e qualquer situação comunicativa, todo evento novo é associado a uma informação que é incorporada a um Modelo Cognitivo, que se soma a outras informações já ali canalizadas.

Na seção seguinte discutimos o papel da metonímia na construção de sentidos e nos processos de interpretação.

3.2.4 Processos metonímicos: linguagem e cognição

O número de ocorrências e relações possíveis de metonímias é incontável, à medida que cada língua carrega suas especificidades, como traços de cultura. Dentre as investigações em LC, desde a publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980), existe praticamente uma unanimidade entre os pesquisadores em defender que a metonímia é um fenômeno tão ubíquo quanto a metáfora nos usos de língua, já que “[...]tem uma importantíssima função cognitiva, que é a de organizar nossas categorias conceituais em torno de certos protótipos, de sorte que conceitualizemos toda uma categoria como se só ou principalmente consistisse em uma de suas subcategorias” (BARCELONA, 2009, p. 14).

Muitos estudos sobre metonímia e sinédoque se espelham nas investigações de Lakoff e Johnson (1980), defendendo-as como um fenômeno de mudança referencial dentro do domínio cognitivo de um determinado falante (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 238). A seguir, apresentamos alguns dos exemplos citados por Lakoff e Johnson (2002), sobre metonímia, em *Metaphors we live by*:

- (1) Ponha seu *traseiro* aqui. (PARTE PELO TODO)
- (2) Ele comprou um *Ford*. (PRODUTOR PELO PRODUTO)
- (3) Precisamos de uma *luva* melhor na base 3. (OBJETO PELO USUÁRIO)
- (4) Eu não aprovo os atos do *governo*. (INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS)

(5) *A Casa Branca* não está se pronunciando. (LUGAR PELA INSTITUIÇÃO)

(6) Não deixemos que a Tailândia se torne um outro *Vietnã*. (LUGAR PELO EVENTO)

É importante destacar que a metáfora e a metonímia não são essencialmente verbalizadas, ou seja, podem ocorrer em situações ou eventos onde a língua não esteja em uso, como, por exemplo, gestos e perfis corporais (BARCELONA, 2003).

Conforme Lakoff (1990), a metonímia se concretiza a partir de um domínio conceitual condicionado por um Modelo Cognitivo, onde há A e B, e B pode ser representado por A, seguindo o seguinte raciocínio: “se B é uma categoria e A é um membro, ou subcategoria, de B, o resultado é uma estrutura de categoria metonímica, em que A é um protótipo metonímico”⁴¹ (LAKOFF, 1990, p. 288).

Relacionada à metonímia, a meronímia estabelece uma relação PARTE-TODO de expressões (ou vocábulos) em um contexto. Além disso, as ocorrências de meronímias só podem ser vistas e entendidas a partir do plano cultural em que estão inseridas. Palmer (1996) cita seis tipos de meronímia⁴²:

- 1) componente-objeto inteiro (pedal-bicicleta)
- 2) membro-coleção (barco-frota)
- 3) porção-massa (porção-torta);
- 4) material-objeto (aço-carro);
- 5) característica-atividade (pagar-comprar);
- 6) lugar-área (Everglades-Florida)⁴³ (PALMER, 1996, p. 27).

Nesse viés, metonímia pode ser vista como um fenômeno cognitivo – não só uma figura de linguagem – que tem o papel na organização do sentido (Semântica), produção e interpretação de enunciados (Pragmática) (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 236).

Panther (2006) retoma os estudos jakobsonianos, onde a metonímia é vista como envolvendo uma *contiguidade semântica*, que se manifesta como *similaridade posicional*. É citado então um exemploda metonímia referencial simples: “Mary não está na lista

⁴¹ No original: “If B is a category and A is a member, or subcategory, of B, the result is a metonymic category structure, in which A is a metonymic prototype”.

⁴² Palmer (1996) cita e exemplifica os casos de meronímia baseando-se nos estudos de Morton E. Winston, Roger Chaffin e Douglas Herrmann.

⁴³ No original:

“1) componente-objeto íntegro (pedal-bicicleta)
2) miembro-colección (barco-flota)
3) porción-masa (porción-tarta);
4) material-objeto (acero-coche);
5) rasgo-actividad (pagar-comprar);
6) lugar-área (Everglades-Florida)”.

telefônica”. Nesse enunciado, o nome de Mary substitui o alvo metonímico para o veículo metonímico Mary e a metonímia ocorre numa posição específica sintática na frase e caracteriza-se como paradigmática. A relação entre a fonte de metonímia e o seu objetivo é a de uma contiguidade semântica, não apenas o resultado de uma substituição de um signo linguístico por outro signo linguístico.

No contexto de construção da metonímia, também é possível a influência de outros componentes conceituais, tais como o conhecimento enciclopédico dos indivíduos dispostos no processo comunicativo, que tendem a atuar sobre a interpretação da metonímia. Portanto, o conhecimento contextual e o enciclopédico desempenham um papel imprescindível na interpretação de uma expressão como metonímica (PANTHER, 2006). Nessa perspectiva, sobre os processos metonímicos, Panther (2006) explica:

Uma metonímia linguística, uma forma linguística, que eu chamo de *veículo linguístico*, denota um *significado-fonte*. A relação entre veículo linguístico e significado-fonte é em geral simbólica [...], não há nenhuma conexão "natural" entre a forma (veículo linguístico) e seu conteúdo (literal). O significado fonte, por sua vez, funciona como um *veículo conceitual* (ou então um "veículo de pensamento") que fornece acesso cognitivo ao *significado-alvo*. O veículo conceitual é, portanto, um significante que, *de modo indexical*, evoca seu significado, ou seja, significado-alvo. A ligação entre o significado-fonte e significado-alvo pode, portanto, ser considerada como uma relação semiótica⁴⁴ (PANTHER, 2006, p. 153).

Por meio de uma operação metonímica, ocorre de um conceito fonte ser expandido de modo que, como resultado, o conceito-alvo é interpretado como conceitualmente mais complexo. Concomitantemente, o conceito-fonte é uma parte integrada do conceito-alvo. A seguir, são apresentados alguns exemplos utilizados por Panther (2006) para elucidar suas ideias.

- (1) Classe / subclasse / subconjunto (hiperônimo - hipônimo): *flor* como um hiperônimo de *narciso*.
- (2) Membro da classe - classe: *dramaturgos* como o membro *GB Shaw*.
- (3) Todo - parte: *face - nariz*, *casa - quarto*.
- (4) Pessoa - atributo (temporária ou permanente): *John - potbelly*, *Mozart - o gênio musical*.

⁴⁴ No original: "In a linguistic metonymy, a linguistic form, which I call *linguistic vehicle*, denotes a *source meaning*. The relation between linguistic vehicle and source meaning is in general symbolic [...], there is no "natural" connection between the form (linguistic vehicle) and its (literal) content. The source meaning, in turn, functions as a *conceptual vehicle* (alternatively, a 'thought vehicle') that provides cognitive access to the *target meaning*. The conceptual vehicle is thus a signifier that *indexically* evokes its signified, i.e. target meaning. The link between source meaning and target meaning can thus be thought of as a semiotic relation".

(5) Localização - instituição - pessoas que trabalham na instituição: *10 Downing Street – governo britânico – equipe.*

Os exemplos apresentados por Panther (2006) são suficientes para demonstrar que as relações de domínio e de subdomínio são conceitualmente muito diversificadas. Ainda, conforme o autor, além das noções de domínio e subdomínio, o processo metonímico envolve também questões semióticas, já que na elaboração de um conceito fonte, a metonímia se baseia em padrões de inferência preestabelecidos. Os tipos de domínios conceituais tendem a se significar de acordo com os espaços mentais, ao passo que esses “*accessframes* armazenados na memória de longo prazo, mas parece improvável que sempre que uma operação metonímica ocorra um *frame* conceitual global seja ativado”⁴⁵ (PANTHER, 2006, p. 161).

Croft (1993), baseando-se nos estudos de Lakoff e Johnson, defende que a metáfora é um mapeamento entre dois domínios que não são partes da mesma matriz, enquanto a metonímia configura-se como o mapeamento dentro de uma matriz domínio (PANTHER; THORNBURG, 2007). Conforme Barcelona (2003), “mapeamento é a projeção de um domínio ou subdomínio sobre outro domínio ou subdomínio. Na metonímia a projeção da fonte causasimultaneamente a ativação do alvo; mas o mapeamento acontece realmente”⁴⁶ (BARCELONA, 2003, p. 13).

Para Evans (2009), a metonímia, diferentemente da metáfora, tem uma função referencial em um processo onde um item (ou expressão) exerce a função de substituir outro. No contexto da CLMC, há uma divergência entre metáforas e metonímias, como Evans (2009) explica:

Concepções figuradas nomeadas “metonímicas” surgem devido ao veículo figurado que facilita o acesso direto ao alvo figurado devido ao alinhamento do veículo e do alvo figurado no mesmo conceito lexical e perfil do modelo cognitivo. Em contraste, concepções “metafóricas” surgem devido a uma divergência entre alvos e veículos figurados através de dois conceitos lexicais diferentes⁴⁷ (EVANS, 2009, p. 297).

⁴⁵ No original: “tap portions of frames stored in long-term memory, but it seems implausible that whenever a metonymic operation takes place a whole conceptual frame is activated”.

⁴⁶ No original: “a mapping is the projection of a domain or subdomain onto another domain or subdomain. In metonymy, the projection of the source simultaneously causes the mental activation of the target; but the mapping does take place”.

⁴⁷ No original: “Figurative conceptions which are labelled as “metonymic” arise due to the figurative vehicle facilitating direct access to the figurative target due to alignment of the figurative vehicle and target in the same lexical concept and cognitive model profile. In contrast, “metaphoric conceptions arise due to a divergence between figurative vehicles and targets across two distinct lexical concepts”.

Além disso, metáfora e metonímia não são ocorrências de figuras de linguagem claramente distinguíveis, já que essas são abordadas por diferentes correntes como fenômenos que se sobrepõem e, em muitas situações, se complementam (EVANS, 2009). Dessa forma, Evans (2009) define metonímia como “um tipo de concepção figurada na qual o alvo figurado e veículo figurado realmente exibem alinhamento na resolução do confronto”⁴⁸ (EVANS, 2009, 351).

Para Palmer (1996), a metonímia pode ser vista como a relação entre um objeto e outro dentro de um modelo ou situação única, que não se constitui com base em relações físicas, mas no conteúdo (conceituais), ou seja, estabelece uma relação semântica entre dois domínios. Assim, uma metonímia pode evocar um *frame* que em dado contexto pode pertencer a uma matriz-domínio.

Panther e Thornburg (2007) defendem que uma definição de metonímia é aceita amplamente entre pesquisadores de LC, conforme as propostas de Langacker, Radden e Kövecses: “metonímia é um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, proporciona acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo”⁴⁹ (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239).

Para Panther e Thornburg (2007), a metonímia conceitual deve conter alguns componentes:

- a. Metonímia conceitual é um processo cognitivo onde o conteúdo fonte providencia acesso para o conteúdo-alvo dentro de um domínio cognitivo.
- b. A relação entre conteúdo-fonte e conteúdo-alvo (conceitualmente não necessário), por exemplo, em princípio é capaz de ser anulável.
- c. O conteúdo alvo é enfatizado e o conteúdo-fonte fica em um segundo plano. (superfície/base).
- d. A força do elo metonímico entre conteúdo fonte e alvo pode variar dependendo, entre outras coisas, da distância conceitual entre fonte e alvo e da saliência da fonte metonímica (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 242).

Segundo Barcelona (2003), metonímia é “uma projeção conceitual em que um domínio empírico (alvo) é parcialmente entendido em termos de outro domínio empírico (fonte) incluído no *mesmo domínio empírico comum*”⁵⁰ (BARCELONA, 2003, p. 04). Diante disso, o autor cita e exemplifica as possíveis ocorrências de metonímia:

⁴⁸ No original: “a type of figurative conception in which the figurative target and figurative vehicle do exhibit alignment in clash resolution”.

⁴⁹ No original: “metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same cognitive model”.

⁵⁰ No original: “is a conceptual projection whereby one experiential domain (the target) is partially understood in terms of another experiential domain (the source) included *in the same common experiential domain*”.

(1) Rosto por pessoa: Ela é só um **rosto** bonito.

(2) Produtos consumidos por clientes: O **sanduíche de presunto** está esperando por sua conta.

(3) Parte do corpo por pessoa e parte do corpo por atributos intelectuais convencionalmente associados a ela: Há muitas boas **cabeças** na Universidade.

(4) Marca por produto: Vou tomar uma **Skol**.

(5) Postura corporal caída para tristeza (efeito por causa): Ele andou com **ombros caídos**. Ele tinha perdido sua esposa.

(6) Músculos faciais caídos para tristeza (efeito por causa): João está com o **rosto caído** (BARCELONA, 2003, p. 4-5).

A metonímia, então, pode funcionar, como Lakoff e Turner defendem, a partir de mapeamentos conceituais. Ao concordar com esse posicionamento, Barcelona (2003) sintetiza, a partir dos exemplos postos, que a metonímia pode ser vista como o fenômeno em que se dá a referência da parte em substituição pelo todo. Seguindo esse pensamento, nas circunstâncias de metonímias típicas, a fonte e o alvo são subdomínios claramente distintos e o TODO pode representar a PARTE, e a PARTE, o TODO (BARCELONA, 2003). Em síntese, para Barcelona (2009), a metonímia é “a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz projeção (domínio-alvo)” (BARCELONA, 2009, p. 08).

Taylor (1995) descreve alguns fatores que favorecem a convencionalidade da metonímia, tais como: i) devem seguir um dos padrões “naturais” ou tipos de relações metonímicas conceituais (tipos como PARTE POR TODO, TODO POR PARTE, MARCA POR PRODUTO, CAMINHO POR OBJETIVO, etc.) (TAYLOR, 1995). ii) devem ser socialmente sancionados. Essa sanção depende do número de princípios comunicativos e cognitivos em geral favorecendo casos “naturais” de metonímia, e a existência de um princípio cultural específico favorecendo a convencionalização da metonímia, ou a falta desse princípio específico impedindo a convencionalização (TAYLOR, 1995).

Para Taylor (2009), os estudos sobre metonímia têm recebido pouca atenção (pelo menos, em comparação com a metáfora) no campo da linguística. Nesse viés, a Retórica tradicional define a metonímia como uma figura de linguagem em que o nome de uma entidade E1 é usado para se referir a uma outra entidade, E2; essas, portanto, tornam-se próximas ou estão associadas. Esse processo de referência transferida é possível em virtude do que Nunberg (1978) chama de “função de referência”. Nesse ponto de vista, há uma função

de referência que permite que o nome de um recipiente se refira ao que ele contém, um exemplo é quando dizemos que a chaleira “está fervendo”, o que não significa que a chaleira em si está em ebulição, mas, sim, que a água dentro dela está fervendo.

Da mesma forma, uma função de referência permite que o nome de um produtor se refira ao produto. Isso implicaria uma subcategoria da metonímia, que é a sinédoque, a partir do ponto que a referência ao todo do conjunto é feita por referência a uma parte saliente. Alternativamente, o nome de uma instituição pode também representar uma pessoa influente ou grupo de pessoas influentes que trabalham na instituição (“O Governo tem afirmado...”). Às vezes várias metonímias estão em operação, exemplo disso é quando se fala em “negociações entre Washington e Moscou”, pois há o uso de nomes de lugares para se referir a pessoas importantes associadas às instituições situadas nesses locais (TAYLOR, 2009).

Ainda, conforme Taylor (2009), a metonímia também permite o nome de um símbolo para se referir ao tipo; assim um vendedor que comenta “o casaco é nosso artigo mais vendido” pretende transmitir não que o casaco especial foi vendida muitas vezes, mas que jaquetas feitas nesse modelo têm vendido bem.

Qualquer ocorrência do dado de uma função de referência precisa ser sancionada por um conjunto de conhecimentos e crenças encapsulados em um quadro apropriado. Certas situações especializadas, no entanto, permitem o uso de referir funções que são sancionadas fora dessas situações: um garçom pode comentar com seu colega que “a bisteca de porco saiu sem pagar”. Nesse caso, a referência ao cliente se dá por meio do nome do prato que o cliente pediu, por causa de certas características da situação no restaurante, em particular o fato de que os garçons interagem com os clientes, principalmente, com a finalidade de levar e entregar os pedidos até eles. Os clientes podem assim ser identificados em relação aos pratos que tenham encomendado (TAYLOR, 2009).

Os exemplos apresentados por Taylor (2009) sugerem que a essência da metonímia reside na possibilidade de se estabelecer conexões entre entidades que co-ocorrem dentro de um determinado quadro conceitual. Essa caracterização sugere uma compreensão mais ampla da metonímia do que a dada pela retórica tradicional. As entidades não precisam ser próximas, em qualquer sentido espacial, nem é a metonímia quem restringe a referência transferida. Numa visão mais ampla, Taylor (2009) afirma que a metonímia acaba por ser um dos processos mais fundamentais de significação extensiva e mais básica, talvez até mesmo do que a metáfora.

Para Taylor (2009), os indivíduos utilizam a forma (item lexical) que se configure a forma mais flexível de falar, assim um vocábulo ou expressão funciona como um ponto de

referência (cognitiva) para o falante, o que torna possível a ele, por exemplo, usar a PARTE pelo TODO (ou vice-versa). A seguir, apresentamos os exemplos registrados por Taylor (2009).

- (1) Ele dirigiu pelos correios. [caminho]
- (2) Ele vive junto dos correios. [local]
- (3) Ele caminhou sobre o monte. [local]
- (4) Ele vive sobre o monte. [local, entendido como ponto final de um caminho]
- (5) Ele atravessou a rua. [lugar]
- (6) Ele vive do outro lado da rua. [local]
- (7) Nós penduramos o retrato sobre o sofá. [meta]
- (8) A imagem está sobre o sofá. [local]
- (9) Eu coloquei o dinheiro na minha carteira. [meta]
- (10) O dinheiro está na minha carteira. [local]
- (12) Ele saiu da prisão. [fonte]
- (13) Ele agora está fora da prisão. [local]
- (14) A criança foi tirada de seus pais. [fonte]
- (15) A criança agora vive longe de seus pais. [local]
- (14) O livro está debaixo da mesa. [local]
- (15) Ele colocou o livro sob a mesa. [meta]
- (16) Ele pegou o livro debaixo da mesa. [fonte]

Apesar de haver algumas noções corpóreas que possivelmente são universais, as relações entre fonte e alvo nas ocorrências de metonímia passam, obrigatoriamente, por relações entre as culturas, já que esse processo relacional é específico ou inerente a comunidades linguísticas, de acordo com suas vivências e experiências. Assim, a metonímia é um tipo de Modelo Cognitivo que é motivado por experiências e que geralmente é usado com um propósito pragmático (BARCELONA, 2003).

Nesse âmbito, a metonímia pode ser vista como “uma projeção conceitual (ou mapeamento) que ocorre num domínio que inclui fonte e alvo, sendo que o alvo é mentalmente acessado a partir da fonte. Em outras palavras, a fonte causa a ativação mental

do alvo”⁵¹ (BARCELONA, 2003, p. 37). Barcelona (2003) dá como exemplo o vocábulo ‘mão’, que pode ativar um de seus domínios como o da habilidade manual, assim uma PARTE do corpo representa um de seus atributos ou funções.

Para Barcelona (2003), boa parte das metáforas consolidam-se baseadas em metonímias, já que a relação entre alvo-fonte passa por processos metonímicos, é como ocorre quando alguém diz “estar para baixo”. Nesse caso, o domínio fonte metonímico resulta da associação com o corpo: estar para baixo representa expressão muscular-corporal de relaxamento, inclinando-se para baixo. Assim, PARA BAIXO representando TRISTEZA (postura corporal) se desenvolve em TRISTEZA É PARA BAIXO (metonímia → metáfora). Nesse processo de generalização, tanto fonte como alvo podem se tornar constantes, ou seja, “a fonte metonímica torna-se fonte metafórica, e o alvo metonímico torna-se o alvo metafórico”⁵² (BARCELONA, 2003, p. 44).

Barcelona (2003) destaca 4 indícios de que mapeamentos metafóricos podem ser baseados em metonímia:

(1) Há um grande número de metáforas baseadas em metonímias, o que não pode ser casual.

(2) Metáforas podem ser vistas como “parciais”, ao passo que se relacionam com apenas um (ou alguns) aspectos do alvo. Há casos em que a generalização da “metonímia mãe” (como em TRISTEZA É PARA BAIXO) leva à metáfora.

(3) As conexões metafóricas são baseadas em experiências que, de certa forma, são encapsuladas, com frequência, por meios de abstração metonímica. A metonímia convencionalizada generaliza para a metáfora, tal como ocorre em CORES/SONS que gera a dependência da experiência (ou conhecimento) sensorial do ouvinte.

(4) Em ambas a percepção e a ativação mental se configuram como parciais já que se torna impossível a percepção de todas as características possíveis de um objeto ao mesmo tempo. Não há como um indivíduo ativar todos os subdomínios de um domínio ao mesmo tempo. O que ocorre, então, é uma seleção de partes, ou seja, um processo metonímico.

Conforme Radden (2003), um mapeamento metonímico ocorre quando há partes separadas de um mesmo domínio conceitual. Em casos como “os preços estão subindo”, a

⁵¹ No original: “a conceptual projection (or mapping) occurring inside a domain that includes source and target, whereby the target is mentally accessed from the source. In other words, the source causes the mental activation of the target”.

⁵² No original: “the metonymic source becomes the metaphorical source, and the metonymic target becomes the metaphorical target”.

ocorrência da metonímia é gerada da relação COISA PARA REPRESENTAÇÃO, pois pode ser associado a um gráfico e suas linhas.

Para Ibáñez (2003), nos processos metonímicos existem “duas possibilidades interacionais básicas: uma em que um mapeamento metonímico fornece a fonte para uma metáfora [...], e outra em que o resultado de um mapeamento metafórico se torna a fonte da metonímia”⁵³ (IBÁÑEZ, 2003, p. 121). Propõe-se, então, que há dois tipos de mapeamentos metonímicos (alvo-fonte e fonte-alvo) e, ainda, existem casos em que uma anáfora pode configurar-se como metonímia, quando dispostas em períodos complexos. Na sequência apresentamos alguns dos exemplos citados pelo autor.

(1) “Em Goldfinger Sean Connery (=James Bond) salva o mundo de um desastre nuclear, mas ele (=James Bond) teve dificuldades para consegui-lo”. [Autor pela obra / ator pelo personagem]

(2) “O sanduíche de presunto está nervoso esperando sua conta”. [Produto pelo consumidor]

(3) “Eu estou estacionado lá fora”. [Possuído pelo possuidor]

Ibáñez (2003) pondera que existem ainda ocorrências em que há dupla metonímia, como no enunciado (3), em que há um processo complexo: estar estacionado → carro → dono. Outro caso citado é quando alguém, por exemplo, mostra uma foto e diz “Isso é Roma”, a referência é fotografia → imagem de algum lugar de Roma → Roma.

Diante dessas leituras, a metonímia é entendida como um processo complexo que serve como uma referência conceitual entre domínio-alvo e domínio-fonte (ou vice-versa), o que possibilita associar diferentes conceitos lexicais a partir de Modelos Cognitivos configurados e reconfigurados ao longo da interação humana, uma vez que esses “combinados atingem um nível alto de ressonância e dão surgimento do processo de construção de sentido”⁵⁴ (EVANS, 2009, p. 266).

Ao relacionarmos a metonímia com os processos de interpretação, notamos que ela determina em que sentido a correspondência específica do mapeamento metafórico poderá ser interpretado (IBÁÑEZ, 2003). Segundo Evans (2009), a “interpretação funciona por meio do

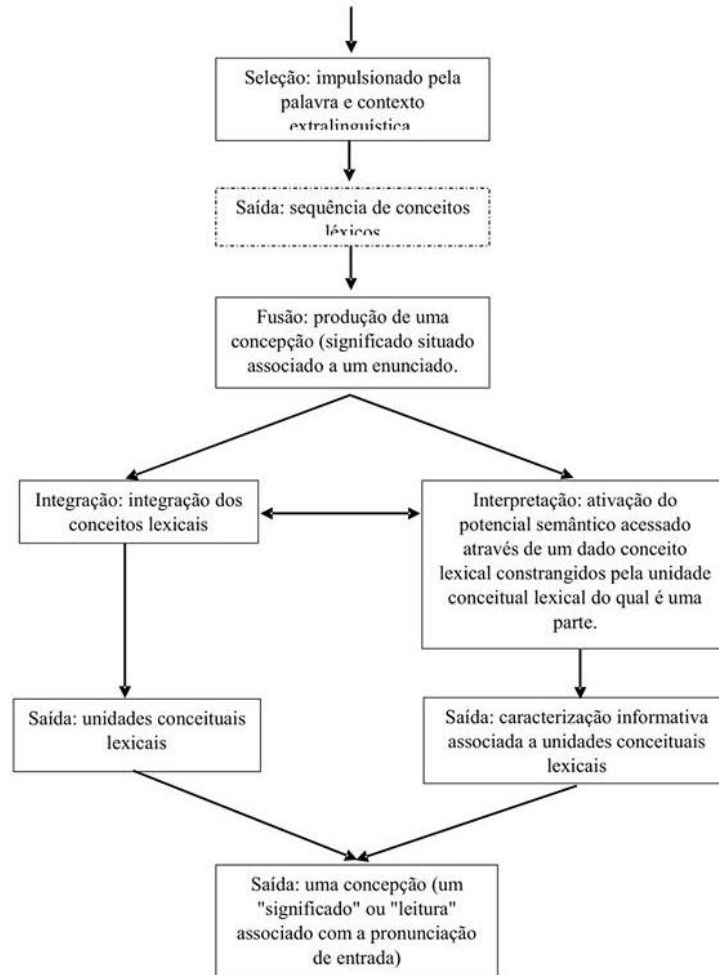
⁵³ No original: “two basic interactional possibilities: one, in which a metonymic mapping provides the source for a metaphor [...] and another in which the output of a metaphoric mapping becomes the source of a metonymy”.

⁵⁴ No original: “matched achieve a high level of resonance and give rise to the meaning-construction process”.

processo de combinação, o qual ocorre entre os perfis de modelos cognitivos acessados pelos conceitos lexicais relevantes os quais são sujeitos à combinação”⁵⁵ (EVANS, 2009, p. 254).

Na Figura 11, apresentamos um esquema proposto por Evans (2009) que delinea alguns dos conceitos abordados até aqui.

Figura 11 - Construção de sentidos na CLMC



Fonte: Evans (2009, p. 267).

Em linhas gerais, os veículos dispostos no processo comunicativo se associam às experiências e aos Modelos Cognitivos para, então, significar. Desse modo, um vocábulo que designa espacialidade, como ‘Rio Grande do Sul’, pode significar tanto ESTADO BRASILEIRO, como QUERÊNCIA AMADA ou PÁTRIA. Na seção seguinte exploramos, por meio de uma análise introspectiva, como os designadores espaciais se apresentam em três canções: *Querência amada, Eu sou do sule Canto alegretense*.

⁵⁵ No original: “Interpretation works by virtue of the process of matching, which takes place between the cognitive model profiles accessed by the relevant lexical concepts which are subject to matching”.

3.3 Análise dos designadores espaciais na perspectiva do pesquisador

Nesta seção desenvolvemos a análise dos vocábulos que designam espacialidade nas três canções selecionadas para serem objeto do questionário e da entrevista semiestruturada aplicadas na pesquisa de campo. Para a análise, as linhas das canções são numeradas, e cada vocábulo ou expressão recebe destaque em negrito. Para remissão ao longo da análise, cada vocábulo é identificado com um número correspondente à canção e uma letra correspondente à sua instanciação.

3.3.1 Análise da canção *Querência amada*

A canção *Querência amada*, interpretada inicialmente por Teixeira, ganhou repercussão e várias reinterpretações ao desenvolver como tema a exaltação do ser gaúcho e referir-se ao Rio Grande do Sul de uma forma afetiva. Na sequência, apresentamos a letra da canção.

01	Querência amada (1a)
02	Quem quiser saber quem sou
03	Olha para o céu azul
04	E grita junto comigo
05	Viva o Rio Grande do Sul (1b)
06	O lenço me identifica
07	Qual a minha procedência
08	Da provincia de São Pedro (1c)
09	Padroeiro da querência (1d)
10	Ó meu Rio Grande de encantos mil (1e)
11	Disposto a tudo pelo Brasil
12	Querência amada dos parreirais (1f)
13	Da uva vem o vinho
14	Do povo vem o carinho
15	Bondade nunca é demais
16	Berço de Flores da Cunha (1g1)
17	E de Borges de Medeiros (1g2)
18	Terra de Getúlio Vargas (1h)
19	Presidente brasileiro
20	Eu sou da mesma vertente
21	Que deus saúde me mande
22	Que eu possa ver muitos anos
23	O céu azul do Rio Grande (1i)
24	Te quero tanto torrão gaúcho (1j)
25	Morrer por ti me dou no luxo
26	Querência amada, planície e serra (1k)
27	Dos braços que me puxa
28	Da linda mulher gaúcha
29	Beleza da minha terra (1l)
30	Meu coração é pequeno
31	Porque deus me fez assim
32	O Rio Grande é bem maior (1m)
33	Mas cabe dentro de mim
34	Sou da geração mais nova
35	Poeta bem macho e guapo
36	Nas minhas veias escorre
37	O sangue herói de farrapo
38	Deus é gaúcho de espora e mango
39	Foi maragato ou foi ximango
40	Querência amada , meu céu de anil (1n)
41	Este Rio Grande gigante (1o)
42	Mais uma estrela brilhante
43	Na bandeira do Brasil

Seguindo as investigações de definições sobre Conceito Lexical propostas por Evans (2009), podemos identificar o vocábulo “querência”, cujo conceito é lexicalizado de várias formas ao longo da canção. Ainda, conforme Lima e Feltes (2013), o fenômeno anáfora indireta ocorre como um processo cognitivo em que a remissão se dá via acesso enciclopédico do indivíduo, como ocorre em alguns casos da canção, já que os vocábulos “querência amada” e “provincia de São Pedro” surgem inicialmente na letra, estabelecem uma relação com ‘Rio Grande do Sul’ e seguem recategorizados como “berço de Flores da Cunha e de

Borges de Medeiros” (1g), “terra de Getúlio Vargas” (1h), “torrão gaúcho” (1j), “Querência amada, planície e serra” (1k), “minha terra” (1l), “Rio Grande” (1m), “Querência amada” (1n) e “Rio Grande” (1o).

Lexicograficamente, o substantivo ‘querência’ (Quadro 19) pode significar local de origem (ou onde se vive); no entanto, na formação “querência amada” constata-se no adjetivo adjunto certa afetividade atribuída ao referido local. Além disso, nos primeiros versos já há uma tentativa de autodefinir-se ou de autoconstituir-se enquanto sujeito pelo fato de SER DO RIO GRANDE DO SUL.

As expressões que designam espacialidade, ao longo da canção, podem configurar-se como metonímias (cf. BARCELONA, 2003; EVANS, 2009; PANTHER; THORNBURG, 2007; PANTHER, 2006; TAYLOR, 2009) e recategorizações referenciais (cf. LIMA; FELTES, 2013) de RIO GRANDE DO SUL por referência a traços históricos (do Rio Grande do Sul), socioculturais (hábitos, usos, gastronomia) ou topográficos (acidentes geográficos naturais e artificiais). Paralelamente, ocorre, em alguns desses DEs, o processo de referenciação em que um vocábulo remete ao conceito lexical já utilizado ao longo da canção.

Em (1a) temos a primeira designação espacial da canção: “querência amada”. Como referimos anteriormente, esse item dispara um vínculo afetivo que se consolida em um espaço específico quando é citado “Rio Grande do Sul” (1b).

O trecho “a província de São Pedro” (1c) traz o designador como uma descrição definida. De acordo com a ficha lexicográfica (Quadro 17), ‘província’ pode designar uma subdivisão territorial de um país (nos dicionários de língua geral) ou remeter à região que atualmente é o Uruguai (nas obras regionalistas). No entanto, na letra da canção, a descrição definida⁵⁶ pode ser compreendida e interpretada com referência a fatos históricos do RS, já que São Pedro é considerado, pela sociedade católica, o padroeiro do estado, o que fez com que também fosse chamado por longos anos de Rio Grande de São Pedro. Fazendo a mesma referência, o item (1d) retoma as mesmas questões históricas no conjunto dos versos: “Da província de São Pedro / Padroeiro da querência”.

Nesses dois casos, as descrições definidas que designam espacialidade podem ser interpretadas como QUERÊNCIA AMADA, ou mais especificamente, como RIO GRANDE DO SUL. Sugerimos que indivíduos que consomem produtos culturais referentes ao gauchismo teriam uma facilidade maior de ler e interpretar vocábulos e expressões que são

⁵⁶ “Expressão definida” ou “descrição definida”, nos termos de Frege (1978) [2009], constituem-se de itens que iniciam com um artigo definido e, por isso, pressupõem que denotem uma única e específica pessoa, lugar, entidade. Além de dar especificidade, podem ser estruturalmente compostas por sintagmas nominais.

típicas (ou mais usuais) nesse contexto, já que seus modelos culturais auxiliariam nesse processo.

O vocábulo “Rio Grande”, citado em (1e), (1i) e (1m), faz não apenas uma referência ao estado do Rio Grande do Sul, mas converge para o conceito lexical de QUERÊNCIA AMADA. Há, nos versos, uma proximidade do *eu lírico*⁵⁷ com a querência, ao citar “**meu** Rio Grande” (1e); “O céu azul do Rio Grande / te **quero** tanto...” (1i); “mas cabe **dentro de mim**” (1m).

Poder-se-ia dizer, então, que há um recurso que denota um nível afetivo de proximidade, uma vez que os vocábulos desempenham papéis morfossintáticos que remetem à primeira pessoa, o que denota certa afetividade e que se aproximaria também do conceito QUERÊNCIA AMADA.

Na ocorrência em (1o), em “**Este** Rio Grande gigante”, podemos perceber que a caracterização de ser “gigante” não tem como referência o tamanho territorial do estado, mas uma referência afetiva do tipo DE GRANDE VALOR. Nesse caso, existe a metaforização de tamanho com uma ideia de superlatividade (ou até mesmo hiperbólico), já que se trata não do RS como extensão geográfica (geofísica), mas como caráter valorativo. Assim, há uma remissão à QUERÊNCIA AMADA, que possui um elo com o ser DE GRANDE VALOR e, ao mesmo tempo, o SER DO RIO GRANDE DO SUL, já que essa afetividade e esse amor passam pelo sentido de pertença ao estado, ao ponto de fazer parte do próprio *eu lírico*, como enunciado nos versos anteriores: “mas cabe dentro de mim”.

Em (1g1), (1g2) e (1h), observamos a referência a personalidades que se destacaram na história nacional e estadual e, além disso, às localidades dessas personalidades. Em (1g1), (1g2), “berço de Flores da Cunha e de Borges de Medeiros”, o primeiro personagem citado foi político e general, nascido em Santana do Livramento; o segundo, político e advogado, nascido em Caçapava do Sul. Já no enunciado (1h), “terra de Getúlio Vargas”, a referência é não só ao ex-presidente brasileiro, mas ao seu local de origem, São Borja (ou a campanha gaúcha, ou o estado do RS). Verificam-se, nessas duas ocorrências, casos de descrições definidas e recategorizações de Rio Grande do Sul por meio de processos metonímicos, uma vez que o TODO (estado) é significado pela PARTE: “berço” e “terra”, que designam cidades específicas. Essas recategorizações são possíveis por meio de um *frame* de natureza histórica, à medida que, para interpretá-las, é necessário que se acesse o conhecimento enciclopédico sobre a formação histórica do estado.

⁵⁷ Utilizamos *eu lírico* por entendermos que letras de canções podem ser vistas como uma forma aproximada de poema.

Em “Querência amada dos parreirais”(1f), podemos interpretar que existe uma relação à microrregião da Serra Gaúcha, reconhecida pelo forte cultivo viticultor. Assim, o conceito QUERÊNCIA AMADA reafirma-se como uma metonímia de RIO GRANDE DO SUL, à medida que passa a englobar não apenas a região (localidade específica do estado), mas também se relaciona com a produção agroeconômica, destacando o RS pelo que compõe sua atividade econômica. Além de mencionar a atividade, há o vínculo estabelecido com o produto da terra.

A procedência implica necessariamente ter nascido no local, mas o vínculo estabelecido com a região, com a cultura, gera identificação e identidades. Nesse sentido, o léxico designativo de espacialidade usado na canção pode refletir certa afetividade em relação a terra, como uma QUERÊNCIA AMADA, por diferentes questões: “terra dos parreirais” lembra os diversos grupos de imigrantes que saíram da Europa em busca de uma nova QUERÊNCIA que os acolhesse, como aqueles advindos da Itália e que se estabeleceram na Serra Gaúcha; essa inferência é possível pelo *input* “parreirais” → produção vinícola.

Nesse contexto, é interessante a referência a “parreirais” (interligando à viticultura), quando na letra não se citam as demais atividades econômicas do estado, acrescidas de suas regiões e sua história. Parte da QUERÊNCIA AMADA é também ligada à campanha, espaço reconhecido pela intensa atividade pecuária, o que insere na cultura do estado boa parte de elementos: o cavalo como instrumento de trabalho, a vestimenta frequentemente usada (bombacha, botas, por exemplo), os itens da lida campeira (laço, arreios, etc.) e o chimarrão como bebida muito consumida. Além disso, o espaço da campanha também fora, historicamente, palco de disputas territoriais entre lusos e hispanos, demarcando o espaço físico de limites, o espaço de fronteira poderia denotar imprimir nos indivíduos um “apego” pela terra, com sentido de propriedade, de “ter”, ou até mesmo de pertença, por “ser” de determinado local em detrimento de outro.

Nesse mesmo processo metonímico, a formação do relevo ajuda a lembrar como é a terra, além de a paisagem também ser representada na cultura, ou estar ligada a ela, já que a configuração geográfica – campo, planície, serra – compõe a “beleza da terra” e é entoada em muitas canções, inclusive em *Querência amada*. A cultura gauchesca é/tem vínculos necessários com a formação geográfica, e exemplo disso é a atividade campeira, própria da metade sul do Rio Grande do Sul, especificamente as regiões da fronteira oeste e campanha.

Nessas ocorrências, o processo de metonimização passa pelas relações entre as localidades, regiões e microrregiões do Rio Grande do Sul. Em outras palavras, ocorre a

substituição de PARTES pelo TODO, em uma relação complexa, como esquematizamos na sequência.

Berço de Flores da Cunha → Santana do Livramento → Campanha Gaúcha → RS → QUERÊNCIA AMADA

Berço de Borges de Medeiros → Caçapava do Sul → Região central / Pampa → RS → QUERÊNCIA AMADA

Terra de Getúlio Vargas → São Borja → Campanha Gaúcha / Fronteira → RS → QUERÊNCIA AMADA

Querência dos parreirais → Região de imigração → Serra Gaúcha → RS → QUERÊNCIA AMADA

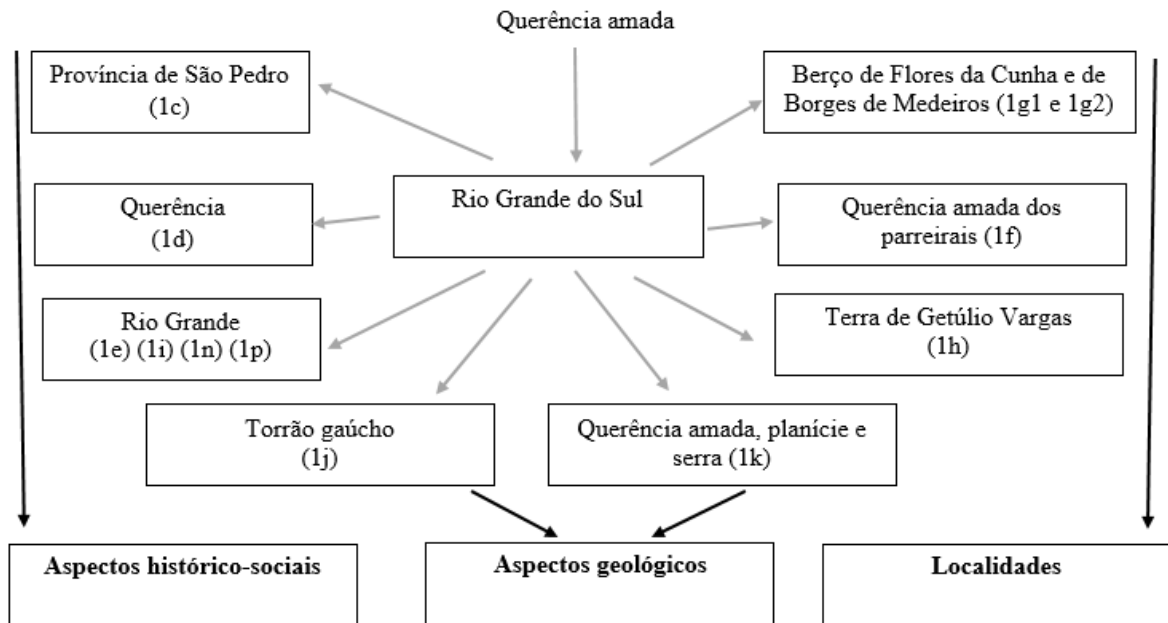
Província de São Pedro → Rio Grande de São Pedro → Rio Grande do Sul → QUERÊNCIA AMADA

Além dessas ocorrências, podemos identificar, nos itens que designam espacialidade, a relação com a formação geológica do Rio Grande do Sul. Isso se torna exemplificável no item (1k), onde a “Querência amada” é formada por “planície e serra”, remetendo a PARTES do relevo sul-rio-grandense, que é composto de Planalto Meridional, Planície Costeira, Depressão Central e Escudo sul-rio-grandense. Então, a metonímia se constrói ao serem referidas PARTES da geografia física do estado para representar o TODO e, do TODO, caracterizar afetivamente QUERÊNCIA AMADA.

Ainda, em (1j), quando se menciona “torrão gaúcho”, a relação estabelecida é com a parte do solo que pertence, por limites geográficos, ao estado. Conforme a ficha lexicográfica do Quadro 24, ‘torrão’ pode ser um “pedaço de terra”, referindo-se ao solo (nos dicionários de língua geral), ou “lugar de nascimento de alguém” (nos regionalistas). Dessa forma, podemos interpretar que “torrão” se constitui como uma metonímia, ao passo que o conceito lexical faz uso de um item que remete à forma física (de chão, terra, solo) para representar a totalidade, o RS, ou ainda, o componente pela coisa.

Para sintetizar as relações estabelecidas entre os itens que designam espacialidade na canção *Querência amada*, propõe-se o esquema da Figura 12.

Figura 12 – Designadores espaciais da canção *Querência amada*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesses casos, as metonímias remetem aos traços e PARTES do estado que ajudam a lembrar do estado como um TODO. Trata-se das particularidades que formam o TODO. A escolha da PARTE pelo TODO torna-se importante, à medida que o estado (Rio Grande do Sul) passa a ser representado por seus “pedaços”: terra, querência, província, parreirais, torrão e berço tornam-se o RS. Para construir essas ocorrências, há recategorizações e descrições definidas que acionam *frames* relativos ao contexto sul-rio-grandense. Possivelmente indivíduos que compartilham desse contexto (como tradicionalistas e nativistas) realizam esse processo de recategorização e metonimização com maior facilidade. Em contrapartida, outros indivíduos podem ter certa dificuldade, pois podem não ter o conhecimento enciclopédico para evocar os *frames*.

3.3.2 Análise da canção *Eu sou do sul*

Entoada por diferentes intérpretes, a canção *Eu sou do sul* trata da construção identitária do *eu lírico* como pertencente ao “sul”. O vocábulo “sul”, repetido várias vezes ao longo dos versos, constrói-se como uma metonímia de Rio Grande do Sul, como se percebe na letra que segue.

01	<i>Eu sou do sul</i> (2a)
02	Eu sou do Sul
03	Eu sou do sul, sou do sul
04	É só olhar pra ver que eu sou do sul, sou do sul
05	A minha terra tem um céu azul, céu azul (2b)
06	É só olhar e ver
07	Eu sou do sul
08	É só olhar pra ver que eu sou do sul
09	A minha terra tem um céu azul
10	É só olhar e ver
11	Eu sou do sul
12	É só olhar pra ver que eu sou do sul
13	A minha terra tem um céu azul
14	É só olhar e ver
15	Nascido entre a poesia e o arado
16	A gente lida com o gado e cuida da plantação
17	A minha gente que veio da guerra
18	Cuida dessa terra (2c)
19	Como quem cuida do coração
20	Eu sou do sul
21	É só olhar pra ver que eu sou do sul
22	A minha terra tem um céu azul
23	É só olhar e ver
24	Você, que não conhece meu estado (2d)
25	Está convidado a ser feliz neste lugar (2e)
26	A serra te dá o vinho (2f)
27	O litoral te dá carinho (2g)
28	E o Guaíba (2h) te dá um pôr do sol lá na capital
29	(2i)
30	A fronteira los hermanos (2j)
31	É prenda cavalo e canha
32	Viver lá na campanha é bom demais (2k)
33	Que o santo missioneiro
34	Te acompanhe companheiro
	Se puder vem lavar a alma no rio Uruguai (2l)

Na canção, a voz poética caracteriza o indivíduo não por sua singularidade, mas é demarcado pela territorialidade do estado do Rio Grande do Sul, isto é, a cultura e o território imprimem conceitos, comportamentos e formas de existir que são próprias do gaúcho rio-grandense; essas formas podem divergir entre o gaúcho argentino e o gaúcho uruguaio.

Além disso, as atribuições físicas e geográficas do estado do Rio Grande do Sul são exaltadas de modo ufanista. Em outras palavras, estrofes como “a minha terra tem um céu azul/ é só olhar e ver” trazem uma hipervalorização da natureza regional do estado. Nesse sentido, há na letra um intertexto com *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e o leitor, principalmente o filiado a CTGs e similares, pode visualizar que o território, a cultura e a língua portuguesa falada no RS são supervalorizadas se comparadas ao nacional. É estabelecida, ao longo da letra, uma construção de conceitos que eleva o *status quo* do gaúcho

rio-grandense a um patamar inatingível em relação aos gaúchos argentinos e uruguaios, e até mesmo dos brasileiros.

Nesse contexto, já no título, o leitor pode verificar a presença de um designador espacial: “sul”. Esse designador será repetido outras vezes ao longo da letra, todas as vezes referindo-se ao estado gaúcho. Nessas ocorrências, notamos a presença do recurso metonímico por meio da relação PARTE PELO TODO, uma vez que o sul do Brasil é formado de três estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A reiteração, apresentada nos primeiros versos, de o *eu lírico* autodeclarar-se sulista, ou ainda afirmar enfaticamente que pertence ao estado gaúcho, pressupõe também pensar nos substratos culturais que envolvem a figura desse “ser gaúcho”, já que, ao dizer que “É só olhar pra ver que eu sou do sul”, o sujeito tem construído em seu imaginário uma série de características que possibilitam reconhecê-lo como gaúcho, como a vestimenta, por exemplo.

O segundo designador espacial citado na letra (2b) é “terra”, em “A minha terra tem um céu azul”. Nessa ocorrência, observamos a relação que se faz com “céu azul”, podendo ser interpretado como “céu limpo, claro”, o que indicaria, no conjunto dos versos, que a terra mencionada apresenta uma relativa tranquilidade para se viver e que, dependendo da leitura realizada, os substratos culturais ligados à terra propiciariam uma vivência feliz.

Nesse processo, sugerimos a construção de sentidos em que TERRA É RIO GRANDE DO SUL, em um processo metonímico complexo, em que há diversas relações e propriedades envolvidas (cf. IBÁÑEZ, 2003). Apresentamos, na sequência, as relações possíveis no processo de construção de sentidos de “terra” (2b) na letra da canção.

Terra → lugar de céu azul → conjunto de particularidades culturais e geográficas → RS → sul

Nos versos “Aminha gente que veio da guerra / cuida dessa terra”, destacamos o designador espacial “terra” (2c), que pode ser interpretado como o estado do Rio Grande do Sul. Essa construção interpretativa pode ser dada por meio do *frame* GUERRA que possibilita acionar o conhecimento prévio de que o estado participou de guerras como a Revolução Farroupilha, a Guerra Guaranítica e a Guerra do Paraguai, além das constantes disputas entre lusos e hispânicos pela delimitação da fronteira do território. Ainda, essa relação entre terra e Rio Grande do Sul só pode ser possível na medida em que existe a relação com o designador “sul” (2a), citado anteriormente na letra. Dessa forma, o leitor pode estabelecer a relação Terra → sul → Rio Grande do Sul.

A ocorrência “meu estado” (2d), citada em “Você, que não conhece meu estado”, pode ter como interpretação “estado do Rio Grande do Sul”, ao analisarmos os designadores

anteriores: “sul” (2a) e “terra” (2b; 2c). Nos três casos, há a referência ao “estado” a partir da rede de particularidades e vocábulos na canção que acionam referencialmente traços e características gaúchas. Ainda, pode-se analisar o possessivo “meu” antecedendo o substantivo “estado”, o que poderia denotar um certo nível de proximidade do *eu lírico* com o referido local e, nesses termos, indivíduos que estejam mais próximos da cultura tradicionalista poderiam ter uma facilidade maior de colocar-se no lugar desse *eu lírico* e “sentir” com mais propriedade a afetividade atribuída ao espaço.

No âmbito da Lexicografia (Quadro 13), o lexema ‘lugar’ significaria “espaço determinado”. Na letra da canção, “neste lugar” constitui-se como um elemento anafórico que retoma os demais designadores espaciais anteriormente citados e, por meio dessa referência, liga-se a “estado do Rio Grande do Sul”.

No caso da utilização do item “serra”, verificamos a similaridade conforme explicado em “Querência amada dos parreirais”, em (1f), já que aqui há a referência a uma das regiões do estado que é considerada uma das principais (economicamente), pela hegemonia das indústrias de diferentes produções e pela forte colonização italiana que trouxe consigo substratos culturais que se incorporaram à cultura gaúcha, dentre eles, a agricultura (como o cultivo de videiras) e a culinária. Em contraste com os registros lexicográficos (Quadro 23), notamos que a letra da canção apresenta o designador espacial com especificidade, já que relaciona esse como uma das regiões que compõe o RS.

Podemos interpretar o designador “litoral” (2h) como sendo uma PARTE do Rio Grande do Sul, ao ser relacionado com os demais designadores ou lembrar do título da canção: *Eu sou do sul*. Lexicograficamente (Quadro 15), o lexema ‘litoral’ significa “Zona de contato entre a terra e o mar”, mas inserido no contexto da letra assume um papel específico: PARTE do estado gaúcho exaltado pelo *eu lírico*.

A ocorrência (2h) traz o hidrotópônimo “Guaíba” e, por essa razão, a construção de sentidos pode ser facilitada, exigindo do indivíduo leitor que saiba que existe um rio com esse nome localizado na faixa leste do estado, além de haver uma cidade com o mesmo nome.

O item ‘capital’, conforme o registro apresentado nas obras lexicográficas (Quadro 11), pode ser o centro político administrativo de qualquer estado ou país; no entanto, “capital” trata-se de uma anáfora indireta, nos termos de Lima e Feltes, (2013), pois, ao relacionarmos o vocábulo com o “sul”, verificamos, por meio de uma relação complexa, que se trata de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul. Conforme Ibáñez (2003), algumas metonímias se constituem por meio de um processo complexo de relações, como sugerimos para a ocorrência de “capital” (2i):

Capital → capital do “sul” → SUL É RS → Porto Alegre

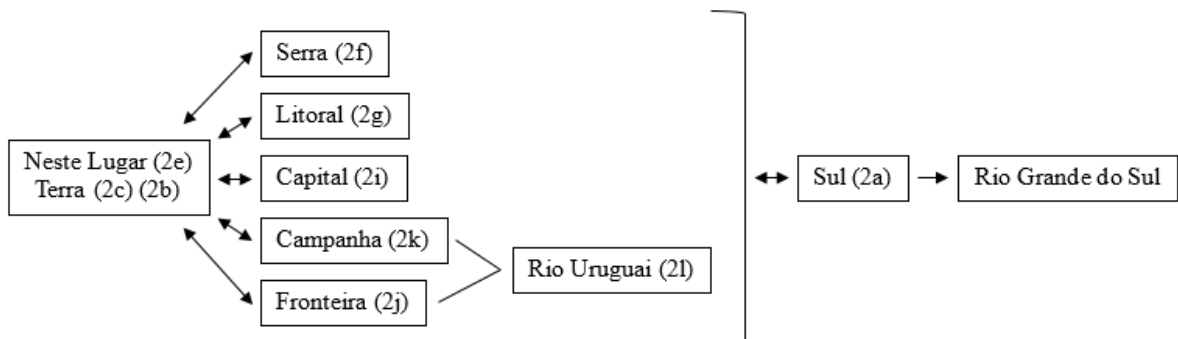
O designador “fronteira” (2j) faz referência à fronteira oeste do estado, local de divisa entre Brasil e Argentina e Brasil e Uruguai. Essa interpretação é possível à medida que relacionamos esse item lexical com outros da letra, como “Serra” (2f) e “litoral” (2g) que se constituem como microrregiões do Rio Grande do Sul ou, ainda, com “sul” (2a), interpretado na letra como o estado gaúcho.

A ocorrência de “campanha” (2k) estabelece uma relação direta com o designador anterior, “fronteira” (2j), já que, no caso da letra, esses dois espaços se coadunam na formação do pampa gaúcho. Em obras lexicográficas estudadas, ‘campanha’ (Quadro 11) é registrada, dentre suas definições, como “campo de grande extensão, planície”, o que se aproxima do sentido relacionado à letra. No entanto, indivíduos que conhecem a história e a geografia do estado podem interpretar “campanha” como uma região do RS. Esse caso pode também ser visto como um processo metonímico complexo (cf. IBÁÑEZ, 2003):

Campanha → campos de grande extensão, planície → região do RS → RS → sul

Relacionado à “fronteira” (2j) e à “campanha” (2k), “rio Uruguai” (2l) faz referência à hidrografia do Rio Grande do Sul, já que esse rio contorna a fronteira do estado com a Argentina, banhando duas das grandes regiões que contribuíram para formação histórica e cultural do estado: as missões e a campanha. A Figura 13 apresenta as relações entre esses designadores e os demais no contexto da letra.

Figura 13 – Designadores espaciais da canção *Eu sou do sul*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, os vocábulo utilizados na letra podem ser vistos como um processo metonímico de Rio Grande do Sul, já que são utilizados com a finalidade de afirmar que as

PARTES formam um TODO que se orgulha dessas PARTES. Essas PARTES representam, então, traços que compõem o RS, principalmente sociais e geográficos.

3.3.3 Análise da canção *Canto alegretense*

A canção *Canto alegretense* é um hino de amor e exaltação em que o *eu lírico* evoca a cidade de Alegrete que, supostamente, seria seu local de origem, nascimento ou residência, pelo qual carrega muita afeição e sentimento. Dispomos, na sequência, a letra dessa canção.

01	<i>Canto alegretense</i>
02	Não me perguntes onde fica o Alegrete (3a)
03	Segue o rumo do teu próprio coração
04	Cruzarás pela estrada algum ginete
05	E ouvirás toque de gaita e violão
06	Pra quem chega de Rosário ao fim da tarde (3b)
07	Ou quem vem de Uruguaiana de manhã (3c)
08	Tem o sol como uma brasa que ainda arde
09	Mergulhado no rio Ibirapuitã (3d)
10	Ouve o canto gauchesco e brasileiro
11	Desta terra que eu amei desde guri (3e)
12	Flor de tuna, camoatim de mel campeiro
13	Pedra moura das quebradas do Inhanduí (3f)
14	E na hora derradeira que eu mereça
15	Ver o sol alegretense entardecer
16	Como os potros vou virar minha cabeça
17	Para os pagos no momento de morrer (3g)
18	E nos olhos vou levar o encantamento
19	Desta terra que eu amei com devoção (3h)
20	Cada verso que eu componho é um pagamento
21	De uma dívida de amor e gratidão

Nessa canção, o espaço é a temática central e, a partir do topônimo “Alegrete”, há uma construção de sentidos em que se exalta o local (ou região), atribuindo-lhe afetividade e amor: ALEGRETE É TERRA QUERIDA e ALEGRETE É RIO GRANDE DO SUL.

O *eu lírico* inicialmente fala a um suposto viajante sobre a localização da cidade de Alegrete. Nesse caso, é demonstrado que alguém da região dos gaúchos (Argentina, Brasil e Uruguai) sabe encontrar a cidade de Alegrete, porque está “naturalmente habilitado” para encontrar os caminhos que levam à cidade, pois sua terra é Alegrete (o que pode ser entendido como raízes, local de origem). Outro importante elemento que colabora para a construção de sentido dos designadores espaciais diz respeito ao espaço geográfico da região, isto é, a fronteira entre os países hispano-falantes e que mantém alguns aspectos que o tradicionalismo

ênfatiza em seu cotidiano, traços que se ligam também à atividade pecuária: o uso do cavalo como auxiliar no campo, o alto consumo de carne (churrasco), uso de peças do vestuário como bota e bombacha.

Assim, na primeira estrofe, há a inclusão de topônimos correspondentes a cidades que compõem a microrregião da campanha gaúcha (fronteira oeste), tais como Alegrete (3a), Rosário (3b) e Uruguiana (3c). É a partir dessa contextualização geográfica que a letra acentua seu eixo central: falar de Alegrete. Os designadores (3b) e (3c) são citados apenas como referência para (3a) e, nesse sentido, podem ser lidos como CIDADES DA FRONTEIRA, ou ainda, CIDADES DE DIVISA COM ALEGRETE. Por sua vez, o topônimo ‘Alegrete’ pode ser lido em uma relação mais complexa, como segue:

Alegrete → cidade da fronteira oeste →TERRA QUERIDA

Outros dois DEs que designam nomes próprios são “rio Ibirapuitã” (3d) e “quebradas do Inhanduí” (3f). No caso de (3d), o leitor da letra da canção (ou consumidor) precisa verificar que a construção de sentidos da descrição definida, é bem mais que um hidrotópônimo, já que é o nome de um rio famoso que corta algumas cidades da fronteira oeste, dentre elas, Alegrete. Por outro lado, para interpretar o designador “quebradas do Inhanduí” (3f), o sujeito leitor precisa estabelecer relações que não se encontram na letra: existe, no município de Alegrete, uma localidade rural (subdistrito) que se chama Inhanduí e, com o mesmo nome, há um rio; é nessa localidade do Alegrete que a família Fagundes nasceu, viveu e que, mais tarde, veio a se tornar *Os Fagundes*, conjunto musical de grande representatividade da música tradicionalista gaúcha, reconhecido principalmente pela canção *Canto alegretense*.

Ainda, a canção possibilita que um leitor infira o sentido de reestabelecimento orgânico (o homem que se conecta à natureza para restaurar o equilíbrio e vitalidade) por meio dos elementos naturais: luz do sol, águas do Rio Ibirapuitã. Nos versos há alguns empréstimos linguísticos de língua indígena (Ibirapuitã e Inhanduí) e, por essa razão, a interpretação torna-se um tanto complexa, mesmo para os nativos da região.

O refrão inicia com a hipérbole “canto gauchesco e brasileiro”, isto é, a cultura gaúcha se insere em uma categoria maior do que a representação do estado-nação⁵⁸ em que está inserida: Brasil. Pode-se compreender esse trecho inicial como dois mundos distintos: o

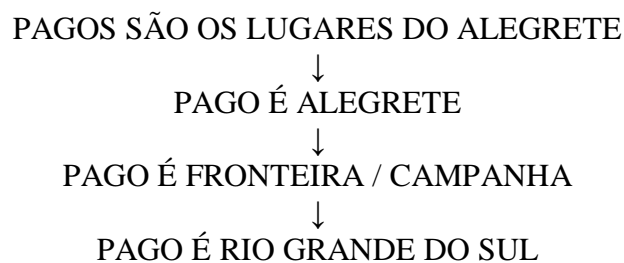
⁵⁸ Conceito da sociologia clássica que embasa os estudos de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida (pós-modernidade). No caso das interpretações sociológicas deste autor, no contexto de Estado-Nação as identidades são moldadas pelos costumes, normas e crenças. Entretanto, no caso dessa canção, a identidade não é moldada por um Estado-Nação, mas por uma comunidade que transcende as fronteiras dos estados-nação: Argentina, Brasil e Uruguai.

mundo gaúcho e o mundo dos brasileiros, em que essa última categoria representa o povo colonizado, subserviente à corte espanhola e portuguesa.

No decorrer da canção, a voz poética exprime o sentimento de pertencimento às suas origens territoriais. Tal postura leva-o a transcender as barreiras vitais de tempo e espaço, porque, assim como um animal “aceita” o território de morte, esse indivíduo o aceitará, pois aquele campado é o seu lugar.

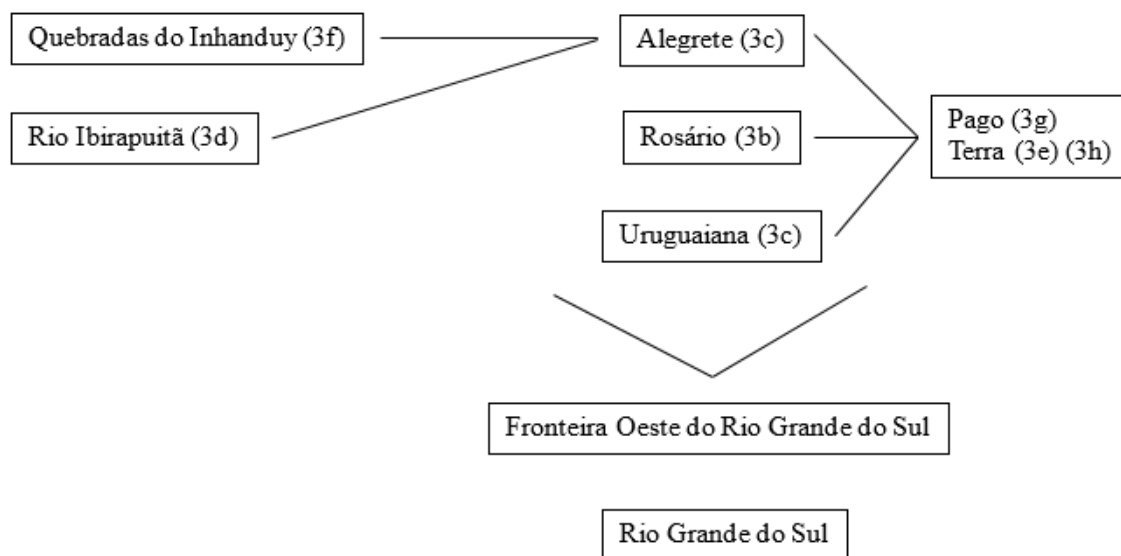
A estrofe final é a consolidação da despedida pela terra e pelo amor dedicado às vivências e experiências. É possível sentir que naquele espaço físico as memórias construídas foram não apenas moldadas pela cultura gaúcha, mas pelas possibilidades que o espaço físico (terra) estabelece no desenvolvimento subjetivo do indivíduo, o que pode ser confirmado pelos seguintes dizeres: “e nos olhos vou levar o encantamento/ desta terra que eu amei com devoção/ cada verso que componho é um pagamento de uma dívida de amor e gratidão”.

Além disso, o vocábulo “pagos” (3h), do verso “Para os pagos no momento de morrer”, representa, por meio de um processo metonímico complexo, os “diferentes lugares” que fazem PARTE do TODO que é o Rio Grande do Sul. Esse processo torna-se complexo, de acordo com a proposta de Ibáñez (2003), pois reflete as seguintes relações:



Na sequência dos versos, o designador espacial “Desta terra”, inserido em “Desta terra que eu amei com devoção”, assume um caráter valorativo, atribuído ao lugar pelo *eu lírico* para identificá-lo com “amor” e “devoção”. No âmbito da letra, há uma referência a “Alegrete” (3a) e, por sua vez, a Rio Grande do Sul, o que poderia retomar também outros espaços (que se configuram PARTES) do estado, como, por exemplo, “serra” (2f), “litoral” (2g), “Guaíba” (2h), “capital” (2i), “fronteira” (2j) e “campanha” (2k), mencionados na canção *Eu sou do sul*. Nesses termos, é possível ler “desta terra” como caracterizando um processo metonímico em que a PARTE representa o TODO (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009). A Figura 14, a seguir, apresenta as relações entre os designadores da canção.

Figura 14 – Designadores espaciais da canção *Canto alegretense*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em linhas gerais, os vocábulos que designam espacialidade dispostos ao longo da canção *Canto alegretense* caracterizam-se como PARTES do Rio Grande Sul, vistas com valor e com sentido de pertença, declarados pelo *eu lírico* por meio de uma exposição de todo o amor pelo espaço onde vive. Assim, ao acionar Conceitos Lexicais ligados a esse contexto, as noções de itens como ‘terra’ e ‘pago’, por exemplo, deixam de ter sentidos genéricos, como abordados na pesquisa lexicográfica, para se revestir de especificidade e representar locais específicos: Alegrete, campanha gaúcha, Rio Grande do Sul.

Neste capítulo descrevemos e discutimos os pressupostos teóricos utilizados nesta tese (seções 3.1 e 3.2), procurando exemplificar a partir de uma análise (seção 3.3) das três canções selecionadas para o instrumento usado na pesquisa de campo. O próximo capítulo traz a descrição, análise e discussão dos dados gerados a partir da pesquisa de campo.

4 QUARTO ESPAÇO: ANÁLISE EXPLANATÓRIA DA PESQUISA DE CAMPO

Os vocábulos que designam espacialidade, destacados no *corpus* das canções selecionadas nesta pesquisa, podem ser lidos e interpretados de diferentes modos e perspectivas, como abordamos na pesquisa lexicográfica (seção 2.3) e discutimos, em face às contribuições da Linguística Cognitiva, na análise introspectiva (seção 3.3).

Neste capítulo exploramos como esses DEs podem ser lidos e interpretados e, assim, dividimos essa discussão em três seções.

A primeira seção (4.1) descreve e analisa as respostas dadas pelos informantes-leitores no questionário empregado na pesquisa de campo, a partir de três subseções: as interpretações dos DEs em *Querência amada* (subseção 4.1.1), *Eu sou do sul* (4.1.2) e *Canto alegretense* (4.1.3). A segunda seção apresenta e analisa os dados gerados nas entrevistas realizadas com os leitores dos dois grupos (G2N e G2T). Na terceira seção (4.3) discutimos os resultados da pesquisa. Essas seções trazem, ainda, reflexões ligadas às discussões dos capítulos anteriores, principalmente ao quadro teórico da Linguística Cognitiva.

4.1 Análise das respostas dadas no questionário

4.1.1 Leituras de designadores espaciais em *Querência amada*

Esta seção apresenta, descreve e analisa as respostas construídas pelos sujeitos leitores participantes da pesquisa, oferecidas a partir da leitura e interpretação de DEs presentes na canção *Querência amada*. Conforme descrito na seção de métodos técnicas e procedimentos (ver capítulo 2 e Anexo D), ao longo da construção das respostas para os designadores, os indivíduos leitores poderiam deixar, em um campo específico do instrumento, suas impressões (dificuldades ou raciocínios desenvolvidos ao longo do processo). Essas observações são analisadas sempre que oportunas. Ainda, comparamos esses dados com a pesquisa lexicográfica aqui realizada e a análise introspectiva feita pelo pesquisador.

A partir da ocorrência de “querência amada” (1a), expressa no título da canção *Querência amada*, apresentamos no Quadro 26 as respostas dadas pelos dois grupos de leitores participantes da pesquisa.

Quadro 26 – Leituras de “Querência amada” (1a)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Terra amada.	L1G2T - Amor ao estado, cidade, terra onde nasceu.
L2G1N - Local onde se vive, RS, local que se gosta muito.	L2G2T - Terra, lugar onde nasceu ou vive, pelo qual tem apreço.
L3G1N - Estado.	L3G2T - Amor ao pago (terra). Rio Grande do Sul.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Lugar, lar, onde descanso e tenho conforto.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Clássico dos tradicionalistas.
L6G1N - Lar.	L6G2T - Local em que vive, que tem apreço.
L7G1N - Estado do Rio Grande do Sul.	L7G2T - “Eu amo o lugar onde vivo”, orgulho. Idolatrar o lugar onde moro.
L8G1N - Sentido amplo para terra, atribuindo sentimento positivo.	L8G2T - Está falando do nosso estado.
L9G1N - Lugar/terra que se ama.	L9G2T - RS.
L10G1N - Terra querida, RS.	L10G2T - Lugar que desperta amor por quem lhe fala.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os informantes leitores do grupo não-tradicionalista atribuíram um sentido genérico como “lugar” (L5G1N), “lar” (L6G1N), “estado” (L3G1N). Outros estabeleceram a relação de “querência” ao estado do Rio Grande do Sul, como o L7G1N, ao responder “estado do Rio Grande do Sul”. Nesse contexto, duas explicações tornam-se possíveis: a leitura de itens espaciais que seguem na canção poderia auxiliar na resposta, assim como a ocorrência da anáfora indireta permitiria acessar por conhecimento prévio que, em canções dessa temática e gênero, ‘querência’ é um lexema utilizado para referir-se ao estado do Rio Grande do Sul.

Há, ainda, leitores desse grupo que acresceram qualificações ao espaço, como em “terra amada” (L1G1N), “local onde se vive, RS, local que se gosta muito” (L2G1N), “terra querida, RS” (L10G1N) e “lugar/terra que se ama” (L9G1N). Seguindo um raciocínio similar, o indivíduo L8G1N respondeu “sentido amplo para terra, atribuindo sentimento positivo”. Sobre esse vocábulo, o leitor L8G1N descreve no campo observações: “querência para quem não tem um vocabulário muito amplo pode ser terra ou algo de muito gosto do compositor”.

Ao construir a resposta, o sujeito L9G1N registrou: “tive dúvida para encontrar um sinônimo para a palavra querência, ainda não sei se a palavra terra foi uma boa escolha”. Percebemos, nesse caso, a insegurança na construção de sentidos, talvez por uma fraca

intimidade com o léxico empregado na letra. Ainda, para o L2G1N, foi “difícil expressar o sentido e as referências e retomadas em apenas uma palavra”.

Quanto ao grupo tradicionalista, nove dos leitores desenvolveram sua resposta qualificando “querência” de diferentes modos, o que poderia demonstrar que esses indivíduos supostamente estariam mais integrados e envolvidos com a temática, possibilitando, dessa forma, especificar as respostas. Apenas um indivíduo (L10G2T) desse grupo apresentou uma resposta “curta”, considerando que “querência” é o “RS”.

Por meio da leitura das respostas, nota-se que há uma afetividade na construção de sentidos de “querência”, pois pode ser vista como LUGAR PELO QUAL SE TEM APREÇO, a partir de indícios como os usos de elementos eufóricos⁵⁹ como “amor”, “apreço”, “conforto”. Nota-se, ainda, sentido de pertença e proximidade de alguns leitores ao dar a resposta utilizando a primeira pessoa, como em “descanso e tenho conforto”, “eu amo o lugar onde vivo” e “nosso estado”. Nesses casos, podemos também fazer a associação de “querência” com “Rio Grande do Sul”, atribuindo um grau valorativo ao estado, tal como descrevemos na análise introspectiva (seção 4.1.1).

Lexicograficamente, notamos a proximidade de respostas, já que os registros apresentados (Quadro 19) convergem para o sentido de “local onde se nasceu ou se tem apreço”. No entanto, o conjunto vocabular da canção pode levar o leitor a especificar esse “local”: em *Querência amada* remete a Rio Grande do Sul. A partir da leitura da letra, conjugando o conhecimento prévio às relações de sentido entre os demais vocábulos da mesma canção, os leitores poderiam, então, ter interpretado “querência” como esse local de apreço, delimitando-o como RS.

Similarmente, leitores integrantes dos dois grupos produziram respostas que podem qualificar “Querência amada” como uma anáfora indireta, tal como foi discutido ao longo da análise introspectiva (seção 3.3).

Com base nas leituras do grupo G2T, verificamos que o uso da primeira pessoa gera proximidade e familiaridade ao construir-se os sentidos para os vocábulos, e isso, em certa medida, pode ser influenciado por um *frame* de natureza cultural: existe no âmbito do tradicionalismo o culto e a valorização do espaço, do local onde se vive.

As interpretações entre os dois grupos deram-se a partir da construção de sentidos que estão relacionados a contextos específicos. Assim, associamos a ideia de contexto à proposta de Evans (2009) na CLMC, ao passo que cada um dos indivíduos estabeleceu relações

⁵⁹ Nesse caso, utilizamos “eufórico” como oposto de “disfórico”.

internas e externas à letra para formular a resposta, o que se deve às conexões entre contexto, conceitos lexicais agregados individualmente e Modelos Cognitivos.

Logo, essas conexões possivelmente permitiram que os integrantes dos dois grupos realizassem leituras mais específicas, de acordo com o conjunto de experiências de cada indivíduo leitor. Dessa forma, notamos que o G1N se mostrou mais genérico, mesmo especificando “Querência amada” como RIO GRANDE DO SUL (em alguns casos). Em contrapartida, os leitores do G2T, além de relacionarem o vocábulo a RIO GRANDE DO SUL, acrescentaram características ao designador espacial, já que, nesse grupo, “Querência amada” é RIO GRANDE DO SUL + AMOR + APREÇO + DESCANSO + CONFORTO + ORGULHO.

O segundo designador espacial destacado é “Rio Grande do Sul” (1b), mencionado nos versos “Olha para o céu azul / E grita junto comigo / Viva ao Rio Grande do Sul”. A partir dessa ocorrência, os grupos G1N e G2T realizaram leituras similares, respondendo que o vocábulo remete ao estado do Rio Grande do Sul. As respostas das leituras desse designador estão no Quadro 27.

Quadro 27– Leituras de “Rio Grande do Sul” (1b)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado.	L1G2T - Estado onde prevalece a tradição gaúcha.
L2G1N - Estado do RS.	L2G2T - Estado de onde vem a música
L3G1N - Povo	L3G2T - Estado brasileiro
L4G1N - Estado.	L4G2T - Estado, raiz.
L5G1N - Estado.	L5G2T - Berço da cultura gaúcha no Brasil
L6G1N - Estado.	L6G2T - Estado no qual vivemos.
L7G1N - Estado.	L7G2T - Viva o nosso povo, estado.
L8G1N - RS	L8G2T - É um estado.
L9G1N - Um estado do Brasil.	L9G2T - Estado do sul do país.
L10G1N - Estado brasileiro.	L10G2T - Estado sul-brasileiro, minha querência amada.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Oferecendo maiores especificidades, alguns leitores do grupo G2T propuseram caracterizações ao estado, atribuindo valor, como observamos em “Viva o nosso povo, estado” (L7G2T) e “Estado sul-brasileiro, minha querência amada” (L10G2T). Houve leitores

que definiram “Rio Grande do Sul” com ligação às tradições, apresentando respostas como “Estado onde prevalece a tradição gaúcha” (L1G2T), “Estado de onde vem a música” (L2G2T) e “Berço da cultura gaúcha no Brasil” (L5G2T).

Por fim, um dos leitores desse grupo (L4G2T) apresentou como resposta “Estado, raiz”. Aqui podemos analisar o vocábulo “raiz” como um recurso para representar local de origem, local onde alguém nasceu ou viveu. Em se tratando de um contexto tradicionalista, esse vocábulo pode ser lido como um substrato do que se propaga nesse meio: a valorização pelo espaço onde se vive ou nasceu.

Relacionando ao contexto da letra, os leitores atribuíram o sentido de “Rio Grande do Sul” observando a totalidade da letra, mesmo tratando-se de um topônimo, inferência que seria possível imediatamente pelo conhecimento prévio de geografia. Por outro lado, dar especificações e caracterizações, como efetuado pelo grupo G2T, pode demonstrar uma maior proximidade e facilidade em interpretar e discutir sobre o assunto.

Com base nas respostas dadas pelo grupo de tradicionalistas, notamos que há níveis de afetividade ligados ao vocábulo “Rio Grande do Sul”, pois além de ser ESTADO, caracteriza-se, na voz dos leitores, como ESTADO + TRADIÇÃO GAÚCHA + RAIZ + BERÇO DA CULTURA + NOSSO POVO + QUERÊNCIA AMADA. Nesse contexto, a construção de Conceitos Lexicais, nas palavras de Evans (2009), pode também se ligar aos Modelos Cognitivos, ao serem acionados *frames* específicos de conceitos disseminados pelo MTG.

Quanto ao designador “província de São Pedro” (1c), utilizado nos versos “Qual a minha procedência / da província de São Pedro / Padroeiro da querência”, notamos que o designador é uma expressão definida e, dessa forma, a leitura não poderia ser de itens lexicais isolados. A partir disso, os leitores dos dois grupos realizaram leituras diferentes desse vocábulo, como dispomos no quadro 28.

Quadro 28– Leituras de “Província de São Pedro” (1c)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Terra amada.	L1G2T - Local marcado por conquistas onde se origina o estado.
L2G1N - Local no campo	L2G2T - Como era chamado o continente na época da revolução
L3G1N - Não sei.	L3G2T - Naturalidade de São Pedro
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Contexto histórico, referente a uma região identificada com a revolução
L5G1N - Cidade de São Pedro	L5G2T - Lugar de história e guerra.
L6G1N - Origem.	L6G2T - Cidade de São Pedro.
L7G1N - Não sei.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Algum lugar onde se instaurou o RS.	L8G2T - Está falando do santo.
L9G1N - Região de São Pedro	L9G2T - Localidade
L10G1N - Estado	L10G2T - Pequena aldeia situada no interior de São Pedro.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dessas diferentes leituras, “província de São Pedro” pode significar tanto um espaço genérico como um local determinado: uma região do Rio Grande do Sul, conforme as respostas dadas por L5G1N, L8G1N e L9G1N. Provavelmente os leitores desse grupo fizeram associação com o topônimo ‘São Pedro’, referente à cidade gaúcha localizada no centro do estado, próximo a Santa Maria. Um dos leitores do grupo(L8G1N) registrou ainda no campo observações: “a província de São Pedro se atribui a um lugar onde o “padroeiro foi São Pedro”, o que instaura novamente um valor carinhoso a sua “terra”.

Dentre as respostas dadas para esse vocábulo, três leitores assinalaram que não sabiam o sentido. Possivelmente, nesse contexto, um conhecimento prévio acionado por *frames* relativos à história e à geografia do Rio Grande do Sul poderia auxiliar na construção de sentidos. Esses *frames* de natureza histórica e geográfica podem ser relacionados às respostas dadas por alguns leitores do grupo G2T, ao referirem-se à “província de São Pedro” como: “Local marcado por conquistas onde se origina o estado” (L1G2T), “Como era chamado o continente na época da revolução” (L2G2T), “Contexto histórico, referente a uma região identificada com a revolução” (L4G2T), “Lugar de história e guerra” (L5G2T), “Cidade de São Pedro” (L6G2T) e “Pequena aldeia situada no interior de São Pedro” (L10G2T).

Outras respostas de leitores desse grupo foram apresentadas, tais como “Naturalidade de São Pedro” (L3G2T), “Está falando do santo” (L8G2T) e “Localidade” (L9G2T). Apenas um dos leitores-informantes (L7G2T) não soube responder a essa questão, assinalando “não sei”.

Com relação aos registros lexicográficos, verificamos a característica genérica dos sentidos apresentados pelas obras (conforme ficha lexicográfica do Quadro 17), já que trazem sentidos mais globais. Quanto a isso, ao longo da letra, ponderamos a presença de relações mais restritas, pois o vocábulo pode ser lido e interpretado como um ponto (local) do RS ou o próprio estado como um todo, como registram os leitores participantes da pesquisa.

A partir de suas leituras do grupo G1N, o item “província de São Pedro” reveste-se de relações metonímicas (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009), ao abordar a PARTE(província = cidade, lugar, região) pelo TODO(Rio Grande do Sul). Ou ainda, o TODO(estado) pela PARTE(província).

Paralelamente, os leitores informantes do grupo G2T demonstraram, em suas leituras, maior sensibilidade ao relacionar o designador espacial a *frames* ligados aos substratos históricos, culturais e geográficos do RS. As construções de sentidos, nesse âmbito, são formuladas a partir de contextos específicos (conforme a letra e Modelos Cognitivos acionados) e podem ser vistos também como recursos metonímicos complexos (cf. IBÁÑEZ, 2003):

Província → local marcado por conquistas → estado do RS
 Província → continente + revolução (Farroupilha) → estado do RS
 Província → região + revolução (Farroupilha) → estado do RS
 Província → lugar + história e guerra → estado do RS

Na mesma sequência de versos da ocorrência anterior, é utilizado o vocábulo “querência”, na expressão “Padroeiro da querência”. Apresentamos no quadro 29 as leituras realizadas pelos integrantes dos dois grupos de leitores.

Quadro 29– Leituras de “querência” (1d)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Terra.	L1G2T - Pago, respeitado pela comunidade.
L2G1N - Local (RS).	L2G2T - Terra.
L3G1N - Comunidade	L3G2T - Rio Grande do Sul.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Tratada como algo que gostamos, nossa terra.
L5G1N - Terra.	L5G2T - Terra de todas as raças e etnias.
L6G1N - Lar	L6G2T - Local onde se mora, protegido pelo santo
L7G1N - Parece designar o RS, mas de maneira romântica.	L7G2T - Não Sei.
L8G1N - Terra onde se vive (RS).	L8G2T - Está falando de um lugar.
L9G1N - Terra.	L9G2T - Localidade.
L10G1N - Terra (RS).	L10G2T - Lugar de nascimento do gaúcho ou qualquer lugar do pago gaúcho.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dentre as respostas dadas pelos leitores-informantes do grupo G1N, cinco deles responderam que “querência” tem o sentido de “terra”, com a diferença de que dois desses dão especificações: “terra onde se vive” (L8G1N) e “terra (RS)” (L10G1N). Seguindo uma leitura aproximada, o L2G1N respondeu que “querência” seria “local (RS)”. Esses casos estabelecem a relação de querência com local de procedência ou específico do RS.

Entre as outras repostas dadas pelos informantes do mesmo grupo, destacamos “comunidade” (L3G1N), “lar” (L6G1N) e “Parece designar o RS, mas de maneira romântica” (L7G1N). Nas duas primeiras respostas, podemos identificar que há uma construção de sentido para “querência” que imprime positividade, já que os conceitos de ‘comunidade’ e ‘lar’ estão também relacionados à HARMONIA e à UNIÃO.

Por fim, um dos leitores (L4G1N) assinalou que não sabia o sentido desse vocábulo.

De acordo com os leitores do grupo experiente, além de “querência” ser “terra” (L2G2T) e “Rio Grande do Sul” (L2G2T), pode ainda ter outras definições, construídas pelos integrantes do grupo por meio de respostas mais extensas, a partir da formulação de enunciados.

Como apresentado na discussão das leituras de “querência”, em (1a), os registros lexicográficos se aproximam dos sentidos construídos pelos leitores (tanto do G1N quanto do G2T). No entanto, esse designador espacial constitui também, a partir da letra e das

interpretações apresentadas, um sentido específico (restrito) ao ser relacionado com o RS, como ocorre da mesma forma com “querência”, em (1d).

Na construção de sentidos, leitores dos dois grupos propuseram respostas que, em suas leituras, relacionam o vocábulo ao RS. Nesse viés, os Conceitos Lexicais estão relacionados à questão do contexto: na letra há a referência a outros designadores que remetem ao estado, inferência possível tanto por meio da leitura global da letra (incluindo a relação entre os itens lexicais empregados) e *frames* de natureza cultural, já que o grupo de tradicionalistas pode compartilhar de conceitos de espacialidade atribuindo-lhes certo valor. Essa ocorrência pode ser verificada a partir da resposta apresentada pelo leitor informante L10G2T, que define “querência” como “Lugar de nascimento do gaúcho ou qualquer lugar do pago gaúcho”.

Estabelecendo uma relação com a ocorrência (1b), o item “Rio Grande” (1e) faz relação com o topônimo Rio Grande do Sul, por isso, pode ser lido e interpretado como “estado da região sul do país”, como foi o caso de respostas dadas pelos integrantes dos dois grupos, ou ainda como explica o leitor L1G1N, que pode ser “nome do estado encurtado”. No Quadro 30 apresentamos todas as respostas dadas pelos integrantes dos dois grupos.

Quadro 30– Leituras de “Rio Grande” (1e)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Nome do estado encurtado.	L1G2T - Estado gigante de lugares bonitos.
L2G1N - Estado do RS.	L2G2T - Meu estado.
L3G1N - Estado.	L3G2T - RS, estado novamente.
L4G1N - Estado.	L4G2T - Meu estado, Rio Grande do Sul.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Terra, orgulho.
L6G1N - Orgulho.	L6G2T - Meu estado.
L7G1N - Estado do RS.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Refere-se ao estado (de forma carinhosa).	L8G2T - Está falando de um lugar.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - RS.
L10G1N - Estado.	L10G2T - Estado brasileiro.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dando maior especificidade, cinco indivíduos do grupo de tradicionalistas propuseram construções que agregam afetividade: para L1G2T, “estado gigante de lugares bonitos”; seguindo um mesmo raciocínio, L2G2T e L6G2T definem, respectivamente, como “meu

estado” e L4G2T como “meu estado, Rio Grande do Sul”; segundo L5G2T, o conceito é “Terra, orgulho”.

A partir dos registros lexicográficos (Quadro 20), verificamos que há apenas entradas nos dicionários regionalistas, uma vez que se configura como um nome próprio e, nas entradas levantadas, há uma única referência: estado do Rio Grande Sul. Em contraste, por estar contextualizado na letra da canção, o vocábulo assume outras especificidades para além da definição lexicográfica, recebendo traços de positividade.

Diante da leitura dos dois grupos, o G1N apresentou uma leitura global do vocábulo, determinando-o, na maioria das respostas como RS. Para além disso, dois dos informantes mencionaram os itens ‘orgulho’ e ‘carinhoso’ em suas construções de sentido, o que permitiria dizer que a letra por si só poderia ter auxiliado nesse acréscimo de valores positivos. Nesses casos, *frames* a partir da conexão de “Rio Grande” com outros vocábulos da letra podem ter auxiliado no raciocínio para as respostas.

Com base nas definições dadas pelo grupo G2T, notamos sensibilidade por parte de leitores, já que propuseram intimidade ao usar o pronome possessivo “meu”, de primeira pessoa. Ainda, um dos leitores apresentou uma resposta estabelecendo uma relação metonímica complexa (cf. IBÁÑEZ, 2003): “Rio Grande” → estado gigante → lugares bonitos → Rio Grande do Sul. Assim, transparece a leitura de que “Rio Grande” é GIGANTE, ou seja, tem características, culturais e históricas importantes (lidas nas construções de sentidos dos designadores supramencionados) e torna-se GRANDE por isso.

Essas ocorrências nas respostas podem ser compreendidas com base na relação entre o emprego dos itens da canção, acrescidos de *frames* de visões do Tradicionalismo, como o culto e a valorização pela terra. Nesse sentido, como defende Evans (2009), há relação entre contextos específicos e Modelos Cognitivos, pois os processos de leitura e interpretação traçam esse percurso até a construção de Conceitos Lexicais.

Quanto à expressão “Querência amada dos parreirais” (1f), apesar da aproximação de ideias entre os dois grupos de leitores-informantes, os vinculados a centros tradicionalistas construíram respostas mais detalhadas, conforme o Quadro 31.

Quadro 31– Leituras de “Querência amada dos parreirais” (1f)

Grupo não-tradicionalista – G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N – Referência aos campos.	L1G2T– Locais, regiões produtoras de uva e vinho.
L2G1N – Sentença qualifica o local, denotando ambiente campestre.	L2G2T– Referência à região serrana do Rio Grande do Sul.
L3G1N – Região.	L3G2T– Terra da uva, um dos símbolos do RS.
L4G1N – Não sei	L4G2T– Novamente uma afeição a um determinado local e suas peculiaridades, a uva na serra.
L5G1N – Serra.	L5G2T– Tradição na serra, essência.
L6G1N – Sul.	L6G2T– Local que amamos na serra gaúcha.
L7G1N – O RS e suas características.	L7G2T– Querência das “uvas”.
L8G1N – Terra onde se tem parreirais.	L8G2T– Lugar amado onde tem parreiral.
L9G1N – Terra amada, que possui parreirais.	L9G2T– Serra gaúcha.
L10G1N – Terra da plantação de uva.	L10G2T–Querência de cima da serra gaúcha.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os leitores do Grupo G1N, o designador significa: “Referência aos campos” (L1G1N), “Sentença qualifica o local, denotando ambiente campestre” (L2G1N), “Região” (L3G1N), “Serra” (L5G1N), “Sul” (L6G1N), “O RS e suas características” (L7G1N), “Terra onde se tem parreirais” (L8G1N), “Terra amada, que possui parreirais” (L9G1N), “Terra da plantação de uva” (L10G1N). Apenas um integrante desse grupo (L4G1N) assinalou que não saberia responder. Nesse mesmo contexto, L8G1N registra uma observação: “Querência amada dos parreirais remete não somente ao sentido de terra/lugar de muito apreço do compositor”.

Paralelamente, integrantes do grupo de tradicionalistas realizaram leituras mais específicas, ao delimitarem o espaço (região) ao qual se refere essa “querência amada dos parreirais” e, além disso, as respostas apresentadas constituem-se como enunciados. As leituras realizadas pelos dois grupos de leitores interpretantes trazem traços específicos ao item lexical ‘querência’, tal como discutido em (1a) e (1d).

Os leitores do grupo G1N delinearam suas respostas estabelecendo diversas relações. Por meio de *frames* ligados a outros vocábulos, seria possível entender como se construíram as especificações para ‘terra’ como lugar onde há parreirais, configurando processos metonímicos complexos (cf. IBÁÑEZ, 2003). Envolvendo outros recursos metonímicos (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009), há “região”, “RS e suas características”,

“serra” e “sul” onde a PARTE está representando o TODO (querência = RS). Estabelecendo relações genéricas, alguns informantes propuseram em suas respostas “campo” e “campestre”.

Conforme as respostas apresentadas pelo grupo G2T, observamos que, em quase sua totalidade, “querência amada dos parreirais” se caracteriza como um processo metonímico:

Local / região → produtor de vinho → estado do RS

Região → serra do RS → estado do RS

Terra da uva → símbolo do RS → estado do RS

Local → uva na Serra → estado do RS

Serra → tradição → essência → estado do RS

Local → serra gaúcha → amor → estado do RS

Querência → das uvas → estado do RS

Serra → gaúcha → estado do RS

As relações estabelecidas na construção de sentidos apresentados por parte dos integrantes desse grupo se devem, possivelmente, à ativação de *frames* de natureza cultural, à medida que esses leitores teriam experiências e conhecimentos prévios que auxiliariam na interpretação. Essas ocorrências se apresentam em conformidade com “querência” em (1a) e (1d), pois, como Evans (2009) observa, processos metonímicos estão relacionados à Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos.

Com relação ao vocábulo “berço” (1g1) e (1g2), utilizado nos versos “Berço de Flores da Cunha / E de Borges de Medeiros”, as respostas do grupo não-tradicionalistapara (1g1) interpretam como “local de nascimento de Flores de Cunha”, mas sem identificar a região ou cidade à qual esse designador espacial se refere, como registrado no Quadro 32.

Quadro 32 – Leituras de “Berço de Flores da Cunha” (1g1)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Referência a uma personalidade importante no RS.	L1G2T - Onde nasce a cultura.
L2G1N - Local de nascimento de Flores de Cunha.	L2G2T - Não sei.
L3G1N - Origem.	L3G2T - Cidade do Rio Grande do Sul.
L4G1N - Cidade.	L4G2T - Localidade.
L5G1N - Que deu origem à cidade de Flores da Cunha.	L5G2T - Lugar de cultura que poucos conhecem.
L6G1N - Não sei	L6G2T - Local de onde vem Flores da Cunha.
L7G1N - Lugar de nascimento desse sujeito, Flores da Cunha.	L7G2T - Lugar onde nasceu.
L8G1N - Lugar que remete a alguém importante.	L8G2T - Cidade de Flores da Cunha.
L9G1N - Cidade onde Flores da Cunha nasceu.	L9G2T - Onde nasceu Flores da Cunha.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Nascido em Flores da Cunha, onde tomou forma, cresceu.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Além de interpretar a expressão nessa mesma linha de raciocínio, alguns participantes do grupo G2T propõem a inserção do item ‘cultura’ em suas respostas: “onde nasce a cultura” (L1G2T) e “lugar de cultura que poucos conhecem” (L5G2T).

Ligado a esse designador temos “e de Borges de Medeiros”. Como resposta ao conceito desse designador, quatro leitores do grupo não-tradicionalista assinalaram “não sei” e os demais integrantes deram respostas diversas: “referência a uma personalidade importante no RS” (L1G1N), “local de nascimento de Borges de Medeiros” (L2G1N), “habitante” (L3G1N), “pessoa” (L5G1N), “lugar onde se remete que nasceu alguém importante” (L8G1N) e “onde Borges de Medeiros nasceu” (L9G1N). O Quadro 33 apresenta todas as respostas para o sentido de “de Borges de Medeiros” (1g2).

Quadro 33 – Leituras de “de Borges de Medeiros” (1g2)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Referência a uma personalidade importante no RS.	L1G2T - Por onde se espalha o amor, a terra e a cultura.
L2G1N - Local de nascimento de Borges de Medeiros.	L2G2T - Não sei.
L3G1N - Habitante.	L3G2T - Outra reverência às primeiras cidades.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Alguém importante nascido no Rio Grande do Sul.
L5G1N - Pessoa.	L5G2T - Não sei.
L6G1N - Não sei	L6G2T - Local de onde vem Borges de Medeiros.
L7G1N - Conheço o nome, não quem foi.	L7G2T - Onde viveu.
L8G1N - Lugar onde se remete que nasceu alguém importante.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Onde Borges de Medeiros nasceu.	L9G2T - Lugar de pessoa pública.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Nascido na província de Borges de Medeiros.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas dos informantes do grupo específico também oscilam entre referir-se somente à personalidade ou à localidade: “outra reverência às primeiras cidades” (L3G2T), “alguém importante nascido no Rio Grande do Sul” (L4G2T), “local de onde vem Borges de Medeiros” (L6G2T), “onde viveu” (L7G2T), “lugar de pessoa pública” (L9G2T) e “nascido na província de Borges de Medeiros” (L10G2T).

Uma das respostas dadas, pelo L1G2T, conceitua a expressão como “por onde se espalha o amor, a terra e a cultura”. Esse conceito estabelece relações de afetividade, o que possivelmente pode ter sido inspirado pela vivência no tradicionalismo. Três indivíduos desse grupo escreveram “não sei” em suas respostas.

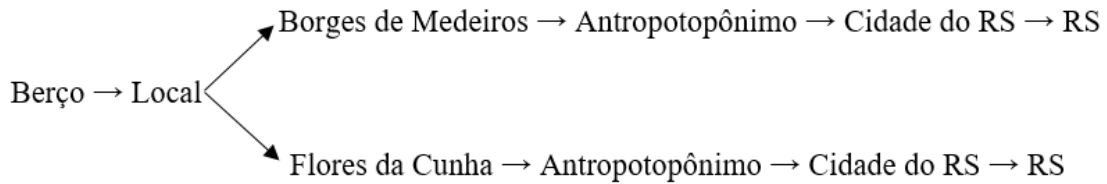
Lexicograficamente, conforme o Quadro 09, ‘Berço’ pode significar “lugar de origem” ou “pátria” o que, em certa medida, se aproximaria das interpretações realizadas pelos dois grupos. No entanto, os registros, por seu caráter genérico, ainda não têm especificidades ou caracterizações, como as apresentadas pelos indivíduos leitores.

O vocábulo “berço” está ligado a “Flores da Cunha” e a “Borges de Medeiros”⁶⁰, ao passo que podem significar ESTADO DO RS, por meio de um processo metonímico complexo em que as espacialidades (PARTES) são relacionadas a personalidades que se

⁶⁰ Apesar dessa possibilidade de indissociabilidade, na pesquisa optamos por separar em dois.

configuram como nomes importantes da história do estado (conforme discutido na análise introspectiva). Essas interpretações são possíveis por meio de *frames* que acionam o conhecimento prévio sobre o Rio Grande do Sul, uma vez que os dois DE representam o estado, como observamos na Figura 15.

Figura 15 – Relações de sentido de “Berço”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse contexto, o vocábulo “berço” ligado a “Borges de Medeiros” e a “Flores da Cunha” pode ser visto como um recurso metonímico em que algumas cidades do RS são reconhecidas por nomes de personalidades da política consideradas relevantes. Assim, temos diferentes traços (ou PARTES) que remetem ao amor ao estado (querência amada) representado ao longo da letra pelo *eu lírico*.

Quanto ao designador espacial “Terra de Getúlio Vargas” (1h), os conceitos construídos pelo grupo não-tradicionalista foram diversos. Essas respostas, bem como as do grupo G2T, encontram-se no Quadro 34.

Quadro 34– Leituras de “Terra de Getúlio Vargas” (1h)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Referência a uma personalidade importante no RS.	L1G2T - Referência a lugar de um homem que foi marcante em determinada época revolucionária.
L2G1N - Local de nascimento de Getúlio Vargas.	L2G2T - Presidente gaúcho.
L3G1N - Lugar.	L3G2T - Orgulho da naturalidade de um grande presidente do país.
L4G1N - Presidente.	L4G2T - Refere-se ao presidente brasileiro nascido no Rio Grande do Sul.
L5G1N - Pessoa.	L5G2T - Espaço de povo aguerrido e forte.
L6G1N - Governo.	L6G2T - Local de onde vem Getúlio Vargas. Cidade natal.
L7G1N - Onde nasceu o ex-presidente Getúlio Vargas.	L7G2T - Essa é a sua terra, 1º presidente gaúcho.
L8G1N - Getúlio Vargas (ex-presidente), remete ao lugar de onde ele veio.	L8G2T - Cidade.
L9G1N - Cidade de Getúlio Vargas.	L9G2T - Cidade onde nasceu Getúlio Vargas.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Explica que Caxias também é terra de Getúlio, berço de Flores. Exalta a terra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Algumas das respostas de integrantes do G1N estão relacionadas à figura do ex-presidente: “Referência a uma personalidade importante no RS” (L1G1N); “Local de nascimento de Getúlio Vargas” (L2G1N); “Onde nasceu o ex-presidente Getúlio Vargas” (L7G1N); “Getúlio Vargas (ex-presidente), remete ao lugar de onde ele veio” (L8G1N) e “Cidade de Getúlio Vargas” (L9G1N). Outros leitores desse mesmo grupo realizaram leituras mais genéricas como “Presidente” (L4G1N), “Lugar” (L3G1N), “Pessoa” (L5G1N) e “Governo” (L6G1N). Um dos integrantes desse grupo (L10G1N) respondeu “não sei”. Nesse contexto, relacionando “Terra de Getúlio Vargas com os designadores anteriores, L8G1N registra nas observações:

Berço pode-se atribuir como nascimento, tanto de Flores da Cunha quanto de Borges de Medeiros (figuras possivelmente importantes do RS). Devido a conhecimento musical/histórico tanto Borges quanto Getúlio aparecem na mente como “precursor da liberdade”.

Os conceitos apresentados pelos integrantes do grupo G2T são, em sua quase totalidade (nove dos dez) estruturados por enunciados que tentam descrever a expressão.

Essas leituras revelam a indeterminância na construção de sentidos, se relacionarmos com os registros lexicográficos (Quadro 23), já que tanto leitores do grupo não-tradicionista como do grupo de tradicionalistas propuseram sentidos que transcendem as entradas apresentadas pelos dicionários aqui selecionados. Ainda, há o caso de L10G2T, que restringe demasiadamente o sentido, propondo a região como sendo “Caxias”, o que não é o caso.

Em se tratando de relações mais genéricas, o grupo G1N demonstrou uma proximidade na construção de sentidos: ler “terra” como “lugar” e, de certo modo, associar “Getúlio Vargas” a um *frame* de natureza histórica que permite inferir que este foi presidente brasileiro. Nesse caso, o sentido pode refletir apenas o conhecimento prévio sobre o assunto, acionado por meio do léxico utilizado na letra, sem pormenorizar ou atribuir características valorativas ao designador espacial.

Já as interpretações do grupo de tradicionalistas refletem um processo metonímico (cf. EVANS, 2009) pelo qual “terra de Getúlio Vargas” se constrói, como nos exemplos:

Terra → homem marcante → época revolucionária → estado do RS
 Espaço → povo aguerrido e forte → estado do RS
 Local → cidade de Getúlio Vargas → estado do RS
 Terra → presidente gaúcho → estado do RS
 Cidade → onde nasceu Getúlio Vargas → estado do RS

Esses exemplos reafirmam as ideias da CLMC (EVANS, 2009) de que os processos metonímicos se consolidam a partir de Conceitos Lexicais conectados a contextos específicos: integrantes do grupo de tradicionalistas teriam uma maior sensibilidade e maior repertório para construir suas respostas, pois compartilham de experiências, conhecimentos e valores próprios da comunidade tradicionalista.

Com relação ao designador “Rio Grande” (1i), sete integrantes do grupo G1N construíram um mesmo conceito: ESTADO DO RS. Os demais leitores construíram as respostas como “Lugar” (L5G1N), “Lar” (L6G1N) e “Lugar onde o céu é mais azul” (L8G1N). Todas as respostas apresentadas pelos integrantes dos dois grupos de participantes encontram-se no Quadro 35.

Quadro 35– Leituras de “Rio Grande” (1i)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Nome do estado encurtado.	L1G2T - Local onde viver por muitos anos tendo saúde para ver o céu azul do Rio Grande.
L2G1N - Estado do RS.	L2G2T - Terra de que se gosta.
L3G1N - Estado.	L3G2T - Refere-se a viver no mesmo pago (RS).
L4G1N - Estado.	L4G2T - Rio Grande do Sul, tratando como intimidade.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Espaço. Tão bom fazer parte.
L6G1N - Lar.	L6G2T - Nosso estado, com céu azul.
L7G1N - O rio ou o estado do RS.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Lugar onde o céu é mais azul.	L8G2T - Lugar.
L9G1N - Estado do Rio Grande do Sul.	L9G2T - RS, localidade
L10G1N - Estado.	L10G2T - Exalta a pureza de nossa terra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O grupo G2T ofereceu respostas que trazem certo nível de afetividade, já que os conceitos são apresentados com uma proximidade dos leitores com o designador espacial, verificado por meio de respostas como: “Local onde viver por muitos anos tendo saúde para ver o céu azul do Rio Grande” (L1G2T); “Terra de que se gosta” (L2G2T); “Rio Grande do Sul, tratando como intimidade” (L4G2T); “Espaço. Tão bom fazer parte” (L5G2T); “Nosso estado, com céu azul” (L6G2T); “Exalta a pureza de nossa terra” (L10G2T). De forma mais genérica, três leitores desse grupo propuseram respostas para “Rio Grande” como “viver no mesmo pago (RS)” (L3G2T), “Lugar” (L8G2T) e “RS, localidade” (L9G2T).

Com relação à Lexicografia, a ocorrência de “Rio Grande” (1i) dá-se nos mesmos parâmetros de (1b) e (1e), por tratar-se de um topônimo. Nesse sentido, as leituras realizadas para (1i) remetem a sentidos de RS com sentimentos eufóricos, no caso dos tradicionalistas, e de apenas o estado do RS, para os do gruponão-tradicionalista.

Por meio das respostas, notamos que os indivíduos dos dois grupos possivelmente acionaram *frames* que relacionaram o designador espacial com o Rio Grande do Sul. Para além disso, outras construções, como as de L6G1N e L8G1N imprimem positividade ao conceito, como ocorre com integrantes do grupo G2T que, muitas vezes, representam suas respostas com uma proximidade ou até mesmo pondo-se no lugar do *eu lírico*.

Os conceitos sugeridos pelo grupo de leitores G1N apresentam-se relacionados ao contexto da própria letra, ou mesmo o próprio vocábulo, como os anteriores – (1b) e (1e) – ao se apresentar como um topônimo, auxiliaria na conclusão de que “Rio Grande” é RIO GRANDE DO SU

L. Ou, ainda, como há demais designadores espaciais que remetem às características do estado, os próprios vocábulos empregados poderiam acionar *frames* convergindo para essa interpretação.

Com leituras mais pormenorizadas, integrantes do G2T elaboraram os sentidos utilizando um designador espacial como base (Local, Terra, Espaço, Estado) e acresceram a ele atributos, de modo que “Rio Grande” é representado por suas características eufóricas, como propomos no esquema da Figura 16.

Figura 16 – Relações de sentido de “Rio Grande”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa perspectiva, as interpretações, com base nessas respostas, implicam, necessariamente, evocar *frames* de conhecimentos prévios e, em certa medida, ao pertencer a grupos tradicionalistas, uma leitura de “Rio Grande” poderia apresentar conceitos direcionados para a VALORIZAÇÃO do estado.

Analisando o designador “torrão gaúcho” (1j), seis dos leitores informantes do grupo G1N e três do G2T assinalaram “não sei”. Todas as respostas elaboradas encontram-se no Quadro 36.

Quadro 36– Leituras de “Torrão gaúcho” (1j)

Grupo não-tradicionalista – G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N – Não sei.	L1G2T– Amor pela terra onde se nasce.
L2G1N – Orgulho.	L2G2T– Terra, inspirando preço pela tradição.
L3G1N – Não sei.	L3G2T– Novamente outro sentido de amor ao RS.
L4G1N – Não sei.	L4G2T– Não sei.
L5G1N – Não sei.	L5G2T– Terra de prosperidade.
L6G1N – Não sei.	L6G2T– Chão gaúcho.
L7G1N – O chão do RS.	L7G2T– Não sei.
L8G1N – Talvez se remeta a clima.	L8G2T– Lugar.
L9G1N – Não sei.	L9G2T– Não sei.
L10G1N – Terra (palpite).	L10G2T– Trata-se do nosso chão sovado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Utilizado nos versos “Te quero tanto **torrão gaúcho**/ Morrer por ti me dou no luxo”, “torrão gaúcho” assume diferentes sentidos. Para o informante L2G1N, “torrão gaúcho” significa “orgulho”. Já para L7G1N, é o “chão do RS”. Conforme L8G1N, “talvez se remeta a clima”. E, ainda, L10G1N escreve em sua resposta que tem o palpite que é “terra”.

Quanto aos leitores informantes do grupo G2T, entre os que responderam propondo sentidos, destacamos que “torrão gaúcho” pode ser “Amor pela terra onde se nasce” (L1G2T), “Terra, inspirando apreço pela tradição” (L2G2T), “Novamente outro sentido de amor ao RS” (L3G2T), “Terra de prosperidade” (L5G2T), “Chão gaúcho” (L6G2T), “Lugar” (L8G2T) e “Trata-se do nosso chão sovado” (L10G2T).

A ideia de espacialidade para “torrão”, adjetivado com o gentílico “gaúcho”, interpretada pelos dois grupos pode seguir vários raciocínios. Conforme as obras lexicográficas (Quadro 24), o lexema ‘torrão’ pode significar “pedaço de terra endurecida”; no entanto, ao estar acrescido de “gaúcho” e, ainda, inserido no contexto da canção, faz com que assumam conceitos relacionados à QUERÊNCIA AMADA, já que pode seguir os seguintes percursos:

L1G2T: terra onde se nasce → amor → querência amada → RS.

L2G2T: terra → tradição → querência amada → RS.

L3G2T: RS → amor → querência amada → RS.

L5G2T: Terra → RS → prosperidade → querência amada → RS.

L6G2T: chão gaúcho → RS → querência amada → RS.

L10G2T: chão sovado → aspectos físicos do RS → querência amada → RS.

Essas relações permitem relacionar tais interpretações a processos metonímicos complexos, tal como propõe Ibáñez (2003), quando um Conceito Lexical é relacionado a outros em uma rede de significações e processos de TODO-PARTES ou PARTES-TODO.

Com relação à “querência amada, planície e serra” (1k), os sentidos formulados pelos dois grupos de interpretantes encontram-se discriminados no Quadro 37.

Quadro 37– Leituras de “Querência amada, planície e serra” (1k)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Referência à diversidade do relevo do Estado do RS.	L1G2T - Das diversas regiões que compõem o nosso estado.
L2G1N - Características do local, denotando ambiente campestre.	L2G2T - Todo o território.
L3G1N - RS.	L3G2T - Desde a todos os tipos de solo do RS.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Localidades, vastos campos e a serra gaúcha.
L5G1N - Terra, lugar.	L5G2T - Terra amada e admirada.
L6G1N - Relevo.	L6G2T - Local amado, e suas superfícies.
L7G1N - O RS e suas características geográficas.	L7G2T - Diferentes culturas
L8G1N - Sobre o estado e a forma geográfica de serras e planícies.	L8G2T - É um lugar, jeito da cidade.
L9G1N - Terra amada.	L9G2T - Depressões do estado do RS.
L10G1N - RS.	L10G2T - Terra amada, exalta os relevos do RS.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nesse quadro, dois dos leitores do grupo G1N (L3G1N e L10G1N) responderam que “querência amada, planície e serra” seria “RS”. As demais propõem diferentes respostas: “referência à diversidade do relevo do Estado do RS” (L1G1N); “características do local, denotando ambiente campestre” (L2G1N); “terra, lugar” (L5G1N); “relevo” (L6G1N); “o RS e suas características geográficas” (L7G1N); “sobre o estado e a forma geográfica de serras e planícies” (L8G1N) e “terra amada” (L9G1N). No âmbito dessas respostas, observamos “querência amada planície e terra” construída com base na metonímia, onde se configura como PARTE do TODO(RS).

Apesar de apresentarem também respostas diversificadas, leitores do grupo G2T propõem respostas com maiores especificidades, demonstrando mais sensibilidade ao evocarem *frames* sobre a geografia do RS. Assim, a partir dessas respostas, notamos a presença da relação metonímica na construção dos sentidos.

Em sintonia, leitores dos dois grupos realizaram interpretações verificando “querência amada planície e terra” com relações de sentido que se conjugam à PARTE do RS: “diversidade do relevo”, “ambiente campestre” e “características geográficas do RS”, conforme respostas do grupo G1N, e “diversas regiões”, “todos os tipos de solo”, “todo território” e “localidades”, conforme o grupo G2T. Nesse âmbito, o sujeito L6G1N registra uma observação: “planície e serra é o que se constitui geograficamente a terra referda”.

Em consonância, leitores do G2T acrescentaram à PARTE características eufóricas em que “querência amada planície e terra” é LOCAL + SUAS SUPERFÍCIES + AMOR (L6G2T), ou ainda, é TERRA + AMOR + ADMIRAÇÃO (L5G2T). A PARTE também foi pensada não apenas em traços geográficos, mas sociais e culturais, já que L7G2T propõe que “querência amada, planície e terra” é DIFERENTES CULTURAS.

Então, para esse grupo de leitores, “Querência amada, planície e serra” seria “RS”, em um processo em que a PARTE também representa o TODO por meio, muitas vezes, de relações complexas (cf. IBÁÑEZ, 2003).

Com base nesses aspectos, verificamos também o caráter genérico dos registros lexicográficos (cf. Quadro 19), como já discutido com base nas respostas elaboradas pelos leitores para ‘querência’ nas ocorrências (1a), (1d) e (1f). No caso da ocorrência em (1k), ‘querência’ pôde ser lida em suas especificidades a partir dos vocábulos que a definem: ‘planície’ e ‘serra’. Assim, pela conexão vocabular, a ativação de *frames* ligados à geografia do RS é facilitada, embora o grupo G2T supostamente tenha ainda mais intimidade e facilidade por participar de um grupo cultural que estuda e enaltece traços e características do estado gaúcho.

Inserido nos versos “Dos braços que me puxa / Da linda mulher gaúcha / Beleza da minha terra”, o designador espacial “minha terra” (1l) foi interpretado, em grande PARTE, como estado do Rio Grande do Sul por membros do G2N e recebeu referências diversas pelos leitores do G2T. Essas construções de sentidos constam no Quadro 38.

Quadro 38– Leituras de “minha terra” (11)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Onde se nasce, vive e cria raízes.
L2G1N - Refere-se ao estado do RS.	L2G2T - Referência ao estado.
L3G1N - RS.	L3G2T - Estado do RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Referente ao estado, como procedência.
L5G1N - Chão.	L5G2T - Espaço sempre reverenciado.
L6G1N - Origem.	L6G2T - Meu lugar.
L7G1N - Lugar onde nasci.	L7G2T - Onde vivo.
L8G1N - Lugar onde vive a mulher (beleza dela).	L8G2T - É um lugar, localidade.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Planeta, localidade.
L10G1N - RS.	L10G2T - Minha querência.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas apresentadas pelos leitores do grupo G1N convergem em seis das respostas para um único sentido de terra: Rio Grande do Sul. Outros leitores ainda interpretaram como “chão” (L5G1N), “origem” (L6G1N), “lugar onde nasci” (L7G1N) e “lugar onde vive a mulher (beleza dela)” (L8G1N). Ainda, sobre essa ocorrência L8G1N descreve uma observação: “terra refere-se ao Rio Grande do Sul atribuindo um valor à mulher gaúcha”.

Por outro lado, além de propor como resposta o RS (cf. L2G2T; L3G2T; L4G2T), leitores do G2T desenvolveram respostas que se relacionam com a ideologia do tradicionalismo e, dessa forma, “minha terra” teve os seguintes sentidos: “onde se nasce, vive e cria raízes” (L1G2T), “espaço sempre reverenciado” (L5G2T), “Meu lugar” (L6G2T), “onde vivo” (L7G2T), “minha querência” (L10G2T).

Diante desse quadro de leituras, verificamos as diferenças e semelhanças entre as construções de sentidos dos leitores e os registros lexicográficos (Quadro 23). Por um lado, conforme as obras lexicográficas, ‘terra’ pode ser “lugar onde se nasceu ou tem apreço”, o que, em certa medida, se liga ao que alguns dos leitores do G2T propõem. No entanto, entre os dois grupos, leitores afirmaram que “minha terra” pode ser “RS”, ou ainda, um espaço particularizado, específico, que é caracterizado afetivamente.

Provavelmente, os vocábulos utilizados na canção, até mesmo as ocorrências de “Rio Grande do Sul” (1b) e “Rio Grande” [(1e) (1i) (1m) e (1o)], auxiliam na leitura e interpretação

ao acionar um *frame* que liga e relaciona os designadores espaciais, além de refletir um processo metonímico (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009) em que a PARTE (terra=solo) significa o TODO (estado do RS). Para além disso, leitores dos dois grupos também propuseram respostas que são processos metonímicos complexos (cf. IBÁÑEZ, 2003):

- L5G1N: minha terra → chão → RS
 L7G1N: minha terra → lugar onde nasci → RS
 L6G1N: minha terra → origem → RS
 L1G2T: Minha terra → onde se nasce + VIVE + CRIA RAÍZES → RS
 L6G2T: minha terra → meu lugar → RS
 L7G2T: minha terra → onde vivo → RS
 L10G2T: minha terra → minha querência → RS

Dessa forma, esses processos metonímicos se caracterizam como reflexo dos Conceitos Lexicais que se constroem a partir dos *frames* ativados pela letra da canção. Em certa medida, como aconteceu em interpretações de designadores espaciais anteriores, as respostas para “minha terra”, apresentadas pelo grupo G2T, se constituem de maior sensibilidade, já que são construídas com o acréscimo de características valorativas ou de níveis de pessoalidade, o que indicaria uma proximidade ou mesmo um sentido de pertença ao solo mencionado na letra.

As leituras para “Rio Grande” (1m), contextualizado nos versos “O Rio Grande é bem maior / Mas cabe dentro de mim”, são apresentadas no Quadro 39.

Quadro 39– Leituras de “Rio Grande” (1m)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Amor infinito pelo estado, pela terra.
L2G1N - Referência ao estado do RS.	L2G2T - Nosso estado.
L3G1N - Estado.	L3G2T - O estado do RS e sua extensão.
L4G1N - Estado.	L4G2T - As coisas do Rio Grande do Sul, história, arte, pessoas, como sentimento.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Danço com ele no meu coração.
L6G1N - Terra.	L6G2T - Meu lugar é maior (estado).
L7G1N - O rio ou o estado do RS.	L7G2T - Sentimento que sinto, muito grande.
L8G1N - Terra (lugar).	L8G2T - Local, cidade.
L9G1N - Estado do Rio Grande do Sul.	L9G2T - RS, localidade.
L10G1N - RS.	L10G2T - Para o gaúcho, o seu estado está acima de tudo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante desse quadro de respostas, verificamos que os integrantes do G1N interpretaram “Rio Grande” como Estado do RS, em sua maioria. Alguns leitores desse grupo propuseram respostas mais genéricas como “lugar” (L5G1N) e “terra” (L6G1N e L8G1N).

Em outra perspectiva, alguns leitores do G2T construíram enunciados para explicar suas respostas e nelas descreveram e acrescentaram atributos ao espaço referido.

Lexicograficamente, relacionamos a ocorrência de “Rio Grande” (1m) com (1b), (1e) e (1i), pois, além de ser topônimo, os sentidos são construídos com leituras e interpretações específicas, significando o RS, suas especificidades e seus atributos.

No que tange ao G1N, as respostas apresentadas podem ser associadas a leituras com *frames* de duas naturezas possíveis: reconhecer o estado gaúcho por sua sigla, ou ainda, com base na seleção lexical fornecida pela letra, especialmente pela organização dos designadores espaciais que podem remeter a ESTADO DO RS, como discutido ao longo da análise introspectiva. Assim, a construção desses sentidos passa pela organização de Conceitos Lexicais que acentuam a ideia de que “Rio Grande” é TERRA, LUGAR e ESTADO DO RS.

Acrescendo valor, os integrantes do G2T representaram suas interpretações com base em Conceitos Lexicais relacionados a um *frame* de natureza cultural ao refletir a ideologia disseminada pelo tradicionalismo. Também se verifica a ocorrência de metonímia em respostas em que uma PARTE(ou traço) representa o TODO (estado). Nesse sentido, “Rio

Grande” pode ser: ESTADO + TERRA + AMOR INFINITO (a fração de terra enquanto solo ganha valor afetivo por fazer PARTEdo TODO); ESTADO + EXTENSÃO (a dimensão territorial, o espaço geográfico, a PARTErepresenta o TODO); RS + HISTÓRIA, ARTE, PESSOAS + SENTIMENTO (os traços sociais construídos pelos indivíduos formam uma PARTEdo TODOque é acrescida de sentimento, de valor); ESTADO + MEU LUGAR + MAIOR, ESTADO + NOSSO e ESTADO + ACIMA DE TUDO (o lugar que o eu ocupa é também PARTEde um TODOmaior pelo reconhecimento e elevação dessa cultura, socialmente compartilhado pelo Tradicionalismo).

Quanto ao designador espacial “querência amada” (1n), utilizado no verso “querência amada, meu céu de anil”, as respostas se aproximam das apresentadas em ‘querência’ (1a), (1d), (1f), (1k), uma vez que se direcionam para o sentido de LUGAR PELO QUAL SE TEM APREÇO conforme registrado no Quadro 40.

Quadro 40 – Leituras de “Querência amada” (1n)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Terra amada.	L1G2T - Terra amada do céu azul.
L2G1N - Referência ao estado do RS, aos campos.	L2G2T - Meu lugar de nascimento.
L3G1N - Comunidade.	L3G2T - RS.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Rio Grande do Sul amado.
L5G1N - Terra.	L5G2T - Amada querência.
L6G1N - Lar.	L6G2T - Lugar amado.
L7G1N - Refere-se ao RS.	L7G2T - Lugar que amo
L8G1N - Atribui valor a terra.	L8G2T - Lugar onde se gosta muito.
L9G1N - Terra amada.	L9G2T - RS, localidade.
L10G1N - RS.	L10G2T - Trata do RS como um todo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As leituras realizadas pelo grupo G1N assumem diferentes construções. Dentre elas, três leitores (L2G1N; L7G1N; L10G1N) entendem “querência amada” como estado do RS, ao passo que os demais perceberam de diferentes formas: “terra amada” (L1G1N), “comunidade”(L3G1N), “terra”(L5G1N), “lar”(L6G1N), “atribui valor a terra”(L8G1N), “terra amada”(L9G1N).

Além de também fazer a relação com o RS (leitores L3G2T, L4G2T, L9G2T e L10G2T), as respostas dadas pelo grupo G2T são: “terra amada do céu azul” (L1G2T), “meu lugar de nascimento” (L2G2T), “amada querência” (L5G2T), “lugar amado” (L6G2T), “lugar que amo” (L7G2T), “lugar onde se gosta muito” (L8G2T).

O uso de “querência amada” em (1n) conecta e retoma os demais designadores da letra, pois também significa Rio Grande do Sul e apresenta, por meio das respostas apresentadas, níveis de positividade, por meio de caracterizações. Nesse processo, os sentidos são relacionados aos contextos: de cada indivíduo-leitor, conforme seus Modelos Cognitivos, no âmbito da letra, com o seu conjunto vocabular.

Com relação às leituras do G1N, “querência amada”, as interpretações também apresentam o sentido para o vocábulo como COMUNIDADE e LAR, o que também se conecta a uma rede de traços que podem ser vistos como eufóricos, com positividade.

Conforme o grupo G2T, “querência amada” pode ser TERRA AMADA DO CÉU AZUL ou, ainda, LUGAR AMADO / QUE SE GOSTA, ao relacionar-se com os itens lexicais do próprio verso ou da letra que conduzem à representação dos níveis de afetividade ou proximidade (com sentidos de pertença) estabelecidos pelo *eu lírico*. Ainda, para o leitor L2G2T, esse designador espacial pode ser MEU LUGAR DE NASCIMENTO, o que, nesse caso, poderia remeter a Rio Grande do Sul e pressuporia afinidade e proximidade com a localidade, com sentido de pertença.

Nos dois casos de leituras, tanto as do G1N quanto as do G2T, poderíamos dizer que o contexto que possivelmente acionou os *frames* para as respostas poderiam ser os vocábulos utilizados nos versos, ou ainda, o próprio adjetivo “amada” que conduziria a uma interpretação que apresentasse o designador com traços de afetividade, como ocorreu em respostas dadas nos dois grupos.

Paralelamente a essas relações de afetividade, observamos a incidência de metonímias construídas a partir de um processo conceitual complexo (cf. IBÁÑEZ, 2003), uma vez que “querência”, relacionando-se com as ocorrências anteriores, torna-se uma PARTE (terra, lar, comunidade, lugar de nascimento) que representa o TODO (Rio Grande do Sul), por meio de uma rede de traços de particularidades que ora se mantém apenas no plano da letra (na voz do *eu lírico*), ora se mantém fora, a partir da voz do leitor (no caso dos tradicionalistas) com relatos pessoais e indícios de intimidade.

Por fim, o último designador da canção é “Rio Grande”, dos versos “Este Rio Grande gigante / Mais uma estrela brilhante / Na bandeira do Brasil”. As respostas apresentadas para

esse vocábulo, dispostas no Quadro 41, se aproximam àquelas construídas em (1b), (1e), (1i) e (1m).

Quadro 41 – Leituras de “Rio Grande” (1o)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Estado gigante.
L2G1N - Referência ao estado do RS.	L2G2T - Estado com tradição.
L3G1N - Estado.	L3G2T - O estado e seu sentido de grandiosidade.
L4G1N - Estado.	L4G2T - Novamente se tratando do estado.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Terra que será sempre familiar.
L6G1N - Orgulho.	L6G2T - Estado grande.
L7G1N - O estado do RS.	L7G2T - Estado onde vivo.
L8G1N - Estado	L8G2T - Local, cidade.
L9G1N - Estado do Rio Grande do Sul.	L9G2T - RS, localidade.
L10G1N - RS.	L10G2T - RS que abriga todo seu povo e orgulha a pátria.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto às respostas registradas pelo G1N, cinco indivíduos responderam que “Rio Grande” seria ESTADO DO RS. Para outros três leitores seria apenas ESTADO. Os demais responderem “Lugar” e “Orgulho”. Assim, identificamos, como ocorre em (1b), (1e), (1i) e (1m), que há uma referência direta ao estado do Rio Grande do Sul, apresentado pelos leitores nas respostas anteriores pela sigla do nome do estado. Nessa perspectiva, L8G1N elabora a seguinte observação: “Rio Grande” novamente se atribui sentimentalmente a sua terra como algo grandioso, terra amada com o “céu anil”.

Como destacamos ao logo dessa seção, a própria letra, em seu conjunto vocabular, aciona *frames* que auxiliam no processo de construção de sentidos, e isso se confirma no registro de L1G1N (no campo observações), ao finalizar as respostas dos designadores da canção *Querência amada*: “as respostas estão de acordo com a música, não com o sentido literal da palavra”.

Por outro lado, a construção de sentidos do G2T define “Rio Grande” não só como estado (do Rio Grande do Sul), mas como um estado com características positivas, pois é GIGANTE, COM TRADIÇÃO, GRANDE, FAMILIAR. Essa relação pode ser possível por

meio de *frames* acionados por vocábulos da própria letra ou, especificamente, “gigante” que, com caráter de superlatividade, acionaria a rede de conceitos a que se ligam o RS, em um universo de atributos positivos. Ainda, existe a noção de ‘pátria’ relativizada pelo leitor L10G2T e, nesse aspecto, o contexto do Tradicionalismo explicaria: na ideologia do gauchismo o RS é pátria, tem um status que transcende as barreiras da geografia política e assume um papel ideológico superiormente demarcado.

É nessa perspectiva que L3G2T registra uma informação sobre a letra *Querência amada*: “Esta música é um segundo hino do RS. Demonstra também o orgulho do gaúcho como povo e como dançarino; em palco nosso objetivo é demonstrar todo esse amor por nossa cultura”.

Nesse sentido, contexto e Conceitos Lexicais, no âmbito da CLMC, se ligam e auxiliam na construção desses sentidos. Em certa medida, o conjunto de designadores utilizados ao longo da letra se conecta e isso poderia facilitar a leitura e interpretação dos vocábulos. Além disso, o conhecimento de mundo e as experiências individuais auxiliam também nesse processo.

4.1.2 Leituras de designadores espaciais em *Eu sou do sul*

Esta seção apresenta, descreve e analisa as respostas elaboradas pelos sujeitos leitores participantes da pesquisa, oferecidas a partir da leitura e interpretação de designadores espaciais presentes na canção *Eu sou do sul*. Ainda, confrontamos esses dados com a pesquisa lexicográfica realizada nesta pesquisa e a análise introspectiva realizada pelo pesquisador.

Ao ler e interpretar a letra da canção, o sujeito leitor L3G2T descreve que “esta letra também demonstra o orgulho e podemos comparar com a interpretação em palco; ela convida o público para “provar do amor ao pago”. Por outro lado, L8G1Nexpõe o que segue nas observações:

“Na letra inteira o compositor enfatiza o fato de “ser do sul” (região à qual pertence) e destaca que a “terra” tem seus atributos e que olhando para ele já dá para identificar que ele vem do Sul; tanto para ele, e ele convida a ver o céu (que o identifica e a terra também).”

O primeiro designador espacial presente na canção é “sul” (2a), utilizado no título da canção. As respostas apresentadas pelos dois grupos estão dispostas no Quadro 42.

Quadro 42– Leituras de “Sul” (2a)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Localidade (RS).	L1G2T - Sul do nosso país.
L2G1N - Estado do RS	L2G2T - Região do país, especificamente o Rio Grande do Sul
L3G1N - RS.	L3G2T - Rio Grande do Sul.
L4G1N - RS.	L4G2T - Referente ao sul do Brasil, Rio Grande do sul.
L5G1N - Local.	L5G2T - Lugar de uma cultura viciante.
L6G1N - Região.	L6G2T - Solo gaúcho.
L7G1N - Sul do Brasil, no extremo sul.	L7G2T - Lugar onde nasci
L8G1N - Região.	L8G2T - Localização.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Localidade sul do Brasil.
L10G1N - RS.	L10G2T - Sul do Brasil, gaúcho.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os leitores do Grupo G1N, o designador “sul” (2a) significa: “localidade (RS)”, (L1G1N), “estado do RS” (L2G1N); “local” (L5G1N); “sul do Brasil, no extremo sul” (L7G1N); “Rio Grande do Sul” (L9G1N); “região” (L6G1N) e (L8G1N). E três integrantes do grupo responderam “RS” (L3G1N), (L4G1N) e (L10G1N).

Com leituras similares, mas acrescentando alguns atributos ao espaço, o grupo G2T propôs os seguintes sentidos: “sul do nosso país” (L1G2T); “região do país, especificamente o Rio Grande do Sul” (L2G2T); “Rio Grande do Sul” (L3G2T); “referente ao sul do Brasil, Rio Grande do sul” (L4G2T); “lugar de uma cultura viciante” (L5G2T); “solo gaúcho” (L6G2T); “lugar onde nasci” (L7G2T); “localização” (L8G2T); “localidade sul do Brasil” (L9G2T) e “sul do Brasil, gaúcho” (L10G2T).

No âmbito lexicográfico, conforme o Quadro 22, as leituras de “sul”, apresentadas pelos participantes da pesquisa, relativizam os registros dos dicionários, pois tratam o vocábulo com definições específicas, o que se torna visível pelo grande número de respostas relacionadas a Rio Grande do Sul. Em certa medida, observamos também a incidência de anáfora indireta, pois dentre os sentidos construídos pelos indivíduos há a referência de “sul” relacionada ao designador RS. Essa relação pode ter sido construída por meio de *frames* de natureza sociocultural, já que existe, no meio sul-rio-grandense, mais especificamente em CTGs, a ideia (uso) de ‘sul’ para se referir a Rio Grande do Sul.

Os sentidos apresentados para o vocábulo “sul” pelos indivíduos do G1N convergem em dois aspectos: espaço generalizado e específico. No primeiro caso, possivelmente a interpretação pode ter sido motivada por um *frame* de natureza geográfica, uma vez que o conhecimento prévio das noções de ‘sul’ (norte, oeste, leste) como pontos cardeais (e espaciais) podem ser acionados. Em outro viés, algumas leituras determinam “sul” como um espaço específico: o Rio Grande do Sul. Constrói-se, a partir disso, um recurso metonímico em que o TODO (sul) representa a PARTE (RS).

Com interpretações semelhantes, o grupo G2T apresentou afetividade ao adicionar aspectos e atributos nos quais “sul” passa a ser um espaço onde é também + NOSSO + CULTURA VICIANTE + GAÚCHO + ONDE NASCI. Assim, além do processo metonímico, há sobreposição de conceitos, já que o TODO ao representar a PARTE assume diferentes traços hipoteticamente identificados em *frames* de natureza cultural, envolvendo o contexto de ideais do Tradicionalismo.

O segundo designador espacial da canção é “terra” (2b), utilizado nos versos “A minha terra tem um céu azul, céu azul”. Os sentidos apresentados para esse vocábulo estão apresentados no Quadro 43.

Quadro 43– Leituras de “Terra” (2b)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Aqui no Sul, onde moro e onde o céu tem mais cor.
L2G1N - Retoma o estado do RS.	L2G2T - Meu estado.
L3G1N - RS.	L3G2T - Pago, RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Lugar onde moro.
L5G1N - Chão.	L5G2T - Espaço de muito trabalho.
L6G1N - Lar.	L6G2T - Meu lugar.
L7G1N - Lugar de origem.	L7G2T - Leito, gostos, culturas.
L8G1N - Refere-se carinhosamente ao lugar onde se vive.	L8G2T - É um local, fala de determinada região
L9G1N - Estado.	L9G2T - Localidade, moradia
L10G1N - RS.	L10G2T - Nosso RS, que se destaca.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Entre as leituras e interpretações apresentadas pelo grupo G1N, o designador é relacionado com o estado do Rio Grande do Sul, conforme L1G1N, L2G1N, L3G1N, (L4G1N) e (L10G1N). Ainda, pode assumir, conforme os demais leitores, outros sentidos; “chão” (L5G1N), “lar” (L6G1N), “lugar de origem” (L7G1N), “refere-se carinhosamente ao lugar onde se vive” (L8G1N) e “estado” (L9G1N).

Atribuindo características de exaltação ou dando especificidades ao espaço, leitores do G2T propõem respostas diferentes das apresentadas pelo G1N: “aqui no Sul, onde moro e onde o céu tem mais cor” (L1G2T), “Meu estado” (L2G2T), “pago, RS” (L3G2T), “lugar onde moro” (L4G2T), “espaço de muito trabalho” (L5G2T), “meu lugar” (L6G2T), “leito, gostos, culturas” (L7G2T), “é um local, fala de determinada região” (L8G2T), “localidade, moradia” (L9G2T) e “nosso RS, que se destaca” (L10G2T).

As interpretações de “terra” propostas pelos integrantes dos dois grupos se distanciam, em certa medida, dos registros lexicográficos (Quadro 23), porque tratam o vocábulo, em grande parte das respostas, como RS, relacionando com o contexto da letra, ou ainda, ao contexto cultural das noções de espacialidade disseminadas pelo Tradicionalismo.

Dessa forma, envolvendo processos metonímicos (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009), alguns leitores do G1N relacionaram “terra” com o RS. Nesse caso, o próprio uso de “sul” em (2a) e sentidos construídos para esse designador poderiam ativar *frames* que motivariam a construção desse sentido. Por outro lado, sujeitos do mesmo grupo propuseram outros sentidos que oscilam entre o genérico (no caso de “chão”) e o genérico com traços qualificadores, como “lar” e “carinhosamente [...] lugar onde se vive”.

No quadro de respostas do G2T, há também a interpretação de “terra” como estado do RS. No entanto, baseando-se em *frames* de conceitos do Tradicionalismo, alguns sujeitos desse grupo elaboraram respostas direcionadas para o *eu*, aproximando-se do espaço “terra”, com sentido de pertença.

Portanto, “terra”, nesse âmbito, pode significar “onde moro”, “estado”, “pago”, “espaço” “lugar”, “leito”, “local” e “localidade”, mas, para além disso, recebe atributos de ordem eufórica, em um processo no qual “terra” é ESPAÇO + ONDE MORO + CÉU COM MAIS COR + MUITO TRABALHO + GOSTO + CULTURA + MORADIA. Essas ideias também foram registradas por meio das impressões deixadas por L6G1N, no campo observações: “a sensação de orgulho pelas origens faz com que palavras que remetam ao sul impliquem na ideia de lar, morada”.

Na sequência dos versos da canção, em “A minha gente que veio da guerra / Cuida dessa Terra”, há uma nova ocorrência de ‘terra’. O Quadro 44 traz os sentidos atribuídos para “terra” (2c) nessa nova ocorrência.

Quadro 44– Leituras de “Terra” (2c)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado.	L1G2T - Ter amor pela terra.
L2G1N - Referência ao estado do RS.	L2G2T - Lugar onde se planta.
L3G1N - Lugar.	L3G2T - Pago, RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Local, cuidado com a história do local, tem carinho pelo lugar.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Espaço de lugares incríveis.
L6G1N - Solo.	L6G2T - Cuidar do “lugar”.
L7G1N - Do chão onde se planta e do estado do RS.	L7G2T - Cuidado com o lugar onde nasci.
L8G1N - Lugar, com valor sentimental.	L8G2T - Local.
L9G1N - Estado do Rio Grande do Sul.	L9G2T - Localidade, moradia.
L10G1N - RS.	L10G2T - Espaço conquistado com luta, pois temos virtudes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os leitores do Grupo G1N, o designador significa Estado do Rio Grande do Sul, segundo L1G1N, L2G1N, L4G1N, L7G1N, L9G1N e L10G1N. Ainda, nesse mesmo grupo, houve outras respostas como “lugar” (L3G1N e L5G1N), “solo” (L6G1N), “do chão onde se planta e do estado do RS” (L7G1N) e “lugar, com valor sentimental” (L8G1N).

Em outra perspectiva, para o grupo G2T, o designador é visto em suas características, com certo nível de positividade, como verificado em “ter amor pela terra” (L1G2T), “lugar onde se planta” (L2G2T), “pago, RS” (L3G2T), “local, cuidado com a história do local, tem carinho pelo lugar” (L4G2T), “espaço de lugares incríveis” (L5G2T), “cuidar do “lugar”” (L6G2T), “cuidado com o lugar onde nasci” (L7G2T), “local” (L8G2T), “localidade, moradia” (L9G2T) e “espaço conquistado com luta, pois temos virtudes” (L10G2T).

Confrontando com os registros lexicográficos (Quadro 23), verificamos que, tal como ocorre em (1h), (1l) e (2b), utilização nos versos da letra e interpretações realizadas pelos leitores colaboradores da pesquisa conduzem à polissemia. De certa maneira, os dicionários mostram-se mais genéricos, enquanto as leituras realizadas demonstram maior especificidade

ou níveis de afetividade. Essas diferentes construções de sentidos podem ser explicadas, no âmbito da CLMC (EVANS, 2009), por se ligarem a Modelos Cognitivos e Conceitos Lexicais em contextos específicos: a letra da canção, pertencimento ou não a movimentos tradicionalistas, ou ainda, o nível de conhecimento construído sobre a cultura gauchesca.

Nesse processo de interpretação, o grupo G1N leu “terra” como uma PARTE do TODO(RS), ou seja, como um recurso metonímico em que o solo (os traços geológicos) que configuram a PARTES são utilizados para designar o TODO, Rio Grande do Sul. Alguns desses leitores especificaram que essa relação de terra → Rio Grande do Sul pode ser vista, no contexto da letra, com níveis de positividade, já que “terra” é LUGAR, COM VALOR SENTIMENTAL ou CHÃO ONDE SE PLANTA. Essas leituras aproximadas entre os leitores do mesmo grupo podem ser vistas como resultado da ativação de *frames* por meio do conjunto vocabular utilizado na letra, ou mesmo pela referência aos designadores anteriores.

Com leituras diferentes, especificando como RS em apenas um caso (L3G2T), os leitores do grupo G2T demonstraram proximidade em suas respostas, como se ocupassem essa “terra” e a valorassem com atributos positivos, pois TERRA É AMOR + ONDE SE PLANTA + CUIDADO + CARINHO + LUGARES INCRÍVEIS + MORADIA + LUTA. Verificamos, nesse sentido, uma consonância entre as respostas apresentadas e a ideologia que o gauchismo dissemina, o que explicaria essa proximidade nas respostas que convergem para Conceitos Lexicais acionados por *frames* de natureza similares.

Quanto ao designador “estado” (2d), utilizado nos versos “Você, que não conhece meu estado / Está convidado a ser feliz neste lugar”, apresentamos no Quadro 45 os sentidos construídos pelos dois grupos de leitores (G1N e G2T).

Quadro 45– Leituras de “estado” (2d)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - RS.	L1G2T - Lugar com beleza.
L2G1N - Refere-se ao estado do RS.	L2G2T - Rio Grande do Sul.
L3G1N - RS.	L3G2T - Rio Grande do Sul.
L4G1N - RS.	L4G2T - Rio Grande do Sul.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - A casa verde, vermelha e amarela
L6G1N - Rio Grande do Sul.	L6G2T - Conhece “meu lugar”.
L7G1N - O RS e/ou esse estado de mente/espírito.	L7G2T - Rio Grande do Sul.
L8G1N - RS.	L8G2T - Região do país.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Divisão de espaço físico/político do país.
L10G1N - RS.	L10G2T - Estrangeiro de fora que sabe nosso sistema.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante desse quadro de respostas, verificamos que os leitores dos dois grupos se aproximam em suas respostas ao afirmarem que “estado” é Rio Grande do Sul. Destoando desse contexto, no grupo G1N, L5G1N constrói sua resposta como “lugar”. Ainda, para outros leitores do G2T, o designador significa: “lugar com beleza” (L1G2T), “a casa verde, vermelha e amarela” (L5G2T), “conhece “meu lugar”” (L6G2T), “região do país” (L8G2T), “divisão de espaço físico/político do país” (L9G2T) e “estrangeiro de fora que sabe nosso sistema” (L10G2T).

A partir das respostas dos dois grupos, alguns leitores veem “estado” como um recurso de coesão no qual há o uso de um termo genérico (estado) no lugar do específico (RS). Verificamos que, por tratar-se de um processo de substituição de um item genérico por um específico, “estado” (2d) assume, nas respostas dos leitores, uma característica de significar-se como um espaço específico: o RS. Portanto, essas leituras se mostram específicas, enquanto os registros lexicográficos (Quadro 14) trazem definições para ‘estado’ mais genéricas, tendo o sentido mais próximo das leituras realizadas quando o define como “cada uma das divisões político-geográficas de uma nação” (Aulete) ou como “divisão territorial de determinados países” (Aurélio).

No que tange às respostas do G2T, os indivíduos leitores propõem que ESTADO É RS. Para além disso, dentre os sentidos construídos, podemos relacionar dois deles, no âmbito

do Tradicionalismo, como construídos com base em *frames* de ordem cultural, em um processo metonímico complexo (cf. IBÁÑEZ, 2003) no qual “estado” é A CASA VERDE, VERMELHA E AMARELA ou “estado” é LUGAR COM BELEZA. No primeiro caso, é estabelecida uma relação em que “casa” representa o “local” e as cores fazem referência à bandeira do estado gaúcho; nesse sentido, há a relação estado → casa verde, vermelha e amarela → Rio Grande do Sul.

Nesses parâmetros, confirmamos as ideias da CLMC, já que os *frames* ativados nos processos interpretativos para a construção dos sentidos para “estado” foram acionados de formas diferentes.

Ainda, nos mesmos versos de “estado” (2d), há o uso do designador “neste lugar”. O Quadro 46 traz todas as respostas elaboradas pelos leitores dos dois grupos participantes da pesquisa.

Quadro 46– Leituras de “Neste lugar” (2e)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Lugar feliz e com belezas.
L2G1N - Retoma as referências anteriores ao RS.	L2G2T - Rio Grande do Sul.
L3G1N - RS.	L3G2T - RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Rio Grande do Sul.
L5G1N - Aqui.	L5G2T - Referência ao lugar. Bairrismo.
L6G1N - Estado.	L6G2T - Feliz “nesse chão” (local).
L7G1N - O RS e/ou esse estado de mente/espírito.	L7G2T - Porto Alegre, estado.
L8G1N - RS.	L8G2T - Região do país.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Localidade, RS.
L10G1N - RS.	L10G2T - Conhecer a tradição, apreciar, gostar da nossa cultura.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os leitores do Grupo G1N, o designador “neste lugar” significa estado do RS, conforme L1G1N, L2G1N, L3G1N, L4G1N, L7G1N, L8G1N, L9G1N e L10G1N; ou ainda, “aqui” (L5G1N), “estado” (L6G1N). Com proximidade, os leitores do grupo de tradicionalistas L2G2T, L3G2T, L4G2T e L9G2T também se referem ao estado gaúcho. Em outras interpretações, houve outras construções de sentido para o vocábulo nesse grupo, tais

como “lugar feliz e com belezas” (L1G2T), “Referência ao lugar. Bairrismo” (L5G2T), “feliz nesse chão (local)”, (L6G2T), “Porto Alegre, estado” (L7G2T), “região do país” (L8G2T), e “conhecer a tradição, apreciar, gostar da nossa cultura” (L10G2T).

Relacionando as respostas dos dois grupos com os registros lexicográficos apresentados (Quadro 13), constatamos o caráter genérico dos dicionários, se compararmos com os sentidos apresentados pelos leitores do G1N e do G2T. Nas entradas, vê-se ‘lugar’ como “espaço, local, sítio ou região” e boa parte das interpretações dos leitores chega à conclusão de ser “RS”.

Nesse sentido, verificamos um processo de referenciação no qual o “lugar” retoma os designadores anteriores e, mais especificamente, o estado do RS. Em outro âmbito, imprimindo traços positivos ao designador, alguns leitores do G2T delineiam seus sentidos acrescentando características ao lugar, pois LUGAR É FELIZ + BELEZAS, ou FELIZ + CHÃO, ou TRADIÇÃO + CULTURA. Esses sentidos são construídos com referência a vocábulos da própria letra (como “feliz, no mesmo verso) ou com base em um *frame* de natureza cultural, disseminada pelo Tradicionalismo, em que RS É MAIS.

O próximo designador destacado para interpretação é “serra” (2f), usado no verso “A serra te dá o vinho”. As respostas elaboradas pelos indivíduos participantes da pesquisa encontram-se no Quadro 47.

Quadro 47– Leituras de “Serra” (2f)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Morros.	L1G2T - Lugar onde se encontram as regiões serranas.
L2G1N - Região montanhosa do RS.	L2G2T - Região serrana do estado.
L3G1N - Região.	L3G2T - Campos de cima da serra, pontos turísticos.
L4G1N - Montanha.	L4G2T - Região da serra onde existem muitas vinícolas.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Querência.
L6G1N - Interior.	L6G2T - Região serrana, ligada ao vinho.
L7G1N - Região do RS.	L7G2T - Lugar da uva, Caxias.
L8G1N - Onde se localiza o lugar.	L8G2T - Local onde se fala anteriormente na música.
L9G1N - Região onde tem parreirais	L9G2T - Local montanhoso.
L10G1N - Serra gaúcha (região).	L10G2T - Parte alta do RS, conhecida pelas parreiras.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os leitores do Grupo G1N realizaram leituras diversificadas para o vocábulo “serra”, com referências a traços do estado gaúcho: “morros” (L1G1N), “região montanhosa do RS” (L2G1N), “região” (L3G1N), “montanha” (L4G1N), “lugar” (L5G1N), “interior” (L6G1N), “região do RS” (L7G1N), “onde se localiza o lugar” (L8G1N), “região onde tem parreirais” (L9G1N) e “serra gaúcha (região)” (L10G1N).

Paralelamente, para o grupo G2T, o designador significa: “lugar onde se encontram as regiões serranas” (L1G2T), “região serrana do estado” (L2G2T), “campos de cima da serra, pontos turísticos” (L3G2T), “região da serra onde existem muitas vinícolas” (L4G2T), “querência” (L5G2T), “Região serrana, ligada ao vinho” (L6G2T), “lugar da uva, Caxias” (L7G2T), “local onde se fala anteriormente na música” (L8G2T), “local montanhoso” (L9G2T) e “parte alta do RS, conhecida pelas parreiras” (L10G2T). A partir dessas respostas, constatamos que L7G2T restringiu demais ao dar sua resposta, o que não confere com a realidade, já que se trata de uma região vitivinicultora composta de diversas cidades.

Alguns dos sentidos construídos para o designador “serra”, tanto no grupo G1N quanto no G2T, são resultados de processos metonímicos, embora com relações conceituais diferentes. Dentre os sentidos apresentados pelo G1N, constatamos que a metonímia resulta da relação PARTE-TODO na qual “serra” (PARTE) representa o Rio Grande do Sul (TODO). Embora o grupo G2T também tenha interpretado o vocábulo percebendo-o como uma metonímia, a construção de sentido ocorre por meio de processos complexos (cf. IBÁÑEZ, 2003):

Serra → campos de cima da serra + pontos turísticos → serra gaúcha → RS

Serra → querência → RS

Serra → lugar da uva → região vitivinicultora → RS

Serra → parte alta do RS → parreirais → RS

Esses processos metonímicos se constituem, como observa Evans (2009), em conexão com Conceitos Lexicais impulsionados por meio de *frames* que, nesse caso, se dão por meio de um conjunto de experiências proporcionadas a quem participa de movimentos que têm o Rio Grande do Sul como eixo central. Diante disso, há diferentes relações de sentido: traços do bioma e sua localização (campos de cima), substratos socioculturais (PARA TRADICIONALISTAS QUERÊNCIA É RS), conhecimento geográfico (Serra – região vitivinicultora) e traços topográficos (parte alta do RS).

Com base nas leituras dos dois grupos, compreendemos que os Conceitos Lexicais e os Modelos Cognitivos, como propõe a CLMC, são sancionados por meio do vocabulário

empregado na letra conjugado com as experiências e conhecimentos de mundo que cada indivíduo tem. Em se tratando de “serra”, os demais designadores citados poderiam dar indício da relação com o RS, mas o uso de “vinho”, no mesmo verso, pressupõe uma das localidades do estado reconhecida pela produção vinícola: a serra gaúcha (conforme discutido na análise introspectiva).

Na mesma sequência de versos de “serra” (2f), há “litoral (2g), em “O litoral te dá o carinho”. O Quadro 48 apresenta os sentidos apresentados para esse vocábulo.

Quadro 48– Leituras de “Litoral” (2g)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Limite de terra com o oceano.	L1G2T - Além da serra, temos o litoral gigante.
L2G1N - Praia do RS.	L2G2T - Região praiana do estado.
L3G1N - Região.	L3G2T - Outro território gaúcho.
L4G1N - Praia.	L4G2T - Litoral gaúcho, praias.
L5G1N - Praia.	L5G2T - Querência dos sonhos.
L6G1N - Praia.	L6G2T - Região litorânea, oferece carinho.
L7G1N - Região praiana.	L7G2T - Litoral gaúcho, praia.
L8G1N - Litoral do RS.	L8G2T - Lugares do RS, nesse caso, as praias.
L9G1N - Praia.	L9G2T - Local à beira do oceano.
L10G1N - Praias.	L10G2T - Trata-se de nossas praias.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme cinco leitores do Grupo G1N, o designador significa “praia”. Para os demais, pode ser “limite de terra com o oceano” (L1G1N), “praia do RS” (L2G1N), “região” (L3G1N), “região praiana” (L7G1N) e “litoral do RS” (L8G1N).

Por outro lado, para o grupo G2T, o designador assume especificidades: “além da serra, temos o litoral gigante” (L1G2T), “região praiana do estado” (L2G2T), “outro território gaúcho” (L3G2T), “litoral gaúcho, praias” (L4G2T), “querência dos sonhos” (L5G2T), “região litorânea, oferece carinho” (L6G2T), “litoral gaúcho, praia” (L7G2T), “lugares do RS, nesse caso, as praias” (L8G2T), “local à beira do oceano” (L9G2T) e “trata-se de nossas praias” (L10G2T).

Relacionando as respostas apresentadas com os registros lexicográficos (Quadro 15), notamos que os integrantes do G1N, ao responderem “praia”, se aproximam dos sentidos dos

dicionários (segundo Aulete, “zona de contato entre terra e o mar”; conforme Aurélio, “praia”). No entanto, o grupo G2T traz em suas respostas especificidades, construídas por meio de *frames* relativos a experiências de mundo.

Logo, apesar de dois dos leitores do grupo G1N interpretarem “litoral” como parte do RS, a maioria deles construiu sentidos genéricos. Em contraste, além de determinar o vocábulo como PARTE de um TODO (RS) em um processo metonímico, alguns integrantes do G2T acrescentam características a esse espaço, pois “litoral” é REGIÃO LITORÂNEA + CARINHO, ou seja, é PARTE DO RS, que é GIGANTE, ou ainda, QUERÊNCIA DOS SONHOS.

Quanto ao hidrotônimo “Guaíba” (2h), do verso “E o Guaíba te dá um pôr do sol lá na capital”, apresentamos as respostas dadas no Quadro 49.

Quadro 49– Leituras de “Guaíba” (2h)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Rio (também considerado lago).	L1G2T - Rio que corta a capital.
L2G1N - Rio.	L2G2T - Tradicional rio do estado.
L3G1N - Local.	L3G2T - Rio localizado no RS.
L4G1N - Lago.	L4G2T - Famoso rio situado em Porto Alegre.
L5G1N - Rio.	L5G2T - Lugar de pôr do sol revigorante.
L6G1N - Rio.	L6G2T - Rio da capital.
L7G1N - Rio.	L7G2T - Rio.
L8G1N - Rio.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Rio Guaíba.	L9G2T - Lagoa localizada em POA.
L10G1N - Rio.	L10G2T - Lago situado na capital.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o quadro apresentado, verificamos que para seis leitores do G1N “Guaíba” é “rio”. Os demais definem esse item lexical como “rio (também considerado lago)” (L1G1N), “local” (L3G1N), “lago” (L4G1N) e “rio Guaíba” (L9G1N).

Diante dessas respostas, verificamos que os indivíduos do grupo, ao proporem “rio” como sentido para “Guaíba”, concretizam a relação genérico-específico, já que o sentido generaliza o vocábulo. Essa relação pode ser possível por meio de um *frame* de natureza geográfica, acionado por um conhecimento prévio a respeito da hidrografia do estado.

Além de responderem que “Guaíba” é “rio”, os indivíduos do G2T apresentaram características e pormenores ao construir suas respostas: “rio que corta a capital” (L1G2T), “tradicional rio do estado” (L2G2T), “rio localizado no RS” (L3G2T), “famoso rio situado em Porto Alegre” (L4G2T), “lugar de pôr do sol revigorante” (L5G2T), “rio da capital” (L6G2T), “rio” (L7G2T), “lagoa localizada em POA” (L9G2T), “lago situado na capital” (L10G2T); apenas um integrante desse grupo não sabia responder (L8G2T).

Nesse sentido, as leituras apresentadas pelo G2T trazem sentidos relacionados ao conceito de que GUAÍBA É RIO GRANDE DO SUL, em meio a processos metonímicos que se relacionam em um campo conceitual complexo e interligado (cf. EVANS, 2009) no qual as PARTES do TODO(RS) são vistas com qualificadores, como verificado em “lugar de pôr do sol revigorante”. Nas respostas dadas, verificamos que a elaboração dessas se dá com mais especificadores, se compararmos às do grupo G1N, já que “Guaíba” não é apenas ‘rio’, mas um ‘rio’ com especificidades:

Guaíba = rio + corta a capital → RS.

Guaíba = rio + tradicional do estado → RS.

Guaíba = rio / lago + localizado no RS / na capital → RS.

Guaíba = rio + famoso + situado em Porto Alegre → RS.

Guaíba = rio + da capital → RS.

Nesse contexto, as interpretações realizadas caracterizam-se como efeitos de sentidos resultados de *frames* inspirados em situações diferentes, uma vez que os grupos se distanciam em suas respostas, pois têm motivações diferentes para responder, de tal forma que o grupo de tradicionalistas têm experiências e vivências ligadas aos diferentes conhecimentos sobre o Rio Grande do Sul, como a geografia.

Na mesma sequência de versos em que aparecem “serra” (2f), “litoral” (2g) e “Guaíba” (2h), há o designador “capital” (2i). Destacamos no Quadro 50 as respostas elaboradas pelos sujeitos dos dois grupos participantes desta pesquisa.

Quadro 50 – Leituras de “capital” (2i)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Porto Alegre.	L1G2T - O centro de nosso estado onde se situa a maior cidade.
L2G1N - Porto Alegre.	L2G2T - Capital do estado.
L3G1N - Porto Alegre.	L3G2T - Porto Alegre.
L4G1N - Porto Alegre.	L4G2T - Porto Alegre, capital do estado.
L5G1N - Centro.	L5G2T - Porto Alegre. Lugar que vale visitar sempre, quem sabe morar?
L6G1N - Porto Alegre.	L6G2T - Porto Alegre.
L7G1N - Porto Alegre.	L7G2T - Porto Alegre.
L8G1N - Rio Guaíba.	L8G2T - Porto Alegre, uma capital bonita.
L9G1N - Porto Alegre.	L9G2T - Centro político do estado.
L10G1N - Porto Alegre.	L10G2T - Porto Alegre.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para oito leitores do Grupo G1N, o designador “capital” significa “Porto Alegre”. Os outros dois propõem as respostas “centro” (L5G1N) e “rio Guaíba” (L8G1N). Nesse caso, verificamos a relação genérico-específico, pois a letra utiliza um item genérico (capital) para representar um específico (Porto Alegre). Ainda, observamos que se instaura metonímia constituída pelo processo PARTE-TODO em que a PARTE (capital → Porto Alegre) representa o TODO (Rio Grande do Sul).

Em consonância, sete indivíduos do grupo G2T responderam que “capital” é “Porto Alegre”. As demais respostas também se conectam a essa: “o centro de nosso estado onde se situa a maior cidade” (L1G2T), “capital do estado” (L2G2T), “Porto Alegre. Lugar que vale visitar sempre, quem sabe morar?” (L5G2T), “Porto Alegre, uma capital bonita” (L8G2T) e “centro político do estado” (L9G2T).

Com relação às construções de sentidos de “Guaíba” (2h) e “capital” (2i), o leitor L4G2T oferece, no campo das observações, a informação: “*representam um belo pôr-do-sol que todos os moradores de Porto Alegre costumam indicar a quem queira visitar a cidade/capital*”. Esse relato demonstra o interesse do leitor em apresentar a relevância da paisagem da capital gaúcha no contexto não apenas da letra, mas de quem segue as ideias do gauchismo.

Tanto as interpretações do G1N quanto as do G2T podem ser vistas como construções de sentidos motivadas por *frames* acionados a partir dos itens lexicais empregados ao longo da letra, tais como os próprios designadores presentes no mesmo contexto de versos: “serra” (2f), “litoral” (2g) e “Guaíba” (2h). Assim, novamente, relacionamos aqui a ideia de Evans (2009) sobre a relação entre contexto e Modelos Cognitivos na associação de conceitos para realização do processo interpretativo.

Com leituras mais detalhadas, alguns integrantes do G2T construíram suas respostas relacionando que CAPITAL É PORTO ALEGRE, imprimindo valores a esse espaço, já que CAPITAL É PORTO ALEGRE + LUGAR PARA VISITAR SEMPRE + LUGAR PARA MORAR + BONITA. Também pode ser percebida a proximidade em relação ao “eu”, partir do pronome possessivo “nosso” em “capital do nosso estado”, que marca sentido de pertença.

Em outra perspectiva, o designador “fronteira” é citado nos versos “A fronteira los hermanos / É prenda, cavalo e canha”. Todos os sentidos construídos para esse vocábulo constam no Quadro 51.

Quadro 51– Leituras de “fronteira” (2j)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Limite do estado com Argentina e Uruguai.	L1G2T - Onde nos dividimos com outros países vizinhos.
L2G1N - Limite do estado.	L2G2T - Fronteira com a Argentina.
L3G1N - Local.	L3G2T - Divisa do RS e América Latina.
L4G1N - Ligação.	L4G2T - Região fronteira com Uruguai e Argentina.
L5G1N - Divisão.	L5G2T - Região de divisa com Uruguai e Argentina.
L6G1N - Uruguai.	L6G2T - Região que divide Brasil e Uruguai.
L7G1N - Divisa com a Argentina e/ou Uruguay.	L7G2T - Divide estado, ou países.
L8G1N - Fronteira, lugar que separa o RS de outros lugares.	L8G2T - Lugar próximo a outro.
L9G1N - Fronteira entre o Brasil e Argentina.	L9G2T - Divisão entre países, estados, cidades.
L10G1N - Fronteira com Argentina.	L10G2T - Uruguai.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para os leitores do Grupo G1N, o designador “fronteira” (2j) significa: “limite do estado com Argentina e Uruguai” (L1G1N), “limite do estado” (L2G1N), “local” (L3G1N), “ligação” (L4G1N), “divisão” (L5G1N), “Uruguai” (L6G1N), “divisa com a Argentina e/ou

Uruguay” (L7G1N), “fronteira, lugar que separa o RS de outros lugares” (L8G1N), “fronteira entre o Brasil e Argentina” (L9G1N) e “fronteira com Argentina” (L10G1N).

Com algumas respostas similares, o grupo G2T traça os seguintes sentidos: “onde nos dividimos com outros países vizinhos” (L1G2T), “fronteira com a Argentina” (L2G2T), “divisa do RS e América Latina” (L3G2T), “Região fronteiriça com Uruguai e Argentina” (L4G2T), “região de divisa com Uruguai e Argentina” (L5G2T), “região que divide Brasil e Uruguai” (L6G2T), “divide estado, ou países” (L7G2T), “lugar próximo a outro” (L8G2T), “divisão entre países, estados, cidades” (L9G2T) e “Uruguai” (L10G2T).

Nos dicionários pesquisados (Quadro 12), o item ‘fronteira’ significa “limite” ou “divisa”, logo, assume caráter genérico. Observando as respostas dos dois grupos, verificamos que em “fronteira” (2j) há especificidades, já que os indivíduos respondentes delimitam com sentidos que convergem para FRONTEIRA DO RS. Esses sentidos se constroem possivelmente com base em *frames* de duas naturezas: no âmbito da própria letra, com recursos léxicos que se conectam a Rio Grande do Sul e, em outro âmbito, no conjunto de experiências (por exemplo, os integrantes do G2T ao participarem de CTGs) que pode direcionar a leitura para interpretações que apresentam vínculo e afetividade com o tema.

As interpretações de “fronteira” como PARTE DO RS são possíveis também, no contexto da letra, pelo uso de itens como “los hermanos”, “prenda”, “cavalo” e “canha”. O uso de “los Hermanos” relaciona-se com a língua falada pelos países hispanos com que o RS faz divisa (Argentina e Uruguai). No caso de “prenda”, “cavalo” e “canha” há *frames* que remetem à campanha gaúcha, espaço onde há uma forte atividade pecuária e, a esse meio, se ligam os termos: o “peão” é o empregado de estância, que tem como esposa a “prenda”, o “cavalo” como seu fiel companheiro de trabalho e a “canha” como bebida popular nesse meio campestre.

Assim, o grupo G1N define, em linhas gerais, que “fronteira” é LIMITE, LOCAL, LIGAÇÃO e DIVISA. Com pormenores, alguns desses leitores afirmam ainda que FRONTEIRA DO RS seria o sentido para o vocábulo na letra da canção. Dessa forma, ao especificar a fronteira, além de a leitura particularizar o sentido, constrói-se uma metonímia em que, no âmbito da letra da canção, a PARTE (fronteira) representa o TODO(RS).

O Quadro 52 registra os sentidos apresentados para “campanha” (2k), utilizada no verso “Viver lá na campanha é bom demais”.

Quadro 52– Leituras de “campanha” (2k)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Não sei.	L1G2T - Lugar, município do estado, localizada na fronteira, rodeada de planícies.
L2G1N - Campo.	L2G2T - Interior do estado.
L3G1N - Interior.	L3G2T - Vida no campo.
L4G1N - Não sei	L4G2T - Campanha remete a algo mais antigo, ainda rústico.
L5G1N - Região.	L5G2T - Campos do RS.
L6G1N - Campos.	L6G2T - Área de campo.
L7G1N - Região do RS.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Lugar.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Local de campos, área plana.
L10G1N - Zona rural.	L10G2T - Querência da fronteira.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base no quadro apresentado, verificamos que os leitores do Grupo G1N construíram diferentes respostas para o designador “campanha”: “campo” (L2G1N); “interior” (L3G1N); região” (L5G1N); “campos” (L6G1N); “região do RS” (L7G1N); “lugar” (L8G1N); “Rio Grande do Sul” (L9G1N) e “zona rural” (L10G1N). Dois leitores assinalaram “não sei”.

Apesar de dois integrantes do grupo G2T não saberem o sentido, os oito demais elaboraram respostas com um tom de especificidade, por vezes dando detalhes, como “lugar, município do estado, localizada na fronteira, rodeada de planícies” (L1G2T), “interior do estado” (L2G2T), “campanha remete a algo mais antigo, ainda rústico” (L4G2T) e “Querência da fronteira” (L10G2T). Ainda, há respostas relacionadas com a vegetação: “Vida no campo” (L3G2T), “campos do RS” (L5G2T), “área de campo” (L6G2T), “local de campos, área plana” (L9G2T).

Ao relacionarmos o lexema ‘campanha’ com a pesquisa lexicográfica anteriormente realizada (Quadro 10), notamos que os registros dos dicionários se aproximam das interpretações realizadas pelos sujeitos leitores, já que Aulete (dicionário de língua geral), Bossle e Oliveira (regionalistas), além de trazerem caracterizações de “campanha”, fazem menção que também pode ser umas das regiões do RS. Dessa forma, as versões lexicográficas se coadunam com as dos indivíduos do G1N. Em contraste, algumas das leituras do G2T

mostram-se mais específicas, como definir que o vocábulo “remete a algo mais antigo, ainda rústico”, ou ainda, como “querência da fronteira”.

Assim, as construções de sentido elaboradas pelos indivíduos leitores podem estar relacionadas às escolhas lexicais usadas anteriormente e posteriormente ao verso “Viver lá na campanha é bom demais”, à medida que o uso de “fronteira”, “prenda”, “cavalo” e “canha” (nos versos anteriores) e “santo missioneiro” e “rio Uruguai” pode pressupor que se trata de um espaço específico: a região da campanha gaúcha. Além disso, a inserção no contexto do Tradicionalismo permite aos vinculados a aquisição de experiências e aprendizagens sobre diferentes características do RS, o que pressuporia a formação de um mosaico de informações à disposição para acesso por meio de *frames* ativados por esses vocábulos.

Curiosamente, L8G1N registrou como observação que “*campanha deve se referir a lugares onde gaúchos se reúnem (como GTG)*”. Notamos o distanciamento por parte do leitor não-tradicionalistado conhecimento sobre movimentos gauchescos, como o Tradicionalismo, bem como a redução (particularização) referente ao uso do item “campanha”, ligando-o ao gauchismo. Portanto, o uso de determinados itens lexicais é o que pode identificar ou particularizar uma cultura, de modo que membros e não membros a identifiquem como parte de seu vocabulário, mesmo que esse seja também compartilhado com outros grupos.

O último designador espacial da canção *Eu sou do sul* é “rio Uruguai” (21), inserido no contexto do verso “Se puder vem lavar a alma no rio Uruguai”. Os sentidos construídos para esse vocábulo constam no Quadro 53.

Quadro 53– Leituras de “Rio Uruguai” (2l)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Rio que passa pelo estado.	L1G2T - Rio que divide nosso estado e nosso país, na fronteira.
L2G1N - Nome do próprio rio.	L2G2T - Rio que divide o estado.
L3G1N - Local.	L3G2T - Outro rio da região.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Rio que faz divisa com o Uruguai.
L5G1N - Não sei.	L5G2T - Rio da fronteira.
L6G1N - Não sei.	L6G2T - Lavar a alma em um “rio”.
L7G1N - Rio localizado na fronteira com o Uruguay (é um palpite).	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Rio que interliga uma região a outra.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Rio da campanha.	L9G2T - Rio do RS.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Rio de divisa.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verificamos que, dentre os leitores Grupo G1N, quatro leitores responderam “não sei”, enquanto os demais propuseram que “Rio Uruguai” seria “rio que passa pelo estado” (L1G1N), “nome do próprio rio” (L2G1N), “local” (L3G1N), “rio localizado na fronteira com o Uruguay (é um palpite)” (L7G1N), “rio que interliga uma região a outra” (L8G1N), “rio da campanha” (L9G1N).

Já o grupo G2T faz delimitações: “rio que divide nosso estado e nosso país, na fronteira” (L1G2T), “rio que divide o estado” (L2G2T), “outro rio da região” (L3G2T), “rio que faz divisa com o Uruguai” (L4G2T), “rio da fronteira” (L5G2T), “lavar a alma em um “rio”” (L6G2T), “rio do RS” (L9G2T), “rio de divisa” (L10G2T).

Como em “serra” (2f), “litoral” (2g), “guaíba” (2h), “capital” (2i), “fronteira” (2j) e “campanha” (2k), a ocorrência de “Rio Uruguai” pode ser lida como uma metonímia em que a PARTE (um aspecto geográfico, nesse caso a hidrografia) representa o TODO.

Tanto o grupo G1N quanto o G2T desenvolveram suas respostas com traços similares. A visão registrada para o hidrotópônimo “Rio Uruguai” depende essencialmente de um conhecimento da hidrografia do estado que, nesse caso, pode ter sido ativado por *frames* que, por sua vez, seriam acionados pela seleção lexical apresentada na própria letra, como ocorre em “serra” (2f), “Guaíba” (2h), “capital” (2i), “fronteira” (2j) e “campanha” (2k). Nesse

sentido, o uso de itens lexicais como “fronteira” e “campanha” direcionam e auxiliam na interpretação e construção de sentidos de “Rio Uruguai”.

Como afirmamos anteriormente, para a construção dos sentidos, os leitores refletiram sobre a ideia global da canção, o que permite dizer que o próprio léxico utilizado já direcionaria as interpretações. Sobre esse aspecto, o L1G1N, ao finalizar a leitura da canção *eu sou do Sul*, registra nas observações que as respostas apresentadas estão “*de acordo com contexto da música*”.

4.1.3 Leituras de designadores espaciais em *Canto alegretense*

Esta seção apresenta, descreve e analisa as respostas oferecidas pelos sujeitos leitores participantes da pesquisa, a partir da leitura e interpretação de designadores espaciais presentes na canção *Canto alegretense*. Ainda, confrontamos esses dados com a pesquisa lexicográfica realizada nesta pesquisa e a análise introspectiva realizada pelo pesquisador.

Dentre os designadores apresentados em *Canto alegretense*, os três primeiros vocábulos que designam espacialidade tratam-se de topônimos de cidades gaúchas: “Alegrete” (3a), “Rosário” (3b) e “Uruguaiana” (3c). Dessa forma, as respostas dadas pelos indivíduos leitores convergem para um mesmo conceito: “cidade do RS”. No entanto, ao construir sentidos para esses topônimos, alguns leitores informantes dos grupos G2T propuseram especificidades a esses designadores ou, ainda, atribuem um certo grau de afetividade. O Quadro 54 apresenta esses sentidos.

Quadro 54 – Conceitos de topônimos de *Canto alegretense*

“Alegrete” (3a)	“Rosário” (3b)	“Uruguaiana” (3c)
“Cidade que faz parte do nosso grande estado do Sul” (L1G2T)	“Cidade vizinha de Alegrete” (L1G2T)	“Cidade que faz vizinhança com Alegrete” (L1G2T)
“Cidade tradicionalista” (L2G2T)	“Cidade próxima a Alegrete” (L4G2T)	“Local do Festival do Folclore Martin Fierro” (L5G2T)
“Terra dos Fagundes” (L5G2T)		

Fonte: Elaborado pelo autor.

No campo observações, o leitor L4G2T menciona sobre “Rosário” (3b) e “Uruguaiana” (3c): “*se bem me lembro Alegrete é passagem para essas outras cidades*”.

Nesse âmbito, as cidades podem ser relacionadas com “rota” ou “caminhos” que se ligam na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, também popularmente chamada de “Campanha”.

As construções de sentido para “Alegrete” (3a), “Rosário” (3b) e “Uruguaiana” (3c), vistas pela maioria dos integrantes dos dois grupos, refletem processos metonímicos (cf. BARCELONA, 2003; TAYLOR, 1995; 2009; IBÁÑEZ, 2003).

Ainda, conforme as leituras do G2T, as cidades mencionadas são vistas em suas características, com níveis de positividade. Assim, ao dizer que Alegrete é a cidade que faz parte DO NOSSO GRANDE ESTADO DO SUL, o sujeito leitor, além de colocar-se numa relação de proximidade, metonimiza RS como sul, ou, ao definir como CIDADE TRADICIONALISTA, há uma adjetivação que delimita Alegrete como um espaço de cultura e valoriza as ideias do gauchismo⁶¹. Em meio a um processo metonímico complexo ((cf. IBÁÑEZ, 2003) temos que Alegrete é TERRA DOS FAGUNDES, o que relaciona aos compositores e intérpretes da letra (Os Fagundes, originários de Alegrete) e, ainda, se relaciona à música, à dança, à cultura, verificados em um processo de sobreposição de conceitos.

Já os sentidos para “Rosário” foram construídos tendo como referência “Alegrete”, à medida que, para os leitores, aquela é PRÓXIMA ou VIZINHA. Nesse âmbito, as cidades formam um TODO, que é a fronteira (ou campanha) que, por sua vez, torna-se PARTE do TODO que é o Rio Grande do Sul. Para “Uruguaiana”, além da construção com o sentido de VIZINHANÇA, há a pormenorização definindo-a como LOCAL DO FESTIVAL DO FOLCLORE MARTIN FIERRO, o que demonstra, por parte do leitor, um conhecimento mais detalhado sobre os aspectos do Tradicionalismo nessa cidade.

Logo, constata-se que há metonímias de ordem complexa (cf. IBÁÑEZ, 2003), tendo em vista que existe mais de uma relação na referência TODO-PARTE. Esse processo se compõe de diferentes e diversas relações estabelecidas tanto fora quanto no contexto do Tradicionalismo, que configura ao espaço (cidade) para além de uma cidade gaúcha, assumindo especificidades e características que o relacionam com o TODO(estado).

Quanto ao hidrotópônimo “rio Ibirapuitã” (3d), destacado dos versos “ou quem vem de Uruguaiana de manhã / Tem o sol como uma brasa que ainda arde / Mergulhado no Rio Ibirapuitã”, quatro integrantes do grupo L1G1N responderam “não sei”, quatro apenas propuseram o conceito de “rio” e dois conceituaram genericamente como “lugar”. O Quadro 55 registra as respostas apresentadas pelos integrantes dos dois grupos.

⁶¹ A cidade de Alegrete é reconhecida, popularmente por muitos tradicionalistas, como a cidade “mais gaúcha do estado”.

Quadro 55– Leituras de “Rio Ibirapuitã” (3d)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Rio do estado (não conheço).	L1G2T - Rio que corta as cidades mencionadas na canção.
L2G1N - Nome do próprio rio.	L2G2T - Rio que passa por Alegrete.
L3G1N - Local.	L3G2T - Não sei.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Rio local.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Não sei.
L6G1N - Não sei.	L6G2T - Rio gaúcho conhecido.
L7G1N - Conheço o nome, não a localização.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Rio.	L8G2T - Rio famoso.
L9G1N - Não sei.	L9G2T - Rio Localizado no RS.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Rio que cruza Uruguaiana.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já no grupo de experientes, três leitores escreveram “não sei”, e os demais construíram os seguintes conceitos: “rio que corta as cidades mencionadas na canção” (L1G2T), “rio que passa por Alegrete” (L2G2T), “rio local” (L4G2T), “rio gaúcho conhecido” (L6G2T), “rio famoso” (L8G2T), “rio Localizado no RS” (L9G2T) e “rio que cruza Uruguaiana” (L10G2T).

A partir dessas leituras, notamos que os sentidos construídos pelos integrantes do grupo G2T desenvolvem suas respostas propondo frases que, por vezes, dão especificidade ao designador destacado. Essas especificidades podem ser relacionadas ao fato de que esses leitores tenham uma relação mais íntima com as informações apresentadas nos trechos apresentados. Assim, os *frames* acionados pelos itens lexicais da letra se coadunam com o conhecimento prévio construído pelos indivíduos ao participarem de CTGs e isso se relaciona ao que propõe a CLMC: conjugar as abordagens enciclopédicas na construção de sentidos (EVANS, 2009).

Com base nas respostas confeccionadas pelo grupo G2T, notamos que os sentidos para “rio Ibirapuitã” se configuram em processos metonímicos complexos (cf. IBÁÑEZ, 2003), a partir dos quais podemos inferir as seguintes relações entre PARTE-TODO:

Rio Ibirapuitã → Alegrete → fronteira oeste → Rio Grande do Sul.

Ainda, nessa mesma canção, o designador “terra” (3e), citado no verso “Destá terra que eu amei desde guri”, foi interpretado pelo grupo G1N de três distintas formas: como ESTADO DO RS (L1G1N; L3G1N; L4G1N; L6G1N; L9G1N; L10G1N), como ALEGRETE (L2G1N) e como LUGAR (L5G1N). As respostas apresentadas pelos dois grupos constam no Quadro 56.

Quadro 56– Leituras de “Terra” (3e)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Terra onde me criei e amo eternamente.
L2G1N - Referência à cidade de Alegrete.	L2G2T - Nosso estado.
L3G1N - RS.	L3G2T - RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Referente ao Rio Grande do Sul.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Lugar que amo desde guria.
L6G1N - Rio Grande do Sul.	L6G2T - Chão, lugar que vivemos.
L7G1N - O RS, provavelmente.	L7G2T - Chão que eu nasci.
L8G1N - Lugar.	L8G2T - Lugar.
L9G1N - Região do Rio Grande do Sul.	L9G2T - Planeta, localidade.
L10G1N - RS.	L10G2T - Meu Rio Grande do Sul.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A leitura realizada por leitores do grupo G2T se aproximam em algumas respostas que já para L2G2T, L3G2T, L4G2T e L10G2T o designador “terra” tem o conceito de ESTADO DO RS. Além desses, alguns atribuem proximidade e afetividade ao conceituar, ao passo que as respostas trazem o uso da primeira pessoa, o que permite ler que o indivíduo se reveste do *eu lírico*. Assim, temos os conceitos de “terra” como “terra onde me criei e amo eternamente” (L1G2T), “lugar que amo desde guria” (L5G2T), “chão, lugar que vivemos” (L6G2T) e “chão que eu nasci” (L7G2T).

Por outro lado, dois sujeitos desse grupo realizaram leituras mais genéricas desse vocábulo, registrando como “lugar” (L8G2T) e “planeta, localidade” (L9G2T). Desse modo, a partir das leituras dos dois grupos, “terra” pode ser CHÃO, LUGAR, PLANETA, REGIÃO o que se aproxima com o apresentado na pesquisa lexicográfica sobre o lexema ‘terra’ (Quadro 23).

Assim, a construção de sentidos de “terra” como ESTADO DO RS pode ser vista, nos termos de Ibáñez (2003), como um processo metonímico complexo:

Terra → Alegrete → fronteira oeste → Rio Grande do Sul.

Para além dos processos metonímicos, verifica-se que as respostas do G2T carregam traços de afetividade pela “terra” que, nesse caso, não é apenas RIO GRANDE DO SUL, mas o é NOSSO + AMOR. Há, ainda, níveis de proximidade, como se alguns indivíduos leitores estivessem pondo-se no lugar do *eu lírico*.

Os versos “Destá terra que eu amei desde guri / Flor de tuna, camoatim de mel campeiro / Pedra moura das quebradas do Inhanduí” trazem o próximo designador interpretado: “quebradas do Inhanduí” (3f). Nessa ocorrência, sete informantes do grupo não-tradicionista registraram “não sei” em suas respostas, enquanto os demais construíram as seguintes respostas: “região ribeirinha do Inhanduí” (L2G1N), “lugar” (L5G1N) e “deve se referir a um lugar, rio” (L8G1N). Essas respostas se relacionam com os registros das obras lexicográficas apresentados (Quadro 18). Todas as respostas registradas para essa expressão definida constam no Quadro 57.

Quadro 57– Leituras de “quebradas do Inhanduí” (3f)

Grupo não-tradicionista - G1N	Grupo Tradicionista – G2T
L1G1N - Não sei.	L1G2T - Local de difícil acesso.
L2G1N - Região ribeirinha do Inhanduí.	L2G2T - Não sei.
L3G1N - Não sei.	L3G2T - Não sei.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Referente a algo indígena.
L5G1N - Lugar.	L5G2T - Não sei.
L6G1N - Não sei.	L6G2T - Não sei.
L7G1N - Não sei.	L7G2T - Rio.
L8G1N - Deve se referir a um lugar, rio.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Não sei.	L9G2T - Não sei.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Província, basicamente uma montanha, com riacho, onde se extrai pedra para afiar facas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas dos leitores do grupo de tradicionalistas se apresenta de forma semelhante, já que a maioria (seis respostas) foram “não sei”. Os demais integrantes do grupo

responderam: “local de difícil acesso” (L1G2T), “referente a algo indígena” (L4G2T), “rio” (L7G2T) e “província, basicamente uma montanha, com riacho, onde se extrai pedra para afiar facas” (L10G2T).

No que se refere à pesquisa lexicográfica (Quadro 18), os sentidos registrados para ‘quebrada’, nos dicionários pesquisados, ora se aproximam, ora se distanciam das interpretações realizadas pelos grupos de interpretantes, pois as respostas são, em maioria, genéricas, ao passo que as especificidades aparecem apenas em construções de L2G1N e L10G2T. Essas leituras genéricas podem ser relacionadas ao fato de que os leitores poderiam ter optado por uma definição mais vaga, uma vez que possa haver dificuldades em interpretar no contexto global da letra, por tratar-se de uma expressão composta por um vocábulo de origem indígena.

Por outro lado, em uma leitura mais pormenorizada, L10G2T define que “[as] quebradas do Inhanduí” tem o sentido de “província, basicamente uma montanha, com riacho, onde se extrai pedra para afiar facas”. Nesse contexto, o leitor provavelmente relacionou a descrição definida com os itens lexicais dos versos onde ela está, já que “pedra moura” é popularmente conhecida (principalmente na atividade campeira) como a pedra especial de afiar facas. Portanto, a interpretação realizada pode ter sido conduzida por um *frame* de natureza cultural, à medida que um conhecimento prévio sobre a atividade campeira, relacionada aos designadores espaciais da canção, contribuem para a construção de sentidos de “[as] quebradas do Inhanduí”.

Com relação ao designador “pago” (3g), do verso “para os pagos no momento de morrer”, nove dos informantes leitores do grupo G1N assinalou “não sei”, o que possibilita deduzir que o conceito desse item seja difícil de ser construído, mesmo no contexto da canção. O leitor L2G1N respondeu “campos”. As demais respostas constam no Quadro 58.

Quadro 58 – Leituras de “Pagos” (3g)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Não sei.	L1G2T - Terras, campos, querências.
L2G1N - Campos.	L2G2T - Terra.
L3G1N - Não sei.	L3G2T - Terra, pago.
L4G1N - Não sei.	L4G2T - Local onde nasci, local de nascimento.
L5G1N - Não sei.	L5G2T - Lugar de fidelidade.
L6G1N - Não sei.	L6G2T - Local que se vive.
L7G1N - Não sei.	L7G2T - Não sei.
L8G1N - Não sei.	L8G2T - Não sei.
L9G1N - Não sei.	L9G2T - Não sei.
L10G1N - Não sei.	L10G2T - Sua terra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante desse quadro, observamos que os leitores do G2T remeterem “pagos” a “terras, campos, querências” (L1G2T); “terra” (L2G2T); “terra, pago” (L3G2T); “local onde nasci, local de nascimento” (L4G2T); “lugar de fidelidade” (L5G2T); “local que se vive” (L6G2T) e “sua terra” (L10G2T). Dessa forma, as leituras realizadas, além de convergir para o sentido de LOCAL, LUGAR e TERRA, são acrescidas de pormenores: PAGO É FIDELIDADE (recebe atributos positivos); PAGO É QUERÊNCIA (ou seja, espaço que se quer bem); PAGO É ONDE SE VIVE (expressando proximidade ou mesmo assumindo o posto espaço do *eu lírico*).

Conforme a ficha lexicográfica para ‘pago’ (Quadro 16), o lexema tem o sentido de “lugar de nascimento”, o que, em certa medida, se distancia das interpretações realizadas, ao passo que os leitores consideram “pago” como “campos”, “terra”, “lugar” ou “local”, propondo, em alguns casos, um especificador depois. Nesse sentido, as acepções das obras lexicográficas e os sentidos construídos ao longo das leituras se tornam diferentes tendo em vista que, conforme defende a CLMC, as interpretações são construídas por meio de contextos, ligados a Modelos Cognitivos.

Ainda sobre o processo de leitura e interpretação, o L2G1N registra a seguinte observação: “*a dedução de sentido é baseada nas localidades previamente mencionadas na letra da música, por apenas conhecer a palavra por ter ouvido a canção em alguns momentos*”. Assim, há a relação entre o léxico utilizado e a construção de sentidos, em meio a

um processo de referenciação com base em experiências individuais que compõem os Modelos Cognitivos do indivíduo leitor.

Por fim, o vocábulo “terra” (3h), do verso “desta terra que eu amei com devoção”, teve interpretações diferentes por parte do gruponão-tradicionalista, à medida que houve como respostas “estado do RS” (L1G1N, L3G1N, L4G1N, L9G1N, L10G1N), “referência à cidade de Alegrete” (L2G1N), “chão” (L5G1N), “lar” (L6G1N) e “lugar” (L8G1N). O Quadro 59 registra as respostas apresentadas pelos leitores para “terra” (3h).

Quadro 59– Leituras de “Terra” (3h)

Grupo não-tradicionalista - G1N	Grupo Tradicionalista – G2T
L1G1N - Estado do RS.	L1G2T - Local onde se nasce e morre.
L2G1N - Referência à cidade de Alegrete.	L2G2T - Lugar.
L3G1N – RS.	L3G2T - RS.
L4G1N - RS.	L4G2T - Rio Grande do Sul.
L5G1N - Chão.	L5G2T - Espaço de amor a quem nela vive e que também cultua a linda cultura gaúcha.
L6G1N - Lar.	L6G2T - Chão, local que vivemos.
L7G1N - O Alegrete, provavelmente.	L7G2T - Chão.
L8G1N - Lugar.	L8G2T - Localização.
L9G1N - Rio Grande do Sul.	L9G2T - Localidade, planeta.
L10G1N - RS.	L10G2T - Trata-se individualmente da fronteira.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao grupo de tradicionalistas, notamos uma leitura e interpretação similar desse vocábulo: “Rio Grande do Sul” (L3G2T e L4G2T), “local onde se nasce e morre” (L1G2T), “lugar” (L2G2T), “espaço de amor a quem nela vive e que também cultua a linda cultura gaúcha” (L5G2T), “chão, local que vivemos” (L6G2T), “chão” (L7G2T), “localização” (L8G2T), “localidade, planeta” (L9G2T) e “trata-se individualmente da fronteira” (L10G2T). Os casos apresentados seguem as reflexões sobre as referências lexicográficas, realizadas sobre designador “terra” anteriormente tratadas.

Dentre os leitores do G1N e o G2T, houve construções de sentidos que definem “terra” como RIO GRANDE DO SUL, o que resulta de um processo metonímico, em que a

PARTE representa o TODO. Ainda, poderíamos, a partir da letra, constatar um processo metonímico complexo: Terra → Alegrete → Fronteira Oeste → Rio Grande do Sul.

Para além disso, são também somados à noção de espacialidade atributos que veem o espaço com + AMOR + CULTUAR A LINDA CULTURA GAÚCHA + ONDE SE NASCE E MORRE. Logo, esse conjunto de valores se concretiza como um meio pelo qual o grupo G2T tem de representar suas ideias e experiências ao estado do Rio Grande do Sul, disseminados pelo Tradicionalismo e propagados em canções gauchescas, como é o caso de *Canto alegretense*.

4.2 Análise das entrevistas

Nesta seção, analisamos os dados gerados nas entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro dos leitores (dois do grupo G1N e dois do grupo G2T) que participaram da primeira fase da pesquisa de campo. Refletimos sobre os posicionamentos dos entrevistados acerca das respostas elaboradas ao longo do questionário e, além disso, estabelecemos relações com os dados discutidos em capítulos e seções anteriores. Para realização desta análise, selecionamos os trechos das entrevistas que julgamos relevantes para as discussões aqui propostas⁶².

Esta seção compreende duas subseções: a primeira versa sobre as entrevistas com os leitores do grupo G1N, e a segunda, com os do G2T.

4.2.1 Entrevistas com os leitores do G1N

Nesta subseção, faz-se a análise de trechos das entrevistas que descrevem e explicam o processo de construção de sentidos dos designadores espaciais destacados nas letras de canções, conforme os leitores do G1N. Essas entrevistas foram realizadas com os leitores L2G1N e L7G1N, com base nas questões semiestruturadas (Anexo C).

O entrevistado L2G1N nasceu em 1995, é do sexo feminino, não se encontra vinculada a nenhum Centro Tradicionalista Gaúcho (CTG). Apesar de afirmar que não consome música regionalista produzida no Rio Grande do Sul com frequência, ela menciona que a aprecia.

Ao iniciar a entrevista, a leitora antecipa informações e declara que, por conhecer a letra, por já tê-la ouvido em outros lugares, a interpretação foi mais fácil, como observamos no trecho destacado no Quadro 60.

⁶² Optamos, nesta parte da pesquisa, dado o grande volume de dados coletados nas entrevistas, por selecionar os trechos que consideramos relevantes para explicar os aspectos inferenciais construídos no processo de interpretação dos designadores espaciais.

Quadro 60 – Trecho 01 – L2G1N

E:	.h essa resposta ela foi <instantânea> (.) ou você::: demorô	20
	a pensá	21
L2G1N:	>↓não foi rapidinho<=	22
E:	=>a respon[dê<]	23
L2G1N:	[fo::i] hh>>quando<<	24
	eu vi a letra já f- ((estala os dedos)) associei assim	25
	(2.1)	
E:	alguma outra palavra da música te auxiliô a chegá a	26
	essa resposta .hh	27
	(1.2)	
L2G1N:	<talvez:z> mas n:ão >de uma maneira consciente<	28
	porque eu já conheço a letra então eu já	29
	sabia ao que que a música se refe↓ria	30
	(.)	
L2G1N:	.h >mas aí eu não saberia dizê< qual palavra exatamente	31
	né o conjunto da letra mesmo	32
	(0.9)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Aqui notamos o papel do léxico empregado na canção, de modo que tanto o conjunto vocabular disposto quanto o conhecimento prévio da entrevistada sobre o tema da letra colaboram para a interpretação do DE.

Quando a leitora fala sobre as relações que estabeleceu para responder sobre o sentido de “querência amada” (1a), verificamos que ela evoca um *frame* que se relaciona com os demais DEs. O trecho correspondente a essa questão está no Quadro 61.

Quadro 61 – Trecho 02 – L2G1N

E:	=a expressão querência amada	35
	ela se refe:re, ou está relaciona:da, .h à alguma palavra	36
	da letra da música (.) >você saberia respondê<?	37
L2G1N:	.hh >>olha<< eu acredito que ela se relacione a todas as	38
	<u>retomadas</u> que ele faz do es↑ta:do	39
	(0.8)	
L2G1N:	>porque ele vai< mencionando o estado do rio grande	40
	do sul de diferentes <maneiras>	41
	(0.8)	
E:	[>>vo<<cê s:-]	42
L2G1N:	[e me parece] >que seria< u:m:	43
	(1.4)	
L2G1N:	↑a em português >em to com< a umbrella term <i>hh</i> {{rindo} na	44
	mente agora} .h um termo:: que >que< <u>cobre</u> né essas	45
	referências todas	46
	(0.5)	
E:	você saberia dizê <u>u</u> :ma, ou <u>du</u> as palavras	47
	que façam esse >tipo de referência<?	48
	(0.4)	
L2G1N:	↓é ele: >ele menciona né< o viva o rio grande do su:l,	49
	ã:: (1.0) deixa eu olhá pra letra	50
	(1.5)	
L2G1N:	aí quando ele f- ele menciona ↑a minha procedência	51
	da província de são pe:dro, ele vai mencionando	52
	todas as caracte<rí:sticas>, e: <u>cida</u> :des, localida:des	53
	do <estado> rio grande	54
	(0.7)	
L2G1N:	então me dá a impressão de que essa querência	55
	amada dele <u>é</u> o <u>est</u> ado em que ele <u>v</u> ive.	56

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os vocábulos, então, se relacionam e auxiliam na leitura e interpretação dos outros DEs, ou seja, os itens lexicais estão conectados em uma rede de sentidos que é ativada por meio de *frames*: “querência” aciona RS, que se liga a todas as suas PARTES(serra, litoral, Guaíba, capital, fronteira, campanha, por exemplo).

Além disso, a construção de uma resposta mais genérica e neutra (se compararmos aos informantes do G2T) está relacionada a Modelos Cognitivos e conceitos lexicais sobre ‘Rio Grande do Sul’. Essa correlação entre vocábulos, conceitos e Modelos Cognitivos, como propõe Evans (2009), determina o processo de interpretação.

Na sequência da entrevista, quando é questionada sobre os sentidos de “Rio Grande do Sul” (1b) e “Província de São Pedro” (1c), a entrevistada apresenta imprecisão, como observamos no trecho do Quadro 62.

Quadro 62 – Trecho 03 – L2G1N

L2G1N:	>>né<< aqui:: eu acredito que ele <u>se</u> refira: (0.8)	113
	ao <próprio> es↑ta:do tam↓bé:m	114
	(0.4)	
L2G1N:	mas ã e- eu não >não tenho certeza< se são pedro	115
	é realmente uma província <u>no</u> es↑ta:do ou se é uma	116
	reto↑ma:da ao >próprio estado do rio grande do sul onde:<	117
	.hh haveria esse padroei↓ro (0.4) >que é< são pedro	118
E:	.h >você saberia dizê< qual- quais as <relações>>você	119
	estabeleceu para chegá< a essa <hipótese> de que	120
	talvez seria uma localida:de, .h ↑ou um::	121
	(0.6)	
L2G1N:	↓não pela própria palavra <província> né que <designa>	122
	um local	123
	(0.5)	
L2G1N:	entã:o (.) <u>pode</u> ser que <se:ja> ↑mas .hh a minha	124
	primeira interpretação foi que fosse uma retomada <u>ao</u>	125
	es↑tado (.) >que eles tivessem chamando o	126
	estado de:< (.) província por algum motivo:	127
	(0.7)	
L2G1N:	talvE:z	128

Fonte: Elaborado pelo autor.

No trecho anterior, a entrevistada apresenta dúvida, ou incerteza, uma vez que há algumas pausas antes de iniciar a resposta e, ainda, faz uso de itens como “talvez” e “mas eu não tenho certeza”, o que determina insegurança a respeito do conhecimento sobre o assunto. A partir disso, a interpretação realizada leva em consideração a letra como um todo.

Nesse caso, os *frames* estabelecidos ligam o conceito lexical de “Província de São Pedro” a RS, sendo que a entrevista também revela que essa pode ser uma PARTE desse estado, o que nos leva a um caso de metonímia.

O trecho da entrevista que segue (Quadro 63) apresenta a explicação da entrevistada sobre a elaboração da resposta sobre o sentido de “querência amada dos parreirais” (1f).

Quadro 63 – Trecho 04 – L2G1N

E:	qual foi o sentido que você atribuiu a essa >essa	211
	expressão<?	212
	(0.5)	
L2G1N:	aqui pra mim ele tá <descrevendo>>>né<< o que	213
	existe nesse estado <u>dele</u> que ele considera digno	214
	de uma home↑na:gem então os <parrerais>	215
	<u>são</u> uma característica do rio grande do sul	216
	(0.5)	
L2G1N:	onde há esse cultivo da <u>uva</u> então acredito que	217
	ele tenha: (0.9) retomado a: através <u>di</u> :sso	218
	(0.5)	
E:	essa associaçã:o, essa relaça:o que você fez agora	219
	(0.9)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme a explicação apresentada por L2G1N, ao ler “Querência amada dos parreirais” (1f) é estabelecido um *frame* que relaciona “parreirais” com o “cultivo da uva”, ou seja, o vocábulo da letra evoca o conhecimento sobre a produção viticultora do estado. Há, por meio dessa relação de conceitos lexicais, um processo metonímico em que a PARTE representa o TODO, como exploramos na análise introspectiva e análise das respostas dos questionários.

Ainda, constatamos um distanciamento da leitora em relação ao conteúdo da letra (ou ao *eu lírico*), já que faz uso da terceira pessoa em “nesse estado dele que ele considera digno de uma homenagem”. Essa afirmação dá a impressão de um distanciamento, como se esse “estado” fosse outro espaço que não é ocupado por ela, ou considerado com sentido de pertença, pela leitora.

Referente às construções de sentidos para “berço de Flores da Cunha” (1g1), “de Borges de Medeiros” e “terra de Getúlio Vargas” (1h), a leitora aciona *frames* de natureza histórica, conforme os trechos que seguem no Quadro 64.

Quadro 64 – Trecho 05 – L2G1N

E:	<u>essas</u> pala- >essas expressões< berço de flores da cunha,	296
	e de borges de medeiros, .h <u>terra</u> de getúlio vargas	297
	.hh	298
L2G1N:	Mhm	299
E:	elas estão <associadas> a alguma <outra:> (0.6) palavra	300
	dentro da letra?	301
	(1.8)	
L2G1N:	<u>dentro</u> da letra >acredito que não< é a primeira	302
	vez que ele menciona né o:s- as figuras po↑líticas	303
	do rio grande do sul	304
	(2.0)	
	<u>fora</u> da letra você acredita que esteja associ↑a:da,	305
	>ou você saberia dizê:< (0.7) é: uma palavra: que se	306
	refira <u>também</u> a estas?	307
	(2.7)	
L2G1N:	é: na verdade a: realmente a única:: (0.5) inferência que	308
	eu fiz <u>foi</u> através <u>daletramesmo</u> ↓né sabendo que	309
	são figuras <políticas> que provêm do rio grande do sul	310
	eu não sei de qual cidade em específico .hh mas como	311
	ele menciona <u>berço</u> (0.4) se entende que foi onde eE:	312
	(0.8) eles na↑sce:ram e <u>terra</u> também (.) faz uma	313
	retomada disso	314
	(0.5)	
L2G1N:	proveria dessa mesma <u>cida:de</u>	315
	(1.0)	
L2G1N:	mas por fora da:: da <u>letra</u> só por conhecer	316
	eles como figuras políticas mesmo	317
	(1.9)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir das considerações da leitora, verificamos que, no processo de interpretação, há *frames* de natureza histórica quando ela associa os nomes dos itens (1g1), (1g2) e (1h) a “figuras políticas do Rio Grande do Sul”. Nesse viés, dois fatores podem contribuir com a interpretação: a leitura global da letra (com temática sobre o RS) e o conhecimento prévio sobre a história auxiliam na construção de conceitos lexicais para determinar esses DEs como se referindo a Rio Grande do Sul.

Por meio das afirmações apresentadas na entrevista, verificamos que a leitora supõe, mesmo não sabendo determinar com precisão, que há uma referência às cidades de procedência dessas figuras. Esse sentido pode ser relacionado ao protótipo (como apresentado na lexicografia) de ‘berço’ e ‘terra’ como lugar de procedência, o que, aliando a leitura global da letra, leva a identificar que se trata de PARTES do RS, ou seja, resultado de processos

metonímicos, como discutidos na análise introspectiva e na análise das respostas dos questionários.

Na sequência da entrevista, destacamos o trecho em que a leitora explica o sentido construído para “torrão gaúcho” (1j), exposto no Quadro 65.

Quadro 65 – Trecho 06 – L2G1N

E:	>qual foi o sentido que você atribuiu<?	341
	(0.5)	
L2G1N:	ao ao orgulho de ser gaúcho	342
	(1.5)	
L2G1N:	mas aí por ter visto a palavra torrão em outros	343
	contextos como: um orgu:lho, uma:: (0.5) um orgulho	344
	Mesmo	345
	(0.9)	
L2G1N:	de:	346
	(1.6)	
E:	>você acredita que a palavra< torrão gaúcho esteja	347
	↑associada a alguma outra palavra: (0.9) da:: >letra<?	348
	(6.5)	
L2G1N:	alguma palavra em específico >acho que não<	349
	(3.3)	
E:	e:>você acredita que se refira a alguma< outra	350
	palavra ou se relacione a alguma outra palavra	351
	>que esteja fora da letra<?	352
	(0.8)	
L2G1N:	é: esse orgulho mesmo como eu disse antes né:	353
	essa:: .h essa questão <cultural> de o gaúcho tanto se	354
	orgulhá <de ser daqui>	355
	(2.6)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do relato apresentado, constatamos a relação estabelecida entre “torrão gaúcho” e “orgulho de ser gaúcho”, justificados pela leitora como um conhecimento prévio. Nesse ponto, ressaltamos o fato de que, tanto na resposta dada no questionário quanto na entrevista, o DE não é interpretado como um “espaço”, mas como um possível sentimento, que é atribuído ao “outro” (*eu lírico*).

De certa forma, ao relatar “orgulho de ser gaúcho”, a leitora parece manter-se distante do tema da letra e do que é defendido pelo *eu lírico*, como se o “ser gaúcho” significasse se incorporar em um conjunto de costumes e traços próprios de uma cultura, o que não pertencia às vivências da entrevistada.

Destacamos, ainda, que as pausas e as sobreposições ao dar as respostas podem denotar imprecisão, dúvida ou até mesmo falta de intimidade com o tema discutido por parte da leitora entrevistada.

Na construção de sentidos para “querência amada, planície e serra” (1k), além de responder “características do local, denotando ambiente campestre”, como propõe na resposta elaborada no questionário, a leitora estabelece outras relações, como consta no trecho do Quadro 66.

Quadro 66 – Trecho 07 – L2G1N

L2G1N:	aqui novamente ele <descre:ve> alguns aspectos	360
	<u>doestado</u> (0.4) nas regiões mais <u>planas</u>	361
	assim como a serra que é uma região muito	362
	conhecida do rio grande	363
	(2.0)	
E:	alguma palavra >de dentro da letra< te auxiliô	364
	a chegá a essa conclusão?	365
	(.)	
L2G1N:	↓nã	366
	(0.9)	
L2G1N:	realmente o conhecimento de sabê que <u>oestado</u>	367
	<u>tem</u> uma região montanhosa e também a região:o	368
	pla↓na	369
	(1.0)	
E:	>você acredita< que essa palavra esteja relacionada	370
	a ↑o:utras palavras dentro da letra?	371
	(0.4)	
L2G1N:	↓n:ão é a primeira vez que ele menciona essa	372
	Característica	373
	(2.5)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao relacionar o DE às regiões planas e serranas do estado, a entrevistada evoca um *frame* de natureza geográfica: os conceitos lexicais são construídos a partir da ligação entre o conhecimento prévio sobre os traços topográficos do estado – via Modelos Cognitivos – e a leitura global da letra. Assim, o conjunto de informações consolidado por meio de experiências colabora para que conceitos lexicais e Modelos Cognitivos intervenham no processo de interpretação de “querência amada, planície e serra”, elaboradas tanto no questionário como na entrevista.

Os traços topográficos podem, então, ser lidos como PARTES do RS, caracterizando-se como processos metonímicos, pois RIO GRANDE DO SUL É SUAS PARTES.

Quanto aos DEs de *Eu sou do sul*, a resposta sobre o sentido de “sul” (2a) mostrou-se mais desenvolvida em relação à elaborada no questionário (estado do RS). Apresentamos, no Quadro 67, o trecho correspondente a essa construção de sentidos.

Quadro 67 – Trecho 08 – L2G1N

L2G1N:	aqui: novamente atribuí o sentido <u>do</u> estado	488
	do rio grande do sul .hh <u>mas</u> foi por <u>já</u> conhecê	489
	a letra da música	490
	(1.5)	
L2G1N:	eu já sabia que era uma canção gaú:cha né::	491
	(0.4) <u>sul</u> numa canção gaúcha já: (.) remete ao estado	492
E:	.hh você chegou a relacioná alguma <u>o</u> :utra palavra da:	493
	>da letra<?	494
	(0.8)	
L2G1N:	n:ão.	495
	(0.6)	
L2G1N:	>eu só tinha lido< a primeira frase mesmo ainda não	496
	tinha: (1.0) foi realmente conhecimento <u>externo</u> , <u>prévio</u>	497
	sei lá	498
	(1.1)	
L2G1N:	uma letra gaú:cha, .h mencionando o su:l, (0.4)	499
	primeira: <inferência> que eu fiz foi ao estado	500
	(2.0)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse caso, novamente, a leitora afirma que conhecer a letra contribuiu para interpretar os vocábulos destacados e, além disso, que elabora as respostas sabendo que “uma canção gaúcha fala sobre o RS”.

Percebemos a insegurança e imprecisão no relato do trecho, evidenciado nas constantes pausas e na finalização do enunciado (linha 498), com a expressão “sei lá”, que pode, nesse contexto, significar “talvez”.

Verificamos que a entrevistada aciona um *frame* de natureza cultural, já que afirma que conhecer as canções gauchescas colaborou na hora de interpretar os vocábulos propostos, de modo que “sul”, no contexto da letra, remeteria a “Rio Grande do Sul”. Dessa forma, a leitura realizada demonstra que há metonímia a partir do conceito lexical SUL É RS, em que o TODOse relaciona com a PARTE.

Com processos semelhantes, a construção de sentidos de “Terra” (2b) e (2c) também foi possível a partir de *frames* de natureza cultural, uma vez que conhecimento prévio e leitura global da letra da canção auxiliam na interpretação. O trecho a seguir (Quadro 68) traz o relato da leitora.

Quadro 68 – Trecho 09 – L2G1N

L2G1N:	aqui eu acho que a terra está retomando o termo	515
	<u>sul</u> ali dele né: >ele tá descrevendo que ele é do sul	516
	e essa terra< o <u>sul</u> (0.7) <tem o céu azul>	517
	(0.6)	
L2G1N:	ele descre:ve	518
E:	e essa terra <u>sul</u> (.) seria o rio grande do sul?	519
L2G1N:	Sim	520
	(1.4)	
E:	.h essa <associação> ela foi <imediata> ou você demorô a	521
	respondê?	522
	(0.4)	
L2G1N:	↓n:ão >foi imediata<	523
	(1.4)	
E:	you chegou a associá a palavra terra à alguma	524
	outra palavra além de <u>sul</u> na letra?	525
	(0.5)	
L2G1N:	n:ão.	526
	(2.6)	
L2G1N:	aqui n:- ↑a: depois aí né o <u>céu</u> né o céu azul como uma	527
	característica dessa terra ao <u>minha</u> ↑ma:s	528
	(1.8)	
L2G1N:	a princípio:	529
	(2.5)	
E:	>o que a palavra:< (0.7) ↑terra (0.4) representa	530
	representa dentro da: >da letra<?	531
	(0.7)	
L2G1N:	<dentro dessa letra> ela representa o estado	532
	do rio grande do sul	533
	(1.0)	
E:	e o que que a palavra <u>sul</u> representa dentro	534
	dessa letra?	535
L2G1N:	também ela designa ao esta↓do	536
	(1.6)	
L2G1N:	a o:: <u>local</u> onde: (.) o <u>autor</u> da letra o eu lírico	537
	>na verdade< vem	538
	(1.9)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de responder no questionário que “terra” “retoma” (2b) ou faz “referência ao estado do RS” (2c), na entrevista, a leitora apresenta mais especificações: a correlação terra-sul-RS pode ser vista como um processo metonímico complexo em que os conceitos lexicais de “terra” são construídos a partir da relação TODO (sul) – PARTE (RS).

Os *frames* são acionados, no processo de interpretação, quando há uma conexão entre os vocábulos dispostos na letra e, além disso, um léxico específico (regional) que pode

determinar os níveis de proximidade e distanciamento que existem entre produto cultural (música) e leitor.

Também observamos as relações estabelecidas pela L2G1N, quando comenta como interpretou “serra” (2f), conforme aparece nos trechos do Quadro 69.

Quadro 69 – Trecho 10 – L2G1N

L2G1N:	a região serrana do:: <rio grande do sul> mes↓mo	628
	(1.3)	
E:	e:ssa:: <relação estabelecida>	629
	(1.3)	
E:	foi feita a partir de alguma outra palavra	630
	da letra: (0.4) >ou não<?	631
	(0.6)	
L2G1N:	n:ão no cas- não foi através de <u>vinho</u> NE	632
	vinho ajudô aqui a serra te dá <u>o</u> <<vinho>>	633
	(0.4)	
L2G1N:	todo esse <u>verso</u> já me remete:u: ao <u>estado</u> do rio grande	634
	do sul e a essa região mais aqui de Caxias	635
	(0.8)	
L2G1N:	.h propriamente dita pela questão	636
	da produção do ↑vi:nho, enfim aí fiz essa associação	637
	(0.5)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para além de “Região montanhosa do RS”, como registrou no questionário, a leitora, nesse ponto da entrevista, aciona *frames* de natureza geográfica e cultural, evocando o conhecimento prévio por meio do conjunto vocabular do verso: a ligação entre “serra” e “vinho” leva ao conhecimento prévio de que a região serrana do RS é uma forte produtora vitivinícola e reconhecida como tal.

Além disso, a entrevistada estabelece relações metonímicas, a partir do processo PARTE-TODO: Caxias → serra gaúcha → Rio Grande do Sul. Os conceitos lexicais em torno de “serra” (2f) relacionam-se, então, com *frames* acionados por meio do vocabulário disposto na letra, colaborando para a interpretação.

Ainda, as relações léxicas da canção também condicionaram a interpretação realizada para “Capital” (2i), o que se observa no trecho destacado no Quadro 70.

Quadro 70 – Trecho 11 – L2G1N

L2G1N:	n::a música >porto alegre< (2.1)	701
E:	porque que na música porto alegre? (0.5)	702
L2G1N:	é porque ele tá falando <u>do estado</u> e pela palavra guaí:BA (0.7)	703 704
L2G1N:	é guaí:- o <u>rio</u> guaíba te dá um pôr do sol <u>lá</u> na capi↓tal (0.4)	705 706
L2G1N:	o guaíba está localizado em porto alegre	707

Fonte: Elaborado pelo autor.

O conjunto vocabular novamente auxilia a estabelecer um *framede* natureza geográfica: o conhecimento sobre a localização do “Guaíba”, também DE da letra, aliado à leitura global, leva ao conceito lexical de CAPITAL É PORTO ALEGRE. Assim, a interpretação faz com que a leitora delimite a construção de sentidos para o DE.

Em situação similar, verificamos a ocorrência de “fronteira” (2j), interpretado como “limite do estado” no questionário e na entrevista, já que a leitora constrói o sentido para o vocábulo pelo conhecimento global da canção, embora não tenha o conhecimento geográfico específico para delimitar a localização da região ou mesmo as cidades que a compõe.

Sobre a canção *Canto alegretense*, a leitora explica que, ao construir o sentido para “rio Ibirapuitã” (3d), fez a leitura global da canção. Esse relato consta no Quadro 71.

Quadro 71 – Trecho 12 – L2G1N

E:	[você] marcô que conhece <u>ounão</u> essa palavra? (1.3)	844
L2G1N:	conhe:ço >mas também< só de nome de já tE:r ouvido a: >expressão< (0.8)	845 846
E:	qual foi o sentido que você atribuiu a essa palavra? (0.8)	847
L2G1N:	<a um <u>rio</u> localizado no alegrete> (.)	848
L2G1N:	porque ele usa né: a:: (0.6) ã:: (0.5) <u>todos</u> os <u>versos</u> ali >quando ele menciona< o: quem vem de uruguaiana de manhã tem o sol como uma brasa que ainda arde mergulhado no rio ibirapuitã (.) .lh então parece que esse <u>ri::o</u> (0.5) <u>es↑tá</u> <no alegrete> porque a pessoa <chega> (0.4) de rosário ao fim da tarde chega < <u>no</u> alegrete> ou (.) <u>vem</u> de uruguaiana <u>até</u> o alegrete (0.4) .h de manhã (.) <u>tem</u> <o sol visto nesse ↓rio> (2.8)	849 850 851 852 853 854 855 856 857

Fonte: Elaborado pelo autor.

A entrevistada demonstra, nessa parte, certa insegurança ou dúvida, identificadas por meio das constantes pausas e da sequência de “a” e “ã”, o que permite identificar uma falta de intimidade com o tema abordado na canção.

Para interpretar o DE, a leitora afirma que estabeleceu relações com alguns topônimos da letra, tais como Alegrete, Uruguaiana e Rosário. Nesse ponto, o conhecimento geográfico sobre as cidades gaúchas da fronteira do RS foi possível por meio do *frame* que conjuga conjunto léxico e conhecimento prévio.

Seguindo esse mesmo raciocínio (de realizar a leitura global), a leitora descreve o que a motivou a interpretar “quebradas do Inhanduí” (3f) como “região ribeirinha do Inhanduí”.

Quadro 72 – Trecho 13 – L2G1N

L2G1N:	é:- eu acredito <u>que:se:possa</u> se referir que inhandui	904
	possa ser o nome de um ri:o	905
	(0.7)	
L2G1N:	por ele mencioná essas <que↑bra:das> n:- a palavra	906
	que↑bra:das aqui como ele já falô no ri-	907
	>em outro rio anteriormente< .hh me: dá a impressão de	908
	cacho↑E:ira, de:- (.) precipí:cio com ↑á:gua	909
	alguma coisa assim ↑ma:s (0.6) foi um chute mesmo	910
	(3.4)	
E:	c:erto. (.) você relaciona quebradas do inhandui	911
	com alguma outra palavra da letra?	912
	(1.0)	
L2G1N:	aqui: com pedra mo:ura né >porque é o que	913
	ele está:< descre↓vendo	914
	(0.8)	
E:	você saberia dizê:- >me dizê o que é< pedra moura?	915
	(0.7)	
L2G1N:	↓não hã moura não	916
	(0.9)	
L2G1N:	uma característica dela talvez >não sei<	917
	(0.6)	
L2G1N:	a co::r, o tama:nho,	918

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora mencione que conhece a expressão, L2G1N explica que fez uma associação mais genérica, refletindo sobre o sentido global da letra, mesmo não conhecendo o sentido de alguns vocábulos.

Dessa forma, um *frame* é acionado por meio da relação entre os vocábulos da letra, uma vez que “quebradas” teria, segundo a entrevistada, a relação com “rio”, o que permitiu a inferência com “cachoeira” e “precipício de água”. Apesar dessas relações entre conceitos lexicais, há imprecisão no processo de interpretação, constatada por meio da afirmação “mas foi um chute mesmo”.

Em certa medida, é o mesmo que ocorre com “pagos” (3g), visto que se trata de um vocábulo que não é do uso da leitora. A leitora conclui a entrevista reiterando que, na interpretação dos vocábulos destacados, percebeu que eles se configuravam como elementos de retomada textual.

A segunda entrevista realizada nesse grupo foi com o L7G1N. Esse entrevistado nasceu em 1991, é do sexo masculino, não está vinculado a nenhum CTG, não escuta e não aprecia a música regionalista gaúcha.

Percebemos, ao longo da entrevista, que o leitor L7G1N elaborou (tanto no questionário quanto na própria entrevista) respostas e comentários mais genéricos e, na maioria das vezes, demorou para responder ou afirmou não ter certeza.

Nessa perspectiva, o leitor afirma que ao longo da leitura, o que o auxiliou a delimitar a resposta e elaborá-la foi a visão global da letra, como explica no trecho que segue (Quadro 73), quando questionado sobre o sentido de “querência amada” (1a).

Quadro 73 – Trecho 01 – L7G1N

E:	certo (.) passamos então para os vocábulos da primeira	28
E:	can ↑ ção (.) querência amada	29
	(0.7)	
	ã sobre a palavra é (.) querência (.) você já conheci ↑ a	30
	previamente essa palavra? já- já tinha ouvido ou lido	31
	alguma vez?	32
	(0.4)	
L7G1N:	ã::: eu só ouvi ela realmente na canção não vi em	33
	nenhum outro lugar	34
	(1.9)	
L7G1N:	.h ã::	35
	(2.1)	
E:	que sentido que você atribuiu a essa palavra?	36
	(3.3)	
L7G1N:	ã dentro da canção parece ter (.) ter a ver com o rio	37
	grande do sul ao mesmo tempo ela tem (.) parece	38
	pra <u>mim</u> carregá algo de: (0.7) algo de sei lá de	39
	romântico porque querência parece que tem a ver com	40
	também com o verbo querer talvez .h	42
	(1.8)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O relato do entrevistado caracteriza-se por imprecisão e dificuldade de elaboração das respostas, identificadas pelas constantes pausas e momentos em que o sujeito usa o “ã”, verbalizando que está tentando chegar a uma resposta. Observamos também a falta de intimidade com o léxico específico apresentado na letra, pois o leitor afirma ter visto “querência” pela primeira vez na canção.

Conforme apresentado no trecho, o leitor defende que “querência amada” remete ao Rio Grande do Sul, em uma visão romântica, sendo um “lugar que se quer bem”. Entretanto, o uso do verbo “parecer” denota sua incerteza em elaborar essa resposta, ou simplesmente dar uma resposta qualquer, mesmo não tendo conhecimento suficiente sobre o assunto.

Apesar de não ter construído o sentido para “Província de São Pedro” (1c) no questionário, o entrevistador questiona se o leitor não poderia dar um sentido aproximado. No Quadro 74 apresentamos esse trecho da entrevista.

Quadro 74 – Trecho 02 – L7G1N

E:	certo (0.6) .h sobre a palavra província de são pedro (.)	101
	na mesma canção querência amada (1.2) você já	102
	conhecia este vocábulo?	103
	(0.8)	
L7G1N:	.h não	104
	(1.7)	
E:	que sentido que você deu? (.) para essa palavra	105
L7G1N:	eu: coloquei que eu não sei	106
	(1.0)	
E:	certo (0.8) você chegou a::: pensá por um momento	107
	ou foi instantâneo o não sei	108
	(1.2)	
L7G1N:	ã:: eu pensei um pouco província me remete a cidade	109
	mas: eu não tenho certeza se tem alguma cidade que	110
	chama são pedro preciso conhecê melhor o rio grande	111
	do sul	112
	(2.0)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante do relato do leitor, notamos que não há conhecimento prévio sobre aspectos históricos do Rio Grande do Sul, o que fez com que ele respondesse “não sei” no questionário. Apesar disso, a entrevista é conduzida de modo que ele consegue determinar um sentido para o DE, seguindo a leitura global do texto e o vocabulário empregado. Assim, são ativadas *frames* que indicam que PROVÍNCIA É CIDADE, auxiliando no processo de interpretação, o que permite que o sujeito chegue a um sentido.

Dessa forma, observamos que o conhecimento prévio se torna importante para que haja uma construção de sentidos, como ocorre também com a interpretação do DE “querência amada dos parreirais” (1f), conforme o trecho exposto no Quadro 75.

Quadro 75 – Trecho 03 – L7G1N

L7G1N:	querência amada (0.7) eu:: (0.8) eu conectei com	253
	rio grande do ↑sul e parreirais como uma característica	254
	>do rio grande do sul<	255
	(2.3)	
E:	e:specificamente característi↑ca (0.5) a: de <u>quê</u> de	256
	<u>Quem</u>	257
	(0.9)	
E:	você saberia respondê?	258
	(1.9)	
L7G1N:	característica da:: da regiã::o serrana	259
	(1.5)	
E:	o que você entende por região serrana? (.) que::	260
	que espaço você compreende por região serrana	261
	você saberia respondê?	262
	(3.0)	
L7G1N:	é: (.) as cidades que ficam dentro dessa: região	263
	Geográfica	264
	(.)	
E:	você saberia citá uma ou duas cidades?	265
	(0.8)	
L7G1N:	ã: caxias do sul flores da cunha Garibaldi	266

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para além de construir o sentido de “RS e suas características” para “querência amada dos parreirais” (1f), o leitor complementa expondo as especificidades inerentes à serra. Assim, o conhecimento prévio é importante, porque os vocábulos dispostos acionam *frames* de origem geográfica: Caxias do Sul, Flores da Cunha e Garibaldi são identificadas como cidades da região da Serra Gaúcha.

Percebendo uma conexão entre os vocábulos da letra, o leitor aciona *frames* de natureza histórica para interpretar os DE “berço de Flores da Cunha” (1g1), “de Borges de Medeiros” (1g2) e “terra de Getúlio Vargas” (1h). O trecho da resposta sobre como construiu os sentidos para esse último DE consta no Quadro 76.

Quadro 76 – Trecho 04 – L7G1N

E:	qual foi o sentido que você atribuiu à essa expressão? (1.5)	271
L7G1N:	ã: a palavra terra:: lugar de origem onde nasceu o ex prej- presidente getúlio Vargas (2.1)	272 273
E:	essa resposta ela foi imediata ou você pensou a che- até chegá: a essa resposta? (1.0)	274 275
L7G1N:	foi imediata (1.3)	276
E:	certo então você disse ↑ <u>que</u> terra es- estaria ligado ↑ a (1.2)	277
E:	lugar de origem ou [onde nasceu]	278
E:	[e getúlio vargas] onde nasceu (.)	279
	você sabe me dizê onde getúlio vargas nasceu? (3.0)	280
L7G1N:	eu sei que ele nasceu no rio grande do sul (1.3) mas	281
	eu não sei a cidade eu certamente já ouvi mas eu não	282
	lembro agora	283

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse trecho, o leitor também se mostra inseguro e indeciso quanto à resposta que apresenta, já que demora a responder e usa itens que caracterizam sua insegurança, como a recorrência constante de “ã”.

O entrevistado aciona um *frame* de natureza histórica, tal como faz no questionário, no entanto não dá maiores especificidades e não consegue determinar com precisão a cidade de onde Getúlio Vargas provém. Esse *frame* pode estar relacionado à leitura global da letra e, ainda, a alguns itens lexicais que se ligam ao conhecimento prévio sobre o contexto em que o DE está inserido, configurando o processo interpretativo.

Ligado a esse mesmo processo, o sujeito comentou sobre a construção de sentidos do DE “Rio Grande” (1m), como mostra o Quadro 77.

Quadro 77 – Trecho 05 – L7G1N

E:	qual foi o sentido que você atribuiu a essa palavra (1.4)	427
L7G1N:	o rio ou o estado do rio grande do sul (3.2)	428
E:	a resposta foi instantânea ou você demorou a Responder	429
	(1.4)	430
L7G1N:	foi instantânea (1.0)	431
E:	you acredita que tinha algum conhecimento prévio que te auxiliou no momento da (.) respos † ta	432
	(.)	433
L7G1N:	acredito que não (1.9)	434
E:	certo algum outra palavra ou expressão dentro da própria música (1.3) te auxiliou?	435
	(4.3)	436
L7G1N:	ah agora eu fiz uma nova relação que >de repente eu não tinha percebido antes< (0.5) estrela brilhante	437
	na bandeira do brasil é: (.) mais uma referência pra:	438
	rio grande do sul	439
	(2.5)	440
E:	certo (.) o que essa palavra representa dentro da música?	441
	(6.0)	442
L7G1N:	o rio, ou o >estado do rio grande do sul<	443

Fonte: Elaborado pelo autor.

Notamos que a seleção lexical da letra conduz, de certa forma, à interpretação, uma vez que “estrela brilhante”, por exemplo, aciona um *frame* sobre o conhecimento da bandeira do Brasil em que os estados são representados por estrelas. Dessa forma, a relação entre contexto específico e conhecimento prévio conjuga-se a conceitos lexicais, que atuam no processo interpretativo.

Quanto à canção *Eu sou do sul*, o leitor explica como fez para construir o sentido de “sul” (2a), conforme o trecho do Quadro 78.

Quadro 78 – Trecho 06 – L7G1N

E:	que sentido que você deu a essa palavra? (1.8)	500
L7G1N:	ã: (1.3) tem três palavras sul a primeira (.) tá em letra maiúscula e a segunda e terceira tão em letra	501 502
	minúscula .h (.) daí talvez o primeiro sul se refira ao sul do brasil a região sul e os outros dois ao extremo	503 504
	sul no caso a rio grande do sul (4.7)	505

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse momento, o leitor faz uma leitura dos versos e das ocorrências de “sul” para chegar a uma conclusão, o que é realizado ainda com imprecisão e incerteza, pois ele responde de acordo com seu conhecimento prévio sobre o que poderia ser o DE na letra.

Envolvendo processos metonímicos, percebe-se que “sul” (2a), para L7G1N, refere-se, além de “sul do Brasil, no extremo sul” (resposta do questionário), a “Rio Grande do Sul”.

Quanto ao sentido atribuído a “Guaíba” (2h), como “rio”, destacamos o trecho da entrevista (Quadro 79) em que o leitor relata sobre o sentido e as relações estabelecidas para essa construção.

Quadro 79 – Trecho 07 – L7G1N

E:	alguma palavra ou expressão dentro da própria letra	680
	te auxiliou a chegá a essa resposta?	681
	(2.2)	
L7G1N:	ã:: (0.5) é o restante da linha (0.5) confirmou (.) e o	682
	guaíba te dá um pôr do sol lá na capital então o guaíba	683
	fica em porto alegre	684
	(3.4)	
E:	algum conhecimento prévio tenha:: te auxiliou a	685
	chegá a essa resposta?	686
	(1.8)	
L7G1N:	o fato de que eu conheço o rio Guaíba	687
	(3.3)	
E:	essa palavra ela se relaciona a o- com outras palavras	688
	dentro da:: mesma letra?	689
	(4.5)	
L7G1N:	m:: (2.5) rio uru ↑ guai	690
	(2.7)	
E:	tu saberia dizê qual é a relação?	691
	(1.4)	
L7G1N:	por se tratarem ambos de rios?	692
	(2.7)	
E:	you acredita que essa palavra ela se relacione com	693
	alguma outra palavra ou se refira à alguma outra	694
	palavra que não esteja na letra?	695
	(5.0)	
L7G1N:	m:: não sei dizê o significado da palavra guaíba (.)	696
	se tem um significado (.) enfim etimológico >não sei<	697

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o relato do leitor, notamos que o conhecimento prévio, acionado por meio de um *frame* de natureza geográfica (o fato de o Guaíba ser um rio localizado em Porto Alegre), e a relação entre os vocábulos da letra, auxiliam na construção da resposta apresentada. A associação entre Modelos Cognitivos e conceitos lexicais torna-se decisiva, portanto, na interpretação.

Nesse relato também são visíveis a imprecisão e o tom de dúvida que estão presentes no discurso do entrevistado: há pausas, oscilações na voz e, após elaborar sua resposta, finaliza com “não sei”.

Nessa mesma perspectiva são construídos também os sentidos apresentados para “capital” (2i) (Porto Alegre), “fronteira” (2j) (divisa com a Argentina e/ou Uruguai) e “campanha” (2k) (Região do RS).

Portanto, uma associação entre as experiências do indivíduo (seu conhecimento) e o que é ofertado nos versos colabora para que haja uma compreensão (global, generalizada e muitas

vezes vaga) e, conseqüentemente, uma construção de sentidos. Destacamos a seguir o trecho (Quadro 80) que traz o relato do leitor sobre o sentido de “Rio Uruguai”.

Quadro 80 – Trecho 08 – L7G1N

E:	qual foi o sentido que você atribu ↑ iu (.)	787
L7G1N:	rio localizado na fronteira com o Uruguai (2.1)	788
E:	você demorou a respon ↑ dê ou a resposta foi instantânea (2.6)	789
L7G1N:	ã:: (0.9) pensei um pouco (0.6)	790
L7G1N:	°° ↑ pouco°° (0.8)	791
E:	que te auxilio:u a:: chegá a essa resposta (4.0)	792
L7G1N:	°°ã:°° o fato dele chamá rio uruguai, (0.8) ã: dá um indicativo da região onde ele se localiza (2.6)	793 794
E:	você saberia me dizê a região é: em que se localiza ou uma cidade em que o rio (.) pas ↑ se (3.3)	795 796
L7G1N:	bem é: (4.1) a região bem ao extremo sul do rio grande do sul mas eu não sei <dá nome> pra ela	797 798

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verificamos que o leitor se mostra inseguro ao longo de seu relato e apresenta uma indeterminância na construção de sentidos, uma vez que não há certeza ao dar sua resposta, mostrando-se similar à resposta apresentada no questionário.

Quanto aos DEs da canção *Canto alegretense*, o leitor explica que os topônimos citados na letra colaboram para a interpretação dos demais vocábulos destacados no questionário. Isso se verifica, por exemplo, quando o sujeito relata como elaborou a resposta para o sentido de “Rio Ibirapuitã” (3d), conforme o trecho do Quadro 81.

Quadro 81 – Trecho 09 – L7G1N

L7G1N:	↑sim e:: eu respondi que eu conhecia o nome mas	906
	não a localização (0.9) e: não sei o que a palavra	907
	<ibirapuitã> significa mas parece um termo indígena	908
	(1.4)	
E:	certo (.) alguma outra expressão ou palavra dentro da	909
	letra da canção f- (0.7) fez você chegá a essa	910
	conclusão?	911
	(2.5)	
L7G1N:	°ã::° n:ão mas (.) o fato de tá escrito mergulhado	912
	me dá mais certeza de que é: é um rio {{rindo} mesmo} h (.) hã	913
	(1.4)	
E:	você saberia dizê: exatamente onde fica localizado	914
	esse rio?	915
	(.)	
L7G1N:	Não	916
	(1.6)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nesse relato, constatamos que o entrevistado revela novamente imprecisão. O sentido é construído conforme o sentido global da letra, uma vez que os vocábulos dispostos, principalmente os DEs, ativam *frames* que permitem que o leitor construa um sentido; no entanto, há incerteza ao elaborar esse sentido, gerada possivelmente pela falta de conhecimentos prévios sobre história e geografia do estado do Rio Grande do Sul.

O trecho correspondente a como se deu a construção de sentidos de “terra” (3e) está registrado no Quadro 82.

Quadro 82 – Trecho 10 – L7G1N

L7G1N:	eu respondi que <u>sim</u> conheço e que o sentido seria: o	921
	rio grande do sul mas pensando bem eu acho que é uma	922
	região do rio grande do sul não <u>todo</u> o rio grande do	923
	sul (1.0) °especificamente°	924
	(2.3)	
E:	você: demorou a respondê o::u a resposta f- (0.5) foi	925
	instantânea?	926
	(.)	
E:	quando você respondeu=	927
L7G1N:	=quando eu respondi ela foi instantânea mas agora eu	928
	reparando nas cidades que me parecem (0.5)	929
	pertencerem à mesma região .h (0.5) eu acho °que°	930
	e canto alegretense o nome da canção também .h (.)	931
	me parece mais falá da da região em si do que o estado	932
	todo	933

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da reflexão do entrevistado, observamos, como nas análises anteriores (introspectiva e dos questionários) a presença de processos metonímicos no significado dos DEs, verificados por meio de um contexto específico: a letra trata, caracteriza e exalta o espaço, o que permite ao leitor estabelecer relações e construir sentidos, por meio de Modelos Cognitivos. Dessa forma, o espaço passa a se tornar PARTE de um TODO, ou seja, uma metonímia.

Nesse sentido, a letra, ao dar especificidade por meio de topônimos e pelo título da canção, por exemplo, permite que a leitura global ative *frames* que se tornem decisivos na interpretação. No trecho que segue (Quadro 83) verificamos essa reflexão, a partir da construção para o sentido de “terra” (3h).

Quadro 83 – Trecho 11 – L7G1N

L7G1N:	sim e respondi que: >provavelmente< seria o alegrete	984
	ou a região onde ele se localiza.	985
	(0.6)	
E:	a resposta foi instantânea ou você demorou a respondê	986
	(1.5)	
L7G1N:	ã: pensei um pouco	987
	(1.2)	
E:	o que te fez chegá a essa conclusão	988
	(3.6)	
L7G1N:	ã o nome da canção, (0.8) e as palavras da me- e <as>	989
	idades da mesma região	990
	(1.4)	
L7G1N:	citadas anteriormente	991
	(.)	
E:	alguma palavra >dentro da< (.) letra te auxiliou e <u>que</u>	992
	palavras então dentro da letra te auxiliou a chegá a	993
	essa (0.5) conclusão	994

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em grande parte das respostas, o indivíduo responde que não sabe se os vocábulos se relacionam dentro e fora da canção e, ainda, não consegue dizer a que o vocábulo se refere na letra; mesmo assim, afirma que os sentidos foram construídos com base na visão global da letra, nas interpretações realizadas com base em seus conhecimentos prévios e experiências, ou seja, com base em Modelos Cognitivos.

Em linhas gerais, o conjunto de conhecimentos prévios, como as áreas de geografia e história, auxiliou os dois leitores desse grupo na construção de sentidos, apesar de, em alguns casos, haver imprecisão ou falta de detalhes específicos no âmbito desses conhecimentos.

4.2.2 Entrevistas com os leitores do G2T

Esta subseção apresenta, descreve e analisa trechos das entrevistas sobre como se deram as construções de sentidos dos designadores espaciais destacados nas letras de canções, a partir das interpretações dos leitores do G2T. Essas entrevistas foram realizadas com os leitores L1G2T e L10G2T, com base nas questões semiestruturadas (Anexo C).

O leitor L1G2T tem 25 anos, é do sexo masculino e está vinculado ao Movimento Tradicionalista há dez anos. Ao responder às questões propostas, ao longo da entrevista, o leitor coloca-se, muitas vezes, no lugar do *eu lírico* e, dessa forma, aproxima-se dos DEs, atribuindo-lhes níveis de afetividade e características positivas. No trecho que segue, há a explicação de como “querência amada” (1a) foi interpretada.

Quadro 84 – Trecho 01 – L1G2T

E:	.hh você::: (0.7) <u>al</u> gum conhecimento <anterior	29
	prévio te auxiliô a chegá a essa respos↓ta>	30
L1G2T:	sim sim	31
	(0.6)	
L1G2T:	de xx	32
	(1.1)	
L1G2T:	de: u:m lugar aonde >a gente nasceu< onde	33
	tem todo o: >amor pela terra<	34
	(1.0)	
L1G2T:	sendo o lugar uma <u>cidade</u>	35
	(2.1)	
E:	o- o que que querência amada representa dentro da letra	36
	da canção?	37
	(1.5)	
L1G2T:	o amor pela:- (.) pela <u>terra</u> pelo: o lugar onde: (0.4)	38
	onde se nasceu >pelo seja< tanto pela <u>cidade</u> ,	39
	Estado	40
	(2.6)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, observamos o uso da primeira pessoa, o que gera proximidade entre o que é dito e o leitor. Também, é possível perceber que o sujeito elabora a explicação com base em um *frame* de natureza cultural, já que, ao apresentar o sentimento em relação ao espaço, compartilha das ideias disseminadas pelo Tradicionalismo.

A partir desse trecho, verificamos que a presença do *frame* tradicionalismo se mantém também ao longo das respostas elaboradas no questionário para os primeiros DE da canção *Querência amada*, pois “Rio Grande do Sul” (1b) é ESTADO ONDE PREVALECE A TRADIÇÃO GAÚCHA; “província de São Pedro” (1c) é LOCAL MARCADO POR

CONQUISTAS ONDE SE ORIGINA O ESTADO e “querência” (1d) é PAGO, RESPEITADO PELA COMUNIDADE. No que tange ao vocábulo “querência” (1d), o leitor, ao responder ao entrevistador sobre o sentido, constrói caracterizações, conforme o exposto no trecho do Quadro 85.

Quadro 85 – Trecho 02 – L1G2T

E:	que:: sentido você deu à essa palavra? (1.9)	128
L1G2T:	ã::: (0.8)	129
L1G2T:	<u>Casa</u> (1.2)	130
L1G2T:	<u>lugar</u> (0.4) ã:: onde se vive onde se:- (1.4)	131
	se perma↑ne:CE (2.9)	132
L1G2T:	acho que todo contexto de da de de família de	133
	antigamente de o: lugar onde a pessoa <u>nasceu</u> (0.7)	134
L1G2T:	.h ali:: (0.7) faz a querência até mesmo: (1.2)	135
	ã:: (1.5) divulgando: (.) todo nela a cultura	136
	que nela: (.) >existe<	137

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao interpretar a letra e responder sobre o sentido que atribuiu ao DE, o entrevistado explica como a “querência se faz”, como se caracteriza, elaborando uma resposta que vai além daquela que havia construído de forma escrita no questionário. Nesse sentido, “querência” torna-se bem mais que espaço ou lugar de origem, passando a assumir um papel de IDENTIFICAÇÃO, onde há um vínculo afetivo estabelecido. Esse relato se conecta ao discurso disseminado pelo Tradicionalismo e, nesse caso, se coaduna ao do leitor, como reflexo dos conceitos lexicais e Modelos Cognitivos próprios do grupo cultural de tradicionalistas.

Além disso, os sentidos apresentados para “Rio Grande” (1e) (estado gigante de lugares bonitos) e “querência amada dos parreirais” (1f) (locais, regiões produtoras de uva e vinho) configuram-se como processos metonímicos, o que pode ser também observado no trecho correspondente a como foi construído o sentido de (1f).

Quadro 86 – Trecho 03 – L1G2T

E:	alguma palavra da letra da música te auxiliô a	180
	chegá à essa resposta?	181
	(5.4)	
L1G2T:	si:m	182
	(0.8)	
L1G2T:	(o a) a palavra rio grande por se:r .lh por ter mais	183
	de: (.) de de uma: (0.6) digamos de uma etn <u>ia</u>	184
	(.) ma:is (.) uma etnia mais div- de ser diver- >diversificada<	185
	(0.6)	
L1G2T:	diver- (.) <<diversificada>>	186
	(0.7)	
L1G2T:	ã: entã:o	187
	(1.0)	
L1G2T:	do contex↓to	188
	(2.5)	
L1G2T:	atribui a::: a:: (.) a população >italia↓na<	189
	(0.6)	
L1G2T:	xxx da <u>serra</u>	190
	(2.8)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A leitura, no trecho apresentado, mostra que a relação entre os vocábulos (“Rio Grande” e “querência amada dos parreirais”) e os Modelos Cognitivos faz com que se construam conceitos lexicais com base em processos metonímicos em que o TODO representa a PARTE: as características, os conceitos carregados sobre o estado do Rio Grande do Sul.

No que se refere aos vocábulos que acionam *frames* de natureza histórica, há “berço de Flores da Cunha” (1g1), “de Borges de Medeiros” (1g2) e “Terra de Getúlio Vargas” (1h). Em diálogo com a análise introspectiva e a análise das respostas do questionário, o item “berço de Flores da Cunha” (1g1) é interpretado como “onde nasce a cultura”, o que permite estabelecer relações com as raízes históricas do RS e como a cultura se formou. Já “de Borges de Medeiros” (1g2) é visto como o lugar “por onde se espalha o amor, a terra e a cultura”, ou seja, acresce características positivas ao conceito elaborado para “berço de Flores da Cunha”. Por fim, “terra de Getúlio Vargas” (1h) faz “referência ao lugar de um homem que foi marcante em determinada época revolucionária”, determinando um período histórico não só do RS, mas brasileiro.

Nesse ponto da entrevista, o entrevistador questiona sobre a relação desses DEs, e o sujeito-leitor apresenta especificidades, para além do apresentado questionário, conforme o trecho exposto no Quadro 87.

Quadro 87 – Trecho 04 – L1G2T

E:	a <u>próxima</u> expressão é terra de getúlio var↓gas	233
	(0.7)	
E:	youê conhece <u>ounão</u> (.) esse vocábulo?	234
	(.)	
L1G2T:	si:m	235
	(1.2)	
E:	↑qual foi o sentido que youê atribuiu?	236
	(.)	
L1G2T:	a cidade de são borja onde: (0.8) ele: >nasceu<	237
	(1.6)	
E:	ã:: (.) >essa resposta foi imediata ou youê demorô	238
	a respondê<?	239
	(1.3)	
L1G2T:	fo:i >imediata<	240
	(0.9)	
E:	youê <associô> (.) essa:: (0.6) >expressão<terra de Getúlio	241
	vargas .h à alguma outra palavra pra chegá à essa resposta?	242
	(5.1)	
E:	ou algum conhecimento <u>prévio</u> te auxiliô?	243
	(.)	
L1G2T:	>↓não fo:i< aí foi conhecimento prévio mesmo	244
	(2.7)	
E:	o que as expressões ↑ <u>berço</u> de flores de cunha,	245
	↑ <u>berço</u> de borges de medeiros e ↑ <u>terra</u> de Getúlio	246
	vargas <representam> dentro da letra música?	247
	(1.3)	
L1G2T:	eu acho que: ã: (0.9) além do amor pela: pela	248
	<u>terra</u> a questão da: das culturas nessas dua- duas	249
	<u>localida:des</u> >essas duas regiões<	250
	(0.8)	
L1G2T:	ã:: ser as mesma:s (0.7) cultiva↓das	251
	(1.4)	
L1G2T:	ã:: (0.4) seguindo o mesmo padrão de: (1.4)	252
	digamos de: de	253
	(2.4)	
L1G2T:	de <u>etnias</u> e de culturas	254

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir desse relato, constatamos o conhecimento que o leitor tem sobre os aspectos históricos do Rio Grande do Sul, o que também foi verificado, por outros membros do mesmo grupo, nas respostas do questionário. Informações como o “lugar onde Getúlio Vargas nasceu é São Borja” são possíveis, porque existe um conhecimento prévio do leitor, o que, conjugado a conceitos lexicais do Tradicionalismo, aciona *frames* na interpretação dos DEs que se relacionam à história.

Dentre as explicações apresentadas sobre os sentidos atribuídos para “Rio Grande” (1i), “torrão gaúcho” (1j) e “querência amada, planície e serra” (1k), o leitor, na entrevista, apresenta outros traços, não mencionados no questionário, como mostra o Quadro 88.

Quadro 88 – Trecho 05 – L1G2T

E:	a expressão querência amada <planície e serra> (0.6)	291
E:	youê conhece <u>ounão</u> ?	292
L1G2T:	si:m (0.6)	293
E:	qual foi o sentido que você atribuiu? (0.7)	294
L1G2T:	desde a questão da: das regiões serranas até a:s (0.7) a questão das regiões de planície- de:: >planalto< (2.3)	295 296
E:	v:ocê demorô a:: >respondê< ↑ou essa resposta foi instantânea?	297 298
L1G2T:	n:ão (2.2)	299
E:	n:ão?	300
L1G2T:	ã:: foi ins- foi instantânea eu sabi- essa eu (0.8) sabia (.)	301
E:	vo- você então: o di- fez a divisão aí entre: (.) .h planí:cie e região (.)	302 303
L1G2T:	[serrana]	304
E:	[com planí]cie e regiã:o .h >serrana<	305
L1G2T:	mhm=	
E:	=.h você saberia citá: .hh <u>uma</u> ou <u>duas</u> cidades que fica↑riam na pla↑nície uma o:u duas cidades que ficariam na região serrana?	306 307 308
L1G2T:	na serra até mesmo a >flores já-< flores da <u>cunha</u> que está: (0.8) na: na mi- na <u>música</u> e: (.) planície (0.9)	309 310
L1G2T:	ã:: (1.5)	311
L1G2T:	digamos fronte:ira, (0.5) alegre:te, ↑são (1.2)	312
L1G2T:	uma da:s (1.0)	313
L1G2T:	uma das <u>ci</u> dades que <u>tão</u> (.) que está na: (1.1)	314
L1G2T:	contexto de planície (1.8)	315
E:	essa expressão plani:- querência amada, planície e serra (.) .h o que ela <representa> dentro da letra da música. (1.5)	316 317
L1G2T:	.hhhh (.) h.h. eu acho que as diferente:s: (.) diferentes regiões (1.0)	318 319
L1G2T:	que no estado <u>tem</u>	320

	(3.7)	
L1G2T:	e:::	321
	(1.1)	
L1G2T:	e também nela- <nelas> a cultura que se:	322
	(1.3)	
L1G2T:	>que se cultiva<	323
	(2.2)	
L1G2T:	<u>tanto</u> (0.5) pegando na parte de de (.) de <u>serra</u>	<u>324</u>
	(0.6) se trabalhando mais co:m (0.7)	325
	a questão dos parrera:is e: <planície>	326
	(0.9)	
L1G2T:	dígamos com seriais ã: >com seriais< e na:	327
	(.) >desculpa< na: (0.5) na parte da da serra e com	328
	>parrerais<	329
	(0.4)	
L1G2T:	entã:o	330
	(1.6)	
L1G2T:	foi is↓so	331

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebemos, a partir da resposta construída pelo sujeito, que há um conjunto de atributos positivos que faz com que haja apreço e afetividade pelo espaço, o que é possível verificar por meio da construção de sentidos eufóricos, já que RIO GRANDE DO SUL É AMOR. Além disso, há o acréscimo de informações em relação às respostas dadas no questionário.

Nessa perspectiva, o leitor expande e atribui detalhes aos DEs, para além do elaborado no questionário, o que permite verificar que o conhecimento prévio sobre os traços e particularidades do Rio Grande do Sul permitem *frames* evocados que demonstram maior sensibilidade ao relacionar conceitos lexicais e a construção de sentidos no contexto de exaltação que a letra propõe e, muitas vezes, aproximando-se afetivamente, como se assumisse o papel do *eu lírico*.

Assim, o leitor aciona diferentes *frames* que se referem a conhecimentos prévios que são construídos a partir do conhecimento sobre geografia. Nesse âmbito, o processo de construção de sentidos e de interpretação estão ligados às diferentes relações estabelecidas com os contextos: partindo do conjunto vocabular e da leitura global da letra aos diferentes conhecimentos organizados sobre espacialidade e Rio Grande do Sul. Além disso, o indivíduo se mostra mais espontâneo e dá novas informações em relação à resposta do questionário.

Em relação à canção *Eu sou do sul*, a entrevista realizada com L1G2T apresenta os processos metonímicos em que “sul” (2a) remete a Rio Grande do Sul, como destacamos no trecho do Quadro 89.

Quadro 89 – Trecho 06 – L1G2T

E:	qual foi o sentido que você atribuiu? (1.0)	401
L1G2T:	ao sul do <u>nosso</u> (.) <país> (0.9)	402
L1G2T:	região determinada geograficamente (<eu>) (0.7)	403
L1G2T:	nosso país fica: localizado > <u>nosso</u> estado na região sul> (1.0)	404 405
E:	alguma palavra da letra da música (.) te auxiliô a chegá à essa resposta? (.)	406 407
L1G2T:	Sim (1.4)	408
L1G2T:	>palavra< eu sou do sul (0.4)	409
L1G2T:	confirmando que: (0.9) é o rio grande do sul que está nessa: (1.2)	410 411
L1G2T:	>nessa música< (3.3)	412

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir desse relato, verificamos a leitura de que “sul” tem o sentido do TODOem relação à PARTE, que é o Rio Grande do Sul. Nesse caso, os conceitos lexicais são associados pelo leitor a partir da leitura da letra, o que determina o sentido restrito do DE.

No caso de outros designadores, como “terra” (2b) (2c) e “estado” (2d), por exemplo, o entrevistado faz afirmações que levam a concluir que o conjunto vocabular empregado na letra, bem como o sentido global dela auxiliamna construção sentidos para os vocábulos, como se percebe no relato do Quadro 90, sobre como foi construído o sentido de “neste lugar” (2e).

Quadro 90 – Trecho 07 – L1G2T

L1G2T:	a felicidade ã:: diga- ã: >alegria< (0.9)	478
L1G2T:	ã:: (0.5) as pessoas, (0.4) tudo que: que tenha aqui de <u>bom</u> (0.7) ã: pra- (0.4) pras pessoas de <u>fora</u> vim e: >conhecê< (0.7)	479 480 481
L1G2T:	a cultura e a:- as >partes< (0.7) digamos assim >as parte boa< <u>boas</u> (0.7) da- da:>da cultura gaúcha< (1.1)	482 483
L1G2T:	seria is↓so (1.9)	484
E:	você: na- na <u>resposta</u> disse <u>aqui</u> (.) aqui:: nesse caso >você está se referindo ↑a< (0.7)	485 486
L1G2T:	>rio grande do sul< (1.5)	487

Fonte: Elaborado pelo autor.

A interpretação para “neste lugar” (2e) caracteriza-o como um referente que retoma o espaço que é enaltecido ao longo da canção: o Rio Grande do Sul. O entrevistado mostra vínculo com “este lugar” e, além disso, traça características eufóricas para o espaço, à medida que SUL É FELICIDADE, É ALEGRIA.

Nessa parte, identificamos uma proximidade de posicionamento em relação aos membros do mesmo grupo, a partir das respostas do questionário, e às respostas apresentadas por L10G2T na entrevista (apresentadas no decorrer desta análise).

Ainda, na entrevista, o leitor demonstra certa intimidade e proximidade com o que é cantado nos versos da letra, o que o permite aproximar-se do espaço que ali é mencionado. O trecho que segue (Quadro 91) mostra as relações que o leitor fez para construir o sentido para “litoral” (2g).

Quadro 91 – Trecho 08 – L1G2T

E:	qual foi o sentido que você atribuiu à palavra litoral? (0.9)	515
L1G2T:	que além de te- a gente ter a- a parte de planalto e- e serra no nosso estado >a gente tem< o litoral também que banha: (1.0) o:: >>nosso estado<< (1.1)	516 517 518 519
E:	essa resposta foi <imediate> (.) o:u >você demorô a respondê<?	520 521
L1G2T:	imediate. (4.3)	522
E:	alguma palavra da letra te auxiliô a chegá à essa resposta? (2.4)	523 524
L1G2T:	si:m (1.8)	525
L1G2T:	sendo que a:- a- o estado compõem (.) mais de- >de uma região< de: (1.0) digamos de sul a norte ele: (.) contempla com todas as (0.6) as >belezas< sendo tanto ela: (0.4) a planície, a se:rra, e o: (0.6) >o litoral<	526 527 528 529 530

Fonte: Elaborado pelo autor.

O uso de primeira pessoa e do possessivo “nosso” pode denotar a proximidade com o lugar. Como ocorre na resposta do questionário, em “além da serra, temos o litoral gigante”, o leitor fala das PARTES do Rio Grande do Sul, resultado de metonímias conceituais. No entanto, ao falar das PARTES, verificamos a presença de traços e caracterizações positivas, em um processo de supervalorização do espaço, tal como é disseminado por tradicionalistas.

Na construção de sentidos de “fronteira” (2j), para além de definir como “onde nos dividimos com outros países vizinhos”, como tinha feito no questionário, o leitor apresenta especificidades e menciona “Argentina” como um dos países de faz parte dessa “fronteira”. Destaca-se também a possível noção de “pátria” em relação ao RS, pois é o ESTADO DO RS que faz a divisa e não o BRASIL.

Ao responder às questões sobre o vocábulo “campanha” (2k), o leitor apresenta pormenores e explicações sobre esse espaço, conforme consta no Quadro 92.

Quadro 92 – Trecho 09 – L1G2T

E:	que sentido que você atribui à palavra campanha? (.)	611
L1G2T:	cam↓pos (2.2)	612
E:	alguma outra palavra da letra da canção te auxiliô a chegá à essa resposta? (3.9)	613 614
L1G2T:	acho que <u>sim</u> a parte de: de de (.) que fala do- >dos cavalos<, que fala dos <u>animais</u> , e:u atribuí a: >a parte de campanha< >>ainda mais<< é:: .hh se tem a- o o <u>cultivo</u> , (.) a tradição de >trabalhar mais< com o <u>ga:do</u> , com a: >parte da pecuária< (1.1)	615 616 617 618 619 620

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da leitura de que CAMPANHA É CAMPOS e CAMPOS É RIO GRANDE DO SUL, notamos que também os conceitos lexicais associados resultam de metonímias conceituais (PARTE-TODO). Nesse caso, “campanha” ativa o *frame* PECUÁRIA que evoca um campo léxico-semântico para a interpretação da resposta: gado, cavalo e campos.

Embora o leitor não tenha apresentado palavras da canção, ele estabelece relações e pormenores que se conjugam ao sentido apresentado para “campanha”, ligando ao cultivo da tradição e à atividade pecuária, o que gera uma proximidade com o discurso dos demais integrantes desse grupo (tanto no questionário quanto nas entrevistas).

Ao refletir sobre a letra da canção *Canto alegretense*, verificamos, por meio da entrevista, relações metonímicas que se configuram por meio da ativação de diferentes *frames*, como destacado no trecho a seguir sobre a construção dos sentidos de “terra” (3d), no Quadro 93.

Quadro 93 – Trecho 10 – L1G2T

E:	qual foi o sentido que você atribuiu	727
	a palavra terra nesse ver↓so	728
L1G2T:	no lugar onde <u>nasce</u> , onde: vi- se <vive>	729
	(1.2)	
L1G2T:	o amor ao:: a::	730
	(1.7)	
L1G2T:	a::: (0.5) a <u>pátria</u>	731
	(0.5)	
L1G2T:	a: terra que:: (1.4) que: <u>tem</u> os seus descendentes	732
	aonde você está	733
	(0.8)	
E:	essa resposta foi imediata ou você demorô	734
	a respondê?	735
L1G2T:	imediata.	736
	(1.2)	
E:	você <associô> a palavra <u>terra</u> à alguma outra	737
	palavra da letra pra chegá à essa (0.4) >resposta<?	738
L1G2T:	si:m	739
	(1.4)	
L1G2T:	até mesmo pela questão da- do- da- do restante ↓né	740
	amei como: (0.5) desde cr- ã: >amei desde guri<	741
	(.)	
L1G2T:	desde: desde a sua infância, desde que: >nasceu<	742
	(0.9)	
L1G2T:	é o amor que tu acaba criando à tua	743
	própria: (0.5) <u>terra</u> , <u>região</u> , <u>cidade</u> , de: o local	744
	onde está	745

Fonte: Elaborado pelo autor.

As noções de espacialidade, nesse caso, vão além da construção realizada no questionário: “Terra onde me criei e amo eternamente”. Com base no exposto pelo entrevistado, verificamos que, além de processos metonímicos, a partir da relação TODO-PARTE, há descrições superlativizadas em relação ao espaço que, inclusive, assume o *status* de pátria.

A utilização do “tu” dá a entender que o sujeito entrevistado se inclui no espaço descrito na letra e também fala como membro do grupo a que pertence: o MTG. Assim, “terra”, no conjunto dos versos, aciona o *frame* TRADIÇÃO e permite que a interpretação vá além de “lugar de origem”, como apresentado pela Lexicografia.

Em processo similar, há o relato de como foi construído o sentido para “terra” (3h), como consta no Quadro 94.

Quadro 94– Trecho 11 – L1G2T

E:	↑qual foi o sentido que você atribuiu? (0.7)	786
L1G2T:	um local onde tu nasceu, onde tu v:-(0.6)	787
	viveu, até mesmo: (0.6) pessoas que na- (.)	788
	tiveram >toda a sua vida ali< desde a:	789
	(0.9) >>digamos às vezes<< (.) de: (0.5)	790
	de nascido até morrê	791
	(1.4)	
L1G2T:	retribuindo a: a: (.) o amor >à essa terra< (.) aonde	792
	tu nasceu e cons↑truiu (0.5) .h tua vida	793
	(1.5)	
E:	essa resposta foi imediata ou você demorô	794
	a respondê?	795
	(0.4)	
L1G2T:	imediata.	796
	(1.8)	
E:	o que a palavra <u>terra</u> representa >dentro da	797
	letra da canção<?	798
	(2.9)	
L1G2T:	<u>tudo</u> (.) <na verdade porque:> tá falando de local	799
	.h (0.7) ã:: (.) do local >de uma< determinada região	800
	onde: t-	801
	(1.2)	
L1G2T:	tem teus prin↑cípios, tem teus cos↑tumes >ã<FAla	802
	da: (1.4) da questão do: do <u>do</u> estado e das suas	803
	cultu↓ras	804
	(1.0)	
L1G2T:	mas em si a- a- a- o amor que tem à terra	805
	onde tu:: >nasceu<	806
	(1.4)	
L1G2T:	acho que seria is↓so (.) dentro da: (0.6) .h contexto	807
	(0.5)	
L1G2T:	da- da- (0.6) a letra da música	808

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse viés, o sujeito-leitor elabora a resposta apresentando características eufóricas sobre o espaço e, ainda, coloca-se nesse espaço, demonstrando proximidade, intimidade e afetividade. Ao longo da entrevista, o leitor reconstrói as respostas e acresce informações tentando dar maiores especificidades, o que demonstra que há um conhecimento prévio sobre geografia e história, por exemplo, que faz com que o sujeito acione *frames* que pormenorizam os sentidos dos DE e, por muitas vezes, imprima afetividade.

A segunda entrevista desse grupo foi realizada com o leitor L10G2T, que tem 19 anos, é do sexo masculino e afirma participar de CTGs “desde o berço”.

Logo no início da entrevista, o leitor se posiciona em relação à letra e aos DEs nela apresentados, conectando-os tanto no âmbito da canção como ao “ser gaúcho”. O Quadro que segue registra o trecho em que o entrevistado fala sobre “Rio Grande do Sul” (1b).

Quadro 95 – Trecho 01 – L10G2T

L10G2T:	<u>primeiro</u> atribuí ele como estado do brasil (.) primeiro lugar a	46
	gente coloca isso .hhh e: em segundo como a <u>minha</u>	47
	querência amada como um <u>todo</u>	48
	(0.9)	
E:	certo. ã::: a resposta lá fo::i >imediate< ou você::: (0.6)	49
	demorô a >respondê<?	50
L10G2T:	m: de certa forma foi imediata que:-	51
	(1.1)	
E:	alguma palavra dentro do::- >da música< fez você respondê:	52
	>dessa forma<?	53
	(0.5)	
L10G2T:	n:ão não só pela identificação de nome mesmo	54
	(0.9)	
E:	você::: (0.5) ↑acha que esta palavra está relacionada	55
	a outras dentro da >música<?	56
	(0.9)	
L10G2T:	a:: o próprio título de querência amada que pra <u>todo</u>	57
	gaúcho o rio grande do sul é a sua querência amada ↑né	58
	(1.3)	
E:	.h em tua opinião é: existe alguma ↑outra relação com alguma	60
	outra palavra que não esteja dentro da música?	61
	(2.1)	
L10G2T:	.hh ↑olha (.) praticamente a música em si fala <u>bem</u> do nosso: (0.4)	62
	do nosso estado então: o é o gaúcho em si que está sendo	63
	descrito ↓né	64
	(0.4)	
L10G2T:	o rio grande- o rio grande do sul em si que tá sendo	65
	descrito na músi↓ca	66

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da resposta elaborada pelo informante, constatamos um processo metonímico em que a PARTE(RS) representa o TODO(Brasil) e o TODO(Brasil) representa a PARTE(querência = RS). O leitor também dá ênfase no “ser gaúcho”, como se houvesse uma necessidade do sentido de pertença para poder compreender e interpretar o espaço descrito na letra.

Na explicação dada para o sentido proposto para “querência amada”, há uma relação sentimental, pois o entrevistado faz uso recorrente da primeira pessoa, ao dizer, por exemplo, “minha querência”. Além disso, existe a proposta de que é preciso “ser gaúcho” para

conseguir “perceber” e “compreender” a importância desse espaço (RS), já que é enfatizado que esse sentido é “para o gaúcho”.

No contexto do MTG, o gaúcho (tradicionalista) deve cultivar e valorizar o espaço (estado do RS); manter a tradição implica diretamente em “amar a sua terra”, mantendo um vínculo afetivo tanto pelo espaço quanto por seus produtos (culturais: dança, música, vestimenta e culinária, por exemplo) e características (topográficas e geográficas, por exemplo). Essas são algumas das inferências possivelmente acionadas pelo *frame* TRADIÇÃO, na interpretação de L10G2T, tanto nessa parte quanto no decorrer da entrevista.

Em contexto de ativação de *frames* de natureza histórica, destacamos, no Quadro 96, os trechos correspondentes à construção de sentidos de “Província de São Pedro” (1c).

Quadro 96 – Trecho 02 – L10G2T

L10G2T:	>>↑a sim<< que daí: >enfim< ele fala que o lenço me identifica	88
	qual a minha procedência da província de são pedro	89
	padroeiro da querência porque:: antigamente (0.8) o:::	90
	lenço feito >ou bom lenço feito< pros gaúchos que >enfim<	91
	iam pras guerras e tudo mais (.) ele vinha da- dessa	92
	lugar dos pampas sabe do- do sul	93
	(.)	
L10G2T:	{{rindo} do sul do:: hh} do:: >norte do sul< .h então ã:: a: >do	94
	que ele fala< do lenço me identifica qual a minha procedência	95
	ele diz que tá vindo <u>daquelelugar</u> da província de são pedro	96
	daí a gente associa província como uma cidadezinha pequena	97
	e são pedro como uma cidade que ele destacô do norte	98
	do sul	99
	(1.8)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O entrevistado chega à construção de sentido de território do DE “Província de São Pedro” por meio da identificação do adorno característico do gaúcho, isto é, o lenço. Além disso, percebe-se que o vocábulo “guerra” aciona um *frame* que o leva a inferir que o território dessa província era ponto de encontro de homens que se preparavam para ir à guerra. Outro elemento relevante na resposta do entrevistado está diretamente relacionado à menção da localização político-geográfica no mapa do Rio Grande do Sul: “cidade ao norte do Sul”.

Assim, verificamos um detalhamento em relação à resposta apresentada no questionário, ao passo que o entrevistado se mostra interessado em explicar e dar pormenores em sua resposta. Essa característica se justificaria também pelas relações estabelecidas entre diferentes *frames*, consolidando o processo interpretativo e revelando a intimidade e a proximidade do sujeito com o tema abordado na letra.

Em contexto similar, apresentamos, no Quadro 97, a resposta do entrevistado sobre o sentido de “querência amada dos parreirais” (1f).

Quadro 97– Trecho 03 – L10G2T

L10G2T:	dentro da <música::> (0.6) pode ser que seja	184
	em partes isoladas porque o autor ele: .hh >da mesma	185
	forma< que ele exalta o rio grande do sul em si	186
	como um só .h ã cada trecho da música ele vai	187
	colocando uma região específica e vai exaltando	188
	aquela região .h da forma que a gente mais conhece	189
	da forma que- que ela é: mais vista (.) pelo próprio gaúcho	190
	e pelas pessoas de fora ↓né	191

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o entrevistado, “querência amada dos parreirais” (1f) está diretamente relacionado às cidades e regiões do Rio Grande do Sul que o *eu lírico* exalta na música, de forma que o leitor compreende que o local de exaltação é identificável e reconhecido pela visão que os gaúchos têm do lugar. Pela elaboração da resposta, pode-se perceber que, nesse caso, o entrevistado foi mais restrito ao falar sobre os elementos culturais que são onipresentes nos CTGs e que poderiam indicar o reflexo de um Modelo Cognitivo.

Então, constatamos *frames* referentes à geografia e à cultura gaúcha: o conhecimento sobre as partes (regiões do estado) e o tratamento dado pelo sujeito tradicionalista ao RS. Os conceitos lexicais, com base nesses *frames*, caracterizam-se como metonímias, a partir da relação PARTE-TODO.

Sobre o designador “berço de Flores da Cunha” (1g1), o Quadro 98 mostra a resposta apresentada na entrevista para o DE.

Quadro 98– Trecho 04 – L10G2T

L10G2T:	com certe↓za tu entendê o teu passado tu entendê a tua	228
	história te facilita entendê a mú:sica, te facilita	229
	entendê a- o que a gente di:z, o que a gente	230
	quer dizê:, o que fo:i o que já não é ma:is .hh porque::	231
	tu tem que .h tu tem que entendê o teu <princípio>	232
	o teu <passado> porque a maioria das músicas	233
	gaúchas ↑né .hh elas foram feitas por gente antiga .hhh	234
	e esse pessoal antigo viveu num <tempo> em que <hoje>	235
	n:ão não existe mais o que eles tinham na época ou	236
L10G2T:	o rio grande- o rio grande do sul em si que tá sendo	237
	descrito na músi↓ca ou a: divisão de te:rra, a: socieda:de,	238
	não é mais a mesma como um todo do que eles tinham	239
	então pra tu podê entendê .h e apreciá a tua cultura	240
	futuramente no teu presente .h tu tem que entendê	241
	todo o <passado> .h dos que vinham te falando	242
	dos que vinham te contando história dos que vinham	243
	escrevendo letra e assim por diante	244
	(1.6)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o uso de “tu”, possivelmente o entrevistado fala pelo grupo a que pertence, ou seja, há a retomada ao gaúcho tradicionalista, o que inclui o próprio leitor, denotando o vínculo e a intimidade com o tema abordado e um domínio natural dos conceitos construídos na interpretação.

Nesse ponto, o entrevistado reconhece a imagem histórica e política em torno do ex-governador José Antônio Flores da Cunha, que remete a um passado glorioso e em certo modo nostálgico na voz poética sobre o Rio Grande do Sul. Para além disso, o entrevistado compreende que o fazer musical dos cantores regionalistas é, em grande medida, o resgate histórico da memória rio-grandense (dos tradicionalistas).

Dessa forma, os *frames* que colaboram para a interpretação são acionados por fatores culturais e históricos que são intrínsecos ao entrevistado: o conhecimento sobre a história do RS e o cultivo da memória coletiva dos antepassados (tradicionalistas) revela o sentido e a importância do espaço (RS).

Assim como relacionado ao longo da análise introspectiva e pelos leitores do grupo G2T nas respostas do questionário, “berço de Flores da Cunha” liga-se tanto à personalidade histórica quanto à cidade que homenageia o ex-governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha.

A seguir, o Quadro 99 registra a resposta apresentada pelo entrevistado sobre o sentido de “Rio Grande” (1i).

Quadro 99– Trecho 05 – L10G2T

L10G2T:	.hh entã:o eu relacionei co:m o conhecimento de	312
	<antigamente> onde o rio grande do sul ele: não tinha::	313
	(0.6) não existi:a:: fá:brica e fumaceira de poluição	314
	↓né .h então er- era: o estado mais limpo acredito	315
	que ainda seja um dos estado mais limpo do brasil a:	316
	na questão >>de- da<< poluição de ar ↓né .hh	317
	depois em diante foi chegando: a:: (0.6) firma e::: e coisa	318
	que: fez a poluição ma:s .h na época que a música	319
	foi escrita e foi lançada .h rio grande do sul ainda	320
	tinha: o céu muito limpo e a gente pode notá até hoje	321
	que o nosso céu ele é muito azul é muito limpo né .h	322
	e é bonito de se vê >porque tu vai< em outro em outro	323
	estado em outro país tu: n:ão- tu acaba ou às vezes	324
	não nota ou às vezes tu vê e percebe que é bonito o	325
	céu >do rio grande do sul< .h que é diferente dos outros	326

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao interpretar “Rio Grande” (1i), o entrevistado não relaciona o vocábulo apenas ao solo, mas também à identidade do gaúcho, à geografia e à natureza rio-grandense. Outro elemento trazido na resposta diz respeito a um estado que não possuía desenvolvimento industrial e, por essa razão, em sua perspectiva interpretativa, quando a voz poética da canção se refere ao céu azul do Rio Grande, os *frames* correspondem ao estado anterior à industrialização em determinadas cidades do estado.

Nesse sentido, há uma associação entre o repertório lexical da letra e o conhecimento prévio organizado em torno do culto pela terra (Modelo Cognitivo). Pertencer a um centro tradicionalista possibilita, então, estabelecer essas relações e construir os conceitos lexicais para “Rio Grande” de uma forma particularizada.

Como discutido anteriormente, ao utilizar o pronome “tu”, o leitor coloca-se no discurso na forma pronominal de segunda pessoa e tenta avaliar “como representante do grupo”, sem abrir mão do legado que carrega: sentido de pertença à cultura do gauchismo.

Essa reflexão sobre o acúmulo de experiências e conhecimentos é também realizada pelo leitor, quando questionado sobre se algum conhecimento prévio o auxiliou na elaboração da resposta, conforme disposto no Quadro 100.

Quadro 100 – Trecho 06 – L10G2T

L10G2T:	que não tá dentro da música a gente relaciona::	334
	o gaú:cho, a gente relaciona a campanha, a gente	335
	relaciona os tropeiros, o cavalo ↑né os bichos a lida	336
	basicamente isso a gente relaciona .h tudo que o gaúcho	337
	sente quando fala do estado porque .hh da:: digo por mim	338
	mas acredito que:: >por maioria dos gaúcho< a gente	339
	é muito patriota a gente tem muito orgulho do	340
	nosso próprio estado então a gente falá rio grande do sul	341
	a gente lembra de toda nossa história, da onde a gente	342
	a gente nasce:u, de como é que a gente foi criado enten↑de	343
	(1.3)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com relação aos elementos interpretativos gerais da canção, o entrevistado deixa claro que a música possibilita aos gaúchos refletirem sobre sua história e terra, especialmente quando se relaciona aos elementos históricos dos farrapos, tropeiros, o cavalo como “parceiro” do homem sul-rio-grandense, a lida na roça, ou seja, tais elementos compõem a identidade terrena do gaúcho, especialmente do gaúcho mais patriótico e ligado aos elementos da terra e das tradições.

Ainda, quando perguntado sobre a relação entre os vocábulos “Rio Grande” dentro e fora da letra, o leitor apresenta uma série de relações, como consta no trecho destacado no Quadro 101.

Quadro 101– Trecho 07 – L10G2T

L10G2T:	porque a música em si <cada palavra> assinalada	368
	ela trata da música em si .h <entã:o> (0.8) tu:: tu tem	369
	que assimilá a palavra que tu conhece pelo o que	370
	tu sente e pelo o que tu aprendeu .hh e na verdade	371
	assim .h ã:: essas palavras gaúcha <vamo	372
	dizê assim né> {{rindo} de forma errada as pala}vra	373
	gaúcha o- .h o dialeto gaúcho .hh a gente não aprende	374
	em <<escola>> a gente: nem no c-t-g- a gente não	375
	aprende >o significado da palavra< .h ã: o que que a palavra	376
	trás a palavra antiga .hh >na verdade< isso vem de	377
	conversá com os mais ve:lhos, .h vem de chima:rrão,	378
	vem de tu tá no meio do ma:to e tu escutá .h gente	379
	mais influente que tu falá essas palavras e falá de	380
	certa forma .hh se tu for pesquisá .h pode ser que	381
	alguma coisa que eu falei não teja certo .h pode ser que	382
	torrão seja uma coisa completamente diferente .h mas	383
	eu no- no meu consentimento o que eu escutei na	384
	minha vida .h o que fo:i passado pra mim dos mais	385
	antigo, dos meus falecidos vó e bisavó foi esse	386
	consentimento foi dessa parte >da músi↓ca<	387
	(0.8)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao responder as questões sobre a relação entre os vocábulos, o entrevistado deixa claro que as “palavras” são elementos culturais e que, dessa forma, constituem o sentido geral da canção. Para ele, trata-se de uma aprendizagem linguística possibilitada pelos bisavós e avós, ou seja, uma pesquisa lexicográfica dos itens destacados na canção possivelmente não corresponderia aos elementos interpretativos sobre o homem gaúcho e aos elementos que compõem a história e tradição gaúcha, tais como refletidos pelo leitor como integrante de um centro tradicionalista.

Ao ser questionado sobre as relações entre os vocábulos da letra com “minha terra”, o entrevistado interliga os DEs da letra. O trecho a seguir, no Quadro 102, traz esse relato.

Quadro 102– Trecho 08 – L10G2T

L10G2T:	.h a:ssim f- se se refere a tudo que foi falado, se refere	441
	ao rio grande do su:l, .h se refere a nosso chã:o, .h se	442
	refere ao torrã:o, .h se refere a querê:ncia .h enfim	443
	ao parrera:l, >de tudo<	444

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em conformidade com as discussões anteriores, o entrevistado engloba em “terra” o sentido de outros DEs, como “Rio Grande do Sul”, “chão”, “torrão” e “querência”. Nesse

caso, o espaço é visto como um só, o solo gaúcho com suas partes, o que permite perceber características de um processo metonímico, em que as PARTES se referem a um TODO (RS), reflexão que pode estar associada às realizadas na análise introspectiva (seção 3.3) e na análise dos questionários (seção 4.1) desta pesquisa.

Além disso, notamos engajamento e envolvimento por parte do entrevistado em não apenas responder, mas dar explicações e pormenores que vão muito além daquilo que foi elaborado no questionário. O trecho a seguir é um exemplo disso: ao responder sobre o sentido de “terra” (2b), o sujeito apresenta um detalhamento.

Quadro 103 – Trecho 09 – L10G2T

L10G2T:	n:ão. >na verdade< pra chegá: (.) .hh pra chegá em	637
	<u>todas</u> essas respostas que trata da <beleza> do	638
	rio grande do sul	639
	(0.5)	
L10G2T:	que trata da <particularidade> do rio grande do sul	640
	(0.9)	
L10G2T:	a gente pode usá: <o conhecimento prévio> como a	641
	gente disse antes .hh e <u>pode</u> usá <o sentimento>	642
	que a gente disse antes tam↓bém .hh no caso- (.)	643
	eu vivi- (0.7) por ter nascido mais na fron↑te:ira que	644
	a gente en↑xerga <u>mais</u> o céu, que a gente <u>sente</u>	645
	mais a pureza da terra, .hh então por ter vi↑vido, por	646
	ter na↑scido aonde tu <consegue> admirá-	647
	(0.8)	
L10G2T:	da da melhor forma o rio grande .hh a gente: lê essa frase,	648
	a gente escuta essa frase, logo associa no que tu já	649
	viveu, no que tu já <u>viu</u>	650
	(.)	
L10G2T:	entende?	651
	(.)	
L10G2T:	entã::o é:: >é uma analogia rápida de fazê:< porque	652
	<u>tu</u> tem na <u>tua</u> cabeça essa memó↓ria	653
	(0.6)	
E:	.h você disse que:: <estando então> (.) na fronteira	654
	na:: (1.2) .h é >é mais fácil< de associá e é mais	655
	fácil de enxergá, de visualizá .hh porque que você tem essa	656
	opinião?	657
L10G2T:	.hhh porque é o seguinte (.) eu:: (.) n:ão que eu seja o	658
	dono da razão >mas como eu vim< da fronteira	659
	vim pará (.) aqui na <cidade> .h a gente sente a	660
	diferença .hhh ((tosse)) <u>pode</u> ser que alguém da cidade	661
	vá pra fronteira e não <u>goste</u> .h porque é normal (.)	662
	não é: o: >teu lugar natu↓ral< .h eu (ir) na fronteira	663
	vir pra cidade .h >não é que eu não gostei< mas é que	664
	a gente <u>sente</u> falta de certas coisas .hh que nem assim	665
	na <cidade> .h tu não pode fazê uma fogue:ira ali	666
	do outro lado .h fica com um violão, com uma gaita, com	667
	teus parentes, cantando <u>mú:sica</u> , tomando <u>trago</u> ,	668
	tomando chimarrão, olhando as lua, olhando <u>estrela</u> , .h	669
	>olhando essas coisa bonita que às vezes a gente< .h não	670
	repara na cidade .h a cidade a gente te::m isso (.) >todo	671
	mundo escuta< na cidade a gente só tem correria	672
	.hh a gente não consegue pará na cidade e olhá	673
	pra cima o céu .h e pensa:: se a <u>estrela</u> tá bonita,	674
	se pensa se viu alguma <u>constelação</u> , se viu alguma	675
	coisa desse tipo .hh a gente mal e porcamente consegue	676
	vê a lua na cidade .hh e: isso é é- são coisas bonitas que	677

	o pessoal da cidade >não generalizando mas< .h pessoal	678
	que se criou só na cidade .h não para pra pensá .h eles	679
	param pra reclamá	680
	(0.6)	
L10G2T:	mas eles não param >pra pensá< que a solução .h tá de	681
	tu olhá pra cima (.) entende? t:- que a solução tá	682
	de tu erguê a tua cabeça, tomá um ar, >ali de repente<	683
	descontrair um pouquinho e <u>pensá</u> de novo naquilo entende?	684
	.hh então na fronteira .h a gente sai, >a gente vê< os bicho,	685
	a gente vê as árvore, a gente conhece as árvore, a gente	686
	<u>trepa</u> em árvore, <u>come</u> as fruta da hora, .h a gente pesca	687
	.hh entã:o tu tem um <contato> com a natureza e isso tá	688
	provado que a natureza <u>fazbem</u> pro ser humano	689
	.h e na cidade que contato que tu tem com a natureza?	690
	>tem um zoológico< mas .hh >o zoológico não é nada<	691
	não é nada porque tu:: .hh se tu vai pra fron{ {rindo}teria}	692
	(0.6)	
L10G2T:	tu <realmente> <u>vê</u> <o que é ser gaúcho> não que o	693
	>da cidade não seja< (.)	694
	com certeza é .h o gaúcho é aquele que <nasce	695
	aqui> no rio grande do sul .h e que:: gosta <u>mínima</u>	696
	coisa do rio grande do sul já é um gaúcho .h pode vir	697
	do norde:ste, da onde for .h veio pra cá, .h gostou a	698
	<u>mínima</u> coisa do nosso estado (.) é um gaúcho	699
	.h porque com ce- tu vai <u>levá</u> alguma coisa boa	700
	do >rio grande do sul< .hh então assim (0.7) o pessoal	701
	<da campanha>, .hh vê <realmente:> o sentimento, vê	702
	>tudo que< a:: música fala de beleza .h o pessoal da	703
	campanha associa rápido (0.6) porque já <u>viu</u> , porque já	704
	<u>viveu</u> .h entende? entã:o >com certeza< quem tá na	705
	campanha vive mais feliz <u>hã</u> e vê mais .h esse sentimento	706
	entende?	707
	(1.0)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do relato, verificamos a importância dos Modelos Cognitivos, via experiências corpóreas, na construção dos sentidos, já que o sujeito se coloca no discurso e relata sua história e suas experiências e traça então as características dessa “terra” a que ele também pertence e estima com sentido de pertença. Como, para o leitor, TERRA É RIO GRANDE DO SUL, notamos que surgem, em sua descrição, elementos considerados importantes para a tradição gaúcha, como gaita, música e chimarrão, por exemplo.

É também destacável, tanto nas respostas de L1G2T quanto nas de L10G2T, a reiteração do discurso do “ser gaúcho”, dando ênfase à importância de se conhecer a terra onde se nasceu e vive, amá-la e cultivar suas características (a geografia e a biologia, por exemplo) e culturais (a tradição disseminada na culinária, vestimenta, música e dança, por

exemplo). Portanto, os conceitos lexicais utilizados pelos integrantes do G2T em torno dos DEs ganham um valor afetivo e caracterizações que não estão ao alcance daqueles pertencentes ao G1N.

O trecho que segue (Quadro 104) registra como o entrevistado interpretou o DE “quebradas do Inhanduí” e as relações estabelecidas para elaborar esse sentido.

Quadro 104– Trecho 10 – L10G2T

L10G2T:	=en↑tão o sentido de inhandui: (.) a gente pode ter como	1232
	fosse uma montainha lá como se fosse uma: não é	1233
	serra>não é a palavra certa de dizê então< .h u::m pico	1234
	(0.5)	
L10G2T:	>pequeneninho lá< .h que é: uma cidadezinha també:m	1235
	como se fosse uma província não sei se conseguiu	1236
	emancipaã:o, >como que tá a situação política deles<,	1237
	.hh enfim (0.6) <flor de tuna camoatiom de mel campeiro>	1238
	(0.4)	
L10G2T:	é a flor >boniti:nha< e camoatim de mel campe:iro é o mel	1239
	enfim é o potinho de mel .h pedra moura das quebradas	1240
	do >inhan↓dui< (0.4) <essa pedra moura> é	1241
	pedra que a gente usa pra afiá <u>faca</u>	1242
	(0.6)	
L10G2T:	.h então como ele tá: falando <u>da</u> <fronteira> .h a gente	1243
	sabe {{rindo} a gente sabe não a gente:} (0.6) e:- a	1244
	gente que é de lá: que é a gente >mai- patriota da fronteira<	1245
	.h a gente quer dizê que o <u>nosso</u> é melhor (0.4) o rio	1246
	grande do sul <u>inteiro</u> é melhor .h >mas quem tá aqui na	1247
	serra diz que seu <u>vinho</u> {{rindo} é melhor<,} (0.6) quem tá	1248
	na <u>fronteira</u> .h diz que seu gado é melhor .h então	1249
	ele só quis fazê menção da pedra moura >pedra de afiá<	1250
	.h que lá no inandai no inand- <<inhandui>> ((soletrando))	1251
	é o melhor lugar pra tu afiá a tua faca	1252
	(0.5)	
L10G2T:	que vem das quebradas de lá que vem da: .h do- da parte	1253
	rocho:sa, que vem de <u>tudo</u> que aconteceu da	1254
	>>transformação<<>de relevo e tudo mais< .h que te	1254
	possibilitô <u>ter</u> uma pedra de areia >que é o que eles	1255
	chamam< pedra de areia, pedra moura pra tu afiá a tua faca	1256
	(0.9)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O relato apresentado caracteriza uma leitura minuciosa e cuidadosa do entrevistado, que faz questão de descrever e explicar não só o sentido de “quebradas do Inhanduí”, mas o conjunto de versos em que esse DE está inserido. Esse domínio de conteúdo faz com que os conceitos lexicais e Modelos Cognitivos, associados, resultem em uma interpretação detalhada e carregada de afetividade e sentimento em torno do espaço descrito: uma PARTE do TODO, que é o Rio Grande do Sul.

Contatamos que o leitor estabelece a relação com outros designadores da canção para construir sua resposta. Isso confirma a hipótese levantada ao longo da análise das respostas dos questionários de que os leitores poderiam ter relacionado os vocábulos da letra para construir sentidos. Esses vocábulos acionariam, então, diferentes *frames* que auxiliariam na

interpretação. Aqui, podemos exemplificar a relação estabelecida com “fronteira” e outros vocábulos associados, como “pedra moura”.

Além disso, percebemos a presença de marcas de implicação pessoal nas respostas, tais como “nosso RS”, “nossa terra”, “nossa tradição”. Isso mostra que existe uma identificação com elementos das letras das canções, o que se torna importante para a facilitação da evocação de *frames*.

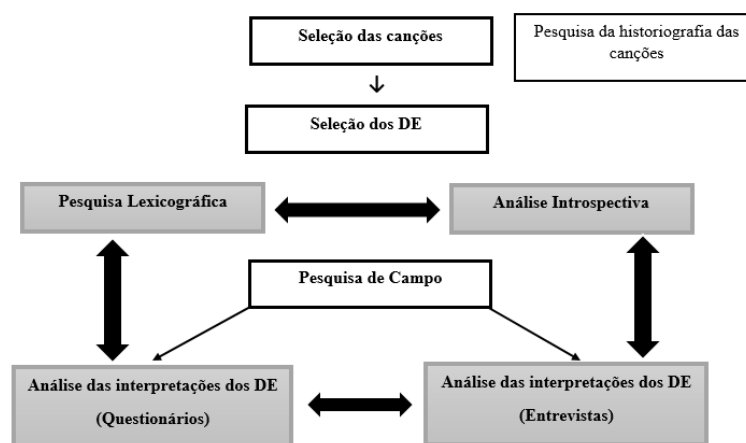
Por fim, o entrevistado justifica sua resposta sinalizando que os itens lexicais empregados pelo compositor da canção produzem o efeito de condensar detalhes sobre o espaço territorial do estado sul-rio-grandense, bem como sobre o gaúcho e suas tradições.

4.3 Discussão dos resultados

Esta seção tem o objetivo de apresentar as reflexões a partir das interfaces entre os estudos de Linguística Cognitiva e as análises realizadas ao longo desta pesquisa (lexicográfica, introspectiva, dos questionários e das entrevistas).

O conjunto de leituras e interpretações realizadas (da Lexicografia, na perspectiva do pesquisador, nos registros dos questionários e nas entrevistas) leva a constatar diferenças e semelhanças entre a interpretação realizada por parte dos dois grupos participantes da pesquisa. A Figura 17 expõe as diferentes fases da pesquisa aqui realizada.

Figura 17 – Esquema geral da pesquisa

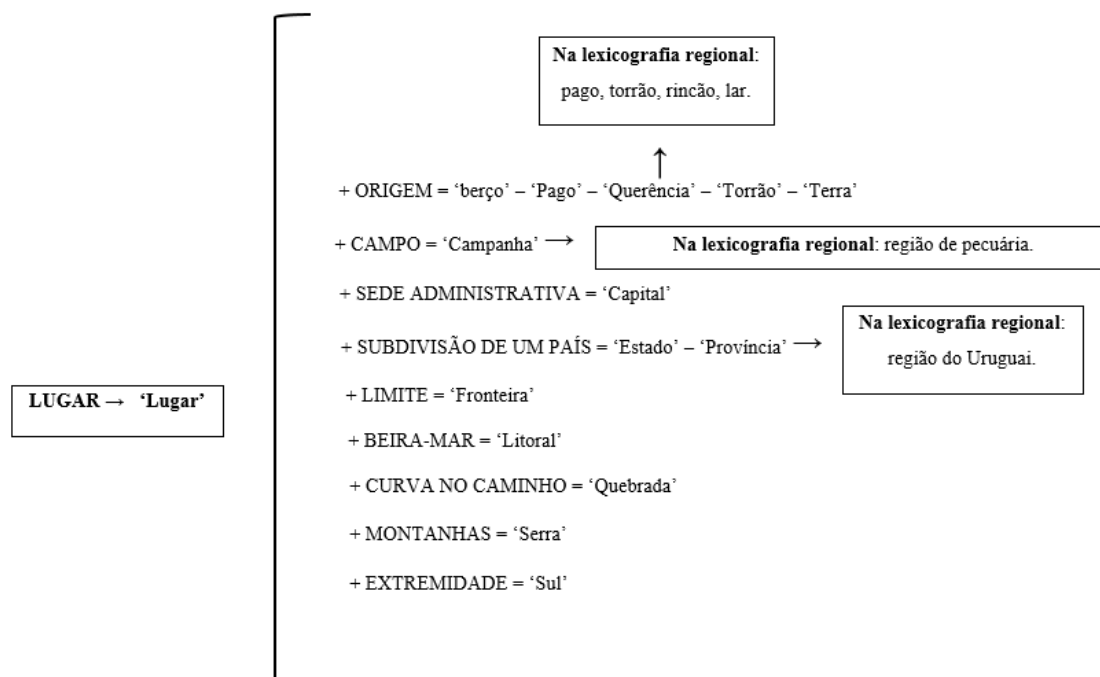


Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira pesquisa realizada (lexicográfica) levou a confirmar o que Geeraerts (2009) e Villalva e Silvestre (2014) ressaltam em suas pesquisas: a característica genérica dos dicionários deixa de contemplar situações específicas de uso da língua. Na Figura 18

esquematizamos as relações entre itens lexicais e sentidos registrados nas obras aqui pesquisadas.

Figura 18 – Pesquisa Lexicográfica



Fonte: Elaborado pelo autor.

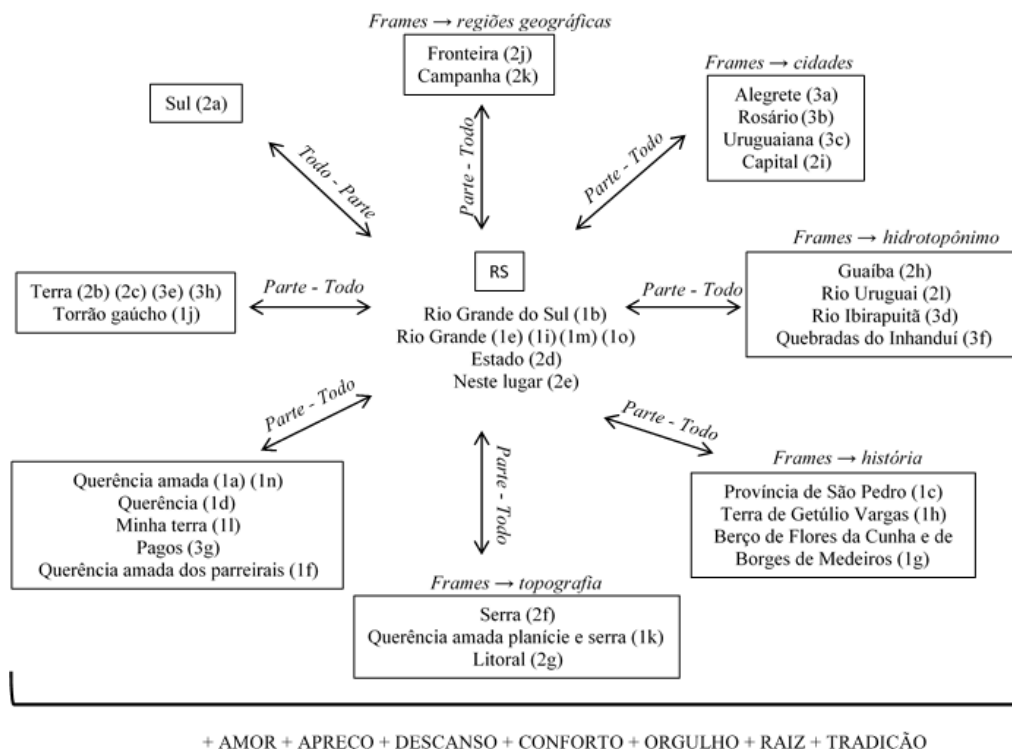
A partir do item 'lugar' pode-se organizar os outros DEs. Há os que designam ORIGEM ou PROCEDÊNCIA ('berço', 'pago', 'querência', 'torrão' e 'terra'), CAMPO ('campanha'), SEDE ADMINISTRATIVA ('capital'), SUBDIVISÃO DE UM PAÍS ('estado' e 'província'), LIMITE ('fronteira'), BEIRA MAR ('litoral'), CURVA NO CAMINHO ('quebrada'), MONTANHA ('serra') e EXTREMIDADE ('sul'). Para além disso, existem contrastes diante da Lexicografia regional: 'querência' assume um registro particular, sendo considerado como sinônimo de 'pago', 'torrão', 'rincão' e 'lar'; 'campanha' está associada com a atividade pecuária; e 'província' se liga ao período histórico em que o Uruguai pertenceu ao domínio brasileiro. Os sentidos desses três itens se relacionam à cultura gauchesca e, de certa forma, se conectam às respostas elaboradas pelo grupo de informantes do G2T.

Diante dessas relações, constatamos que os registros para os sentidos dos itens lexicais (DEs) que constam nesta pesquisa não são satisfatórios se pensarmos em contextos (enunciados) nos quais aparecem e nas interpretações realizadas pelos leitores participantes.

Na análise introspectiva, realizada pelo pesquisador, foi possível levantar hipóteses de possíveis interpretações dos DEs, o que se confirmou, em muitos casos, principalmente no contexto do grupo G2T. Essa leitura possibilitou identificar que há um grande número de DEs, utilizados nas letras de canções, que resultam de processos metonímicos, a partir das relações TODO-PARTE e PARTE-TODO. Essas metonímias podem, ainda, derivar de diferentes interpretações, determinadas por *frames* de distintas naturezas.

A partir do conjunto de respostas elaboradas pelos leitores dos dois grupos, notamos que a interpretação dos DEs dispostos nas letras passa, essencialmente, por alguns processos: anáfora indireta, metonímia conceitual e recategorização. Confirmando as hipóteses levantadas, a análise das respostas elaboradas nos questionários demonstra as relações dos DE das letras ao se referir ao RS por meio de diferentes *frames* ligados à história, à geografia, ao contexto do Tradicionalismo e a atividades econômicas, por exemplo. A Figura 19 mostra o conjunto de relações possíveis que foram levantadas na análise introspectiva e confirmadas nas respostas dos questionários.

Figura 19 – Análise introspectiva e análise dos questionários



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na esfera das respostas registradas nos questionários, podemos identificar semelhanças e diferenças entre a leitura dos dois grupos. O conhecimento sobre toponímia⁶³ do estado também pôde diferenciar as leituras dos dois grupos, porque os indivíduos do G1N mostraram-se genéricos ao apresentar respostas como “rio”, “cidade” e “estado” e, em contrapartida, os sujeitos do G2T demonstraram maiores detalhes em suas respostas, especificando os designadores espaciais, ou ainda, atribuindo-lhes valor.

Dentre esses processos metonímicos, há aqueles que chamamos de complexos (nos termos de IBÁÑEZ, 2003), porque se constituem a partir de diferentes relações, ou seja, ocorrem a partir de um conjunto de ligações onde há subconjuntos que se inserem em um conjunto que, por sua vez, pode ser visto como subconjunto se relacionando novamente. Assim temos casos como os DEs da canção *Canto alegretense*: “Alegrete” (3a), “Rosário” (3b), “Uruguaiana” (3c), “rio Ibirapuitã” (3d) e “quebradas do Inhanduí” (3f) se constituem como PARTESda fronteira oeste, que é PARTEda região do pampa e da fronteira oeste, que é PARTEdo RS.

Independentemente das relações metonímicas estabelecidas pelos dois grupos, destacamos a diferença entre as leituras realizadas: os sujeitos do G2T mostraram-se mais sensíveis aos sentidos e demonstraram afetividade em relação ao espaço descrito. Assim, além de ser PARTEdo RS, ao espaço é acrescentada uma série de características associadas a AMOR, FELICIDADE e PROSPERIDADE.

Assim, as noções sobre as regiões do RS, interpretadas pelos dois grupos, caracterizam-se em escalas diferentes. Alguns integrantes do G1N demonstram conhecimento sobre a geografia do estado (toponímia e hidronímia⁶⁴), mas não apresentam especificidades e caracterizações, o que permitiu a elaboração de respostas mais curtas e diretas (tanto nos questionários quanto nas entrevistas). Já os leitores do G2T mostraram-se mais engajados e envolvidos, elaborando respostas mais detalhadas e com pormenores (no âmbito das entrevistas, muitas vezes citando relatos pessoais).

A partir das construções de sentidos do grupo G2T, é possível observar que as interpretações realizadas se conjugam à questão *ser gaúcho*, pois isso implica também no uso de um vocabulário específico que é compartilhado pelo grupo social em que estão inseridos (MTG). Nessa perspectiva, os sentidos dos DEs estão ligados a conceitos lexicais que determinam o Rio Grande do Sul como AMOR, PÁTRIA, FELICIDADE, PROSPERIDADE e TRADIÇÃO.

⁶³ Toponímia é o estudo de nomes de lugares.

⁶⁴ Hidronímia é o estudo dos nomes de rios, lagos e afins.

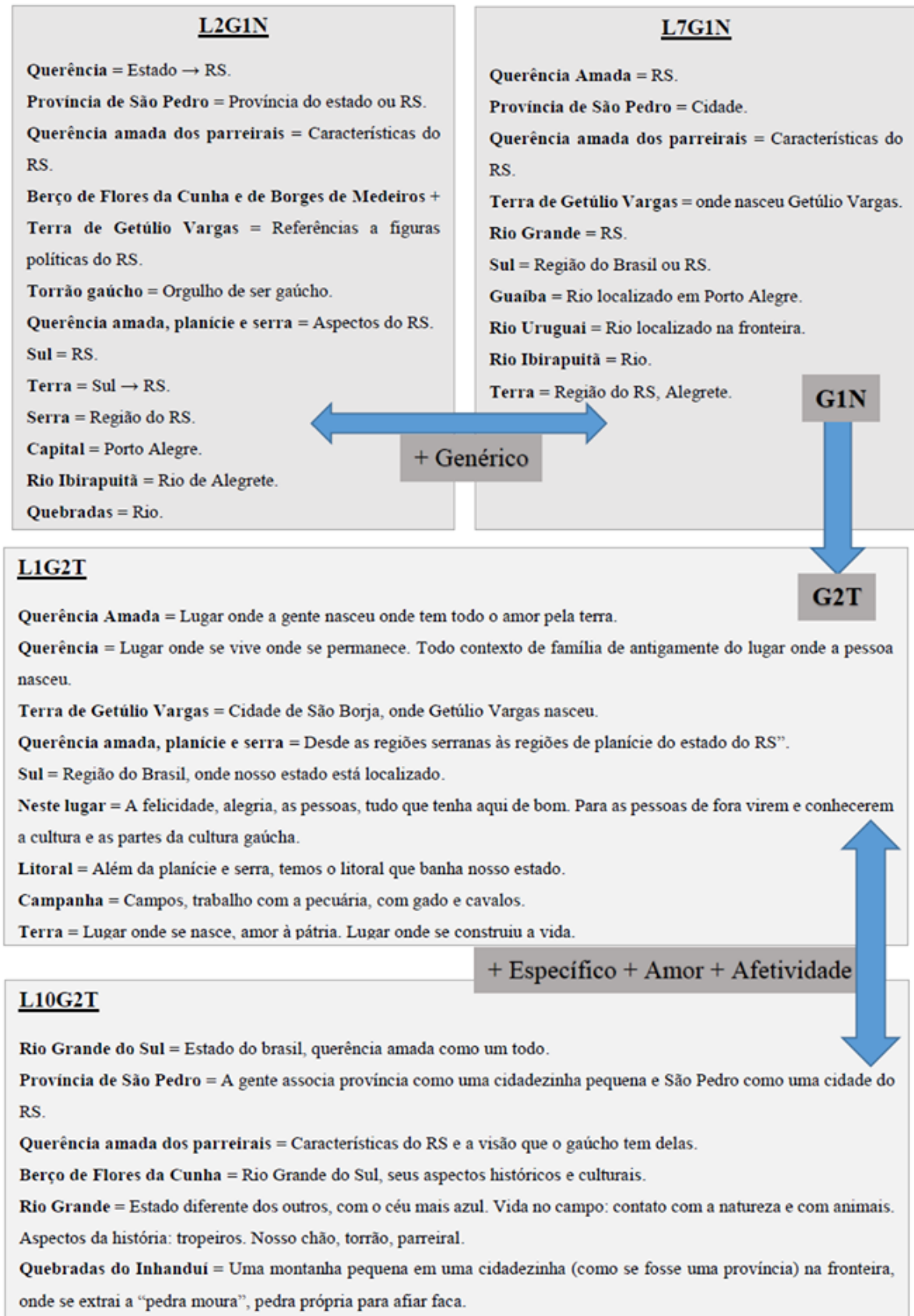
A anáfora indireta foi possível identificar a partir das leituras de “querência” em *Querência amada*, uma vez que os indivíduos leitores precisaram estabelecer relações exofóricas para a construção de sentidos do DE, no âmbito da letra. Além disso, vários designadores são vistos como recategorizadores, ou seja, elementos de referência recategorizando ou referindo-se a Rio Grande do Sul, tais como “querência” (1d), “Rio Grande” (1e) (1i) (1m) (1o), “torrão gaúcho” (1j), “terra” (1l) (2b) (2c) (3e) (3h), “estado” (2d), “neste lugar” (2e) e “pago” (3g).

Nesse processo de interpretação dos DEs, o conjunto vocabular utilizado nas letras das canções se relaciona em um campo conceitual, o que contribui no processo interpretativo, já que alguns vocábulos e os conceitos a eles relacionados podem se constituir como marcas que se ligam a um contexto específico: a cultura gauchesca no Rio Grande do Sul. Tradicionalistas, então, por compartilharem conhecimentos sobre as diferentes características do RS e atribuírem afetividade e valor ao espaço, demonstraram mais familiaridade com os conceitos relacionados aos vocábulos das letras, além de possivelmente conseguirem ter uma sensibilidade maior ao elaborarem respostas com pormenores.

O uso de um léxico específico, ou regional, no âmbito da letra, contribui também para uma aproximação entre a letra e os leitores tradicionalistas, já que esses sujeitos teriam uma tendência em conhecer itens lexicais que se conjugam ao contexto das canções: o espaço (enquanto estado do Rio Grande do Sul) é estudado e suas ideias de culto são compartilhadas em produtos culturais como a música.

Nesse caso, enfatizamos o relato de L1G2T e L10G2T, nas entrevistas, afirmando a necessidade de *ser gaúcho* para conseguir compreender e viver a cultura. A Figura 20 traz uma síntese das relações entre as respostas dadas nas entrevistas.

Figura 20 – Análise das entrevistas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse viés, estabelecemos uma relação com o fazer lexicográfico. Como destacado anteriormente, segundo Geeraerts (2009), a Lexicografia tem um compromisso em registrar sentidos com base na prototipicidade. O que constatamos, a partir das respostas dos questionários e das entrevistas, é que os sentidos construídos às vezes se ligam aos registros lexicográficos, mas que, em grande parte dos casos, trazem informações novas, detalhadas ou com níveis de proximidade do falante. Dessa forma, os sentidos passam a ser reformulados e construídos a cada nova situação, com base nas experiências corpóreas dos indivíduos – Modelos Cognitivos – e em contextos específicos de uso dos conceitos lexicais, como bem ponderado pela CLMC.

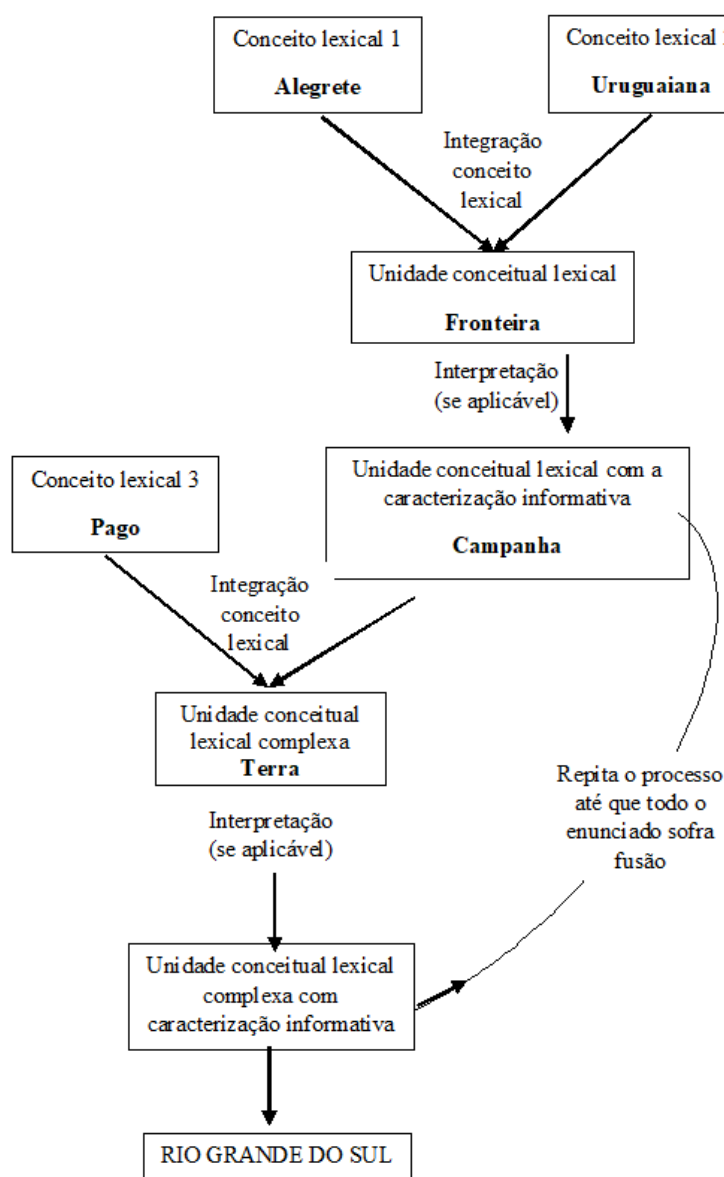
Exemplificamos aqui o caso de “quebradas do Inhanduí”, ocorrência da canção *Canto alegretense*. Essa expressão definida configura-se como um item particular e, para além do sentido genérico registrado nos dicionários (para o item ‘quebrada’), as leituras apresentadas mostram-se específicas e carregam as particularidades de cada indivíduo interpretante.

Tanto nessa quanto em outras construções de sentidos apresentadas pelos leitores para os designadores espaciais podemos verificar a necessidade de conexão entre os vocábulos para dar sentidos específicos. Incide, então, outro traço de diferença entre os dois grupos de leitores interpretantes.

Dessa forma, a partir das múltiplas interpretações e construções de sentidos, verificamos a presença da polissemia conceitual em meio às respostas apresentadas pelos informantes (tanto nos questionários como nas entrevistas). Com base nas ideias de Blank (1999), Evans (2009), Silva (2010) e Taylor (2009), defendemos que os itens se tornam polissêmicos, na medida em que relacionam diferentes conceitos lexicais por meio de processos cognitivos complexos, pois *frames* diferentes são acionados para diferentes contextos e conforme o conjunto de experiências de cada indivíduo.

Relacionando as respostas dos questionários e as entrevistas realizadas com os leitores dos dois grupos, constatamos que a leitura global da letra e a relações entre os vocábulos – especialmente os que designam espacialidade – colaboraram decisoriamente para a construção de sentidos dos DEs. Isso se relaciona com o esquema proposto por Evans (2009). Na sequência, construímos esse mesmo esquema aplicado à letra da canção que exemplifica a relação entre os vocábulos na construção de sentido e, conseqüentemente, no processo de interpretação, conforme a proposta de Evans (2009).

Figura 21 – Processo de interpretação entre os DEs



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Evans (2009).

A relação entre os sentidos dos vocábulo, no caso desta pesquisa com DEs em canções gauchescas, resulta de processos interpretativos, de modo que o espaço do RS é recategorizado de diferentes modos nas letras e, ademais, os *frames* acionados para a construção de sentidos são motivados por diferentes aspectos culturais consolidados por meio de um conjunto de experiências e conhecimentos de mundo, o que possibilita aproximações e distanciamentos no modo como cada integrante de cada grupo interpretou as letras das canções.

Para interpretar como interpretam, há essencialmente a evocação de *frames*, ou seja, os enquadres são feitos e as relações estabelecidas, tanto com a seleção lexical da letra, como com o conhecimento prévio.

Este capítulo apresentou e discutiu os dados da pesquisa de campo. Neste caso, pudemos constatar as diferenças e semelhanças na construção de sentidos dos DE nas letras das canções selecionadas, sendo que o grupo G2T mostrou respostas com pormenores, que revelaram intimidade e sentimento de pertença. Por fim, percebemos que a leitura enquanto interpretação pode envolver múltiplos processos cognitivos que estão ligadas às experiências coletivas e individuais de cada leitor.

ÚLTIMOS ESPAÇOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui delineada procurou apresentar um estudo de como se constroem os sentidos da espacialidade em letras de canções gauchescas. A espacialidade, enquanto tema (primário ou secundário) em produções musicais, traduz um aspecto essencial do gauchismo: o amor pelo solo, pela terra, pelo Rio Grande do Sul.

Defendemos, então, que toda a cultura ligada aos grupos que seguem o Tradicionalismo se desenvolve a partir do “solo gaúcho”, já que os temas abordados se ligam às PARTES que são representadas pelas microrregiões do estado; as representações das atividades econômicas do nordeste (vitivinicultura) e do sul (pecuária), por exemplo, trazem o homem (sua rotina, hábitos e costumes) ligado ao espaço onde vive ou viveu.

Em se tratando de uma pesquisa sobre leitura, propusemos uma investigação que interligasse questões de léxico, semântica e cognição, aplicada a canções gauchescas, com o propósito de levantar subsídios relevantes para discutir o papel dos processos cognitivos no processo de leitura enquanto interpretação. Assim, percebemos que fenômenos como metonímia, polissemia e as conexões entre diferentes *frames* atuam em conjunto para que os sujeitos leitores relacionem as diferentes experiências que são evocadas pelo texto em questão e, desse modo, construam sentidos.

Guiados por essa ideia, propomos, nesta tese, uma investigação que está ancorada em uma sequência de pesquisas que se complementam entre si: pesquisa sobre a historiografia das canções gauchescas, pesquisa lexicográfica, análise introspectiva das letras das canções, pesquisa de campo (com questionários e entrevistas) e sua respectiva análise.

A tese seguiu um percurso em quatro capítulos. No capítulo 1, tínhamos o objetivo de descrever e contextualizar a pesquisa, situando o leitor no percurso trilhado na tese. Assim, apresentamos a justificativa, a metodologia e a teoria utilizadas, guiados pelo objetivo geral (examinar como se dá a construção de sentidos de DEs em letras de canções gaúchas a partir da interpretação por parte de duas categorias de leitores) e pelos objetivos específicos:

a) analisar a ocorrência de designações espaciais em letras de canções gaúchas prestigiadas na produção musical do Rio Grande do Sul;

b) analisar a construção de sentidos apresentados por meio das interpretações de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos ligados a CTGs e movimentos tradicionalistas;

c) analisar a construção de sentidos apresentados por meio das interpretações de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos considerados “público geral”;

d) verificar, por meio de análise comparativa, as semelhanças e as diferenças na construção de sentidos em designadores espaciais por parte das duas categorias de leitores;

e) discutir aspectos da compreensão leitora de letras de canções gaúchas a partir das construções de sentido verificados nas canções como um todo.

Ao longo do capítulo 2, descrevemos os métodos, técnicas e procedimentos aplicados à pesquisa. Neste mesmo capítulo, expomos o resultado de duas pesquisas: a que versa sobre a historiografia das canções gauchescas e a lexicográfica. Na primeira pesquisa, investigamos ritmos e canções que tiveram êxito no contexto de produção e recepção musicais. Dessa forma, identificamos que o xote, a vanera e o chamamé se mantêm atualmente como estilos consagrados e muito consumidos. Além disso, levantamos vinte canções representativas (na perspectiva da crítica e da recepção) que tratam do espaço do Rio Grande como tema e verificamos que, dentre essas, há três de maior destaque: *Querência amada*, *Eu sou do sul* e *Canto alegreense*. A pesquisa lexicográfica permitiu mapear como os sentidos para os DEs selecionados são registrados nos dicionários para podermos ter uma orientação nas análises posteriores: a da pesquisa introspectiva e a da pesquisa de campo, em que o foco são as interpretações dos DEs no contexto das canções.

O percurso realizado nesse capítulo contribuiu para consolidarmos uma base inicial para a pesquisa, à medida que delimitamos o percurso metodológico, o conjunto de canções a servirem de *corpus* do instrumento de pesquisa de campo e refletimos sobre o papel da lexicografia na definição de acepções para os DEs.

O capítulo 3 teve como objetivo discutir o referencial teórico utilizado e, além disso, aplicar esses pressupostos em uma análise introspectiva. Nesse momento, discutimos a questão de construção de sentidos tendo como ponto inicial a Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos, a partir do recorte proposto por Evans (2009), e defendemos que os Conceitos Lexicais pertencem a uma estrutura mental que é produto de um número infinito de simulações que se cristalizam e formam Modelos Cognitivos. Os *frames*, vistos como um tipo de Modelo Cognitivo, funcionam como a relação entre uma coisa ou situação e essas simulações. A partir desses processos cognitivos, destacamos o papel da metonímia em estabelecer não só a relação PARTE-TODO, como proposta por grande parte dos estudiosos, como Barcelona (2003), Lakoff e Johnson (2002), Panther e Thornburg (2007), Panther (2006) e Taylor (2009), mas como um processo complexo em que há uma sobreposição de múltiplos conjuntos e subconjuntos que fazem com que vários elementos se relacionem entre si.

Com base nesse quadro de conceitos, pensamos na leitura enquanto interpretação e que essa se concretiza a partir de diferentes fatores: o vocabulário utilizado nos textos, a relação entre os vocábulos, o contexto de produção e recepção e os *frames* acionados nas situações específicas. Com o objetivo de refletir sobre essas questões nas letras de canções selecionadas, desenvolvemos uma análise introspectiva (seção 3.3) que serviu como base para levantar hipóteses sobre como os DEs poderiam ser lidos e interpretados por diferentes indivíduos dos dois grupos participantes da pesquisa. Nesse sentido, diante das discussões apresentadas nos capítulos 2 e 3, consideramos que o objetivo específico (a) foi atingido.

O quarto capítulo tratou da descrição e análise dos dados gerados na pesquisa de campo: questionários e entrevistas. Quanto aos questionários, constatamos a versatilidade de sentidos que os DEs podem assumir diante das diferentes interpretações realizadas pelos leitores: das 36 ocorrências, 28 configuram-se como processos metonímicos em que as PARTES do Rio Grande do Sul se referem ao TODO (conforme Figura 19 da seção 4.3). Para além disso, notamos que há distinções entre as percepções de leitores do grupo não-tradicionalista (G1N) e leitores do grupo de tradicionalistas (G2T), já que esses últimos elaboraram respostas que demonstraram emoção e que acrescem às noções de espacialidade características eufóricas, quase sempre traços positivos relativamente ufanistas que se ligam ao discurso reproduzido pelos diferentes movimentos tradicionalistas.

Ainda no capítulo 4, analisamos trechos das entrevistas realizadas com dois indivíduos de cada grupo de leitores que participaram da primeira fase da pesquisa de campo (questionário). Nessa etapa, confirmamos a hipótese levantada na análise introspectiva de que os leitores do G2T teriam uma maior sensibilidade na elaboração das respostas. Isso foi possível identificar por meio de diferentes fatores: houve um engajamento por parte dos leitores, uma vez que apresentaram respostas longas e traziam informações pormemorizadas; houve um reconhecimento (parcial, mas em maior escala se comparado ao grupo G1N) dos vocábulos regionais; houve uma ligação – acentuada nas posições dos leitores – sobre a relação entre os sentidos dos DEs e o fato de *ser gaúcho*.

Nesse contexto, *ser gaúcho* implica ter um acervo de conhecimento de práticas culturais que permitem ler e interpretar a espacialidade de forma diferente, com base em Modelos Cognitivos que levam a conceber o espaço (do RS) com especificidades, onde se conhece o que vem da terra e da cultura (as atividades econômicas, o bioma, a topografia). Em outro viés, os sujeitos não vinculados às práticas do tradicionalismo, como os leitores do G1N, podem, com base em outros Modelos Cognitivos, até carregar o conhecimento sobre os diferentes traços do estado e da cultura gauchesca, mas não apresentam sensibilidade e

tendência em demonstrar afetividade e traços emotivos, uma vez que suas experiências apresentam uma direção mais impessoal e genérica, como se o *ser gaúcho* fosse o *outro*.

Nesse caso, diferentes *frames* foram ativados na construção de sentidos: sobre a história do Rio Grande do Sul, relacionando personalidades políticas (Borges de Medeiros, Flores da Cunha e Getúlio Vargas) e revoluções pelas quais o estado passou; sobre as cidades (Alegrete, Uruguaiana, Rosário) regiões que compõem o RS e suas atividades socioeconômicas (serra, litoral, campanha, fronteira); sobre hidrografia (Guaíba, Rio Uruguai, Rio Ibirapuitã); sobre topografia (serra, planície, pampa). Nesse âmbito, o conjunto de experiências dos sujeitos tradicionalistas faz com que a interpretação deles determine as diferentes PARTES do RS com afetividade e caráter valorativo, lendo como PÁTRIA, LAR, +AMOR, +CARINHO, +MINHA.

Por outro lado, apesar de não apresentar essa sensibilidade, os leitores do G1N elaboraram boa parte dos sentidos para os DEs com conceitos genéricos, usando TERRA, LUGAR e ESTADO. Nesse processo, há recategorizações do estado do Rio Grande do Sul, a partir de processos metonímicos ou pelo uso de itens mais genéricos, aproximando-se da prototipicidade apresentada pela Lexicografia.

Assim, tendo apresentado e discutido as respostas elaboradas pelos dois grupos de leitores participantes da pesquisa, consideramos atingidos os objetivos específicos (b), (c) e (d), pois tabulamos, descrevemos e analisamos as construções de sentidos elaboradas por cada um dos leitores do G1N e G2T nas duas primeiras seções do capítulo 4. Na última seção desse mesmo capítulo, refletimos sobre todas as fases desta pesquisa, interligando as suas diferentes etapas; dessa forma, foi alcançado o objetivo específico (e).

Nesse âmbito, consideramos que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado satisfatoriamente. A compilação, a análise e a discussão dos dados e resultados serviram para refletir amplamente sobre como a leitura e a interpretação de indivíduos de diferentes grupos se aproxima ou se distancia quando é abordado o tema da espacialidade.

Inserida na linha de pesquisa “Leitura e linguagens”, esta pesquisa contribui para as discussões sobre como as relações entre léxico, semântica e cognição podem ser decisórias no processo de leitura enquanto interpretação. Ainda, oferemos uma contribuição relevante para os estudos desenvolvidos na interface entre musicologia e Linguística Cognitiva, fazendo assim avançar a pesquisa nas respectivas áreas. Nesse âmbito, delineamos, conforme o percurso aqui realizado, algumas constatações:

a) A leitura global das canções colaborou para que os sujeitos leitores dos dois grupos chegassem a uma construção de sentidos para os DEs;

b) A relação e a disposição dos vocábulos na letra auxiliaram e muitas vezes determinaram como cada um dos indivíduos percebe o sentido para os DEs. Nesse caso damos destaque a dois outros fatores: o vocabulário regional empregado (que gera familiaridade ou distanciamento por parte do leitor) e, por se tratar de um estudo sobre espacialidade, os topônimos e hidrotopônimos se constituem como elementos que direcionam os conceitos.

c) No âmbito da Teoria dos Conceitos Lexicais e Modelos Cognitivos e da Semântica de *Frames*, constatamos que os DEs em contextos específicos das letras acionam *frames* de diferentes naturezas que direcionam a leitura.

e) Defendemos a leitura enquanto interpretação como um processo complexo que envolve múltiplos fatores que vão desde a configuração do texto (vocabulário utilizado e sua disposição) às conexões com os inúmeros conjuntos de simulações que os indivíduos carregam com base em suas experiências coletivas e individuais.

Por fim, esta tese é resultado de um conjunto de investigações e análises que contribuem tanto no âmbito acadêmico quanto nas questões de ensino (se pensarmos na onipresença da leitura nos bancos escolares e na produção e consumo de textos, como a música, a todo momento). As pesquisas desta tese contribuíram para formação de um banco volumoso de dados que fornecem subsídios para realização de outras análises e enfoques a serem realizados futuramente. O trabalho com leitura é, assim, um trabalho aberto que permite sempre novas perspectivas, ocupando novos tempos e espaços.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Agostinho Luís. **O pampa na cidade: o imaginário social da música popular gaúcha**. Dissertação (mestrado em Letras e cultura regional). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.
- AULETE. **Dicionário Digital Caldas Aulete**. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>.
- BAIA, Silvano Fernandes. **A historiografia da música popular no Brasil (1971-1999)**. Tese (doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.
- BANGEL, Tasso. **O estilo gaúcho na música brasileira**. Porto Alegre: Movimento, 1989.
- BARBOSA, Iuri Daniel. **Das raízes às ramagens: quatro troncos na construção de uma música missioneira**. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BARCELONA Sánchez, Antonio. O poder da metonímia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009, p. 07-24.
- _____. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, Antonio. **Metaphor and Metonymy at the crossroads**. Mouton: New York, 2003, p. 1-58.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLANK, Andreas. Polysemy in the Lexicon. In: ECKARDT, Regine; HEUSINGER, Klaus von (eds.) **Meaning Change – Meaning Variation**. Workshop held at Konstanz, Feb. 1999, Vol. I, 11-29.
- BOSSLE, Batista. **Dicionário Gaúcho Brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANCO, Natieli Luiza. O sujeito gaúcho em dicionários regionalistas: a partir de seus prefácios e verbetes. *Revista Idéias*. Santa Maria, 26, jul/dez, 2010. Disponível em <http://w3.ufsm.br/revistaideias/arquivos%20PDF%20revista%2026/o%20sujeito%20gaucho%20em%20dicionarios.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2014 às 23h21min.
- CHAGAS, Nédilã Espindola. **O discurso sobre o gaúcho: uma análise enunciativa das músicas nativistas**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- COHEN, A. D. Recent uses of mentalistic data in reading strategy research. **D.E.L.T.A**, v. 3, n. 1, p. 57-84, 1987.
- CÔRTEZ, João Carlos Paixão; LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

_____. **Manual de danças gaúchas**. Porto Alegre: CGF, 1956.

COUGO JUNIOR, Francisco A. **Canta meu povo: uma interpretação histórica sobre a produção musical de Teixeira (1959-1985)**. Dissertação de Mestrado, História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: **Cognitive Linguistics**. 1993, p. 335-370.

CROFT William. CRUSE D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge University Press: New York, 2004.

_____. A historiografia da “música gauchesca”: apontamentos para uma história. **Contemporâneos**. nº 10, maio-outubro de 2012.

DIAS, Valton Neto Chaves. **O consumo de música regional como mediador da identidade**. Dissertação (mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

DIAS, Valton Neto Chaves. RONSINI, Veneza Veloso Mayora. Mídia e cultura: o consumo de música regional na constituição da identidade. In: **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, n. 09, 2008. Intercom:São Paulo, 2008.

EVANS, Vyvyan. **How Words Mean: lexical concepts, cognitive models, and meaning construction**. Oxford: New York, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FILLMORE, Charles J. Semântica de *Frames*. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009, p. 25-54.

FISCHER, Luís Augusto. SIMÕES, Julia da Rosa. A música como o desenvolvimento do prazer de ler. In: SANTOS, Fabiano dos. NETO, José Castilho Marques. ROSING, Tânia M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009, p. 233-258.

FORTIS, Jean-Michel. Sémantique cognitive et espace. **Sens et Textes**. Éd. F. Rastier. Paris: Didier, 1996

FOWLER, Floyd J. **Pesquisa de Levantamento**. Trad. de Rafael Padilha Ferreira. Porto Alegre: Penso, 2011.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

FREITAS, Henrique Mello Rodrigues de; JANISSEK, Raquel. **Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos**. Porto Alegre: Sphinx, 2000.

GEERAERTS, Dirk. A prática definitória dos dicionários e a concepção semântico-cognitiva de polissemia. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009, p. 55-76.

GEERAERTS; CUYCKENS. Introducing Cognitive Linguistics. In: **The Oxford Handbook**, 2007, p. 5-21.

GIBBS, Raymond W. Por que a linguística cognitiva deveria se preocupar mais com métodos empíricos?. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009, p. 193-215.

_____. Why cognitive linguists should care more about empirical methods. In: MARQUEZ, Monica Gonzales; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. **Methods in cognitive linguistics**. John Benjamins Publishing Company: Philadelphia, 2006.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê!, 1983.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Trad. de Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GUDOLLE, Fábio; RODRIGUES, Cezar Augusto G. **O Gaúcho de Fronteira**. São Borja: Conceito, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Conferencias y artículos**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994. p. 127-142.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, Alexandre D.; SPOSITO, Eliseu S; SAQUET, Marcos A (org.). Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Edunioeste, 2004, p. 37-66.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBÁÑEZ, Francisco José Ruiz de Mendoza. The role of mappings and domains in understanding metonymy. In: BARCELONA, Antonio. **Metaphor and Metonymy at the crossroads**. Mouton: New York, 2003, p. 108-132.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa: Indústria Cultural e Cultural Regional**. V. 2. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

JANOTTI JR., Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva: Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **E-compos**. Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/84/84>. Acesso em 20 de abril de 2014 às 22h.

JEFFERSON, Gail. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, Gene H. (Org). **Conversation analysis: studies from the first generation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 13-31.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, Geoge; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAROQUE, Luís Fernando. O Rio Grande do Sul Espanhol: territorialidade, história e cultura. In: **Estudos Hispânicos**: história, língua e literatura. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 11-37.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de (orgs.). *Referenciação*: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTTO, Ricardo. **Cenário gaúcho: representações históricas e geográficas**. São Paulo: Moderna, 2001.

MANN, Henrique. **Som do Sul**. Porto Alegre: CEEE, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARTINS, Cauê de Camargo. **A comercialização de fonogramas digitais pela grande indústria fonográfica no Brasil e o esquematismo da indústria cultural (2006-2012)**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2013.

MOURE, Telmo Remião. **História do Rio Grande do Sul**. São Paulo: FTD, 1994

NUNES, Vini. **Manual de danças gaúchas de salão**. Disponível em http://aprendadancar.xpg.uol.com.br/Manual_Dancas_de_Salao.pdf

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário Gaúcho**: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2010.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados**: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.

PALMER, Gary. **Linguística cultural**. Versión de Enrique Bernardéz. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

PANTHER, Klaus-Uwe. Metonymy as a usage event. In: KRISTIANSSEN, Gitte et al. (Ed.) **Cognitive linguistics: current applications and future perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 51-80

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda L. Metonymy. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Ed.) **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 236-263.

PELOSI, Ana Cristina. Cognição e linguística. In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percurso. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Língua e instrumentos linguísticos**. Unicamp, 29, 2012. Disponível em <http://www.revistalinguas.com/edicao29/edicao29.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2014 às 23h.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na Língua Portuguesa**. Pontes editores: Campinas, 1992.

RADDEN, Günter. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, Antonio. **Metaphor and Metonymy at the crossroads**. Mouton: New York, 2003, p. 93-108.

RONSINI, Veneza. **Entre a capela e a caixa de abelhas**: identidade cultural de gringos e gaúchos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANTOS, Odair J. S. dos. **A música dos pampas numa perspectiva lexical**: milongando entre o português e o espanhol. Dissertação (mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

_____. As fronteiras do “eu campeiro”: aspectos do léxico na música gaúcha. **Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa** (Anais). Goiânia: FUNAPE, 2013, p. 805-10.

SILVA, Augusto Soares da. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição** nº 41, p. 27-53, 2010.

_____. Polissemia e contexto: o problema duro da diferenciação de sentidos. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, p. 353-367.

_____. O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.). **Produção de sentido**: estudos transdisciplinares. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SILVEIRA, Jane Rita da; FELTES, Heloísa P. de M. **Pragmática e cognição**: a textualidade pela Relevância. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization**. 3rd. ed. New York: Oxford University Press, [1989] 1995.

TAYLOR, John R. Polysemy and the lexicon. In: KRISTIANSEN, Gitte et al. (Ed.) **Cognitive linguistics: current applications and future perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 51-80.

TEIXEIRA, José. A verbalização do espaço: modelos mentais de *frente/trás*. Minho: Coleção Poliedro Universidade do Minho, 2001.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. Petrópolis: Vozes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu (org). Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXO A
PARECER DO CEP

UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Efeitos de sentido em designações espaciais do Rio Grande do Sul em letras de canções gaúchas.

Pesquisador: HELOISA PEDROSO DE MORAES FELTES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60363716.2.0000.5341

Instituição Proponente: Universidade de Caxias do Sul-RS

Patrocinador Principal: Fundação Universidade de Caxias do Sul - FUCS/R3

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.765.346

Apresentação do Projeto:

A pesquisa, que está ligada à linha de pesquisa "Leitura e Processos de linguagem" do PDLET, caracteriza-se como qualitativa exploratória de campo, associada a uma análise das expressões espaciais relativas ao RS presentes nas canções pelo viés da Semântica Cognitiva (SC) e da Linguística Cognitiva (LC).

PROBLEMA:

Que entendimentos e compreensões leitoras são revelados pelo público receptor na análise dos efeitos de sentidos das designações espaciais relativas ao RS nas letras de canções gaúchas?

A pesquisa foca-se na leitura como interpretação, buscando subsídios na Linguística Cognitiva para refletir sobre como indivíduos interpretam vocábulos, quando dispostos em enunciados diferentes. Particularmente, no caso desta investigação, ESTUDAMOS OCORRÊNCIAS DE POLISSEMIA A PARTIR DE ITENS LEXICAIS QUE DESIGNAM ESPACIALIDADE, UTILIZADOS EM CANÇÕES GAUCHESCAS, PARA ESTUDAR COMO A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO POR INDIVÍDUOS DIFERENTES IMPLICA EM QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO LEITORA.

Endereço: FRANCISCO GETULIO VARGAS
Bairro: PETROPOLIS CEP: 95.070-560
UF: RS Município: CAXIAS DO SUL
Telefone: (54)3216-2829 Fax: (54)3216-2100 E-mail: cep-uca@uca.br

Continuação do Parecer: 1.765.340

A pesquisa é ligada à linha do PPG em Letras "Leitura e Processos de linguagem" e caracteriza-se como QUALITATIVA EXPLORATÓRIA DE CAMPO, associada a uma análise das expressões espaciais relativas ao RB presentes nas canções pelo viés da Semântica Cognitiva (SC) e da Linguística Cognitiva (LC).

A investigação caracteriza-se como QUALITATIVA, pois é altamente contextual, sendo coletada em um contexto natural, da vida real.

Com a finalidade de atender ao objetivo geral, esta pesquisa pretende percorrer um caminho que pressupõe a análise de poucas fontes ou dados, num procedimento exploratório ou de elaboração de hipóteses.

O corpus da pesquisa em questão é o resultado da aplicação de um instrumento de pesquisa de campo, composta de questionário e entrevista. Para a construção desse instrumento, foram levantadas inicialmente 20 canções e, logo a seguir, selecionadas 05 para a pesquisa de campo. Essa seleção passou por uma pesquisa musicográfica, onde são justificadas as canções levantadas e as selecionadas para a pesquisa. O instrumento é aplicado em 20 leitores informantes, subdivididos em um grupo composto de 10 indivíduos ligados ao MTG e outros 10 não ligados a nenhum grupo regionalista, um por vez e com tempo cronometrado, a fim de se verificar também se há distinção ou não no tempo de leitura e interpretação entre os dois grupos. Ainda, a pesquisa completa-se com entrevistas de 2 leitores-informantes de cada grupo, sendo esses voluntários. As respostas oferecidas são analisadas e discutidas inicialmente a partir do resultado de uma pesquisa lexicográfica, para, então, proceder-se a uma análise à luz da Semântica Cognitiva.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Examinar, nas letras de canções gaúchas, os efeitos de sentido relevantes que afetam a compreensão leitora por parte do público receptor.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) analisar a ocorrência de designações espaciais em letras de canções gaúchas prestigiadas na produção musical do Rio Grande do Sul;

Endereço: FRANCISCO GETULIO VARGAS
Bairro: PETROPOLIS CEP: 95.070-860
UF: RS Município: CAXIAS DO SUL
Telefone: (54)3218-2829 Fax: (54)3218-2100 E-mail: oip-uca@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS



Continuação do Parecer: 1.716.240

b) analisar a compreensão leitora de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos ligados a CTGs e movimentos tradicionalistas e nativistas;

c) analisar a compreensão leitora de letras de canções gaúchas por parte de grupos de sujeitos considerados "público geral";

d) discutir aspectos da compreensão leitora de letras de canções gaúchas a partir dos efeitos de sentido verificados nas canções como um todo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O projeto informa: "Não há."

Benefícios:

Conhecimento de processos de geração de sentidos relacionados às interpretações de letras de canções consideradas as mais representativas do Rio Grande do Sul pela indústria musicográfica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é bem fundamentado e a metodologia é adequada. A submissão apresenta todos os itens exigidos pela Plataforma Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão apresentados.

Recomendações:

O projeto e o TCLE informam que não há riscos. Mas de acordo com a Resolução CNS 466/12 todas as pesquisas oferecem riscos para os participantes, não havendo, assim, uma pesquisa sem riscos.

Os riscos podem ocorrer não no momento da coleta, mas no uso dos dados pelo pesquisador. A apropriação dos dados coletados junto aos participantes e a sua interpretação para gerar os resultados constitui-se em uma complexidade ética que deve ser considerada na informação sobre os riscos da pesquisa. Caso o pesquisador considere que o risco é mínimo, deve informar no projeto e no TCLE. Pode informar, por exemplo, que o risco não é mensurável; ou não é conhecido; ou, ainda, que se refere a um possível desconforto pelo tempo exigido para responder as perguntas ou algum constrangimento pelo teor das perguntas, etc. Mas a Plataforma Brasil –

Endereço: FRANCISCO GETULIO VARGAS
Bairro: PETROPOLIS CEP: 95.070-560
UF: RS Município: CAXIAS DO SUL
Telefone: (54)3215-2029 Fax: (54)3215-2100 E-mail: cep-uca@uca.br

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS**



Continuação do Parecer: 1.765.340

segundo a Resolução 466/12 – não aceita a informação de que a pesquisa não tem riscos. Portanto a informação deve constar no projeto e no TCLE.

No TCLE, o número da resolução do CNS de 196/96 deve ser alterada para 466/12.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto é redigido de forma clara e rigorosa. Há coerência nos aspectos éticos e nos metodológicos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_790381.pdf	13/09/2016 18:45:18		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPesq.pdf	13/09/2016 18:44:21	HELOISA PEDROSO DE MORAES FELTES	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	13/09/2016 18:33:04	HELOISA PEDROSO DE MORAES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declinfra.pdf	11/09/2016 13:23:16	HELOISA PEDROSO DE MORAES FELTES	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETOdaF.pdf	11/09/2016 13:21:03	HELOISA PEDROSO DE MORAES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	11/09/2016 13:20:07	HELOISA PEDROSO DE MORAES FELTES	Aceito
Declaração de Manuseio Material Biológico / Biorepositório / Biobanco	Declaracao.jpg	09/09/2016 14:51:14	HELOISA PEDROSO DE MORAES FELTES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	decipesq.jpg	09/09/2016 14:31:48	HELOISA PEDROSO DE MORAES	Aceito
Orçamento	OdaOrçamento.pdf	09/09/2016 14:15:27	HELOISA PEDROSO DE MORAES	Aceito

Endereço: FRANCISCO GETULIO VARGAS
Bairro: PETROPOLIS CEP: 95.070-560
UF: RS Município: CAXIAS DO SUL
Telefone: (54)3216-2829 Fax: (54)3216-2100 E-mail: cep-ucs@ucs.br

UNIVERSIDADE DE CAXIAS
DO SUL-RS



Continuação do Parecer: 1.765.348

Cronograma	OdaCRONOGRAMA.pdf	09/09/2016 14:13:03	HELOISA PEDROSO DE MORAES	Aceito
------------	-------------------	------------------------	------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Neecessita Apreciação da CONEP:

Não

CAXIAS DO SUL, 07 de Outubro de 2016

Assinado por:
Luolane Andreia Bizzi
(Coordenador)

Endereço: FRANCISCO GETULIO VARGAS
Bairro: PETROPOLIS CEP: 95.070-980
UF: RS Município: CAXIAS DO SUL
Telefone: (54)3218-2829 Fax: (54)3218-2100 E-mail: cep-ucs@ucs.br

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: LEITURA E EFEITOS DE SENTIDO EM DESIGNAÇÕES ESPACIAIS EM LETRAS DE CANÇÕES GAÚCHAS

Pesquisador Responsável: **Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes - (54) 99720618**

Pesquisador Assistente: **Odair José Silva dos Santos – (55) 96251559**

Comitê de Ética em Pesquisa: **Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Bloco, sala 106. CEP 95070-560 - Caxias do Sul**

Telefone do Comitê: **(54) 3218-2829**

1. **Natureza da pesquisa:** *o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar os sentidos de palavras que remetem à espacialidade, no contexto de canções gauchescas.*
2. **Participantes da pesquisa:** *esta pesquisa conta com a participação de 20 indivíduos, com idades entre 18 e 30 anos: 10 vinculados a grupos tradicionalistas e 10 não vinculados a nenhum grupo. Esses completarão um questionário sobre os sentidos que dão às palavras em destaque nas canções. Em uma segunda fase, dois informantes de cada grupo participarão de uma entrevista gravada.*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo, a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) solicite o preenchimento do questionário, bem como utilize os dados gerados por ele. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr). Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*

4. **Sobre o instrumento/questionário:** (1) O instrumento é constituído de 03 canções e, a partir delas, serão feitas algumas questões interpretativas. (2) Para cada letra de canção, o participante deve assinalar se a conhece ou não (em campos pré-determinados). (3) O participante deverá preencher o quadro “sentido” com o sentido que daria àquela palavra, prestando atenção ao contexto global de cada letra de canção e não em palavras isoladas. (4) O participante pode utilizar apenas uma palavra para responder às questões que pedem os sentidos, podendo utilizar um sinónimo, se for o caso. Em caso de dúvida, o participante deve apresentar um sentido mais próximo, mesmo que para isso tenha que elaborar uma frase. (6) Caso o participante não saiba o sentido de alguma das palavras, deverá assinalar a opção “não sei”. (7) No campo “observações”, o participante pode escrever sobre as dificuldades encontradas, bem como sobre o que fez para resolvê-las. (8) Nas entrevistas, o informante responderá (de forma livre e quando souber) sobre as respostas dadas no questionário: quais sentidos atribuiu, sobre o conhecimento utilizado ao longo da execução da tarefa, bem como as reflexões que sujam no momento da entrevista sobre a construção de sentidos. Dessa forma, as perguntas da entrevista são sobre as palavras e os sentidos dados a elas ao longo do questionário.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.
7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre como se dá o processo de significação, particularmente o caso de palavras ligadas à cultura gauchesca, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir academicamente para as discussões no campo de construção de sentidos, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs.: Não assine este termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B
ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
DOUTORADO EM LETRAS
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

As perguntas do pesquisador versam sobre a canção lida e a tarefa executada.

1. A partir dos títulos você conseguia antecipar o tema da canção?

1.1 [Caso sim] Por qual (quais) motivo(s)?

2 As questões a seguir se aplicam a todas as ocorrências de espacialidades das canções

2.1 Que sentido você deu a essa palavra?

2.2 A resposta foi instantânea ou demorou a responder?

2.3 Alguma outra palavra do texto auxiliou na sua resposta?

2.4 Algum conhecimento que você já tinha ajudou?

2.4.1 [Caso sim] Qual?

2.5 Essa palavra representa o que dentro da música?

2.6 Em sua opinião, essa palavra faz algum tipo de referência a outras dentro da canção?

2.6.1 [Caso sim] Qual?

2.7 Em sua opinião, essa palavra faz algum tipo de referência a outras fora da canção?

2.7.1 [Caso sim] Qual?

APÊNDICE C
QUESTIONÁRIO

Título da Pesquisa: Efeitos de sentido em designações espaciais do Rio Grande do Sul em letras de canções gaúchas

Pesquisador responsável: Dra Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Questionário de questões abertas de interpretação.

() Grupo 01 - () Grupo 02 [Preenchimento do Pesquisador]

INSTRUÇÕES:

Preencha a ficha que segue com seus dados. Em seguida, leia atentamente as instruções.

1. Ano de nascimento: _____
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Formação escolar:
() Ensino Fundamental incompleto.
() Ensino Fundamental completo.
() Ensino Médio incompleto.
() Ensino Médio completo.
() Ensino Superior incompleto.
() Ensino Superior completo.
() Pós-graduação.
4. Você está vinculado a algum movimento tradicionalista ou participa de CTGs ou afins?
() Não. () Sim. Qual? _____
5. Você escuta música gaúcha com frequência?
() Não. () Sim. Quais intérpretes? _____
- 5.1 Se sim, desde que idade tem contato com música gaúcha? _____
6. Você aprecia música regionalista?

Caro participante,

O sucesso desta pesquisa depende muito de como responderá as questões. Dessa forma, antes de iniciar, solicitamos que observe os seguintes aspectos:

- (1) Este instrumento é constituído de 03 canções e, a partir delas, são feitas algumas questões interpretativas. Sugerimos que você leia atentamente e responda da maneira mais cuidadosa possível.
- (2) Para cada palavra destacada nas letras das canções, você deve assinalar se a conhece ou não, em campos pré-determinados.
- (3) Você deverá preencher o quadro “sentido” com o sentido que você daria àquela palavra, prestando atenção ao contexto global de cada letra de canção e não em palavras isoladas.
- (4) Você pode utilizar apenas uma palavra para responder às questões que pedem os sentidos, podendo utilizar um sinônimo, se for o caso.
- (5) Em caso de dúvida, você deve apresentar um sentido mais próximo, mesmo que para isso tenha que elaborar uma frase.
- (6) Caso você não saiba o sentido de alguma das palavras, deverá registrar “não sei”.
- (7) No campo “observações”, você pode escrever sobre as dificuldades encontradas, bem como sobre o que fez para resolvê-las.
- (8) Ao final, solicitamos que você revise o questionário a fim de não deixar nenhum espaço em branco.

24 Te quero tanto **torrão gaúcho** (1j) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (1j):

25 Morrer por ti me dou no luxo

26 **Querência amada, planície e serra** (1k) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (1k):

27 Dos braços que me puxa

28 Da linda mulher gaúcha

29 Beleza da minha **terra**(1l) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (1l):

30 Meu coração é pequeno

31 Porque deus me fez assim

32 O **Rio Grande** é bem maior (1m) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (1m):

33 Mas cabe dentro de mim

34 Sou da geração mais nova

35 Poeta bem macho e guapo

36 Nas minhas veias escorre

OBSERVAÇÕES

Horizontal lines for observations.

37 O sangue herói de farrapo

38 Deus é gaúcho de espora e mango

39 Foi maragato ou foi ximango

40 **Querência amada**, meu céu de anil (1n) →

Conheço?
Sim () Não ()

41 Este **Rio Grande** gigante (1o) →

Conheço?
Sim () Não ()

42 Mais uma estrela brilhante

43 Na bandeira do Brasil

Sentido (1n):

Sentido (1o):

OBSERVAÇÕES

*Cantoalegretense*01 Não me perguntes onde fica o **Alegrete**(4a) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (4a):

02 Segue o rumo do teu próprio coração

03 Cruzarás pela estrada algum ginete

04 E ouvirás toque de gaita e violão

Sentido (4b):

05 Pra quem chega de **Rosário**ao fim da tarde (4b) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (4c):

06 Ou quem vem de **Uruguai**de manhã (4c) →

Conheço?
Sim () Não ()

07 Tem o sol como uma brasa que ainda arde

08 Mergulhado no **Rio Ibirapuitã** (4d) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (4d):

09 Ouve o canto gauchesco e brasileiro

10 Desta **terra**que eu amei desde guri (4e) →

Conheço?
Sim () Não ()

Sentido (4e):

OBSERVAÇÕES

